

TRABALHOS
DA
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE
ANTROPOLOGIA
E
ETNOLOGIA

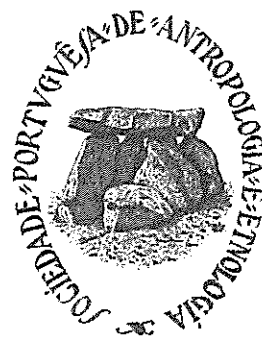
I

1919-22



26875

3
3622



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. I — FASC. I

FONSECA CARLOS

EM TERRAS DO MOXICO

(Apontamentos d'etnografia angolense)

PUBLICAÇÃO POSTUMA

1919
PORTO





TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguesa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. I -- FASC. I

FONSECA CARDOSO

EM TERRAS DO MEXICO

(Apontamentos d'etnografia angolense)

PUBLICAÇÃO POSTUMA

1919 - 22
PORTO



4

Tip. a vapor da "Enciclopédia Portuguesa,
Rua Cândido dos Reis, 47 a 49 — Porto



Fonseca Cardoso

Inicia a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia a série das suas publicações com umas notas de etnografia angolense, recolhidas dos cadernos de impressões de viagem do falecido antropólogo português Fonseca Cardoso. Não há decerto uma inteira unidade nos apontamentos que se seguem: são dados fragmentares, parcelares, mas cujo interesse nem porisso deixa de ser grande para todos os que se consagram a investigações etnológicas na nossa importante província da África ocidental.

*Sem dúvida mais valiosos ainda do que os agora publicados, são os elementos colhidos pelo mesmo investigador sobre os quais o actual secretário da Sociedade elaborou os seus trabalhos: **Antropologia angolense — I — Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchazes** ⁽¹⁾; **II — Bi-n'bundo, Andulos e Ambuelas Mambundas** ⁽²⁾. Assentam estas*

⁽¹⁾ No "Archivo de Anatomia e Antropologia.", Lisboa, 1916, vol. II, p. 323.

⁽²⁾ Na mesma revista, Lisboa, 1918, vol. IV, p. 283.

6

memórias sôbre perto de 400 observações antropológicas que, prematuramente roubado à vida, Fonseca Cardoso não teve tempo de coordenar, estudar e publicar. Da importância dessas observações, tanto pelo seu número como pela competência do observador, dizem o bastante as palavras que Verneau consagrou em *L'Anthropologie* ao primeiro daqueles estudos antropológicos (1). As notas agora publicadas completam os referidos trabalhos, e tem ainda o valor de serem do próprio punho do falecido investigador, que por certo ainda os coordenaria, ampliaria e reveria, com grande proveito para a ciência, se mais tempo vivesse.

Uma das razões que levou a Sociedade a inaugurar as suas publicações com a destes apontamentos, foi a de prestar homenagem a uma individualidade científica cuja consagração o país, mais preocupado com transitórios e fúteis exhibicionismos políticos, ainda não fez devidamente.

(1) Tomo XXVII, pp. 474 e 510.

7

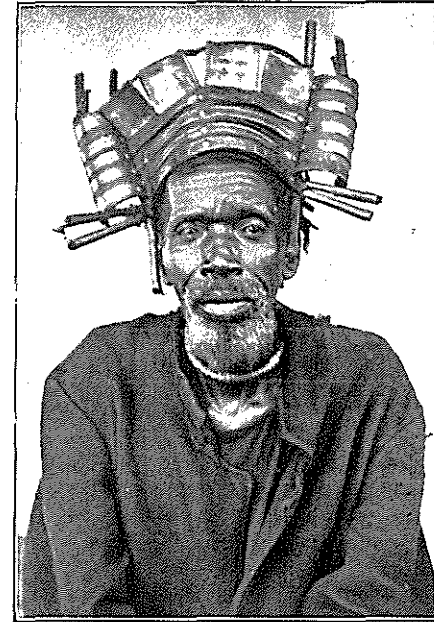
Fonseca Cardoso iniciou a sua carreira científica pela arqueologia preistórica. Tendo descoberto no lugar de Rabicha, Vale de Alcântara, perto de Campolide alguns instrumentos paleolíticos, sôbre eles publicou uma nota, (1) que vem citada nos tratados de Mortillet e Obermaier. Com Ricardo Severo visitou e explorou várias estações arqueológicas do norte do país, em especial a cidade de Bagunte, perto de Vila do Conde.

Em breve, porém, a sua actividade se deslocava para outro campo, em que mais notáveis esforços desenvolveria — o da antropologia etnica.

Em 1896 publicou um estudo antropológico sôbre o indígena de Satary (Índia Portuguesa) (2) e em 1899 começa a

(1) Nota sobre uma estação chelleana do Valle d'Alcantara — "*Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*", t. III, Porto, 1895. Os instrumentos paleolíticos a que esta nota se refere, estão na Faculdade de Ciências do Pôrto.

(2) *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. V, 1896.



O soba quioco Chaúto (Simóe) com o "tchipenha-mutuá."

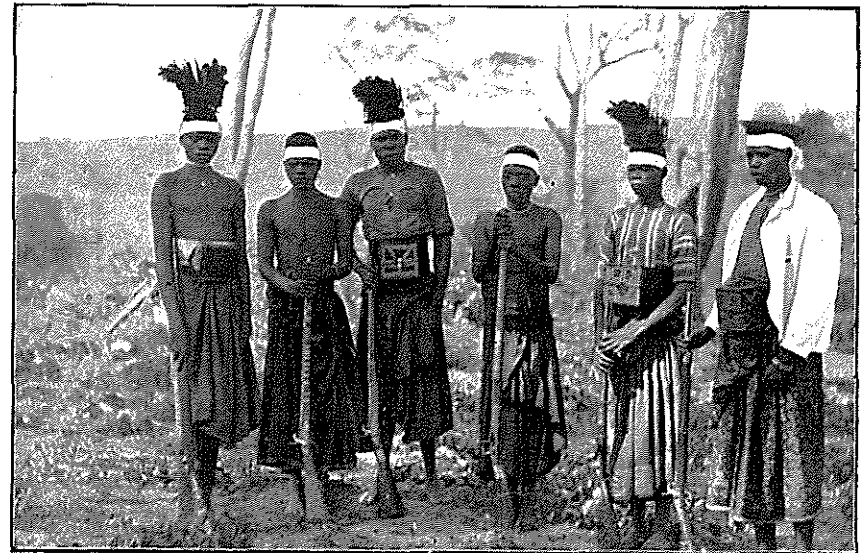
colaborar na admirável revista "Portugalia,, de que foi secretário da redacção, publicando aí estudos sôbre o minhoto de Entre Cávado e Ancora ⁽¹⁾ (1899), o habitante de Castro Laboreiro ⁽²⁾ (1906) e os pescadores da Póvoa de Varzim ⁽³⁾ (1908), além dum estudo sôbre o ossuário da freguesia de Ferreiró ⁽⁴⁾ (1900) e algumas pequenas notas sôbre restos de necrópoles, de colaboração com Ricardo Severo. No primeiro volume das "Notas sobre Portugal,, insere em 1908 um interessante trabalho de conjunto, subordinado ao título **Anthropologia portuguesa**, e aí compendia muitos dos importantes resultados a que chegou no estudo da população portuguesa, e com os quais patrioticamente se esforçou sempre por demonstrar a razão de ser da nacionalidade.

(1) T. I, Porto, 1899.

(2) T. II, Porto, 1906.

(3) T. II, Porto, 1908.

(4) T. I, Porto, 1900.



Guerreiros quiocos do soba Moxico, auxiliares dos Portugueses

Falecido em 1912 em Timor, deixou inéditos os registos de centenas de observações antropológicas ali, em Angola, e no distrito do Pôrto. As das colónias serviram já de base a estudos do secretário da nossa Sociedade ⁽¹⁾, ao qual esses registos foram, num gesto louvavel, entregues pela família do extinto, e as do distrito do Pôrto, que são muito numerosas, ainda se conservam inéditas, estando prestes a ser publicados os resultados relativos à pigmentação e à estatura.

Militar distinto, Fonseca Cardoso, que morreu no posto de capitão com 47 anos de idade, fez várias campanhas como a dos lutchazes em Angola em 1903 e a dos ranes na Índia em 1895. Teve a capitania mór do Moxico em Angola, e vários comandos em Timor. O sr. major Leite de Magalhães,

⁽¹⁾ Além dos já citados: **Timorenses de Okussi e Ambeno** — "Anaes da Academia Politecn. do Porto.", vol. XI, 1916, Coimbra; e **Antropologia timorense** — "Revista dos Liceus.", Porto, 1916.

10

que esteve ultimamente no govêrno do Moxico, trouxe-nos a informação de que ainda hoje o nome de Fonseca Cardoso gosa, entre os povos da região, dum extraordinário prestígio. Da sua acção pacificadora e civilisadora ainda lá se recolhem benefícios. É triste reconhecer que o souberam apreciar com mais justiça os pretos do Moxico do que os brancos do Continente.

O govêrno português premiou o soldado valoroso e o colonial distinto com a medalha do valor militar, mas a sua obra científica ficou sem a merecida consagração, tendo-lhe apenas sido outorgado o grau de cavaleiro de S. Tiago. A noticia do falecimento do illustre português foi dada na imprensa com um laconismo lamentavel, que provou à evidência quanto essa obra é ignorada.

Por feliz se teria a nossa Sociedade, se conseguisse exaltar perante a opinião nacional um nome tão brilhante de patriota e de homem de sciência.

11.

EM TERRAS DO MOXICO

APONTAMENTOS

DE

ETNOGRAFIA ANGOLENSE

POR

FONSECA CARDOSO

(PUBLICAÇÃO PÓSTUMA)

Acerca da gente Luimbe (Quanza) — MOXICO, 27-VIII-903. — Aproveitando a estada de 74 homens da tribu luimbe, habitantes da região compreendida entre os paralelos 11°,8 e 12°,5 e meridianos 17°,5 e 18°,5 fiz o seu estudo antropométrico em três sessões. A impressão que tirei desse estudo, foi que o luimbe nos caractéres faciais não se destaca do tipo geral ganguela a cuja grande familia pertence. (1) A estatura é no entanto mais baixa do que a dos luenas e quiôcos. A côr predominante é o achocolatado, n.º 28 da escala cromática de Broca.

Estou convencido de que o ganguela é o produto da

(1) Sobre as observações de F. Cardoso nota-se que dos ganguelas que êle estudou, os luimbés são os mais nigriticos. (Nota do compilador).

mistura de dois tipos: um de alta estatura, côr avermelhada n.º 29, narís mesorrínico, proeminente no dorso, azas do narís soerguidas e de aspecto geral fino, rosto longo, em ponta para baixo (tipo fula); o outro tipo é de rosto largo, narís platirrínico, achatado, grosseiro, face larga, com pómulos proeminentes, estatura mediana ou abaixo da média. O narís médio do ganguela é o n.º 5, de Topinard (*Eléments*, pag. 300).

Observações sôbre o luenas de Nana-Candundo.— Os luenas, de estatura menos avantajada do que os quiôcos, raras vezes atingem 1^m,70, ficando-se por 1^m,68. A côr da péle é chocolate, n.º 28. O rosto largo e curto, sendo triangular ou em ponta para baixo a parte sub-zigomática.

São alegres, duma alegria infantil, trabalhadores diligentes, sendo a sua preocupação o carregar borracha ou fazendas por conta dos negociantes; são êles os principais carregadores do Moxico. Tímidos e confiados, são apaixonados pela dança, que êles executam com viveza e alegria, cantando coralmente dum modo notável, as diversas canções indígenas.

Notas sôbre os quiôcos.— Os quiôcos na sua lingua chamam-se *ka-tchiôko*, são d'alta estatura, no seu tipo puro, ou acima da média, teem o rosto alongado com maçãs acusadas, o narís achatado e de narinas não muito grossas, a péle de côr de tijôlo (entre o fula e o hotentote?). O seu tipo é de fácil destaque na população d'entre o Cuanza e o Luena. Estabelecidos no interior dos matos, nas encostas dos rios, espalham-se entre aqueles dois rios e na Lunda, onde formam a maioria da população.

Os quiôcos vivem entre os meridianos 18º e 22º E.

Greenwich e paralelos 9º e 13º S., com uma *enclave* no vale do Combule, meridiano 22º 21' E. e paralelo 14º 30' S., entre a população ambuela cambunda, cujas *libatas* ou aldeias a cercam por completo. Este trôço de população emigrou das nascentes do Cuito m. 18º15' e p. 12º50' para o Lutuai, afluente do Lungué Bungo, e daqui para o Combule, afluente do Cuando. Os lutchazes vivem entre os meridianos 19º-22º, tendo por limites o Dala-Cavar ao N. e o Cuxibi ao Sul; é a população da bacia do Lungué Bungo. Os Luenas ocupam o território ao N. do Luena, os vales do Lunesse e do Luena até ao Zambeze e Cassai, entre os meridianos 20º e 25º.

Os quiôcos são os últimos chegados, o povo intruso e guerreiro. Não são diligentes como os lutchazes, nem activos e alegres como os luenas. Estão sempre prontos para a guerra e para o saque, e se actualmente não exercem a pilhagem, é porque temem as autoridades. Tenho notado na população alguns narises de dôrso convexo e de narinas largas e grossas, evidentemente mestiçagem do narís tipo Sacaquengue (¹) com o chato e grosso do preto normal. A côr da péle distingue-os também dos luenas e dos lutchazes. É atijolado ou antes entre os n.ºs 28 e 29 da escala cromática de Broca, mostrando bem uma influência de população fula (n.º 29 e quiçá 30).

O busto do quiôco é perfeitamente em cone truncado, de hombros largos e cintura fina, bem assente nas ancas. O olhar tem uma certa altivez irónica.

As mulheres costumam untar o corpo com um linimento formado de óleo de mamona e argila vermelha, afim de o

(¹) É um nucleo considerado fula por F. Cardoso. (*N. do compilador*).

córam de vermelho e assemelharem-se assim à mulher fula.

História da invasão dos quiôcos na região do Moxico (contada pelo soba quiôco Matchiava e seu irmão Tchican-dato). — O primeiro soba quiôco, pai de todos os quiôcos, foi o grande Tembua-Tchissengo, o qual tendo caído do céu sobre a terra da Lunda de Matchianvua, teve depois cinco filhos que foram sobas, Canhica, Muribangango, Candalla, Tchissengue e Dumba, e uma filha Tembo.

O Tembua-Tchissengo, um dia, na sua libata da Lunda, declarou aos seis filhos que tinham de ficar sujeitos aos seus séculos guerreiros. O Canhica, como mais velho, respondeu ao Pai, que, sendo filhos de soba grande, não podiam ficar sob a tutela dos guerreiros, mas sim serem sobas também, segundo o seu nascimento. E os seis filhos resolveram abandonar a libata paterna.

Tomaram então gente sua e seguiram sob a direcção de Canhica para o vale do Cassai. Ao chegarem ao sitio Muhe-ôna, na margem esquerda desse rio, encontraram as libatas dos sobas lundas-bangalas Muhuri e Quimbundo, e resolveram estabelecer-se aí. Os sobas bangalas, porém, opuzeram-se. Enquanto os quiôcos questionavam com os bangalas sobre o caso, um século dos primeiros, de nome Tchiembe, foi caçar e, adeantando-se, foi dar a um grande rio que era o próprio Cassai. Espantado, atravessou-o na sua parte mais estreita sobre umas pedras, e, continuando a caminhar pela margem oposta, viu uma rôla que matou com uma frechada. Abriu a rôla e dentro do papo encontrou massango. Então considerou: "Se esta rôla, vinda do sul, tem massango, é porque para lá ha que comer, e portanto escusado é estar a

fazer mais questão com os bangalas-lundas... Dirigiu-se logo ao chilombo e expôz aos sobas a sua descoberta.

O Canhica e os seus irmãos decidiram continuar para além Cassai, em busca do país em que havia massango. Os bangalas, porém, opuzeram-se a que seguissem, e perante tal opposição estalou a guerra entre êles e os quiôcos. Na luta morreram quatro dos sobas quiôcos, ficando prisioneira Tembo, que foi vendida no Minungo, em Cassanje.

Ficou só Canhica e seu irmão mais novo Dembua ⁽¹⁾, que continuaram a avançar até às origens do Cassai, sempre por mato fechado, sem verem ninguém. Neste ponto, encontrando logar propício, estabeleceram a sua embala e mandaram gente sua a Cassanje comprar sal com mel da floresta. Esta gente soube aí que a irmã de Canhica, Tembo, estava numa cêrca do Minungo. Voltou e contou o facto a Canhica, que convocou os seus e perguntou quem era capaz de ir salvar sua irmã. Responderam dois quiôcos que iam lá. E disfarçando-se em *muquixes*, seguiram para o Minungo, com dois serviçais. Chamavam-se esses quiôcos Catuimbata e Maianga. Entraram na cêrca e puzeram-se a dançar e a cantar; e, como a Tembo estava um pouco afastada, os outros dois, os serviçais, raptaram-na sem o povo do Minungo dar por isso, tão entretido se encontrava com os desconhecidos *muquixes*.

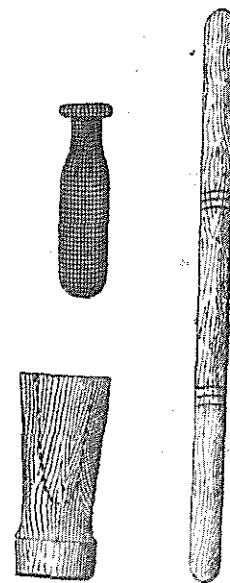


Fig. 1 — Instrumentos de fazer fuba; um saco peneiro de vime (*musalo*); um almo-fariz de madeira (*rianda*); e à direita um pisador de madeira (*mulche*).

⁽¹⁾ Não se fala neste irmão de Canhica no princípio da narração. (*N. do compilador*).

Tembo estabeleceu-se então junto do seu irmão Canhica e teve seis filhos: Candalla, Manlombo, Tumba, Matchiava, Quissana e Manzua. Canhica, logo que estes cresceram, disse à Tembo: "Fica tu aqui nos Ganguelas, que eu vou para o Songo estabelecer-me". E no dia em que se retirou para o Songo, entregou dois *lupembe* (1) ao Candalla e ao Matchiava, dizendo-lhes que fossem *tongar*. O Matchiava

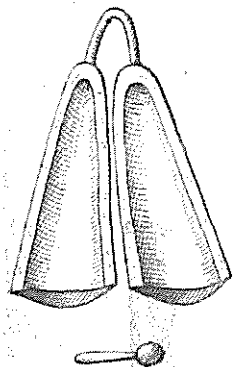


Fig. 2—*Lupembe*, instrumento de ferro que usam os sobas ganguelas, hienos e baitundos.

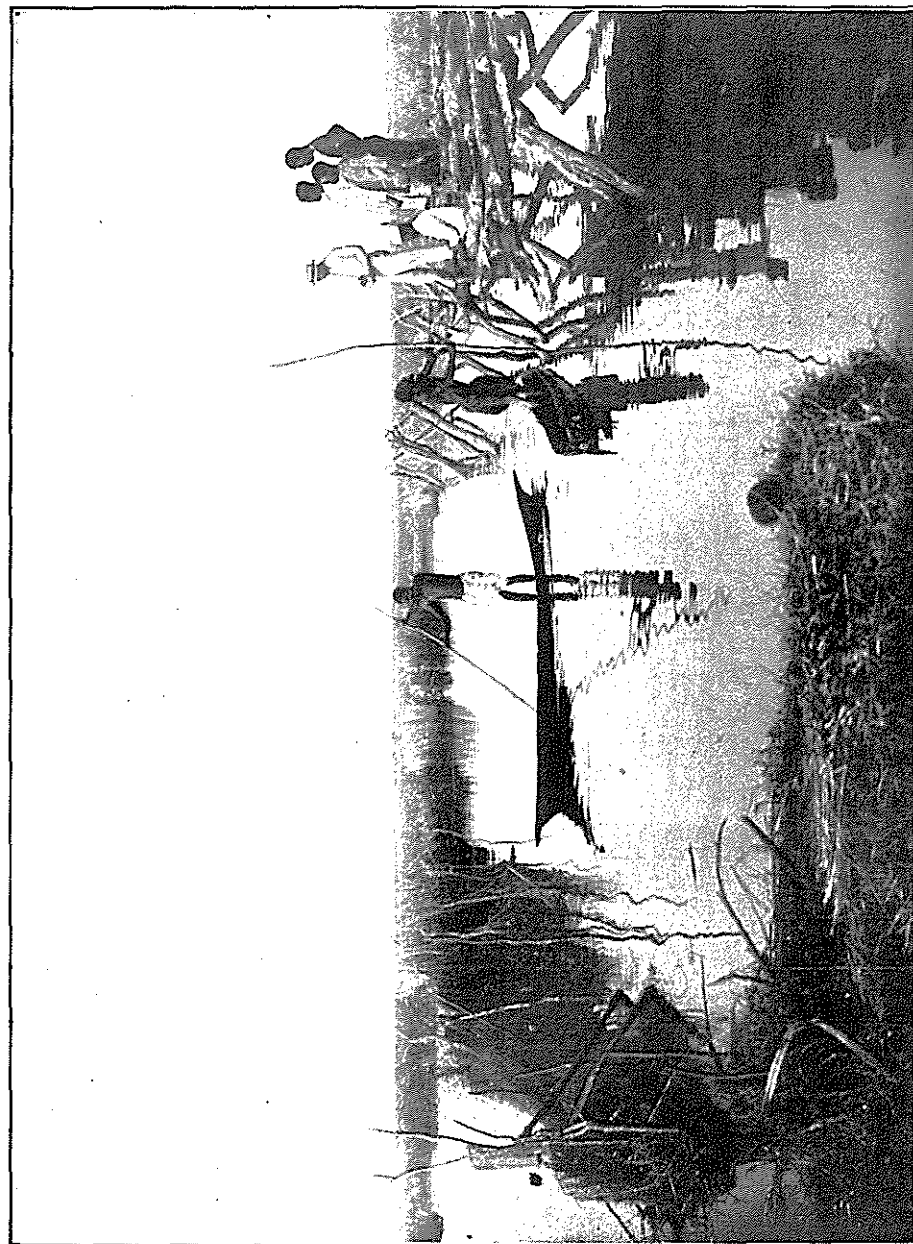
estabeleceu-se primeiro no Luchia e depois no Lunuge onde ainda está, no afluente Loculo. Candalla foi primeiro para o Dambe, afluente do Cassai, e depois para o Camileque, outro afluente do Cassai, onde sustentou lutas intestinas com os seus séculos. Quissaca acompanhou seu tio Canhica para o Songo. Manlombo estabeleceu-se no Lunuje, Manzua na margem esquerda do Cassai, no seu afluente Muituyo, e Tumba na margem esquerda do Luena, próximo da nascente.

Estes sobas morreram e os seus quilolos espalharam-se então para o sul sobre o valle do Simoe e Luena, e mais tarde até ao Dala-Cavar, Lubô, e para o Catalavianja e Chindumba.

Do soba Tumbo, filho da Tembo, descende o seu neto, actual soba grande, Samiquelengue, que foi para a origem do Dala-Cavar, onde se acha, e é amigo da fortaleza do Moxico.

O estabelecimento entre o Simoe e o Dala-Cavar não se fez sem luta, pois esta região era disputada também pelos lutchazes que tinham ocupado o Dala-Cavar até à Chindera

(1) Instrumento de ferro, dois sinos ou chocalhos de ferro ligados, usados somente pelo soba grande (fig. 2).



e o vale do Chimoe. Foram quilolos do Matchiava e de Tumba, de quem descende o Samiquelengue actual, que construíram as suas libatas entre as dos lutchazes no vale de Chimoe e Dala-Cavar. Em breve se deram dissidências e questões entre os dois povos e, tomando as armas, os quiôcos expulsaram os lutchazes para além Dala-Cavar. Ficaram no entanto com o Boma alguns lutchazes, na margem do Simoe, e o Tchitaúla. O Boma é quiôco, ex-quilolo de Canhica, que se ligou com os lutchazes que não quiseram seguir os companheiros.

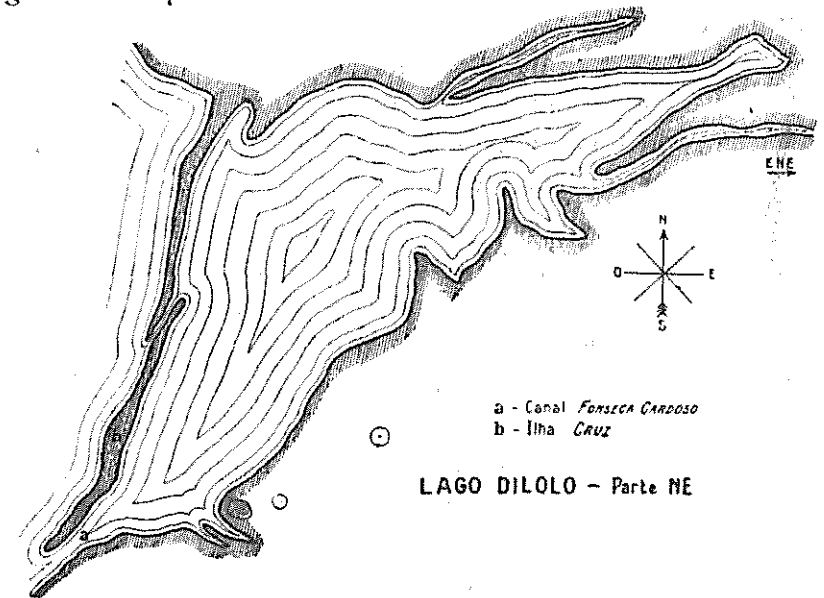


Fig. 3 — Croquis levantado por Fonseca Cardoso — Reduzido da escala $\frac{1}{20000}$ a $\frac{1}{70000}$ (9-VIII-904)

Os sobas lutchazes Canduli e Tchineca eram os senhores da terra de Simoe. Dêles descendem o Riuma e o Tchitar actuais. A causa da luta entre êles e os quiôcos foi o facto de, na ocasião da colheita do massango, aqueles sobas terem cortado a cabeça a uns quiôcos, segundo o costume entre os sobas lutchazes daquele tempo, que exigia essa pratica para

poderem comer. Os quiôcos não se conformaram com tal costume, que entretanto se conserva ainda lá para as Ganguelas e que de resto os quiôcos também tinham. Actualmente entre os lutchazes, sempre que se faz mantimento novo, o soba manda matar um seu *filho*, isto é, um seu subdito; entre os quiôcos não se comia o mantimento da colheita do ano sem que morresse por feitiço um rapaz. Neste caso, regavam o manipanço com o sangue da vítima e logo o soba anunciava ao povo que podia comer os produtos do novo ano. Hoje substituem esse sangue pelo duma cabra. Afirma-se que não matavam o rapaz à faca mas com veneno.



Fig. 4 — Diabete indigena (As grandes tem 30 cm. de comp. por 5 cm. de larg. as pequenas 20 cm. por 4 cm.)

A origem da palavra "quioco", é, segundo a lenda contada por Martins de Carvalho (!) tirada da frase dita por Lueji, rainha da Lunda, ao seu parente Nana Cambamba: "*aioko a ku quinguri*," (Vão também lá para Quinguri!). Esta frase determinou a partida de alguma gente do Muatianvua, fiel a Nana Cambamba, que passou a denominar-se *aioko*, e depois *tchioco*, *catchioco*, sinónimo de "expatriado".

Esta Nana Cambamba foi a mãe de Quisengue ou Tchissengue, a quem alude a lenda que me foi contada pelos dois sobas quiôcos.

Sôbre o enterramento dos sobas entre os quiôcos.— Quando morre o soba, deixam-no dentro da cubata em que faleceu, até apodrecer ou até se lhe despirem as carnes. Trez séculos da família ficam

(!) *Expedição ao Muatianvua.*— Vol. "Ethnographia e história dos povos da Lunda,"— Lisboa, 1890, p. 90.

junto dêle durante esse tempo, a fim de se convencerem de que realmente é morto. Para a decomposição se apressar e evitar maus cheiros, fazem massagens ao corpo com agua quente até ficar resequido. Durante este tempo que é aproximadamente de dois meses, fazem batuques dia e noite em volta da casa. Findo o tempo, metem os restos do soba num caixote e enterram-no na margem dum rio, fazendo-lhe uma cêrca de paus com caveiras de cabra e de boi.

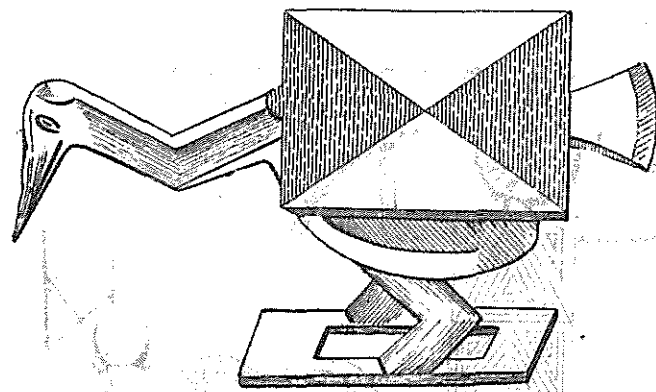


Fig. 5— Banco de madeira representando um Quituanjumbó

Então entra em scena o novo soba que é sobrinho do falecido, isto é, filho duma sua irmã, e que é eleito pelos séculos e quilolos. Mata-se um boi e fazem-se batuques. O acesso do soba ao poder é marcada pela lavagem do *quimbanda* ou cirurgião na casa do falecido. O novo régulo fica com a caveira do que morreu e com um direito de posse permanente ao sobado.

Lenda lutchaze sobre a sua migração.— Os lutchazes da região do Canasse e Dala-Cavar julgam-se parentes dos luenas, os quais pôdem tongar nas suas terras, havendo realmente algumas libatas luenas próximo a Riuma.

Os quiôcos são, porém, um povo diferente e seu amigo. Estes lutchazes declaram terem saído das margens do Zambeze, perto de Caquengue, e seguido, dirigidos pelo soba Cutchiné, para as proximidades de Cangamba onde se estabeleceram. A região, porém, era má para a sua alimentação e por isso a abandonaram algum tempo depois, passando para a margem oposta do Lungué-Bungo. Encontraram, porém, aí gente governada por um soba grande, chamado Tchíneca, o qual, sendo também lutchaze, os deixou tongar.



Fig. 6 — Pintura mural numa cubata da embala Pan. A figura antropomorfa é dum riquisse; junto das hastes do boi está um muambo de ferro feito na Garangoja (para pulseira ou bracelete de mulher)

As duas populações misturaram-se. Morrendo os dois sobas, os herdeiros dividiram o território entre si, como hoje se encontra.

É crença dos lutchazes que os lubas, luenas, lutchazes e luimbés tiveram origem comum nas margens do Zambeze, nas terras de Tchau, Paco e Gunja, perto de Caquengue. Existe ali uma enorme lago, tendo gravados os passos, as

armas, pés de cão e de cadeiras onde esteve gente sentada. Dizem que foi ali que Deus outrora fez os homens, e dali que estes se espalharam pela terra.

*

A lenda do lago Diloto.—No centro do lago existia outrora um soba de nome Munhinga com sua embala, tendo em volta as libatas dos seus quilolos. Onde hoje é água era então terra firme. Um dia o soba resolveu ir com a sua gente caçar corças ao mato. Durante a noite teve um sonho, que de manhã narrou aos seus companheiros:

—Esta noite tive um mau sonho e alguma coisa vai suceder na embala. Imaginem que sonhei que as casas das minhas libatas estavam cobertas de água. Nunca tive um sonho igual. Amarrai a caça que apanhei, porque eu não posso caçar mais, e vamos para a libata!

—Ora, isso foi só sonho, disseram-lhe os quilolos seus companheiros. Não é caso para deixarmos de caçar.

—Não. Este sonho não foi como os outros que tenho tido. Vamos já para a embala.

Pôz-se a comitiva em marcha e ao chegar à orla do mato, viram todos com espanto que o lugar das libatas estava coberto por água.

—O que é isto? Deixei libatas e encontro água! Certamente os meus filhos e as minhas mulheres ficaram sepultados na água — exclamou Munhinga. E, voltando-se para os seus, disse:— Os que me quiserem acompanhar, sigam-me. Eu vou para a minha embala, para junto dos meus!

Apenas quatro catumas o acompanharam. O soba então entrou na água. Primeiro, molhou os pés; depois, as pernas, o tronco e por fim a cabeça. E assim Munhinga desapareceu para sempre no fundo das águas.

Eis o que deu causa a esta inundação:

Quando o soba Munhinga foi caçar, apareceu uma velha com uma quinda pequena de peixe para venda. Percorreu diversas libatas a oferecer o peixe, o qual era sempre regeitado, com o seguinte dito:

— Ora, você é uma velha, não presta para nada. Se fosse uma rapariga bôa, então dava-se-lhe *fuba* em troca do seu peixe.

A velha, não se importando, dizia apenas:

— Sim, tendes razão. Eu sou velha, não presto para nada, vocês é que são bons. Vou a outro lugar vê se há alguém que queira aceitar o meu peixe.

Na embala foi recebida com o mesmo desprezo. Ao retirar-se, passou por uma libata arredada, que ficava no sítio onde hoje está o canal do lago (v. fig. 3). Uma rapariga estava fazendo *garapa*. A velha perguntou-lhe:

— Queres comprar este peixe?

— Compro, visto te-res necessidade disso

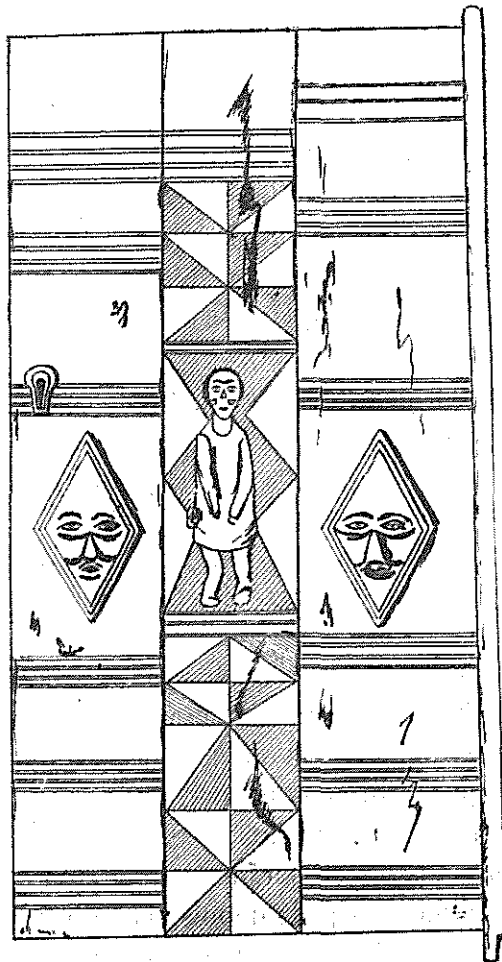


Fig. 7—Porta de casa, na libata luena Diungo

— Mas eu sou uma velha, não presto para nada.

— Não diga isso. Você é mais velha do que eu que estou fazendo *garapa* para a minha *mucanda*, portanto merece o meu respeito. Tome lá *garapa*. Dê cá o seu peixe e aqui tem *fuba* que eu mesma lhe transportarei.

— Então queres levar-me a *fuba*? Não consinto.

— Sim, levo, porque você é velha e fraca e eu sou nova e forte.

Puzeram-se em marcha, e passado bastante tempo a velha parou e, voltando-se para o sítio das libatas, disse para a mãe da rapariga que se chamava Nhamuare:

— Olha: tua filha entrou na *mucanda*; quando sair dela, depois de amanhã, à meia noite, pregarei uma má partida àqueles que me chamaram velha. Olha, avisa os teus parentes para que saiam daquele sítio, até esse dia e hora, porque nesse momento me ouvirás a voz, e as libatas serão arrasadas pela água.

Nhamuare chamou os parentes e contou-lhes a ameaça da velha. Uns riram-se com desprezo, porém outros atenderam o aviso e resolveram emigrar.

A Muare filha saiu da *mucanda* e fez-se o batuque, bebendo-se *garapa*. Ao aproximar-se a meia noite, a velha apareceu junto da libata e gritou:

— Nhamuare, lembra-te da conversa de ante-hontem? Trata de sair daqui com os teus. Eu sou "*Calumbo nacolla*", a mulher que não morre nunca!

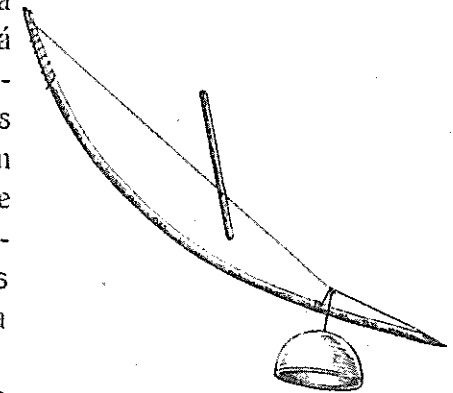


Fig. 8—Bolumbumba, instrumento de corda

Os da libata Nhamuare fugiram; os incrédulos ficaram.

Então, um sulco enorme, profundo, se cavou em torno dos libatas e as águas começaram correndo e invadindo as libatas. Ao ruído da água borbulhante, o gentio tentava fugir, mas o terreno amolecia e êle enterrava-se no lodo. Por fim a água cobriu tudo, e tudo sepultou no seu seio. A Calumbo escolheu então para morada o local onde hoje é o braço do lago que tem o seu nome.

Outra variante da lenda:

A velha Calumbo apareceu com o corpo pôdre, como um sapo, e a toda a gente pedia que lhe tirasse a matéria para ficar bôa. Todos se recusaram, excepto uma rapariga que se prontificou a isso. A velha disse-lhe então:

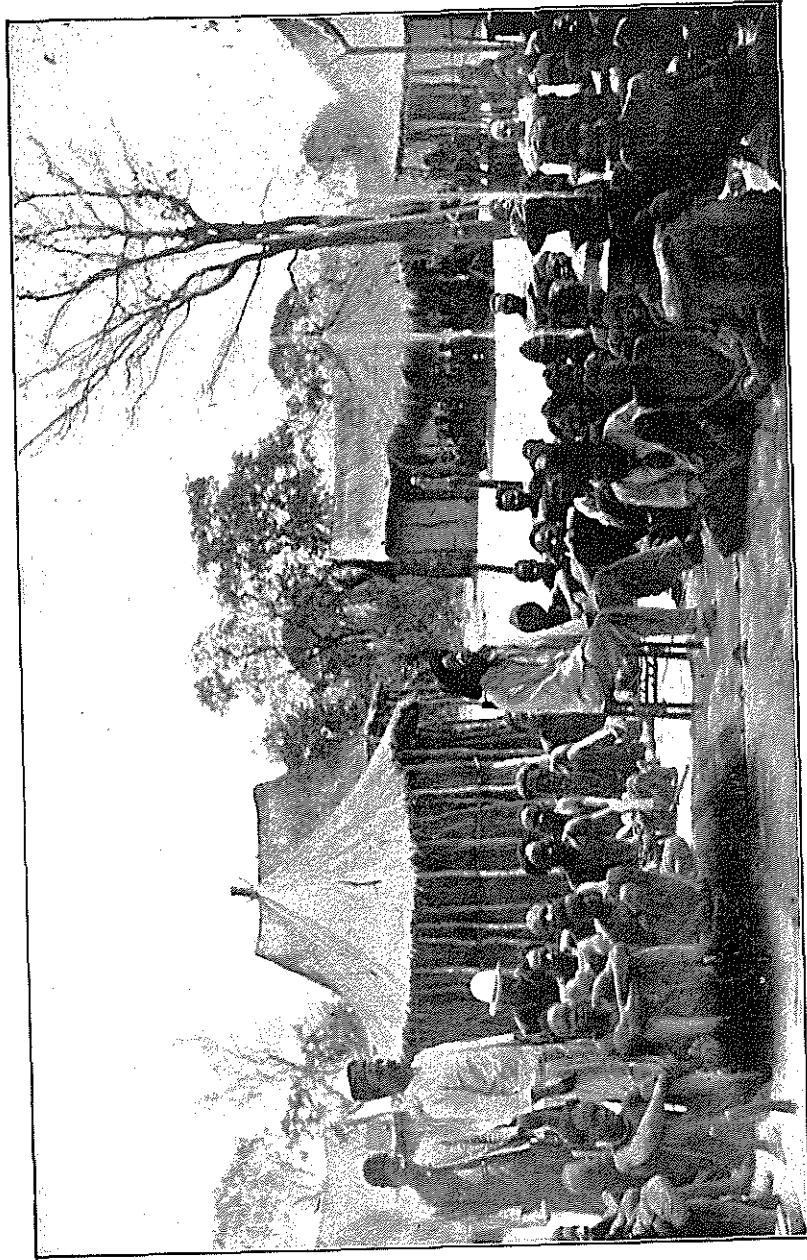
—Andaste bem. O que fiz, foi para experimentar. Amanhã esta terra vai ser arrasada, etc.

De noite começou a chover muito, a terra a encharcar-se e as casas a afundarem-se na água. A gente, cabras, etc., não podiam fugir, porque as águas eram já fundas. Finalmente tudo ficou coberto de água e sepultado no seio desta para sempre.

Quando chove, o Calumbo chega até ao Langueje, que é afluente do Tchifumaje.

Designação indígena dos Belgas.—Além de *muatocas* —comedores de gente (!)—os belgas são conhecidos entre os povos circumvizinhos (do lago Dilolo) pelo nome de *Buta matari* ou *opelá matari*.

Cerimónia da mucanda nos Ganguelas.—A *mucanda* é



O soba grande Tchinhama, das margens do Luvua, recebendo com toda a sua cõrte e povo da embala, a visita do capitão-mor do México

a cerimónia na qual se faz a circuncisão aos rapazes ou se festeja a chegada da menstruação nas raparigas.

Nos rapazes. — Quando há um certo número de rapazes que atingiram a idade própria para a circuncisão (dos oito anos aos dezoito, estes últimos raríssimos), o soba da libata onde se há-de realizar a operação, anuncia o facto a todos os sobas vizinhos para estes enviarem todos os rapazes nas mesmas condições. Reunem-se as crianças num *jango* dessa libata, e durante dez dias canta-se e dança-se ao som do *gingufe* ou da *goma* e bebe-se *tchimbombo* (bebida fermentada de massango e mel). No interior do mato, a um quilómetro de distância aproximadamente faz-se uma cêrca com ramos de árvores, no meio da qual se constroem cabanas para as crianças. Ao fim do terceiro dia e a meio do caminho, estabelece-se o *ganga-mucanda* ou o século operador, e da libata sai uma criança que, no meio de grande vozearia de todos os parentes e amigos que cercam as crianças, vai ao operador que lhe cõrta o prepúcio em volta da glande.

Há dois modos de operar. No primeiro, puxa-se o prepúcio acima do meato urinário, cortando-o com um golpe nítido duma faca afiadíssima e destinada unicamente a esta operação. No outro, dá-se um golpe perpendicular no freio e depois continua-se o cõrte para os lados em volta da glande; em seguida, lava-se em água semelhante à da linhaça para evitar a inflamação.

A criança, em seguida à operação, vai para a cerca, não podendo vêr nem conviver com mulheres ou pessoas não circuncidadas. Um homem serve de enfermeiro e guarda a cada criança, incumbindo-se ainda de lhe levar de comer e

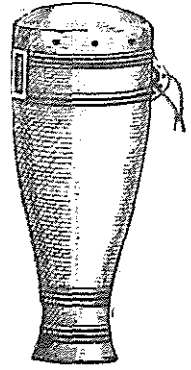


Fig. 9 — Goma, instrumento musical

sendo obrigado a não ter relação ou contacto com mulher alguma. Também entre o pai e a mãe da criança operada não há coito durante o tempo de cura do circunciso. Ao fim dum mês estes acham-se curados e são postos em liberdade. Nesta ocasião, os homens que os guardam, mascaram-se e vão percorrer as libatas com cantos a que as mulheres respondem em côro. A estes homens mascarados chama-se *muquixes*. Nas vésperas da saída toda a libata prepara o *tchimbombo* e os pais arranjam o pagamento em fazendas aos guardas, que recebem de 16 a 40 jardas. Os rapazes são pintados com riscas vermelhas, pretas e brancas pelo corpo, e trazem chapéus enfeitados na cabeça. No dia seguinte veem juntos à libata, onde são recebidos alegremente por toda a multidão de parentes e mais pessoas que os vem vêr dançar. Dançam então toda a tarde e toda a noite, como lhes ensinaram durante o tempo da mucanda que passaram na cêrca. E tudo termina com um tiroteio.

Nas raparigas. — Quando lhes chega a menstruação, o futuro marido anuncia esse facto à libata. Logo a rapariga se esconde da vista dos homens, sendo-lhe defezo vê-los. As mulheres vão então ao mato onde constroem um *chingue*, ao passo que a família da rapariga dança e canta em frente da casa dela.

O futuro marido tem então de dar presentes. Em seguida a rapariga vai para o chingue, onde fica sob a guarda duma mulher que a ensina a dançar e a inicia no coito, ao mesmo tempo que a obriga a diariamente distender os pequenos lábios e a unta-los com óleo de mamona.

Esta mucanda dura três meses, ao fim dos quais os lábios estão distendidos uns cinco a dez centímetros. Quando tudo está pronto e há *tchimbombo* em abundância, a família da rapariga vai buscar o homem, o futuro marido, e condu-

lo às costas até ao meio da libata. Êle senta-se então sôbre uma esteira no interior do jango e paga 8 jardas à família da rapariga. Posto isto os parentes dêle vão ao mato buscar a iniciada que trazem também às costas. Ela chega, e ficam os dois toda a noite juntos, enquanto toda a gente dança em redor com fogueiras acesas. Quando a rapariga se senta o homem paga mais 4 jardas.

De madrugada a rapariga volta com a *quilombola* (a mulher que a guarda) para o chingue no mato. Horas depois reúne-se outra vez a multidão e o homem manda chamar a rapariga que vem às costas dos parentes dela, esperando o

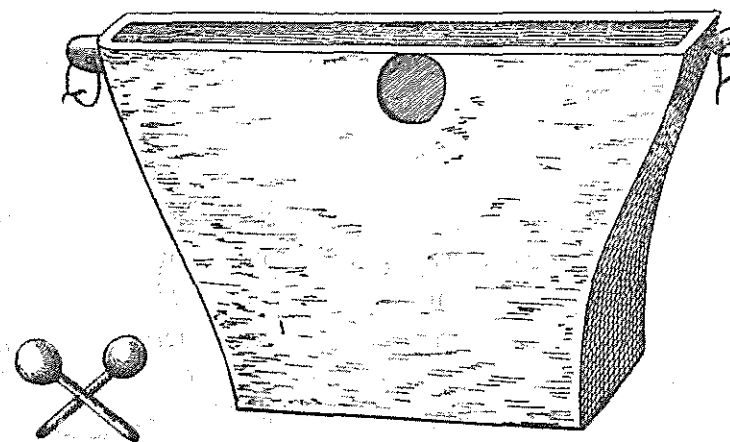


Fig. 10 — Gingufe, instrumento musical. À esquerda as respectivas maçanetas

homem de pé. Junto dêle se coloca a guarda da rapariga. Esta última começa a dançar sósinha e o homem paga à guarda 16 jardas. A dança repete-se e o homem paga de novo. Ainda paga uma terceira vez. Então, arrebatada a rapariga e leva-a até à porta da casa da mãe dela, sentando-se aí os dois numa esteira e tomando ambos *tchimbombo*. Depois a mãe dela leva-a para casa do noivo, a cuja porta ela dança

outra vez, e de novo os dois bebem tchimbombo. Resoam descargas. Terminou a mucanda.

Instrumentos musicais dos Ganguelas. — Os ganguelas usam o *bolumbumba*, o *goma*, o *gingufe*, o *quissanje*, e os sobas ganguelas, bienos e bailundos o *lupembe*. O *marimbo* é raro nos ganguelas, apenas comum nos bienos e bailundos.

O *lupembe* é um instrumento de ferro, constituído por dois sinos ou chocalhos ligados (fig. 2).

O *bolumbumba* (fig. 8) é um instrumento de corda. O indígena toca-o, tangendo com uma haste de capim a corda tensa num arco de madeira, e premindo-a com o dedo polegar e o indicador da mão direita, junto da ligação com meia cabaça que, suspensa da corda, serve de caixa de ressonância. Variando a pressão do dedo, varia o som.

O *goma*, (fig. 9) que é um tambôr, isto é, um cilindro alongado e ôco, encimado por uma pele tensa de cabrito, toca-se batendo com as mãos na pele depois desta ter ido previamente ao fogo. O *goma* pode ter 1^m,10 de altura.

O *gingufe* (fig. 10) consiste num trapésio de madeira de *muchive* (ou pau ferro), ôco por dentro, com 0^m,50 de altura, 0^m,50 de largura na base e 0^m,77 de largura na parte superior, e tendo junto da abertura superior dois discos de borracha colada, onde se bate com duas maçanetas de borracha como num bombo.

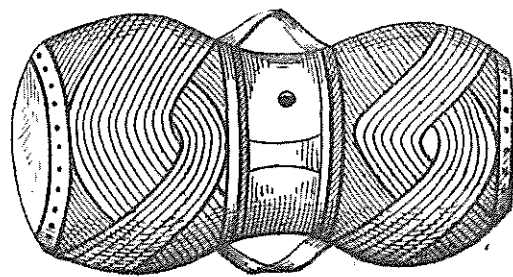


Fig. 11 — Dingo, instrumento musical do Ganyua Tchinama, margens do Luvua

O *quissanje* pôde ser simples, com meia cabaça servindo de caixa, e com uma escala de palhetas de ferro, ou completo, tendo então uma escala dupla e assente sôbre madeira ôca que serve de caixa resonante.

Nas margens do Luvua, usa-se o *dingo* (fig. 11), semelhante ao *goma*, e construído de madeira preta e pêles de cobra nas 2 aberturas do cilindro. Bate-se com as mãos dos dois lados.

Vocabulários:

Português	Luena	Quioco (Kioko, Tzioco)	Bailundo
Homem	Lunga	Lunga	Olume
Mulher	Puhó, Puhéu	Puhó, Puhéu	Ukáim
Rapaz	Muana-lunga	Muana-lunga	Ukuenjhi, Ma- bhen (?)
Rapariga	Muana-puhéu	Muana-puhó	Ufeko
Pae	Tata	Tata	Tata
Mãe	Mamá	Mamá	Mamá, Mai
Filho	Muana	Muana	Omona
Irmão (mais velho)	Songo-iáme	Dumbo-ami	Manjame
Irmão (mais novo)	Iáia	Iáia	—
Tio	Nato	Mathú	—
Irmã	Dumbuame	Dumbuame	Manjame-ukai
Cabeça	Mutuë	Mutuë	Utuë
Cara	Kumeço	Kumeço	Kubaço, Xipalla
Cabelos	Khambo	Khambo	Ingonbo
Dentes	Máza	Mázo	Vaífo
Boca	Kánua	Kánua	Mukano
Língua	Ririmi	Rimi	Rime
Olho (-s)	Messu (mu-)	Messu (mu-)	Kubaço
Barba	Uëvo	Uëvo	Longeze (?)
Pescoço	Xingo	Kota	Xingo
Peito	Tutô	Tutô	Onulô

Português	Luena	Quioco (Kioko, Tzioco)	Bailundo
Rins	Mitanda	Mitanda	Miongo
Ventre	Mujimo	Mujima	Imo
Braço	Reboku	Kôku	Uoko
Mão	Txipamba	Txipamba	Beka
Dedo	Minué	Minué	Minué
Perna	Lirinje	Kulo	Xikalo (pl. Bikalo)
Pé	Txiriatrixilu	Txipundu	Alomembe (?)
Mama	Mabeli	Mabeli	Mabeli
Sol	Rikumbe	Muélua	Ekumbi
Estrela	Tanganika	Tanganika	—
Lua	Kakueije	Kacuije	Mueja
Dia (sol)	Moçana	Mualo	Utanha
Noite	Ufuko	Ufuko	Uteka
Tarde	Txingexe	Txingolóxe	Kukumbi
Manhã	Tximene	Tximene	Kimene
Água	Meia	Meia	Obaba
Chuva	Vula	Vula	Umbêr
Monte	Milundo	Miloundo	Munda
Mato, bosque	Txipapa	Ussake	Ussito
Rio	Ka-luije	Ka-luije	Olui
Árvore	Mutondo	Mutondo	Oite
Boi	Gombe	Gombe	Gombe
Carneiro	Mukoko	Mukoko	Même
Cabra	Pembe	Pembe	Hambo
Porco	Gulo	Gulo	Gulo, Nongola
Galinha	Kassumbi	Kassumbi	Sanja
Lebre	Embaló	Embaló	Kandimba
Pomba, rôla	Riemi	Riemi	Riemi
Ave, passaro	Kajila	Kajila	—
Peixe	Ixe	Ixe	Aloxe
Carne	Ifo	Ifo	Xito
Pano	Ina	Ina	Nanja
Prato	Txienge	Txienge	Longa
Faca	Pôko	Pôko	Móku
Garfo ou colher	Guto	Guto	Otxito

Português	Luena	Quioco (Kioko Txióco)	Bailundo
Caminho	Mujila	Mujila	Ongbira (?), bikóka
Casa	Mozua	Mozua	Manjbo
Cama	Muéla	Muéla	Ula
Cadeira	Txituamo	Txituamo	Amango
Meu	Iame	Iame	Ianjue
Teu	Iênhe	Iênhe	Ibânhe
Seu	Txame	Txame	Xiange
Dêle	Orienhe	Orienhe	Iahem (?)
Um	Umué	Umuika	Umámua
Muitos	Iávúlo	Iinje	Iálua
1	Kaxi	Kaxi	Môxo
2	Kabari	Kabari	Bivari
3	Kato	Kato	Bitato
4	Iuane	Iuane	Bikuane
5	Itano	Itano	Itano
6	Mussamba	Mussambano	Pando
7	Tximiliano	Iximbiane	Panduvari
8	Nake	Nake	E'txinana
9	Vuá	Vuá	Etxira
10	Rikumi	Ciuni	Ekuim
Hontem	Zau	Zau	—
Hoje	Mussono	Mussono	—
Todos os dias	Makumbiêso	Mantangêso	Nekaiosso
Ter	Urinaio	Urinaio	Ukuéte
Vêr	Kutala	Kutala	Kuanja
Comer	Uriako	Uriako	Gutakinha
Trazer	Nebân (?)	Nebân (?)	Nena
Conhecer	Kunhingika	Kunhingika	Kukuriban
Levar	Ambata	Ambata	Ambata, ielula
Dar	Gubane	Pé	Nitren (?)
Tomar	Uá	Uá	Tambula
Querer	Zanga	Zanga	Diongola
Não querer	Txissola	Txissola	Txiongola
Ir	Nanguia	Nanjúia	Okuenda
Ir embora	Iako	Iako	Kuendi

Português	Luena	Quioco (Kioko, Txióco)	Bailundo
Sair	Txine	Txine	Tundapa
Entrar	Injila	Injila	Ningbira (?)
Fechar a porta	Kussoka (?)	Ajila	Ikako
Abriu a porta	Sokololo	Azulula	Ikula
Pôr	Fuka	Fuka	Kapa
Guardar	Kassuéke	Sako, aka	Kapa
Mostrar	Gulueze	Gulueze	Dilekesse
Cortar	Kutela	Kupatula	Batula teta
Fazer	Turinga upan- gue	Turinga - upan- gue	—
Fechar os olhos	Jika komesso	Jika-komesso	Ika kobaço
Lavar o corpo	Kussana	Sana	Secúla
Lavar a roupa	Akossa bikuta	Akossa bikuta	Secúla
Onde vai dar o caminho?	Inai kuri?	Inai kuri?	Icudapi?
Onde está?	Kuri unhaiaka?	Kuri unaissa?	Jikápa pi?
Está em casa dêle	Kozú orienhe	Kuri urienhe	Kunjoiatren (?)
Estar doente	Ikola	Ikola	Kubala
Mostra o cami- nho	Gulueze mujila	Gulueze mijila	—
Como te cha- mas?	Ginar iobe?	Ginar ié?	Andu kaiobi?
Que é?	Ika?	Ika?	Nhê?

INDICE ANALÍTICO

Antropologia dos luimbés, 11; dos quiocos e luenas, 12.
 Arte ornamental, 20, 22.
 Bailundos — vocabulário, 30.
 Bangalas — sobas, 14.
 Belgas — designação indígena, 24.
 Bolumbumba, 23, 28.
 Calumbo nacolla, 23.
 Canto, 12, 25-27.
 Casamento entre os Ganguelas, 26.
 Circumcisão entre os Ganguelas, 25.
 Dansa, 12, 25-27.
 Dilolo (lago), 17; lenda do —, 21.
 Dingo, 28, 29.
 Enterramento dos sobas quiocos, 18.
 Fuba (instrumento de fazer fuba), 15.
 Ganguelas — tipo físico, 11; mucanda nos —, 24.
 Gingufe, 27, 28.
 Goma, 25, 28.
 Guerra, 13.
 Instrumentos musicas, 28.
 Locuções, 33.
 Lubas — origem, 20.
 Luenas — tipo físico e costumes, 12; distribuição, 13; origem, 20; arte ornamental, 22; vocabulário, 30.
 Luimbés — tipo físico, 11; origem, 20.
 Lupembe, 16, 18.

Lutchazes — distribuição, 13; luctas com os Quiôcos, 16; costumes, 17; lenda lutchaze sobre a sua migração, 19; origem, 20.
 Marimbo, 28.
 Menstruação nas raparigas ganguelas, 25.
 Mucanda nas Ganguelas, 23, 24.
 Muquixes, 15, 26.
 Música, 28, (V. *canto*).
 Numeração, 32, 35.
 Origem dos homens (lenda lutchaze), 21.
 Pintura corporal, 13, 26.
 Pintura mural, 20.
 Quilombola, 27.
 Quimbanda, 19.
 Quiôcos — designação, 12, 18; tipo, distribuição, 12; história da sua invasão, 14; costumes, 18; vocabulário, 30.
 Quissanje, 29.
 Sacaquengue (tipo), 13.
 Sucessão dos sobas entre os Quiocos, 19.
 Tchimbombo, 25-28.
 Vocabulários luena, quioco e bailundo, 30.

NOTA DO COMPILADOR

Segundo o sr. major Leite de Magalhães, os 1.^{os} dez números em luena são 1, *umuhé*; 2, *babári*; 3, *balatu*; 4, *bauhana*; 5, *batanu*; 6, *batanu na umuhé*; 7, *batanu na babári*; 8, *batanu na balata*; 9, *batanu na bauhana*; 10, *rikumi*.

Algumas das palavras luenas e quiocas do vocabulário de Fonseca Cardoso foram revistas em face dos apontamentos do sr. major Magalhães.

No texto respeitou-se a ortografia do autor nos termos indígenas: no vocabulário foi uniformizada com a corrente.

SUBSÍDIOS
PARA O
ESTUDO ETNOLÓGICO DE TIMOR (1)

POR
ANTÔNIO LEITE DE MAGALHÃES
Major de infantaria

A Ilha de Timor, compreendida entre os paralelos 8°20' e 10°22' de lat. S. e os meridianos 121°17' e 124°40' de long. E., mede uma superfície total de 30.295 quilómetros quadrados (incluindo a pequena ilha de Ataúro, ou Pulo Kaming, com 117 km.²), exercendo-se sobre ela os domínios de Portugal e da Holanda dentro dos limites estabelecidos, primeiramente pelo tratado de 20 de Abril de 1859, e posteriormente alterados pelo acôrdo *ad referendum* de 1902. Tem 500 km. de comprimento por 100 km. de maior largura, e é a mais oriental das ilhas insulindianas, rematando a grande cadeia que vai de Sumatra às portas da Austrália, da qual dista apenas 430 km.

Curiosíssima sob o ponto de vista geológico, não o é menos quando estudada no campo da zoologia e da botânica, e é-o muito mais quando sobre a sua população babélica e heterogénea incide a lente da ciência etnológica.

(1) Sessão científica de 2 de Junho de 1919.

Em carta dirigida ao sr. dr. Alberto Osório de Castro que, numa nótula do seu livro "Flores de Coral," registou algumas interessantíssimas indicações sobre a terra e os povos de Timor, dizia o ilustre geólogo sr. Paul Choffat: "*La géologie de Timor n'est pas complètement inconnue. En 1896 j'ai publié dans les Communicações une brève analyse d'une note de Mr. Rethplatz sur des fossiles de Timor et de Rotti recueillis par Mr. Wichmann. Il y démontre la présence du Permien à Timor et à Rotti, du Triasique, et de presque toute la totalité du Jurassique. Depuis lors un géologue allemand, Mr. Boehm, a commencé dans le Neues Jarbuch une série de monographies sur l'archipel Indo-Australien; l'une par Hirsch a pour titre: "Sur la géologie et la géographie de la partie portugaise de Timor," 15 pages (allemand) avec deux cartes itinéraires. Les fossiles décrits par Boehm font voir que ces îles contiennent des choses fort belles et il y a certainement beaucoup de nouveau à trouver.*" Levantando-se ao Sul da extensa cadeia ignea, de 200 milhas, semeada de vulcões, que vai de Sumatra ás ilhas Morty, ela, que é essencialmente madrepórica e chistosa, mostra-nos todavia os caldeirões ferventes de Bibiluto e do estado indígena de Oèkussi, como a querer dizer-nos que, se muito deve ao trabalho da agua tambem alguma coisa deve à acção do fogo, embora pela encosta das suas montanhas não corra hoje, nem tenha corrido jamais, a lava ardente, que cria e que transforma.

Sob o ponto de vista zoológico e botânico, ela marca nitidamente a transição da fauna e flora asiáticas para a fauna e flora australianas entre as quaes a linha intermediária se inicia na ilha de Lombok correndo para o estreito de Makassar. Desaparecem inteiramente nela muitos dos animaes e plantas que desde Malaca desceram até á ilha de

Bali; assim como nela se não encontram muitos dos animaes e plantas que povoam as terras da Austrália. Mas existem espécies comuns, além de algumas espécies novas, como ficou averiguado pelas pesquisas dos sábios naturalistas Henry Forbes e A. Russell Wallace, visitantes da ilha em meados do século passado. "The flora of Timor—diz Forbes—is one of great interest.,

Avulta, porem, no que respeita a interesse, a questão etnológica, não só porque é ainda hoje a mais ignorada, como tambem porque se me afigura a mais difficil no seu estudo e na sua conclusão. Em 1916, o ilustre antropologista, sr. R. Verneau, apreciando a *Antropologia timorense* e os *Timorenses de Okussi-Ambeno*, ambos valiosísimos estudos do sr. dr. A. A. Mendes Corrêa, escrevia em *L'Anthropologie*: "Il reste, malgré tout, encore beaucoup à faire pour elucidier entièrement le problème de l'ethnologie timorienne., E, todavia, o sr. dr. Mendes Corrêa produzira os seus trabalhos depois das *Mélanges anthropologiques* do dr. H. ten Kate, constituindo os labores scientificos de um de outro o que de mais importante se tem publicado sobre os indígenas timorezes.

Mas não se extranhe que a verdade seja justamente aquela que o sr. Verneau consigna. E não se extranhe, porque o *x* do problema etnogénico de Timor enovela-se em séculos de migrações percorrendo linhas tortuosas, e fazendo paragens em pontos os mais diversos. De qualquer forma que as populações timorezas se estudem—pela antropologia, pela linguística, pela etnografia, pela história e ainda pela sua distribuição geográfica—o caos surge, desnorteante e quasi impenetravel, revelando-se a disparidade das raças que na ilha, e fóra dela, se cruzaram para produzir os tipos e os dialectos que naquele pequeno paiz se observam. Dir-se-ia

que desde a mais ocidental das terras sundanésias até às Filipinas e destas, para sul e leste, até Timor e às Fidji, todos os povos se mestiçaram e emigraram, de forma a criar a Babel de elementos somatológicos tão diferentes, que é a ilha de Timor.

Só muito tarde a sciencia poderá dizer sôbre ela a última palavra e não serão já a prosopografia e a antropometria pura e simplesmente, que a poderão dizer. A justaposição de caracteres físicos, tão rigorosamente observada pelo dr. H. ten Kate, será a rasão impeditiva da destrinça somatológica; e, perdida a esperança de se reconstituir a história, porque na memória dos povos inteiramente se apagou a tradição, teremos de seguir pelos meandros da linguística em busca do fio que nos oriente, e esse será o caminho, embora sinuoso, que mais seguramente nos permitirá alcançar o fim.

A antropologia e a linguística, quando o estudo se efectue relativamente a cada um dos núcleos em que é possível decompôr-se a população timoreza, poderão, conjuntamente, estabelecer a sua origem étnica duma forma iniludível. Mas, para se avaliar da sua dificuldade, bastará dizer-se que eu, tendo consultado algumas dezenas de vocabulários malasianos, melanésios e australianos, em nenhum deles encontrei a menor afinidade com certos dialectos de Timor, e muito especialmente com o *dagadá*, dos povos de Lautem, o *bunak* da região de Bubunaro e outros pontos do Sul, e ainda o *cairui*, o *midik* e o *waimá* das regiões interiores de leste. Isto, porém, não será razão para supôrmos que eles representam raças diferentes das outras raças circundantes; apenas significará que uma absoluta necessidade teria eu de passar em revista outros tantos glossários para descobrir o que baldadamente procurei, e só a Melanésia me poderia fornecer mais duma centena que absolutamente desconheço.

A barafunda étnica em que têm esbarrado todos os que, observando tipos ou mensurando crânios e indivíduos, procuraram definir as raças timorezas, resalta nitidamente das conclusões seguintes:

Hamy, tendo lido na Société d'Anthropologie de Paris, em 1875, uma memória sobre as raças negras de Timor, acabou por concluir que Timor tinha, ao mesmo tempo, Papuas e Negritos, sendo a ilha mais meridional que teria sido habitada pelos segundos e uma das mais ocidentais onde os primeiros se teriam estabelecido. Pela mensuração de dois crânios timorezes, existentes no Muséum, observou que um deles, pelos seus caracteres, era um mixto de Papua e de Malaio, e que o outro era um verdadeiro crânio Negrito.

Em reforço das conclusões desta memória, e apoiado em alguns vocábulos recolhidos pelo illustre marinheiro francez De Freycinet quando, como comandante do "Uranie", visitou a ilha de Timor, em 1817, publicou o dr. H. Lesson, sob a epigrafe "Quelques mots sur les races noires de Timor," (*Revue d'Anthropologie*, 1877) um ligeiro estudo sobre as populações timorezas, assentando no seguinte:

- 1.º Que a maior analogia parecia existir entre a linguagem actual dos Fidjianos puros e a que falava a população timoreza quando denominou as localidades de Timor;
- 2.º Que, por consequência, e visto que os Fidjianos puros não eram senão Papuas, esta população não seria muito provavelmente de raça diferente, isto é, que uma e outra haveriam tido, decerto, a mesma origem;
- 3.º Que seriam, portanto, negros de raça Papua os

primeiros ocupantes de Timor, ou, pelo menos, os que, depois de haverem repellido ou exterminado os Negritos, teriam substituído as denominações destes pelas suas.

De Freycinet, todavia, no relatório da sua viagem (*Voyage de l'Uranie*) só vagamente se referiu á existência, no interior da ilha, de negros de cabelos crespos, de costumes ferozes e duma inteligência inferior, pois que os povos observados por êle reuniam—na sua própria expressão—“todos os traços característicos das nações da Ásia,,”, destacando os seguintes: “estatura acima da média, com formas regulares; côr da pele amarelo-animado; cabelos negros, duros e usados longos; olhos fendidos; porte desembaraçado; marcha grave e mesmo um pouco altiva; expressão da fisionomia variando de indivíduo para indivíduo...”, E, relativamente a estes indivíduos de caracterisação asiática, escreveu que alguns habitavam Timor desde tempos imemoriaes, e que outros descendiam dos Malaaios de Celébes, principalmente dos Macassares e dos Bughis.

Em 1859, o sábio naturalista inglez A. Russell Wallace, que tão desdenhosa e rancorosamente apreciou a nossa acção administrativa, tendo percorrido uma parte do nosso domínio, referiu-se aos indígenas de Timor nos seguintes termos (*The Malay Archipelago*): “Os montanhezes de Timor são um povo de tipo Papua, de formas um tanto secas; espesso cabelo frizado e a côr da pele pardo-escuro. Têm o comprido nariz de apex pendente, que é tão característico dos Papuas e tão absolutamente desconhecido entre as raças de origem malaia. Na costa ha muita mistura de algumas das raças malaia, e talvez de Hindu, assim como de Portugueses. A estatura geral é mais baixa, o cabelo corredio em vez de frizado, e as feições pouco proeminentes.,”

Devo explicar que, para este naturalista, a raça malaia

abrangia todos os indivíduos da côr amarela desde Sumatra á Nova-Guiné, não distinguindo entre Malaaios e Indonésios, ou entre a raça malaia e a raça batak.

Mais tarde, um outro naturalista inglez, Henry Forbes, que largamente penetrou no nosso território, limitou-se a desenhar alguns tipos de indígenas observados, concluindo por'opinar, que a gente de Timor seria um misto de Malaaios, Papuas e Polinésios (*A Naturalist's Wanderings in the Eastern Archipelago. — A narrative of Travel and Exploration — from 1878 to 1883. London, 1875*). E, observando no mercado de Bubu-Sussu (Bibicusso) alguns indígenas de cabelos ruivos, — “que Earl chamava a *red-haired race*, — referiu-se a eles nos seguintes termos: “... os meus olhos cairam acidentalmente sobre um objecto que fixou a minha atenção mais do que tudo o restante entre estes selvagens mercadores — um rapaz de cabelos encarnados (primeiro um, depois uns poucos mais), alguns com o cabelo corredio e outros com o cabelo anelado, com sobrancelhas da mesma côr, olhos azues, sendo tambem avermelhado o pêlo do corpo. Descobri, depois de averiguar, que uma pequena colónia desta gente, bem conhecida pela côr peculiar dos seus cabelos e olhos, vive em Hituha...”, E ficou supondo que “a sua presença ali era o excerpto duma longa história,,”.

Passa-se, porém, das indicações vagas e indecisas da craniologia e da prosopografia ás mais amplas e rigorosas investigações da antropologia. Lapicque e o dr. H. ten Kate estudam *in loco* algumas das populações timorezas, e, dos seus trabalhos, Deniker extrai a conclusão seguinte: “Timor encerra, além das suas populações costeiras, malaia ou indonésias, tribus impregnadas de sangue papua (*Les races et les peuples de la terre, Paris, 1900, pag. 565*). E o sr. dr. Barros e Cunha, publicando em 1898 a sua *Notícia sobre*

uma série de crânios da ilha de Timor, averigua a existência de tipos diferentes e duma mestiçagem, notando, todavia, que as suas médias se aproximam das dos Papuas da Nova-Guiné. (1)

Numa segunda viagem ao arquipelago timorez, o dr. H. ten Kate aprecia com mais detalhe e mais extensão os povos da ilha, mensurando indígenas de Oeste — *Atoni-Timor*, de Amarassi, e *Atuli-Hélong*, de Cupang — e alguns do centro e norte (litoral) da ilha — os *Ema-Bélu*, da jurisdição de Atapupu — e afirma, quanto aos *Atoni-Timor*, que “o tipo mais frequente apresenta uma mistura curiosa de caracteres de raça negroide e amarela, com preponderância do sangue papúa,; julga, porém, que deve excluir-se uma influência negrito, pelo menos relativamente aos indígenas que observou. Quanto aos *Atuli-Hélong*, conclue que, pelo seu aspecto geral, eles são bem mais de raças amarelas que negroides, encontrando-se esporadicamente fisionomias polinésias, sobretudo entre as mulheres. É o mesmo regista quanto aos *Ema-Bélu*, entre os quais poucos vestígios de sangue negroide constatou, observando ainda que os vestígios de sangue melanésio se perdiam do litoral para o interior, feita uma conveniente reserva sobre os cabelos, cuja conformação não pôde verdadeiramente apreciar. Jul-

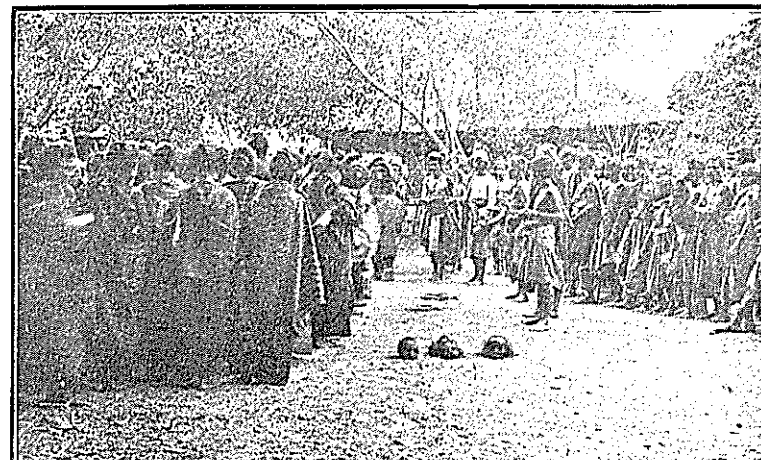
(1) Cumpre-me prevenir que os 28 crânios do Museu de Coimbra que serviram de base ao estudo do sr. Barros e Cunha só por providencial acaso serão de indígenas timorezes na sua totalidade. Por averiguações a que procedi, soube que esses crânios foram levantados duma *Ficus indica* — a árvore sagrada — do estado indígena, ou reino, de Cová, e seriam os restos trágicos da infeliz coluna do capitão Camara, massacrados em Fatumian no ano de 1895. Dessa coluna faziam parte timorezes, africanos, índios e portugueses.



(Maubara) — Danças guerreiras



(Fatumassi) — Uma dança (*siguil*) de mulheres



gando pelas feições e pela qualidade dos cabelos — escreve o dr. H. ten Kate (*Mélanges Anthropologiques*, 1915) — parece haver dois tipos distintos entre os *Ema-Bélu*. Um, de cabelos lisos, traços salientes, nariz direito ou ligeiramente convexo e de estatura relativamente alta e sêca, mais ou menos mongoloide no seu conjunto. O outro, assemelhando-se bastante aos *Atoni-Timor*, mas menos negroide. Também esporadicamente notou, sobretudo entre as mulheres, fisionomias polinesianas.

Resumindo as suas observações, e extraindo delas as conclusões que lhe pareceram lógicas, o dr. H. ten Kate admite que os habitantes do Arquipélago Timorez seriam o produto do cruzamento de duas sub-raças ou sub-tipos negroides (melanésios), pertencendo á grande raça dos negros da Oceânia e de trez sub-raças ou sub-tipos amarelos, tendo abandonado a hipótese dum cruzamento negrito-papua em Timor . . . pelo menos até que a existência de Negritos nesta ilha se torna averiguada. Entretanto, teria varias afinidades com a raça negrito uma das sub-raças negroides que teriam concorrido para a formação dos povos do arquipélago, e corresponderia a um tipo papua muito pronunciado a segunda sub-raça ou sub-tipo que, como elemento negro, aparece na mistura. As trez sub-raças ou sub-tipos amarelos corresponderiam pelos seus caracteres: uma delas aos Indonésios de Hamy; a outra, destacando-se pelos traços hindu-semitas das feições; a terceira, sendo nitidamente a raça malaia dos autores, na qual o dr. ten Kate filia o tipo macassar-bughi grosseiro.

Em 1916, o sr. dr. Mendes Corrêa, trabalhando sobre dados antropométricos do meu ilustre camarada, capitão Fonseca Cardoso, que em Timor observara 107 indigenas do encravamento Oekussi-Ambeno, publica sobre os povos

desta região um valioso e interessantíssimo estudo (*Timorenses de Okussi e Ambeno*), que remata pelas conclusões seguintes: *Este estudo antropológico sobre os territórios de Okussi e Ambeno não permite afirmar que um tipo papúa, melanésio ou australiano, seja o dominante em toda a ilha. Ao contrario, em ambos os territorios, prevalecem tipos de origem principalmente malaia. Nesses tipos já mistos em que o malaio se desdobra ás vezes nos seus componentes, dando-nos, por exemplo, de quando em quando, revivescências indonésias e chinas, se infiltraram sem cessar variados elementos antropológicos, de que deixaram traços característicos o papúa, o hindú, o árabe, etc.* E opina que o timorense médio por ele estudado deve parecer-se muito com o "batak", que Quatrefages reproduz na sua *Histoire générale des races humaines*. Como o dr. H. ten Kate, também o ilustre professor duvida da existência dum elemento negrito, e consigna que a influência papúa se desvanece do litoral para a montanha, onde um outro elemento negroide — melanésio ou australiano — teria exercido a sua acção.

Num outro estudo posteriormente publicado (*Antropologia Timorense*), o sr. dr. Mendes Correia, efectuando a síntese de todas as conclusões antropológicas, procura fixar a distribuição e coexistência das raças no território timorense entendendo: que uma mancha indonésia alastra do centro do território dos Belos para leste sobretudo; que o noroeste (Okussi) é principalmente malaio com maior ou menor impregnação melânica; enfim que o oeste e (sudoeste) é mais negroide, excepto na região de Cupang, que se avizinha da dos Belos, sob o ponto de vista antropológico.

E neste ponto pára todo o avanço da sciência relativamente aos povos de Timor. Não é muito, confessemos; mas, no que respeita á parte portuguesa, é, todavia, mais do que

seria legítimo esperar-se desde que os governos absolutamente se desinteressam dos estudos desta natureza, quando não sucede ainda, como a mim próprio aconteceu, sofrer-se a hostilidade dos governadores locais com todo o impudor da sua maldade ou com toda a inconsciência da sua ignorância.

Entretanto, e só pelos elementos que a antropologia nos fornece, eu julgo que poderíamos ter concluído, quanto á origem étnica das populações timorezas, duma forma um tanto diferente daquelas que até a data representam a última palavra. Noto sobretudo a repugnância manifestada pelos srs. drs. H. ten Kate e Mendes Corrêa em aceitarem a influência dum elemento negrito na génese dos povos timorenses, quando é certo que esse elemento, embora não existindo em Timor, á ilha podia ter chegado em cruzamentos vindos das Filipinas ou da Nova-Guiné, onde existem respectivamente, os *Aetas* e os *Pigmeus*, ambos considerados subdivisões da raça Negrito; e ousou mesmo supôr apesar das contestações e dúvidas da sciência, que esse cruzamento se poderia ter efectuado em Sumatra, com os negroides de pequena estatura, cabeleira crespa, nariz achatado, boca proeminente e lábios espessos, que foram caracterizados pelo Dr. Van Leent, e que lembram os Samangs da península de Malaca. E noto ainda uma indecisão flagrante no que se refere á discriminação dos tipos ou raças amarelas que porventura intervieram na formação dos núcleos timorezes, indecisão que a meu vêr resulta da imperfeita distinção entre as raças Malaia e Indonésia, incontestavelmente muito menos rigorosa que entre as raças Malaia e Batak, segundo a distribuição geográfica e os caracteres diferenciais estabelecidos por Van Leent (*Contributions à la géographie médicale des possessions néerlandaises des Indes Orientales, 1867*).

Eu não sou — e devo dizer já — partidário duma primeira ocupação de Timor por indígenas de raça negra — Negritos, Papúas ou Melanésios — e julgo que as observações antropológicas confirmam a minha opinião. O sr. dr. H. ten Kate, que viu os Ema Belu até ao interior do Lama-kmén, afirma que os caracteres negroides se disfarçam do litoral para o centro da ilha. Quer dizer: é justamente no interior da ilha, onde seria mais legítimo encontrar-se qualquer elemento negroide na sua maior pureza, pela impulsão sofrida das migrações malasianas entrando pela costa, que esse elemento mais se desvanece. Ora como explicar esta circunstância senão pela inexistência de populações negroides quando se estabeleceram as correntes migratórias e se operou a infiltração malasiana? E se atendermos ainda á raridade com que em Timor se descobrem os cabelos crespos, sendo mesmo constantemente inferior a percentagem dos cabelos frisados em relação aos ondedados e aos lisos, não me parece ousado afirmar que seriam malasianos, isto é, indígenas de raça amarela, os antecessores, ou, melhor, os primitivos ocupantes da ilha, talvez parentes próximos, senão irmãos dos montanhezes da Celebes e das Molucas que a ciência etnológica conhece pela designação de *Alfuros*, e de cuja caracterização tanto se aproximam os *Firaku* do interior montanhoso das regiões de leste, tipos geralmente finos, de feições hindo-europeias, onde apenas se destacam vestígios de sangue negro nos anéis de alguns cabelos.

Não quero, porém, precipitar juízos ou fixar ideias sem primeiramente expôr o que pelos ensinamentos da história, e pelas indicações da linguística, e ainda pelos vestígios, embora falazes, da etnografia, possa concorrer para firmar opiniões. É este mesmo o único fim da minha comunicação. Durante cerca de seis anos não me poupei a sacrifícios pecu-

niários, nem a cancelas, para descobrir as afinidades étnicas das populações timorezas sujeitas ao domínio de Portugal. E, quando já em volume tinha reunido todo o produto do meu trabalho, constando dele uma carta étnica e dezesseis quadros linguísticos que laboriosamente organisara e pacientemente discutira, eis que tudo se perde, com livros e documentos, no torpedeamento trágico do "Magellan", em Dezembro de 1916, deixando-me absolutamente impossibilitado de seguir hoje, com segurança, todo o conjunto de investigações que me levaram a traçar o caminho provável das migrações que afluiram as costas de Timor, e nessa terra hospitaleira e ubérrima fixaram residência.

Não é, pois, uma comunicação inteiramente documentada esta que agora faço. É apenas uma exposição succinta do pouco que a memória em mim guardou, apenas avivada pela leitura de algumas publicações que ainda me foi possível consultar. E se ousar arrancar do esquecimento, a que já estava condenado, esse pouco que hoje torno público, é porque uma vontade superior á minha provocou a exumação, assumindo ela, implicitamente, a responsabilidade do meu delicto, que a ciência, decerto, me não desculpará.

Feita esta prevenção, fica-me a consciência tranquila. E, se destes restos, ainda sobreviventes do meu trabalho, alguma coisa de util puder extrair-se e aproveitar-se, a mim caberá apenas a consolação de têr dedicado o meu esforço á obra duma excavação laboriosa, sendo ao sr. dr. Mendes Corrêa que a ciência ficará devendo todo o auxílio que desta comunicação resulte, pois que ele foi a alma tenacissima que a este cometimento me arrastou.

Nos 16.847 km.² da ilha de Timor que pertencem a Portugal, vive uma população de 377.815 habitantes, segundo o censo de 1915, dos quaes 5.194 na ilha de Ataúro ou Pulo-Kambing e 13.251 em Oèkussi-Ambenu. Essa população, ao mesmo tempo pastoril e agrícola, dedica-se, quasi geralmente, á criação de gados bufalino, cavalari, caprino e suino, sem excluir as aves domesticas, e cultiva, para sua alimentação, o milho, o arroz, o feijão, a batata doce, o inhame e a abóbora, e, para sua economia, o coqueiro (principalmente nas regiões de leste), o cafeeiro (no centro da ilha), o tabaco, o algodão, o indigo, e ainda as árvores de fruta, entre as quaes abundam as bananeiras, as papaieiras, as jaqueiras, as lorangeiras, as tangerineiras, as ateiras, etc.

Tendo perdido por temôr da pirataria, o hábito do mar, só num ou noutro ponto da costa praticam a indústria da pesca por meio de embarcações, efectuando-a, porem, ao candeio em grandes cortejos noturnos, excepção feita dos insulares que encontram no mar a sua maior fonte de recursos.

População heterogénea pelos seus caracteres físicos e pelas línguas, tornou-se facil a suposição de que a cada estado indígena — designados ordinariamente pelo nome português da *reinos* — corresponderia uma raça, falando um dialecto próprio, cabendo-me a mim averiguar que todos os dialectos de metade oriental de Timor não constituem mais de sete grupos absolutamente distintos, e esses grupos representarão decerto os povos de diversa origem que na ilha foram estabelecer-se.

De oeste para leste, a partir da fronteira portuguesa, taes grupos são os seguintes:

1.º, povos que falam o *kémak*, o *nógò*, o *manua*, o *gári*, o *manbai*, o *tokodé* (ou *tokodede*), e o *kéhà*, ocupando parte do comando militar de Batugadé, os comandos militares do Suro, Hatu-hia e Siquiçá, e quasi todo o comando militar de Aileu; representa pouco menos de $\frac{1}{3}$ da população sujeita ao domínio português;

2.º, populações que falam o *tétung*, o *damáta* e o *édi*, ocupando parte dos comandos militares de Batugadé, Covahima, Manufahi, Manututu, e Vékèke (Viqueque), e falando-se, com alterações, em Déli (Dili), e povoações isoladas da Hera e Motáing (Motael);

O *tétung* é quasi uma lingua franca na parte central de Timor, sendo compreendido e falado por muitos indígenas do 1.º grupo.

3.º, estados indígenas que falam o *búnak*, nos comandos militares de Bubunaru e Manufahi;

4.º, povos que falam o *galoli*, o *idát*, o *lakalei*, o *nukáèk*, o *háhak* e o *baba*, pertencentes os dois últimos á ilha de Ataúro, e ocupando os outros a maior parte do comando militar de Manututu, parte dos comandos militares de Baukau e de Manufahi, e alguns logares da Hera;

5.º, populações que falam o *kairui*, o *midik* (ou *maidik*), o *waimôa* (ou *waimá*), e o *ábu*, em parte dos comandos militares de Manututu, de Baukau e de Vékèke;

6.º, estados indígenas que falam o *makassai* e o *nau-hete*, na maior parte do comando militar de Baukau, e em parte dos comandos militares de Lautén e de Vékèke;

7.º, e finalmente, povos que falam o *dagadá*, na maior parte do comando militar de Lautén.

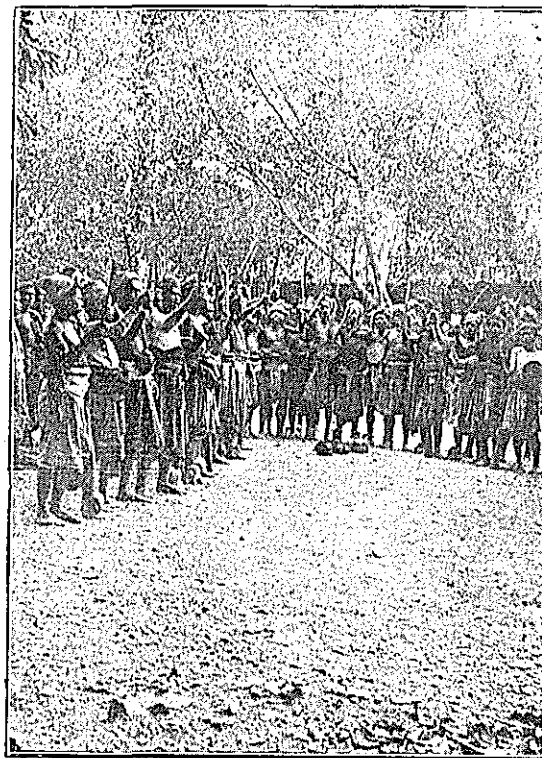
E' possível que alguns dos dialectos por mim citados

tenham de sofrer deslocação de um para outro grupo, pois que a minha memória não define hoje com precisão o lugar que lhes compete. Mas as manchas que demarcarem os núcleos sobre a carta não sofrerão, por esse facto, alterações profundas, pois que todas se manterão sem solução de continuidade, excepção feita ás populações que falam o *tetung* e seus dialectos, únicas que se dispersam no território, saltando duma longa faixa da montanha e litoral da contracosta para a costa-norte, onde ocupam pontos destacados.

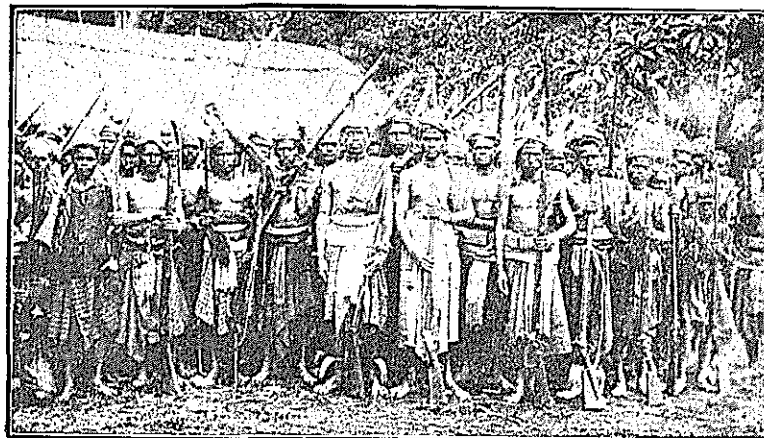
Se aguarelarmos sobre uma carta de Timor os espaços correspondentes a estes grupos linguísticos, teremos, a meu vêr, perfeitamente definida a distribuição antropogeográfica das populações timorezas dentro da província dos *Belu*. Os povos do Oèkussi-Ambenu, encravados entre os Atoni-Timor e falando o *vaikênu* (ou, mais correctamente, o *bikênu*), constituem um grupo inteiramente diverso, que se poderá considerar um oitavo grupo das populações sujeitas ao domínio português.

Todos os dialectos timorezes, com excepção dos que constituem o 3.º, 5.º e 7.º grupos, são manifestamente malasianos, acusando afinidades flagrantes com as línguas de Sumatra, Java, Celebes, Filipinas e Molucas, e não se encontrando em nenhum deles a menor relação de parentesco com as línguas ou dialectos australianos. Devemos, por conseguinte, abandonar inteiramente a hipótese de qualquer influencia australiana na génese dos povos de Timor, pois, que, se ela existisse, o confronto linguístico não daria o resultado negativo que eu pude constatar, havendo consultado mais de oitenta dialectos daquela proveniência com cerca de duzentos vocabulos.

Como o Dr. A. Lesson presumira, é certo que em alguns dialectos timorezes aparecem termos que são co-



(Liquiçá) — O canto do "lorçá,



(Liquiçá) — Um "arraial" de guerra

muns ou semelhantes nas ilhas Fidji. E estão neste caso, entre outros: os numeraes; os nomes de pai e mãe, que são respectivamente *tama* e *tina* nas Fidji e *ama* e *ina* entre muitos dos povos timorezes; as designações de fogo (*Apú* nas Fidji, e *api* e *ahi* em Timor); de dia (respectivamente *aro* e *are* nos dialectos do 1.º grupo); de cabeça (*ulu* e *uluk*); de mar (*tassi*); de lua (*Vula*, e *Fulan* e *Hula*); de enguia (*duna* e *tuna*); de peixe (*ika*); de chuva (*uka* e *uda*); de côco (*niu* e *nó*), de banana (*vudi* e *hudi*), de pedra (*vatu* e *fatu* e *hatu*), de morte (*mate*), etc. Mas muitos destes nomes aparecem também nas línguas polinésias, e encontram-se, com a mais perfeita identidade, no *bátak* de Sumatra, no *tagalo* e *bissaia* de Luçon e Mindaná, e nos dialectos de Celebes. Os vocábulos que o dr. A. Lesson, no seu estudo, supõe *fidjianos* existem, em grande parte, nos dialectos de Timor, mas com significação diferente. Comuns são os que citei.

Consultando um vocabulário *bátak*, eu tive a impressão duma influência marcante nos dialectos que constituem o primeiro dos grupos supracitados; os pronomes pessoais, os numeraes, as designações de pai e mãe, de cabeça, e nariz, e lua, e fogo, etc., são inteiramente *bátaks* e não malaias, nem javanezas. E se se repetem na ilha de Celebes, nas Filipinas, nas Molucas e na Polinésia, é porque o elemento *batak* também nelas penetrou, faltando apenas fazer-se justiça ao povo que devia ter sido o maior navegador do Oriente, talvez o *Povo Desconhecido* de que nos falou Crawford.

Mas em Timor ficaram como padrões da sua passagem pontos cuja denominação não admite dúvidas; temos, por exemplo, na costa-norte, *Maubara*, que não é mais que a ligeira corrupção de *mawara*, que em *batak* significa — foz

de ribeira; e na mesma costa encontramos o lugar de *Hera*, que exprime na mesma língua — *logar paradisíaco*; temos ainda, muito mais esclarecedoramente, o porto de Déli, por nós incorrectamente designado por Dily, que parece designar o porto de Sumatra por onde passaram as correntes migratórias; temos, finalmente, a região de *Alas*, na contracosta, lembrando os povos *Alas*, de raça *batak*, que habitam no interior de Sumatra. E se é certo que na mesma ilha vivem os *Timor-bataks*, de que nos fala A. de Cabaton em *Les Indes Néerlandaises*, então só esse nome bastará para nos convencer de que seriam *bataks* os primeiros colonisadores da ilha, pois que a palavra *timor*, designando em *malaio* — oriente, não tem significação alguma nas línguas timorezas, e apenas designa o povo. Mas ha mais indícios ainda: o reino de *Ména*, em Oèkussi, lembrando a palavra *menang* que, em *batak*, significa *vitória*; o dialecto *edi*, da *Hera*, recordando a povoação *Edi* de Sumatra, ao sul do promontório Ponta de Diamante.

E é caso para recordar agora que o sr. dr. Mendes Corrêa concluiu, num dos seus trabalhos, que o timorense médio, por êle estudado, devia parecer-se ao *batak* da gravura da *Histoire générale des races humaines*, de Quatrefages, acrescentando eu que é também um tipo timorez vulgar o *Orang-batak* da gravura de Barbant, sobre uma fotografia de Brau de Saint-Paul Lias, que figura na *Nouvelle Géographie Universelle* de Elysée Reclus.

Não devo eu occultar que nos dialectos timorezes apparecem muitos vocábulos cuja origem se pode supôr malaia. Mas são termos comuns ao malaio e ao *batak*, não sendo, em minha opinião, a língua malaia senão uma filha ou irmã da língua *batak*, modificada pelas influências do sânscrito e

do árabe, tendo recebido deste ultimo idioma os caracteres da sua escrita.

Dá-se uma circunstância importantissima em Timor, que julgo concludente sobre a inexistência duma influencia malaia: é não apparecerem vestígios da religião mahometana entre as populações da ilha. O *malaio*, onde se estabeleceu, vincou a sua fé religiosa: e o timorez desconhece os mais rudimentares preceitos dessa crença, que apenas se pratica nas povoações de *mouros* estabelecidas nas proximidades de Déli.

E não se veja uma influencia mahometana na presumida poligamia dos povos timorenses. A poligamia não existe como um direito do homem, mas apenas como uma concessão da primeira mulher; e o censo de 1915, dadas 75.055 varões casados com 78.117 mulheres, demonstra claramente quão pouco se generalisa essa concessão.

O povo malaio, segundo o afirmou Marsden, é um povo de dois dias em comparação dos sumatrenses do interior. A sua história marítima começa no XIII século, depois da fundação de Malaca. Ora as correntes migratórias que, seguindo diversos rumos, se dirigiram para Timor, deviam ter abandonado o seu paiz antes de possuírem uma linguagem escrita, que não é conhecida de nenhum dos povos timorenses. Quer isto dizer que essas migrações se teriam efectuado antes de se exercer em Sumatra e Java uma influencia hindu, que segundo informa Thompson (*The Story of the New Zealand*, 1859), devia ter começado no 1.º século da era cristã.

Este mesmo escritor, baseando-se numa informação do capitão King, recolhida por Marsden (*History of Sumatra*), cita que numerosos *prós* (embarcações) malaios se transportavam anualmente, outróra, de Sumatra até ás costas norte

da Austrália, no estreito de Torres, para ali pescarem, passando por Java ou Bornéo e fazendo escala por Timor. Não devemos ligar grande importância á palavra *malaio* escrita pelo autor, reparando apenas na indicação da procedência das embarcações — Sumatra, onde vivem os povos *bátaks*.

Um outro escritor inglez, John Williams, consultando o mesmo livro de Marsden, informa que "diferentes factos provam que, muito tempo antes da visita dos europeus, os povos de Sumatra tinham ido fundar, no arquipélago de leste, estados marítimos poderosos e extensos," (*A Narrative of missionary enterprises in the Sout Sea Island*, London, 1837). E já se não vê aqui o emprego da palavra *malaio* mas a indicação genérica de *povos de Sumatra*. É certo que, logo abaixo, nós diz que a costa da Nova-Holanda era desde ha muito tempo conhecida dos *Malaio*s, e que, em cada ano, uma frota de *prós* deixa Macassar para ir ali pescar, passando por Timor; mas basta-nos reparar no ponto de partida para se verificar a imprecisão do termo, pois que as frotas daquela proveniência seriam mais provavelmente tripuladas por *Macassares* ou *Bughis*, do que por *Malaio*s, e é certo que Timor, como veremos, era frequentemente visitada por aqueles ousados insulares, que são habilíssimos navegadores.

Á palavra *malaio*, que em Timor sofre uma síncope pronunciando-se *malai*, liga-se na ilha apenas esta ideia: — estrangeiro ou intruso. É um *malai* o portuguez, como o é o holandês, como o são ainda o índio ou o preto africano. Os outros indígenas da Malásia que, no exercício da pesca ou do comércio, aportam á ilha, os timorezes designam-nos por — *mouros*.

A sciência antropológica reconhece hoje que entre Ma-

laios e Indonésios a diferença é muito menor do que se supoz. E inclina-se a crêr, como Deniker, que os Indonésios seriam o tipo dos *Malaio*s puros, verdadeiros *Protomalaio*s. Eu avanço mais: a impressão que me ficou no fim do meu estudo sobre os povos da Oceânia, quando procurava a origem das populações de Timor, foi que os *Protomalaio*s seriam unicamente os *bátaks*, modificados na sua língua, nos seus costumes e no seu aspecto físico pelas influências hindu, árabe e javaneza, da última das quais teriam recebido os caracteres mongoloides que lhes são atribuidos. (Vid. *Les Polynésiens*, t. 1, pg. 173).

A origem sumatrana dos povos que falam o *tétung* é ainda demonstrada pelos seguintes factos: as povoações agrupam-se em *suku*, como em diversos pontos de Sumatra, e os estados indígenas são governados por um *liorai*, que pode ser a corrupção da palavra javaneza *lurah* (chefe de povoação) mas que é mais presumivelmente a do título nobiliárquico *larah*, de alguns príncipes indígenas de Sumatra.

O elemento *bátak*, devo dizer-lo, não teria chegado a Timor num grande estado de pureza, deslocando-se directamente duma para outra ilha. Os dialectos do grupo onde a sua acção mais claramente se afirma revelam um cruzamento na Celebes e nas Molucas, mas muito principalmente na primeira, effectuado provavelmente na costa oriental da ilha. As linguas de Menado apresentam analogias flagrantes com as do 2.º grupo timorês, e a antropologia faz-nos aceitar como tendo uma formação idêntica alguns povos de Timor e da Celébes.

Os povos que falam os dialectos do primeiro grupo por mim definido, e que indubitavelmente chegaram a Timor depois daqueles que filiei no segundo grupo accusam uma

maior influência da Célebes e das Molucas, com vestígios de elementos filipinos e javanezes. Este ultimo elemento provém certamente das Molucas, pois segundo Valentyn (*Sur Amboine*, 1714, cit. por A. Lesson em *Les Polynésiens*, t. 1), a história ensina-nos que, desde 1304, colónias de javanezes se estabeleceram naquelas ilhas. E foi certamente dali que elas, sofrendo outros cruzamentos, desceram até Timor.

A influência do elemento filipino, embora não muito extensa, podia ser directa ou indirecta, pois que Timor era frequentado por embarcações de Luçon, como o prova Pigafetta na sua memória *Premier voyage autour du monde...* registando que as encontrou no comércio do sândalo. Além disso a história regista as excursões marítimas dos piratas de Mindanao ou Magindano, que frequentemente visitavam as costas de Celebes, de Gilolo e das Molucas, onde iam buscar escravos (Elysée Reclus, obra cit.)

A designação das suas povoações — *lissa* — é uma reminiscência das *desa* javanezas; os seus chefes principais — *datu* — são decerto uma importação de Mindanao, onde têm o mesmo nome e importância; as habitações de Likossá (Liquiçá) — designadas *soa* — indicam uma origem molucana, pois é a mesma designação das casas comunaes de Buru.

Nos dialectos deste grupo abundam os vocábulos das ilhas malasianas que defrontam a Melanésia. Todavia o fundo, o grosso da população, pertenceria a uma raça mais primitiva, pois que a sua numeração, verdadeiramente, acaba no numero 5, como a dos negritos *Aétas*, e de alguns povos da Melanésia. O número 10 é malasiano.

Os seus caracteres físicos demonstram uma maior influência negroide que entre os povos do segundo grupo. São frequentes os cabelos crespos e ondeados; o nariz

papua; de apex pendente; e medí muitos indígenas de estatura superior á média, tendo alguns excedido 1^m,70. Não é possível definir um tipo médio; mas ha dois caracteres que se podem fixar: — a forma do rôsto, máis comprida do que larga, frequentemente oval ou terminando em ponta; e a conformação dos olhos, sempre rectos desde que não haja mistura de sangue chinês. A figura das mulheres é mais malasiana: os cabelos são quazi geralmente lisos; os olhos belos e de expressão dôce; as feições quasi correctas, com excepção do nariz — um tanto achatado e largo — e dos lábios — um pouco grossos.

Os povos do 4.º grupo devem ter a mesma origem, tendo-os eu separado apenas porque a sua língua demonstra uma maior perfeição gramatical. Os vocábulos dos dialectos do 1.º grupo são inflexivos, não se alterando para exprimir o género, o número e os casos que se distinguem por palavras especiais; os seus verbos não possuem tempos, nem modos, e só pelos pronomes pessoais se aclara a frase. Nos dialectos do 4.º grupo já existem regras gramaticais: são frequentes as flexões por meio de partículas e a linguagem falada torna-se mais complexa. Todavia o parentesco manifesta-se evidentemente numa simples comparação dos vocabulários; os termos comuns são inúmeros, demonstrando a mesma origem apenas com a influência dum elemento extranho. Quando mais não houvesse, bastaria a palavra *nussa*, que designa *ilha*, para acusar vestígios javanezes, sabendo-se — como se sabe — que os povos sumatranos têm a palavra *pulo* para exprimir o mesmo nome.

Nada posso dizer quanto ás afinidades linguísticas relativas aos dialectos dos outros grupos, por não ter encontrado analogias suficientemente esclarecedoras nos vocabulários que consultei. Noto, todavia, que o simples nome do dialecto

makassai, do 6.º grupo, parece acusar uma influência da Celebes, onde se fala o *makassar*. Os agrupamentos de que tratei são, porém, os mais importantes da colônia, devendo representar cerca de $\frac{2}{3}$ da população sujeita ao nosso domínio.

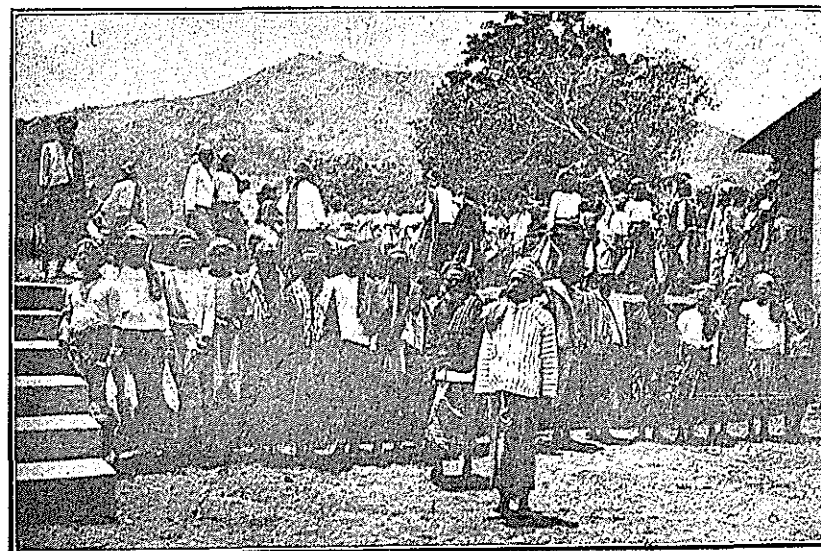
Vejam agora até que ponto a história e a tradição confirmam as indicações linguísticas.

Já me referi ao facto, recolhido pelo capitão King e aceite por Marsden, da frequência com que frotas saídas de Sumatra teriam fundeado nas costas de Timor e presumi que a tripulação dessas frotas fosse principalmente *batak* pela ausência de vestígios que nitidamente marcassem uma influência malaia. Isto não quer dizer, porém, que elementos malaios ali se não tivessem estabelecido, o que seria negar a tradição histórica; mas esses elementos seriam decerto tão pouco numerosos que a sua influência não chegou a vincar-se na língua e nos costumes, sujeitando-se certamente aos costumes e língua da população.

Já vimos também que Pigafetta encontrara na ilha, em 1521, juncos de Luçon, devendo acrescentar que, ao lado deles, fundeavam barcos de Malaca. Quando os missionários portugueses passaram de Solor a Timor em 1561, encontraram a ilha dividida em duas zonas de influência política, a que chamaram as províncias do Sorvião e dos Belos, obedecendo a primeira ao *leorai* (régulo) do Sonebait e a segunda ao do *Béhale*. Desconheço a origem e significado da palavra Sorvião, que define quasi rigorosamente o território ocupado pelos *Atoni-Timor*; a corrupção do termo é manifesta, e em Timor é vulgarissima. Mas



(Liquei) — Indigenas em trajes de guerra

(Fatumassi) — O régulo (*leorai*), chefes indigenas e povo de Fatumassi

a palavra *Belos*, abrangendo todo o território dos *Ema-Belu*, é altamente elucidativa: — em diversos dialectos de Timor, *belu* significa *amigo* ou *aliado*. Quer dizer: os *Ema-Belu* (gente amiga) têm-se-iam infiltrado na ilha não como conquistadores mas como protectores, ligando-se com as mulheres e efectuando, depois, a usurpação lenta do território.

Os primeiros teriam sido os indígenas do 2.º grupo, que falam o *tetung*, pois que algumas povoações da metade setentrional da ilha conservam ainda os nomes que elles lhes atribuíram, estando neste caso, por exemplo, *Fatu-massing*, que no dialecto local seria *Hatu-cia*, e *Baba-bôno* (ou *Babôno*), que se exprimiria em *tokodé* por *Baba-baku*. A invasão dos indígenas do 1.º grupo repeliu-os para a contra-costa, onde ocupam a faixa marítima e parte da vertente sul da cordilheira central da ilha.

A influência do régulo do *Behale* sobre uma grande parte dos *Ema-Belu* também historicamente se explica. Como registou Ch. Delavaud no seu artigo de *La Grande Encyclopédie*, sobre Timor, os primeiros emigrantes, originários de Ternate, penetraram pela costa meridional da ilha, tendo desembarcado em Waiwiko-Wailahi, dando origem a famílias principescas. Ora a indicação do porto mostra que foi no Behale que esse desembarque se efectuou. E o sultão de Ternate tão senhor se julgava da ilha que a legou em testamento á Companhia das Índias Neerlandezas, como o afirmou o delegado holandez Styen Parvé ao governador Julião Vieira em 1847. A notícia desta invasão foi comunicada aos missionários portugueses de Solor por indígenas de Timor, e Afonso de Castro dá-nos conhecimento do facto no seu livro *Possessões portuguezas na Oceânia*.

Não seriam, porém, só indígenas de Ternate os invasores porque a influência do sultão de Ternate estendia-se

até á Celebes e parte das Molucas, faltando indícios da língua de Ternate nos dialectos de Timor. Além desta invasão, sofreu Timor, — pouco depois da queda de Malaca em 1640, — o ataque duma frota do sultão de Tólo, tio do sultão de Macassar, que era constituída por 150 embarcações com cerca de 7.000 homens, a qual raziou as duas costas, levando escravos. Submeteram-se a este potentado os estados indígenas do Behale, Sonebaít, Manubang, Mena e Lifau, sendo de presumir que muitos dos *makassares* atacantes na ilha tenham ficado.

Diz-nos ainda Afonso de Castro que a ilha era frequentemente visitada por malaios, makassares, buginezes, balinêzes e outros insulares, e, num officio de Junho de 1816, o governador José Pinto de Alcoforado e Souza, fala na frequente introdução de géneros feita pelos *makassares* em todos os portos da ilha, sucedendo ainda que, em Maio de 1847, duas embarcações *bughis* ou *makassares*, tendo desembarcado a tripulação na praia de Sama (costa de Lautén), aí provocaram um conflito grave com as forças do governo, tendo a ajuda-las o povo de Sarau, que deu refúgio aos estrangeiros, auxiliando-os na fuga.

Além destes povos, que teriam visitado a ilha, e pouco a pouco se foram infiltrando nas populações, temos ainda os originários de *Larantuka*, que como guerreiros acompanharam os missionários portuguezes, e dos quaes existe ainda em Deli a companhia de moradores de *Sika*, que em 1769, se transportou de Lifau com o governador António José Teles de Menezes. São, decerto, *sikanezes* do litoral relativamente aos quaes o dr. H. ten Kate escreveu que: "*os caracteres das raças amarelas predominavam entre elles e que Macassares e outros elementos estrangeiros se teriam com elles misturado.*"

Demonstram, pois, a história e a tradição que as mais fortes influências estrangeiras teriam chegado a Timor do extremo leste das ilhas malasianas, por onde transitaram decerto os elementos sumatranos e javanezes que se destacam na mescla.

A influência que em Timor exerceram na região dos *Belu* as casas reinantes de certos estados indígenas, parece acusar a diversidade da sua procedência, e julgo conveniente referi-la aqui.

Pigafetta consigna que na região dos *Belu* havia quatro povoações principaes governadas por quatro irmãos, e chama-lhes — Oibich, Lichsana, Suai e Cabanaza. Ora estes nomes correspondem a trez estados da contra-costa — Wai-biko (Behale), Suai e Camanasse, e um da costa-norte — Likossá.

Mas as principaes influências eram as de Likossá, na metade setentrional, e do *Behale*, na metade meridional, constando elas do relatório do governador Barreto da Gama, com data de 15 de Dezembro de 1734, e do officio do governador Pinto Alcoforado, de 10 de Junho de 1817, e sendo certo que ainda hoje, nas guerras dos povos, as expressões *biru-Likossá* ou *biru-Behale* definem os partidos como o *S. Tiago* e *S. Jorge* de castelhanos e portuguezes.

E' agora tempo de terminar, e termino dizendo a razão porque supôngo predominar entre os povos de Timor um elemento somatológico *alfuru*, da mesma natureza dos que foram observados em Bornéo, na Celebes, em Gilolo, e nas Molucas.

Porque os *alfuros*, sendo em geral mais brancos que os próprios malaios, têm caracteres comuns aos *papuás*, o que torna fácil o equívoco quando mensurados ou simplesmente observados. Nas línguas de Timor aparecem termos que não são *bataks*, nem malaios, nem javanezes, nem de quaesquer outros insulares estabelecidos nas costas das terras malasianas, e os *alfuros* têm uma língua diferente daquelas. Os *alfuros* usam, além do arco e da frecha, o sabre, a lança, e o escudo, justamente como em Timor. Têm a mesma paixão pelos adôrnos, pulseiras de metal e colares, e o mesmo amôr pelas dansas. A sua cronologia é regulada pelos trabalhos agrícolas, e a hora do dia é-lhes indicada pela altura do sol, precisamente como entre os timorezes.

E quem observa a ilha, como eu a observei, percorrendo-a duma a outra costa, subindo diversas vezes ao cume das suas montanhas, não pode deixar de sentir-se impressionado pela frequência com que no interior se encontram indígenas mais claros, e de feições mais correctas do que no litoral, embora muitos de nariz aquilino e de cabelos frisados como os *papuás*, mas também como os *polinésios* e os *alfuros*.

Quanto ás populações de cabelos ruivos e de olhos garsos, que tanto impressionaram o dr. Henry Forbes, é possível que a explicação do mistério se encontre na tragédia passada a bordo do navio inglês *Bounty*, em 1791, que levou a Timor o tenente Bligh, seu comandante, com 17 marinheiros, seguindo a tripulação restante para Pitcairn, onde, com mulheres tahitianas, criaram a população loira daquela ilha. Os restantes indígenas de cabelos ruivos, com olhos negros, das regiões de leste, são decerto revivescências atávicas,

pois que alguns são filhos de pais e mães de cabelos negros. E entre os povos Kirapuno, da Nova Guiné, com os quais talvez tenham afinidade alguns povos de Vékéke, que trabalham a terra de forma idêntica, dão-se casos esporádicos análogos.

*

Partidário convicto do monogenismo, que na vertente norte do Himalaia põe a origem do homem, eu não posso acreditar nas migrações de leste para oeste, que dariam aos *Polinésios* um papel primacial na formação dos povos malasianos, como pretendeu demonstrar A. Lesson. A razoável quantidade de termos *polinésios* que aparecem nas línguas malasianas torna-se comum na língua *batak*, e é esta a fonte a que eu os atribuo.

Trabalho do Laboratório de Antropologia do Museu Bocage, da Faculdade de Ciências de Lisboa

SOBRE A CONFIGURAÇÃO DO MALAR

por A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA

Naturalista do Museu Bocage e Assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa

O malar é em regra descripto simplesmente como um osso de forma rectangular, em que se consideram duas faces, quatro bordos e quatro angulos. Ha, no entanto, variações tão características da sua configuração, que me parece existir vantagem em considerar mais minuciosamente a sua configuração em conjunto, e buscar maneira de o mais possível precisar a sua fôrma, ou melhor a configuração, pelo menos, da sua face externa.

Na figura 1 se apresentam três caveiras, orientadas por fôrma a vêr de frente o malar esquerdo, o qual em cada uma delas foi contornado com um traço de tinta preta. Ha nítidamente, sobretudo entre a primeira e a terceira, notáveis diferenças no aspecto do malar. Na primeira, o malar tem uma fôrma estrelada, e na terceira uma fôrma quadrática, se assim se pôde dizer.

Na primeira e na segunda as apófises angulares são bem acentuadas, longas, destacando-se bem dos vértices do malar (Vid. fig. 2, fotografia ampliada do malar direito do primeiro crâneo da fig. 1); a apófise temporal é longa e estreita e tanto num como noutro crâneo o malar parece trans-

versalmente estrangulado quasi a meio, como se existisse um istmo ligando duas partes distintas do osso, a superior em fôrma de crescente, em volta da órbita, e a inferior, como que em continuação da apófise zigomática do temporal.

No terceiro crâneo o malar é quasi um osso quadrado, como o faço notar no artigo: — *Sobre o eurygnathismo de alguns crâneos do Minho, da colecção Ferraz de Macedo* (1); as apófises são pouco acentuadas, particularmente a apófise temporal, que é curta e larga, confundindo-se quasi com o corpo do osso. O estrangulamento do malar é pouco nítido e se medirmos o diâmetro transversal do malar nessa altura e o compararmos com a distância que vai, sobre o bordo postero-inferior, desde o ponto mais anterior ao mais posterior deste bordo, isto é do ponto inferior da sutura maxilar ao inferior da sutura zigomática do malar, encontra-se neste crâneo uma diferença mais pequena (9,5 para o lado esquerdo e 9 para o direito) do que nos dois primeiros, em que o valôr dessa diferença é respectivamente 14 para o lado esquerdo, e 14,5 e 15 para o direito. Calculando estas diferenças nos malares dos dois crâneos do Cabeço da Arruda que existem no nosso laboratório (Vid. fig. 3 e 4), obtem-se valores ainda mais pequenos do que no terceiro crâneo da fig. 1 (8 e 6, no malar esquerdo). Os malares destes crâneos são do tipo que eu chamo malar em esquadria, por opposição aos malares em forma de estrêla.

Passando os olhos pelas colecções de crâneos prehistóricos portuguezes existentes no Museu da Comissão dos trabalhos geológicos, tem-se a impressão que é o tipo do malar em esquadria o mais frequente nessas colecções. Só nos crâneos de Cesarêda e de Cascais é que a forma me pareceu

(1) Artigo em via de publicação.

ser nitidamente do tipo do malar em estrêla. O malar em esquadria observa-se particularmente no crâneo tipo n.º 2 de Muges, no crâneo da Cova da Onça, etiquetado pelo Dr. Barros e Cunha com o n.º 2 (1915) e em outros crâneos da Moita de S. Sebastião e do Cabeço da Arruda. Simplesmente nalguns destes crâneos, o malar embora em esquadria, não é quasi tão alto como largo, mas parece mais largo do que alto.

Malares em esquadria se vêem por exemplo no crâneo *australóide*, que figura na minha nota *Pequena contribuição para uma craniografia de Angola*, e no crâneo de Combe Capelle (segundo gravura que vem no livro *L'Uomo*, de Sergi). Serão estes caracteres indicadores de um parentesco de origem que Mendes Corrêa defende, a proposito do homem de Muges, do nosso negroide, do seu *Homo afer taganus* (*Estudos de etnogenia portuguesa*, in Terra portuguesa, 1918)?

O estrangulamento do malar a que me referi e cuja medida indiquei para, em comparação com a do bordo postero-inferior, se julgar da forma do malar e caracterisá-la, dá-se em regra, logo acima de uma linha áspera, que geralmente se encontra quasi a meio da face externa do malar, quando se passa a mão ou a vista, da parte superior para a inferior ou vice-versa, e numa eminencia da qual se localisa o ponto malar. Esta linha áspera é a fronteira, se assim se pode dizer, que separa a região lisa da região tuberosa do malar, de que fala Serrano (Pag. 530 do vol. 1 do *Tratado de Osteologia*). Em regra dirige-se de baixo para cima e de diante para traz, aproximando-se muito da horizontal; e é muitas vezes em forma de arco com a concavidade voltada para cima. Começa em regra no tuberculo onde se localisa o ponto malar e enca-minha-se para o ponto jugal.

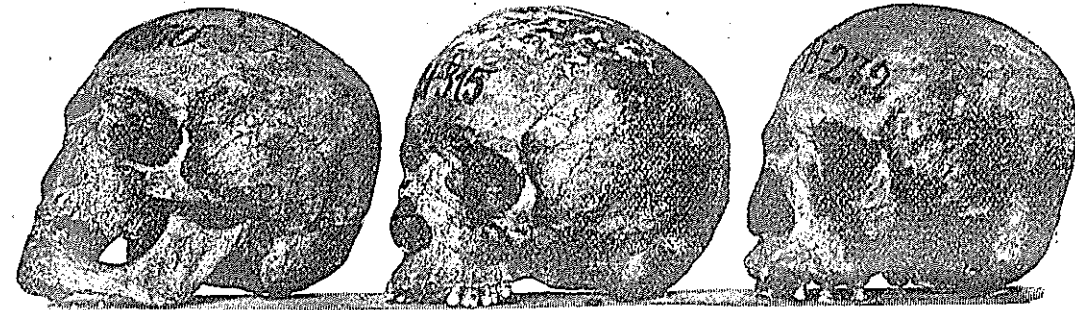


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

Na caveira n.º 234 da série masculina das caveiras do cemiterio occidental, da collecção Ferraz de Macedo, não ha linha áspera; a face externa do malar é quâsi toda lisa, mas, ainda assim, abaixo da região do estrangulamento do malar, se encontra uma linha de demarcação, mais perceptivel pela vista do que pelo tacto, como que indicando a linha de soldadura dos dois malares: o superior e o inferior.

A fig. 2, fotografia ampliada do malar direito do primeiro crâneo da fig. 1, é um documento interessante, porque serve não só para mostrar um tipo característico do malar estrelado ou ramoso, e em que bem se nota a diferença entre o diametro transversal minimo e o comprimento do bordo postero-inferior do malar, mas também para demonstrar a constituição do malar, a sua tripartição (aqui indicada por series de buracos vasculares), segundo o esquema da constituição theorica do osso (Vd. *Testut*, pag. 201).

Para terminar esta série de notas, a proposito da configuração deste osso, que, debaixo do ponto de vista anthropologico, me parece merecer mais atenção do que aquela que habitualmente se lhe liga, indicarei o facto de que em regra nos crâneos com malar em esquadria, a sutura temporo-malar é do tipo n.º 4, de *Le Double (Traité des variations des os du crâne de l'homme, pag. 314)*, enquanto que no craneo com malar em estrela, a sutura é em geral do tipo n.º 1. Neste tipo a linha inter-sutural malo-zigomatica, na expressão de *Le Double*, prolongada para diante, corta o diametro vertical da orbita na união do terço superior com os dois terços inferiores, ou o meio deste diametro ou o da arcada orbitaria, enquanto que no outro passa atraz desta.

O PROBLEMA EUGÉNICO SEGUNDO A MODERNA GENÉTICA (1)

POR

Prof. V. GIUFFRIDA-RUGGERI

Sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

O problema fundamental da genética é achar o modo de obter as modificações uteis, das quais derive um melhoramento persistente e progressivo da humanidade actual. Para resolver um tal problema ha primeiro que decidir se se deve actuar sobre o ambiente ou directamente sobre o organismo.

Certamente uma melhoria do ambiente social não é despida d'importância, mas ocorre apurar-se se ela possui toda aquela importância que lhe atraiu até agora a atenção exclusiva das tendências filantrópicas e humanitárias, segundo o aforismo "ogni scuola chi si apre è un carcere che si chiude." Tal promessa, porém, não recebeu de modo algum a confirmação dos factos. Em Itália a chamada "escola positiva," chamou as atenções para o proprio indivíduo: Lombroso especialmente teve o mérito de estudar certas categorias de degenerados, que demonstram claramente que o ambiente social se deve distinguir da natureza do organismo. O ambiente não é todo poderoso: entram em jogo os facto-

(1) Versão do manuscrito italiano feita no Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

res hereditários antisociais que são mais fortes do que o ambiente, explicando-se deste modo que de facto existam seres antisociais em qualquer ambiente.

Assim, é necessario actuar sobre o organismo. Aqui surge outra pergunta: se são os factores hereditários não desejaveis que cumpre eliminar, ou antes se se deve provocar a aparição e a persistência de novas mutações altamente desejaveis. Suponhamos que se póde impedir o matrimónio —ou torna-lo infecundo— entre os degenerados ou outros indivíduos prejudiciais; então utilizar-se-ia apenas o que ha de bom no património hereditário: o melhoramento d'aí resultante não é por certo desprezível. É como se num campo cultivado se fizesse a extirpação das plantas nocivas, e é este o conceito mais vulgarmente sustentado, como se póde vêr num livro recente do prof. Carlos Richet. (1)

Sirva este exemplo que se lê a pag. 55 desse livro: "No dia em que se quizer fazer desaparecer os tuberculosos, estes não mais deverão ficar nas cidades: serão isolados, ou mandados para ilhas como a Córsega, a Sardenha, a Irlanda, Creta, Ceilão, as Filipinas, bastante amplas para albergarem todos os tuberculosos das nossas cidades e dos nossos campos., Para outras ilhas serão mandados os sífilíticos e assim consecutivamente. Richet não diz se será preciso expulsar das ilhas os indígenas, mas é provavel que assim seja, com grave pezar para os antropólogos futuros, que, esperamo-lo, surgirão a defender ao menos os indígenas das ilhas Filipinas.

Esta ausência de character prático, que é paradoxal no exemplo citado, é um pouco o aspecto dessa tendência individualista de base seleccionista. Póde-se dizer que os fins justificam os meios, *salus publica suprema lex*; mas estes

(1) RICHET (CH.)—*La selection humaine*, Paris, 1918.

meios deixam de ser justificados se se podem atingir d'outro modo os mesmos fins. Não somos favoráveis a tal progresso quasi *manu militari*. Se bem que o prof. Richet diga querer transformar as casernas em escolas, todo o espírito das suas propostas é extremamente coercitivo, como facilmente se compreende.

Egualmente nos não convencem muito as suas conclusões de que "o progresso intelectual das gerações futuras depende dos progressos individuaes, múltiplos e diversos, que os progenitores tenham podido realizar e transmitir aos seus filhos., De facto Richet crê que é hereditário tudo o que é adquirido, a ponto que indica como uma condição de maior inteligência nos descendentes a sua procreação mais tardia e considera estatisticamente provado que os homens mais inteligentes *ceteris paribus* figuram menos entre os primogénitos. "O esforço intelectual pessoal — diz — que melhora o indivíduo, deve preceder, e não seguir, a procreação, para que os filhos aproveitem o melhoramento individual., Suponho que este conceito é tão fundado como as estatísticas mencionadas desfavoráveis aos primogénitos: de resto já em Itália Gini fizera um inquérito que não confirma os resultados desfavoráveis agora proclamados por Richet.

Se não se pôde praticar a depuração forçada, como desejaria Richet, porque chocaria com dificuldades insuperáveis (se agora nos aparecem taes, difficilmente no futuro seriam menores, antes provavelmente seriam maiores) não é entretanto para repelir uma fiscalisação official dos matrimónios, que forneça certas garantias sanitárias tidas por indispensáveis e que todavia se não adota ainda na maior parte das nações civís: isso diz respeito, mais do que a outro, ao capítulo da hygiene. A potencialidade da raça não

aumentará porém com tal fiscalisação — que será decerto adotada em breve — nem com o maior uso do encéfalo (como Richet igualmente pretende), pois tratando-se duma capacidade adquirida, esta perde-se com o próprio indivíduo sem transmissão de qualquer espécie. E' quasi geralmente aceite pelos biologists a lei de que uma variação só é transmissível quando é germinal, e que os factos puramente funcioaes não interessam o plasma germinativo.

Mas nós podemos actuar sobre o organismo de modo a atingir as suas células germinaes e a provocar no plasma destas células qualquer mudança; é portanto preferível esta alternativa á outra, á selecção violenta, que não pode ser patrocinada senão por poucos sequazes duma lógica a respeito da qual quasi se pode dizer *summum jus summa injuria*. Estes não mais lançarão as massas de encontro a uma tendência psicológica já agora arreigada na consciência colectiva, pelo menos na Europa.

As qualidades hereditárias, que se encontram no plasma germinal, chamam-se na genética moderna "factores,": provavelmente são moléculas altamente complexas, que residem em certos corpúsculos chamados "cromosomas,.". Uma transformação germinal da raça pode dar-se pelo facto de taes moléculas complexas agregarem qualquer outra molécula, o que muda inteiramente o seu carácter: esta eventualidade foi tomada em consideração pelos biologists. (1)

(1) BOURNE (G. C.) — *Some educational and moral aspects of zoology*, in *Animal Life and Human Progress*, ed. by A. Dendy. London, 1919, pág. 55.

Os factores, pois, são suscetíveis de mudança—já experimentalmente se obtiveram resultados positivos, em especial os de Tower—e Bourne crê que teoricamente nada ha de improvavel na doutrina de que o plasma germinativo possa ser influenciado por variações químicas e físicas do soma, isto é, do corpo. A intoxicação alcoólica dos progenitores foi estudada experimentalmente por Ceni nas galinhas com efeitos desastrosos nos descendentes. Mas uma influência sobre os factores deve ser qualquer coisa de muito mais delicado. Bourne não exclue de modo algum a aparição de novos factores, sem o que a grande variedade do mundo animal e vegetal se limitaria ás modificações possíveis e aos diversos agrupamentos dos factores já existentes.

Nada se sabe sobre o modo de obter tais modificações ou agrupamentos, bem como de obter mutações ambicionáveis; apenas se sabe que o cruzamento em larga escala é uma fonte copiosa de mutações. Mas ainda uma série de gerações da mesma espécie, quando se não tratê de tipos puros (os quais raramente se encontram desde que se não cuide de os procurar), fornece também “mutantes”. Designam-se assim os novos tipos cuja aparição é devida á combinação de factores previamente segregados em diferentes indivíduos da população (moscas, escaravelhos, etc), que se multiplica. Morgan e Tower, que fizeram experiências de multiplicação destes animaes, obtiveram frequentemente novos tipos, que foram reconhecidos como idênticos a variedades realmente existentes noutras partes do globo.

Acontece ainda que um indivíduo pôde ter no seu plasma germinativo factores “modificantes”, isto é factores tais que, encontrando-se com os factores apropriados doutro indivíduo, podem dar a estes últimos um efeito totalmente diverso, o qual se não daria na ausência dos “modificadores”.

Ainda muito importante é o vínculo entre certas aparências exteriores e os diversos hábitos mentais, de modo que se chega á conclusão de que um dado aspecto e um certo hábito mental são referíveis ao mesmo factor. (1) Este último ponto poderia fornecer uma base zoológica á antropologia criminal lombrosiana, e já disse que esta escola um pouco desacreditada viu todavia bem ao empreender uma análise de todo o organismo (não apenas do crânio, como fazia Gall) e se encontra no mesmo caminho dos modernos estudos da genética.

Tão sómente me parece que presentemente é preciso encarar o reverso da medalha—na verdade, a face mais bela desta—isto é, se queremos aumentar a potencialidade humana, não basta catalogarmos todas as deficiências psíquicas e os correspondentes aspectos físicos (2) para se verificar se uns e outros estão na dependência dos mesmos factores. É preferível vêr quais os aspectos exteriores que acompanham as qualidades mais uteis, como o domínio de si mesmo, o espírito de iniciativa, a capacidade para o trabalho. Cada família deveria construir a sua árvore genealógica bem explícita, na qual, percorrendo as diversas gerações, se poderia vêr se um dado aspecto físico e um certo hábito moral desaparecem e reaparecem juntos, o que quereria dizer que são referíveis a um mesmo factor.

Além de tais interdependências devem ainda ser consideradas as novas combinações que podem obter-se, chamadas “redistribuições dos factores”, : as possibilidades devem

(1) BOURNE (G. C.)—Op. cit., pag. 52.

(2) Cfr. GIUFFRIDA-RUGGERI — *Sulla dignità morfologica dei segni detti degenerativi*. Roma, Loescher, 1897. Nos últimos tempos Davenport e Pearson enriqueceram muito, com as suas investigações sobre a hereditariedade, este campo d'estudos.

ser notáveis se se considera o número enorme de factores que entram em jogo. Por exemplo na pequena mosca *Drosophila*, que foi estudada por Morgan, foram determinados mais de cem factores, por cada um dos quais um indivíduo duma espécie pode diferir dum outro. Esta multidão de factores encontra-se reunida num pequeno numero de cromosomas—quatro no caso da *Drosophila*—e para obter novas combinações é necessário alterar-se o agrupamento ordinário dos factores nos respectivos cromosomas, provocando trocas parciais de certos factores entre um cromosoma e outro, o que pode talvez obter-se actuando sobre os cromosomas com o magnetismo, a electricidade e outros meios⁽¹⁾: pelo menos é provavel que com tais meios se obtenham outros agrupamentos do património hereditário, o que equivale a dizer outras células germinais. Justifica-se Punnett, o qual tem firme confiança em que se poderá um dia fazer brotar uma onda de novas formas de seres vivos.⁽²⁾

Sem nos abandonarmos a esperanças excessivas em novas combinações, podemos entretanto admitir que o sistema barbaro da castração, propugnado pelos seleccionistas, e ainda defendido por Richet, para obviar á propagação dos degenerados ou anormaes, não é justificado, pois póde atingir-se o mesmo fim por outros meios, senão actualmente, pelo menos num próximo futuro. Expondo á acção do rádio as células espermáticas duma rã, Hertwig conseguiu conservar nelas—que tinham perdido toda a função de transmissão hereditária—o seu poder estimulante do desenvolvimento do ovo. Deste modo são omitidos tanto os caracteres

(1) PUNNETT (R. C.)—*The future of the science of breeding in Animal Life and Human Progress*, op. cit., pag. 172.

(2) *Ibid.*, pag. 183.

bons como os maus, do lado paterno: no caso do homem, um epiléptico poderia ter descendentes sem receio de que estes fossem também epilépticos.

Terminamos com as palavras de Punnett: “a nossa questão é compreender o nosso material, as suas fraquezas e forças peculiares, de modo que, na urdidura que nos foi prescrita, possamos entrançar o nosso tecido magnifico e resistente.”

Nápoles, R. Universidade, Instituto Antropológico.

Relatório dos trabalhos de 1919

ILUSTRES CONSÓCIOS:

No cumprimento dos art.^{os} 8.^o e 16.^o dos nossos Estatutos, vimos apresentar-vos um relatório dos trabalhos realizados no ano social findo. É o primeiro ano de vida da Sociedade Portuguesa d'Antropologia e Etnologia, e ele se nos afigura uma promessa d'auspicioso futuro para esta corporação scientifica.

Eleito na *assembleia inaugural de 26 de Dezembro de 1918*, o Conselho Director cujo mandato recebeis agora em vossas mãos, immediatamente cuidou d'estabelecer a sede social, obtendo entretanto da Direcção da Faculdade de Ciências do Pôrto a concessão das suas salas para a realização das sessões scientificas. Comunicou-se desde logo igualmente ás autoridades, nos termos da lei, a constituição da Sociedade, tendo a comunicação e um exemplar dos estatutos ficado arquivados na 2.^a Repartição do Governo Civil do Pôrto, em data de 11 de Abril de 1919.

Comunicada aos 32 sócios eleitos na assembleia inaugural a sua eleição, foram aprovados, no decurso do ano, nos termos dos Estatutos, mais 23 sócios efectivos, o que perfaz o número de 55 sócios, dos quais apenas 2 declinaram as eleições. É um número lisongeiro para uma sociedade consagrada, em Portugal, a um ramo scientifico especializado.

No intuito de promover a difusão desse ramo d'estudos no nosso paiz, numa das suas primeiras sessões, o Conselho Director resolveu apresentar á consideração das Faculdades de Medicina a conveniência da inclusão da Antropologia no quadro dos estudos médicos. A Faculdade de Medicina do Pôrto immediatamente respondeu mostrando as dificuldades práticas da inclusão dessa nova disciplina num quadro já muito sobrecarregado, mas inteligentemente expôz a sua concordância com a criação dum curso especial d'aperfeiçoamento, para os médicos, ou com a introdução da cadeira no F. Q. N. Qualquer dêstes alvitres poderia ser vantajosamente realizado. Oxalá os nossos votos a tal respeito se effectivem num prazo não muito distante, porque não se comprehende que o médico ignore, em muitos dos seus aspectos, a história natural do homem.

Enviou o Conselho Director cordeais saudações a varias colectividades scientificas, tendo recebido já respostas amistosias e promessas de boas relações ou de permuta de trabalhos, da Academia das Sciências de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, Escola d'Antropologia de Paris, Smithsonian Institution (Washington), Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland (Londres), Società Romana di Antropologia e Società Italiana di Antropologia e Etnologia (Florença). A Escola d'Antropologia de Paris convidou a Sociedade a colaborar na fundação dum Instituto Internacional d'Antropologia e nesse sentido se prohubiciou o Conselho Director, trocando comunicações a tal respeito com aquela Escola. Várias revistas scientificas se referiram á nossa Sociedade com palavras d'estímulo; entre elas, podemos mencionar a "Revue Anthropologique", a "Lusa", a "Terra Portuguesa", etc.

Tratou o Conselho Director de promover a realização de *sessões scientificas*, o que fez com exito. Na *primeira*, em 2 de Junho, o presidente, Prof. Luiz Viegas fez uma alocução inaugural sobre o objectivo e progressos da Antropologia, e o sr. major Leite de Magalhães, distinto colonial e etnógrafo, que tem prestado á Sociedade uma valiosa colaboração, fez uma importante conferência sobre os **Povos de Timor**, em que apresentou os notaveis resultados dos seus estudos de linguística e etnografia na parte portugüesa da ilha. A comunicação foi muito apreciada, discutindo-a com justo elogio o secretário da Sociedade.

Em 25 de Julho realizou-se uma *segunda sessão científica*, tambem com o melhor êxito. Nela fez uma extensa e valiosa comunicação

sobre a etnografia dos **Dembos**, d'Angola, o sr. capitão David Magno, que na região dos Dembos, especialmente em Caculo-Cahenda, fez a directa aquisição de importantes e numerosos materiaes d'estudo. A conferência suscitou uma animada discussão, em que tomaram parte os srs. major Leite de Magalhães, Prof. Luiz Viegas e o secretário, fazendo o ultimo a apresentação duma comunicação do missionário sr. padre Antonio de Miranda Magalhães, sobre os **Luangos dos Dembos**, á qual juntou os seus próprios resultados sobre alguns crânios do dembado de Zumbi-Aluquem, que lhe foram enviados pelo infatigavel investigador sr. padre Magalhães. A sessão finalisou com projecções luminosas de diapositivos obtidos de clichés do sr. major Magalhães relativos a costumes timorenses.

Não houve mais sessões scientificas, o que é atribuivel, em grande parte, ás circunstâncias anormais de parte do ano que finda. Na *sessão annual* a que este relatório será presente, em 22 de Janeiro de 1920, fará ainda uma comunicação, em cumprimento do § unico do artigo 8.º dos Estatutos, o secretário da Sociedade, o qual versará o têmea "**A paleontologia e a origem do homem**".

O Conselho Director iniciou as publicações da Sociedade com umas notas póstumias de Fonseca Cardoso, **Em terras do Moxico** (Apostamentos de etnografia angolense), antecedidas do retrato do malogrado antropólogo e de palavras de biografia e homenagem. Esse trabalho, illustrado com numerosas e magnificas estampas, algumas das quais amavelmente cedidas pelo sr. prof. Henrique de Vilhena, da Faculdade de Medicina de Lisboa, deverá ser seguido de outros, alguns dos quais estão já entregues á tipografia, como são "**Sobre a configuração do malar**", do sr. dr. A. Aurélio da Costa Ferreira, e "**Subsidios para o estudo etnológico de Timor**", do sr. major Leite de Magalhães. As dificuldades materiais e alto custo destas publicações não permitiram a sua mais rápida impressão.

Foram comunicadas as suas eleições aos sócios correspondentes aprovados nas sessões inaugural e scientificas, e que são os srs. prof. Artur Keith (Londres), dr. Ales Hrdlická (Washington), prof. Hernandez Pacheco (Madrid), prof. Telesforo d'Aranzadi (Barcelona), prof. Manuel Anton (Madrid), Yves Guyot, prof. Georges Hervé, prof. H. Breuil, prof. Marcellin Boule e prof. R. Verneau (Paris), prof. Giuffrida-Ruggeri (Napoles), dr. H. ten Kate (Suissa) e dr. Eugenius Frankowski (Madrid).

Resolveu ainda a direcção propor à assembleia que vai realizar-se, a eleição dos srs. prof. Sergio Sergi, da Universidade de Roma, para sócio correspondente, e dos srs. Cartailhac, o eminente autor das "Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal.", Salomon Reinach, o grande arqueólogo, e prof. Giuseppe Sergi, o ilustre antropólogo italiano, para sócios honorários. Está o Conselho Director plenamente convicto de que a sua proposta justíssima será aceite.

A biblioteca da Sociedade está incipiente, sendo de crêr o seu rápido desenvolvimento. Enviaram-lhe publicações a Escola de Antropologia de Paris, que ofereceu 8 anos da "Revue Anthropologique.", o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, que remetêu a colecção do seu importante "Archivo d'Anatomia e Anthropologia.", a Sociedade Romana de Antropologia, que começou a remeter a "Rivista di Antropologia.", e ainda ofereceram publicações originaes os srs. profs. Telesforo d'Aranzadi, Sergio Sergi, Giuffrida-Ruggeri, J. de Barandiaran, Enrique de Eguren, além de alguns sócios efectivos.

O estado financeiro da Sociedade é que não pode ainda considerar-se desafogado. A cobrança de fóra do Pôrto é difficil e as primeiras despezas, particularmente as tipográficas, tiveram de ser elevadas. Mas há boa vontade para melhorar essa situação, e dado o número já elevado de sócios contribuintes e dada a possibilidade de tirar algum lucro da vendâ das publicações feitas pela Sociedade, estamos em crer que depressa, sob o ponto de vista económico, o futuro desta colectividade apparecerá tão auspicioso, como o é já sob o ponto de vista da sua acção scientifica.

O Conselho Director tem a convicção de que se desempenhou o melhor que podia da delicada missão, que lhe foi incumbida, de iniciar os trabalhos da Sociedade. Ao encerrar a sua tarefa, formula os melhores votos pela prosperidade e completo êxito desta jôven instituição e agradece todas as colaborações que recebeu durante a sua gerência.

Porto, 31 de Dezembro de 1919.

O Secretário,

A. A. MENDES CORRÊA.

LISTA DOS MEMBROS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

PRESIDENTE DE HONRA

Prof. José Leite de Vasconcelos.

CONSELHO DIRECTOR (em 1920)

Presidente — Prof. Luis de Freitas Viegas.

Vice-presidente — Prof. Aarão Ferreira de Lacerda. (1)

Secretário — Prof. António Augusto Mendes Corrêa.

Tesoureiro — Dr. José da Rocha Ferreira.

Vogal — Dr. Armando de Almeida Prisco. (2)

SECÇÃO DE ETNOGRAFIA

Presidente — Dr. Vergilio Corrêa.

Vice-presidente — Dr. Cláudio Basto.

SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA PREISTÓRICA

Presidente — (3)

Vice-presidente — Dr. Joaquim Fontes.

(1) Este lugar foi exercido em 1919 pelo Prof. Bento Carqueja.

(2) Este lugar foi exercido em 1919 pelo Prof. Abel de Lima Salazar. Todos os outros, exceto o de vice-presidente, foram em 1919 desempenhados pelos mesmos sócios eleitos para êles em 1920.

(3) Vago por falecimento do Dr. José T. R. Fortes.

SÓCIOS HONORÁRIOS

- 1 — Émile Cartailhac, Professor da Universidade de Tolosa, correspondente do Instituto de França — 22 de Janeiro de 1920.
- 2 — Giuseppe Sergi, Professor da Universidade de Roma — 22 de Janeiro de 1920.
- 3 — Salomon Reinach, Membro do Instituto de França — 22 de Janeiro de 1920.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

- 1 — Dr. Ales Hrdlicka, Conservador da Secção Antropológica do Museu Nacional dos Estados Unidos, Washington — 26 de Dezembro de 1918.
- 2 — Prof. Arthur Keith, Professor do Real Colégio dos Cirurgiões, Londres — 26 de Dezembro de 1918.
- 3 — Prof. Eduardo Hernandez Pacheco, Professor da Universidade de Madrid — 26 de Dezembro de 1918.
- 4 — Dr. Eugenius Frankowski, Assistente da Universidade de Cracovia — 2 de Junho de 1919.
- 5 — Prof. Georges Hervé, Professor da Escola de Antropologia de Paris — 2 de Junho de 1919.
- 6 — Prof. Henri Breuil, Professor do Instituto de Paleontologia Humana, Paris — 26 de Dezembro de 1918.
- 7 — Dr. H. ten Kate, Glion (cantão de Vaud, Suíça) — 2 de Junho de 1919.
- 8 — Prof. Manuel Anton y Ferrandiz, Professor da Universidade de Madrid, Director do Museu Antropológico Nacional, Madrid — 2 de Junho de 1919.
- 9 — Prof. Marcellin Boule, Professor do Museu de História Natural, Paris — 26 de Dezembro de 1918.
- 10 — Prof. René Verneau, Professor do Museu de História Natural, Paris — 26 de Dezembro de 1918.
- 11 — Prof. Sergio Sergi, Professor da Universidade de Roma — 22 de Janeiro de 1920.

- 12 — Prof. Telesforo d'Aranzadi, Professor da Universidade de Barcelona — 26 de Dezembro de 1918.
- 13 — Prof. Vincenzo Giuffrida-Ruggeri, Professor da Universidade de Napoles — 26 de Dezembro de 1918.
- 14 — Yves Guyot, Director da Escola de Antropologia de Paris — 2 de Junho de 1919.

SÓCIOS EFECTIVOS

- 1 — Prof. Aarão Ferreira de Lacerda, Pôrto.
- 2 — Prof. Abel de Lima Salazar, Pôrto.
- 3 — Dr. Alberto Brochado, Pôrto.
- 4 — Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde, Pôrto.
- 5 — Prof. António Augusto Mendes Corrêa, Pôrto.
- 6 — Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Lisboa.
- 7 — Dr. António Corrêa da Costa e Almeida, Ermezinde.
- 8 — Prof. António da Costa Portela, Pôrto.
- 9 — P.^o António de Miranda Magalhães, Loanda (Angola).
- 10 — P.^o António de Oliveira, Lisboa.
- 11 — Dr. António Ferreira Loureiro, Pôrto.
- 12 — Major António Leite de Magalhães, Pangim (Índia Portuguesa).
- 13 — Dr. António Mesquita de Figueiredo, Lisboa.
- 14 — Dr. António Simões Pina, Pôrto.
- 15 — Dr. Armando de Almeida Prisco, Pôrto.
- 16 — Dr. Augusto de Carvalho e Almeida, Pôrto.
- 17 — Prof. Augusto J. Alves dos Santos, Coimbra.
- 18 — Prof. Baltazar Ozorio, Lisboa.
- 19 — Prof. Bento Carqueja, Pôrto.
- 20 — Dr. Carlos de Passos, Pôrto.
- 21 — P.^o Claudino Nazaré Brites, Lubango (Angola).
- 22 — Dr. Cláudio Basto, Viana do Castelo.
- 23 — Capitão David Magno, Pôrto.
- 24 — Eduardo de Sousa Soares, Pôrto.
- 25 — Prof. Eusébio Tamagnini, Coimbra.
- 26 — Dr. Filinto Elisio Vieira da Costa, Guimarães.
- 27 — Dr. Francisco dos Santos Pereira Vasconcelos, Pôrto.

- 28 -- Dr. Francisco Nunes Guimarães Coimbra, Pôrto.
- 29 -- Capitão Francisco M. de Oliveira Santos, Lunda (Angola).
- 30 -- Prof. Hernani Bastos Monteiro, Pôrto.
- 31 -- Dr. Jaime Alberto de Castro Morais, Pangim (Índia Portuguesa).
- 32 -- Prof. J. Bettencourt Ferreira, Lisboa.
- 33 -- João Diogo, Pôrto.
- 34 -- João Grave, Pôrto.
- 35 -- Prof. Joaquim Alberto Pires de Lima, Pôrto.
- 36 -- Dr. Joaquim Costa, Pôrto.
- 37 -- Dr. Joaquim Fontes, Lisboa.
- 38 -- Dr. José Álvares de Sousa Soares, Pôrto.
- 39 -- Dr. José da Rocha Ferreira, Pôrto.
- 40 -- Dr. José de Sousa Machado Fontes, Pôrto.
- 41 -- Prof. José Leite de Vasconcelos, Lisboa.
- 42 -- Dr. José Maria de Oliveira, Pôrto.
- 43 -- Dr. José Marques de Anciães Proença, Pôrto.
- 44 -- Prof. José Teixeira Rego, Pôrto.
- 45 -- Dr. Luís Bastos Viegas, Pôrto.
- 46 -- Prof. Luís de Freitas Viegas, Pôrto.
- 47 -- Dr. Manuel Alves da Cunha, Loanda, (Angola).
- 48 -- Dr. Manuel Barbosa Soeiro, Lisboa.
- 49 -- Dr. Manuel Valadares, Lisboa.
- 50 -- Mario de Morais Afonso, Pôrto.
- 51 -- Dr. Mário de Vasconcelos e Sá, Pôrto.
- 52 -- D. Sebastião Pessanha, Lisboa.
- 53 -- Dr. Tomaz Lobo, Leça de Palmeira.
- 54 -- Dr. Vergílio Corrêa, Lisboa.
- 55 -- Visconde de Guilhomil, Pôrto.

(Vol. I, fasc. 3)

N.B. faltam 16 pags d'ahi fac. 14.

FISTULA AURIS CONGENITA (1)

POR

JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA

Encarregado de curso na Faculdade de Medicina do Porto

I

Parte descritiva

A literatura médica é de uma grande pobreza de informes acerca destas anomalias de evolução embrionária, aliás frequentes e típicas pela forma e pela localização perfeitamente idênticas em todos os casos observados. Tão típico e, como veremos, tão incontrastavel o cliché sintético destas anomalias, que não hesito em levantar no cabeçalho destas notas, em vez do título maleável que primitivamente lhes dei de *Fistulas auriculares congénitas*, a epígrafe compreensiva e monovolente de *A fistula auricular congénita*. Os anatomistas Sappey, Beaunis, Poirier, Testut, Gegenbauer, que fazem referência a outras fistulas e anomalias congêneres (fistulas branquiais, lábio leporino, coloboma, etc.) não se referem a esta, a qual é entretanto muito mais frequente que qualquer daquelas. Apenas, como veremos, alguns embriologistas lhe fazem referências e nem todos anotam o seu alto coêficiente de transmissibilidade hereditária, nem a sua eventual importância clínica.

(1) Sessão científica de 11 de Junho de 1920.

Esta pequena fístula apresenta um trajecto rectilíneo de direcção sensivelmente vertical, medindo entre 5 e 20 milímetros de comprimento e abre na sua extremidade superior por um orifício de 1 a 2^{mm} de diâmetro, de forma em geral ovalar, um pouco acima da origem da parte ascendente da hélice (*helix ascendens*), 1 ou 2^{mm} atrás do ponto em que a polpa do dedo sente a saliência da apófise da mesma cartilagem (*spina helix, scutulum*). Este orifício abre por vezes no vértice de uma pequena elevação mamilar.

A importância desta pequena anomalia não se limita aos pontos de vista teratológico, ou antropológico, ou mesmo médico-legal (como elemento de identificação, por exemplo). Ela reveste por vezes certa importância clínica. Colhemos algumas observações (III e VIII) em que foi aconselhada a intervenção activa, no presuposto de se tratar de uma afecção cirúrgica, cárie do rochedo, ou retenção de bolsa quística. Resultado natural da carência de notícias sobre tal assunto nos trabalhos de vulgarização e nos livros didacticos.

Os casos de inflamação aguda com retenção de produtos septicos, indicando a intervenção cirurgica, são excepcionais (obs. III e VIII).

Ao snr. professor da Faculdade, Joaquim Pires de Lima, cujos estudos no ramo da teratologia têm sido justamente apreciados nos meios scientificos nacionais e estrangeiros, devo a amabilidade captivante de interessantes ensinamentos scientificos e um índice bibliográfico sobre o assunto. Sua ex.^a acompanhou, com interesse de especialista nestas raridades, o relato que lhe eu fiz das minhas primeiras observações, e teve ocasião de verificar e anotar algumas delas. Devo-lhe, e isso me penhora, uma grande parte deste trabalho.

A minha primeira observação data de alguns anos. Colhi-a em um dos concelhos do norte do paiz. A segunda foi obtida em uma povoação do Alemtejo, anos depois da primeira. Não sei que sumiço levou o apontamento destes dois casos. Vou descrevel-os de cór e sómente nos seus traços essenciaes, o que me é relativamente fácil, pois que esses dois casos se completaram um ao outro e me deram, no seu conjunto, a convicção (que não obtive na simples primeira observação) de se tratar, não de uma afecção cirúrgica, mas pura e simplesmente de uma fístula congénita que pela pequenez se furta ao estudo dos médicos e apenas tem sido objecto da atenção dos embriologistas e teratologistas mais meticolosos.

Obs. I—Mulher de 45 a 50 anos, regularmente constituida. Tara nervosa notável, que eu relacionei, talvez sem motivos demasiadamente ponderosos, com um fundo de degenerescência hereditária. Havia uma ideia dominante, de natureza genital, com tendência obsessiva, acompanhada de alucinações.

A sua fístula, que constituiu simples *trouaille* clínica de ocasião, abria por um orifício de cerca de 1^{mm} de diâmetro á altura da raiz da hélice de uma das orelhas, junto do vértice do ângulo formado pelos ramos transversal e ascendente dessa cartilagem.

Ela tinha supurado (?) quando a doente era creança, mas ha muitos anos que estava completamente seca. A sua profundidade seria de 3 ou 4^{mm} e dirigia-se para baixo e para dentro.

Pensei numa possível cárie do rochedo desde a idade infantil e fui, passadas horas, consultar os meus livros de anatomia e patologia clínica, que se calaram completamente sobre o assunto.

Esta observação não teve nem tem ainda para mim senão o valor de um resíduo mnemónico, que me solicitou vivazmente a atenção para os casos ulteriores, quando estes me apareceram.

Obs. II—M. 8 a 10 anos. Pareceu-me regularmente constituída. Talvez um pouco de linfatismo. A côr era bastante pálida e o cabelo alourado e fino. Havia duas fistulas, uma em cada orelha, junto do ângulo transverso-ascendente da hélice, exactissimamente no ponto em que alguns años antes me appareceu a fistula de Coura (obs. I). A creança do Torrão nascera com elas e creio que não supuraram nunca.

Desta vez já não era possível a confusão. Tratava-se evidentemente de uma anomalia de evolução embrionária. Procurei o apontamento do caso de Coura e acrescentei-lhe algumas notas sobre este novo caso, com dados que julguei interessantes ácerca da constituição, familia, heranças mórbidas, etc. Este apontamento desapareceu, como já disse, dos meus papeis.

Ele, hoje, a bem dizer, tambem pouca falta me faz. Estou certo de que, se quizer tres ou quatro novas fistulas auriculares, as encontro no praso de poucos dias. A questão é procural-as.

Ainda não ha muito, acabava eu de comunicar ao snr. professor Pires de Lima a minha III.^a observação—uma das mais curiosas e completas que possuo—e deparo, no corredor da Escola, com um par de fistulas auriculares, precisamente localizadas junto da raiz da hélice, de que era portador um colega que amávelmente deixou fotografar as suas orelhas (obs. IV) e forneceu os dados necessários ao esclarecimento do seu caso. O sr. dr. Francisco Coimbra, que assistira a este encontro, trouxe-me no dia seguinte a notícia de um novo caso (obs. V). Por sua vez, o colega da obs. IV, daí a dois dias, forneceu-me uma família completa de fistulas (obs. VI).

Obs. III—D. A. 29 anos, natural dos Açores, oriunda de uma família fidalga em que abundaram os casamentos consanguíneos. Casada pela segunda vez. Cabelo castanho-escuro. Constituição regular. Diz ter nascido cega, mas o óleo de bacalhau

curou-a. Apresenta perturbações nervosas, algumas de caracter histérico. O aparelho de sudação só funciona na metade direita da face. Esta senhora tem a particularidade de lhe arrefecer a espaços a ponta da lingua quando se encontra no estado de gravidez.

Apresenta duas fistulas auriculares, supurando a da direita. Ao deante descreveremos os caracteres macroscópicos e microscópicos desta supuração, ou melhor desta pseudo-supuração, para cujo tratamento foi aconselhada a intervenção cirúrgica por um cirurgião de Lisboa.

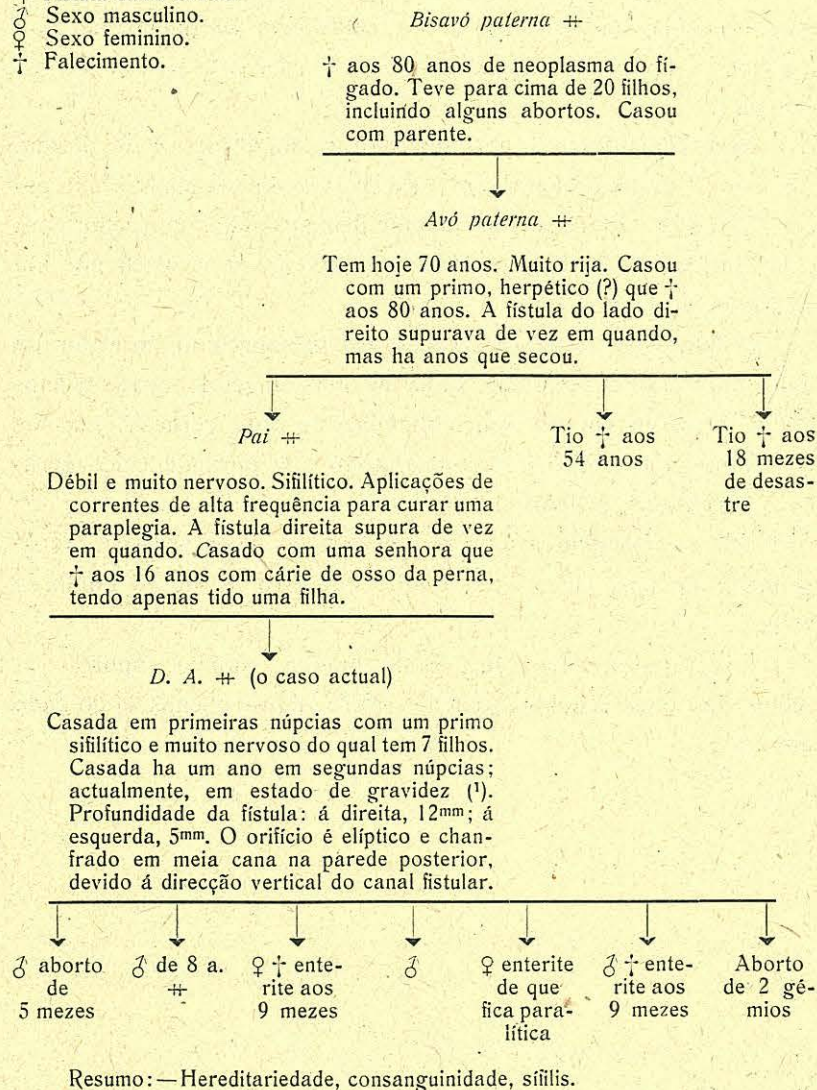
O interesse desta observação reside sobretudo no valor da linha ancestral das fistulas, linha de filias singelas porque a anomalia só surge em um único membro de cada geração, mas de uma notável extensão hereditária, visto que abrange cinco gerações sucessivas, no período mínimo de um século.

Damos a seguir o quadro genealógico desta senhora, aproveitando apenas, claro está, o que interessa ao nosso ponto de vista.

É curioso tambem que, nesta família, quando supurou alguma das duas fistulas existentes, foi sempre apenas a do lado direito.

Legenda explicativa:

- * Fistula das duas orelhas.
 † Fistula duma orelha.
 ♂ Sexo masculino.
 ♀ Sexo feminino.
 † Falecimento.



(1) Á hora da impressão destas notas, D. A. tem mais uma criança ♀ de 10 mezes, sem fistula auricular, ou qualquer outra anomalia visível.

Finalmente, como dados antropométricos, foram apontadas as medidas seguintes:

Estatura — 1^m,52

Orelha D { largura 37mm.
comprimento 65mm

Orelha E { largura 37mm.
comprimento 65mm

Índice auricular de Topinard = $\frac{\text{larg.} \times 100}{\text{compr.}}$ = 56,9

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{estatura}}$ = 4,27 (1)

O eixo maior da orelha é levemente inclinado sobre a vertical (12-13°).

Obs. IV—B. médico, 26 anbs. Na família: auzência de consanguinidade, sífilis, tuberculose, ou afecções mentais; auzência de anomalias familiares. Orelhas normais, excepto as duas fistulas congénitas. Hipertricosose dos tragos, anti-tragos e lóbulos. Duas fistulas idênticas ás descritas nas observações anteriores.

A do lado direito supura de quando em quando.

Estatura — 1^m,66

Orelha D { largura 33mm.
comprimento 60mm

Orelha E { largura 33mm.
comprimento 60mm

Eixo maior levemente inclinado (12-13°) sobre a vertical

Índice auricular = 55,0

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{estatura}}$ = 3,61

(1) Esta relação é considerada, por alguns antropologistas, muito importante no ponto de vista etnológico.

Obs. V—P. M., 28 annos. Robusto. Natural da Beira-Alta. Duas fístulas auriculares congénitas, supurando sempre, sobretudo no verão. Cabelo e barba castanho-claro, iris verde. Nascido com sete mezes de gestação. Não ha na família outros casos de fístulas congénitas, ou qualquer outra anomalia visível. Ausência de consanguinidade na família, bem como de casos de alcoolismo, surdez ou sífilis.

As suas orelhas apresentam depressões fundas entre a helix e o lóbulo.

Estatura — 1^m,74

Orelha D $\left\{ \begin{array}{l} \text{largura } 35\text{mm} \\ \text{comprimento } 70\text{mm} \end{array} \right.$

Orelha E $\left\{ \begin{array}{l} \text{largura } 35\text{mm} \\ \text{comprimento } 70\text{mm} \end{array} \right.$

Índice auricular = 50,0

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{estatura}} = 4,02$

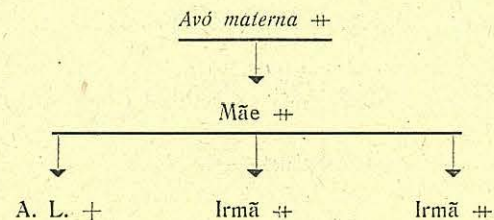
Obs. VI—A. L., 36 annos, solteiro, enfermeiro, natural de Vizeu. Homem forte, bem constituido. É portador de uma fístula auricular esquerda, congénita, da profundidade de 6^{mm}, que nunca supurou. Abobada palatina um pouco ogival. A orelha é anómala: a raiz da hélice prolonga-se transversalmente até se unir á antélice, em vez de se dirigir para traz e para baixo, esbatendo-se a pouco e pouco até morrer junto da origem do lóbulo. A raiz transversal e saliente desta hélice divide a concha do pavilhão em duas cavidades distintas e muito superficiais. Além disso as duas orelhas são ligeiramente assimétricas e tem os lóbulos semi-aderentes. Não ha casos de surdez, sífilis, alcoolismo ou linfatismo na família; também não ha casos de consanguinidade. Mas a avó materna tinha duas fístulas auriculares congénitas. A mãe, que

era filha única, apresenta igualmente duas fístulas; e duas irmãs de A. L. são ambas portadoras de seu par de fístulas, as quais, como succede com a de A. L., nunca supuraram.

O quadro genealógico de A. L., sem ter a extensão do quadro da obs. III é todavia como ele muito interessante, pela intervenção teimosa do factor hereditário; e tem mesmo um grau mais elevado de intensidade no potencial hereditário, visto abranger todos os membros de uma geração, enquanto na obs. III só era atingido um membro único em cada geração.

A julgar pela idade actual de A. L., a fístulasinha deve andar nas guelras embrionárias desta família ha bons setenta, ou oitenta annos, pelo menos.

Eis o quadro:



Dados antropométricos de A. L.:

Estatura — 1^m,65

Orelha D $\left\{ \begin{array}{l} \text{largura } 40\text{mm} \\ \text{comprimento } 72\text{mm} \end{array} \right.$

Orelha E $\left\{ \begin{array}{l} \text{largura } 40\text{mm} \\ \text{comprimento } 71\text{mm} \end{array} \right.$

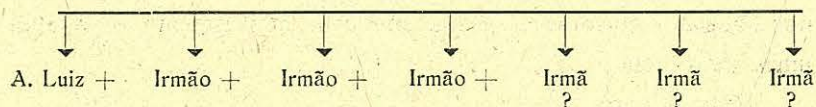
Índice auricular $\left\{ \begin{array}{l} \text{á direita } 55,5 \\ \text{á esquerda } 56,3 \end{array} \right.$

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{Estatura}} = 4,34$ (média)

Obs. VII—A. Luiz, 20 anos, solteiro. Uma fistula auricular congénita, da profundidade de 5^{mm}, á esquerda, que purga de quando em quando.

Quanto á familia, ignora se pai ou mãe são portadores de fistulas semelhantes. Mas os seus tres irmãos teem cada um uma fistula na orelha. A. Luiz tem tambem tres irmãs, mas não sabe dizer se alguma delas apresenta esta anomalia.

Esta obs. dá, pelo menos, quatro individuos atingidos na mesma geração:



Dados antropológicos e antropométricos de A. Luiz:

Dentes mal implantados, abobada palatina ogival

Estatura — 1^m,63

Orelha D { largura 35^{mm}
comprimento 65^{mm}

Orelha E { largura 35^{mm}
comprimento 62^{mm}

Índice auricular = 53,8

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{estatura}} = 3,98$

Obs. VIII—D. M. N. C., solteira, 30 anos, ílhavo. Sofre de crises de asfixia simétrica das extremidades, sobretudo dos dedos das mãos (doença de Raynaud?).

É portadora de uma fistula da orelha esquerda. Ao orifício segue-se um canalículo de quasi 2 centímetros de comprimento

no sentido vertical. Esta fistula supura desde que M. N. C. nasceu e esta supuração, *muito branca*, tem mau cheiro.

Aos 10 anos o orifício por qualquer circumstancia fechou e por baixo começou desde logo a formar-se uma colecção de pus. Era espremido amiudadas vezes, mas em poucos minutos voltava a encher. Passou-se isto na América do Norte. O pai de D. M. N. levou-a a um médico especialista o qual aconselhou uma operação que afinal não chegou a fazer-se.

D. M. N. refere que um dia a mãe tanto espremeu a colecção purulenta que por ultimo foi expellido um grãosinho esbranquiçado. Desde então a fistula tem supurado uma vez por outra, mas o sacco nunca mais encheu.

Ninguem mais na familia apresenta esta anomalia.

Mas ha um macrocéfalo (primo em 2.^o grau) com 20 anos e não anda, apenas se arrasta. E ha um outro (egualmente primo em 2.^o grau) com 10 anos e a estatura de uma creança de 7, egualmente macrocéfalo.

Estatura — 1^m,68

Orelha E { largura 0,038
comprimento 0,060

Índice auricular = 63,3

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{estatura}} = 3,68$

Obs. IX—A. F., 31 anos, militar, natural de Miranda do Douro. Duas fistulas, que putgaram nos primeiros anos, estando de ha muito completamente secas. A sua direcção é vertical e a profundidade de 4^{mm}. O orifício é de forma ovalar de grande eixo vertical.

Nem mãe, nem pai, nem irmãos tiveram fistulas semelhantes. Foi portanto A. F. o primeiro da série, ao que parece. Dos seus

tres filhos a filha mais velha apresenta como ele um par de fístulas idênticas.

Dados antropológicos:

Altura — 1^m,63

Orelha D $\left\{ \begin{array}{l} \text{largura } 0,036 \\ \text{comprimento } 0,062 \end{array} \right.$

Orelha E $\left\{ \begin{array}{l} \text{largura } 0,036 \\ \text{comprimento } 0,067 \end{array} \right.$

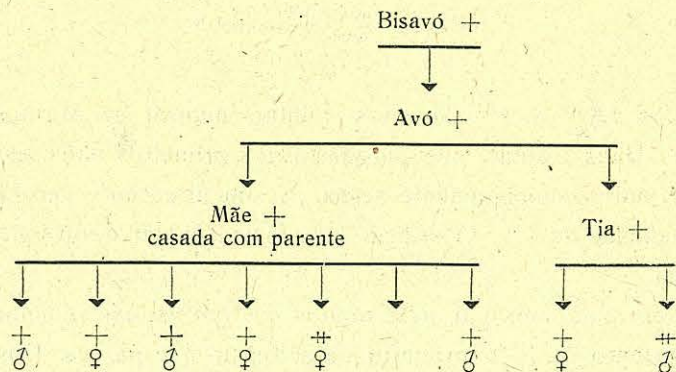
Vê-se que ha assimetria sensível das duas orelhas.

Leve obliquidade do grande eixo, lobulos aderentes, hipertricosose do tragus.

Índice auricular $\left\{ \begin{array}{l} \text{á direita } 58 \\ \text{á esquerda } 53,7 \end{array} \right\}$ média = 55,9

Relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{Estatura}}$ média = 3,96

Obs. X—Existe em Ílhavo uma família que apresenta o quadro mais recheado de que temos notícia em anomalias desta espécie. Um verdadeiro alfobre de fístulas auriculares.



A mãe teve 11 filhos; desses 11 filhos, 7 estão vivos, e 6 destes tem fístulas. Um deles, uma menina de 12 annos, tem duas fístulas.

Dose membros desta família tem fístula auricular! Quasi todas as fístulas são do lado esquerdo, excepto um menino de 4 annos, e a menina de 12 já referida, que tem duas fístulas.

Obs. XI ⁽¹⁾—J., sexo feminino, 11 mezes, esboço de fístula congénita junto do bordo da hélice da orelha esquerda, no ponto preciso das outras fístulas observadas. Não consta que haja mais casos na família. Uma irmã mais velha, que hoje conta 4 annos, nasceu com persistência extra-abdominal dum sêgmento do canal ônfalo-mesentérico (vêr J. A. PIRES DE LIMA—*Sobre alguns casos de diverticulo de Meckel*—Medicina Contemporânea, 1919). Nada mais de anormal na família.

J. é uma creança bem conformada e tem tido uma evolução perfeitamente normal.

*

* — *

Os caracteres da purgação fistular foram estudados sobretudo em D. A. (obs. III) e em D. M. N. (obs. VIII).

D. A. sabe que o canal da sua fístula do lado direito, depois de evacuado por compressão digital, de novo se enche lentamente de uma massa semi-fluida que D. A. volta a esvasiar passadas algumas semanas.

⁽¹⁾ Obs. do prof. J. Pires de Lima.

Se D. A. se esquece de fazer a limpeza periódica da sua fístula, esta nem por isso a incomoda grandemente, mesmo que decorram alguns mezes. A massa semi-fluida vai enchendo a cavidade fistular e reponta ao orifício da helix, onde seca em parte e escurece ao contacto e por acção das poeiras do ar, exactamente como succede á secreção das glândulas sebáceas. D. A. nestas condições experimenta quando muito uma sensação de repleção, que a adverte da necessidade de fazer a conveniente descarga da sua fistula auricular.

Aquela massa semi-fluida apresenta-se de uma brancura lactea e tem um cheiro penetrante perfeitamente análogo ao cheiro característico das supurações auriculares. As lâminas em que depuz pequenissimas porções dessa massa para as minhas observações microscópicas guardaram durante muitos dias aquele aroma, que até de longe se fazia sentir.

A composição histológica dessa massa é simples e denuncia a sua origem pura e exclusivamente epidérmica. O aspecto lameloso da parte mais superficial da camada córnea da epiderme aparece nas preparações coradas pela hemateína ou pelo carmim, embora em amálgama confusa de pedaços esfolhados e aos farrapos, de mistura com corpúsculos esféricos. A acção da potassa caustica, entumece e torna globulosos êsses detritos macerados de lâminas epidérmicas. *Auzência completa de elementos figurados denunciadores de processo inflamatório.* Aquele pseudo-pus é formado por detritos da epiderme invaginada na fistula, cujas camadas vão sofrendo, da profundidade da camada germinativa malpighiana para a superfície, a sua evolução normal e contínua. Sómente, em vez de descamarem e caírem no exterior, os detritos do *stratum disjunctum* da camada córnea cáem e acamam-se no canal fistular, onde ficam macerando na humidade da evaporação cutânea e acabam por se transformar nessa massa fluida de aspecto purulento, que tem sido ás vezes tomada por verdadeiro pís.

A verdadeira supuração (obs. VIII) é um fenómeno secundário devido á invasão do canal pelos micróbios banais das supurações que como o estafilococo pululam constantemente á superfície da pele.

É um acidente exactamente análogo ao observado por vezes no porco, o qual foi anotado por Louis Blanc⁽¹⁾ e referido pelo snr. professor Pires de Lima nos *Anais scientificos da Faculdade de Medicina do Porto* (v. II, n.º 3, 1915). Acidente análogo em uma formação teratológica analogamente congénita. O porco apresenta por vezes aos lados do pescoço um fino canaliculo que representa um vestígio de persistencia da segunda fenda branquial. Essa fistula, conhecida em França pelo nome de *canal du soyon*, pode inflamar-se e dar origem á doença ali conhecida pela designação de *soyon, ou soie*.

A fistula da obs. VIII sofreu um prolongado e intenso processo inflamatório de que resultou, ao que parece, a expulsão do pequeno gânglio pré-trágico, deslocado e sequestrado por um processo de peri-adenite. A situação anatómica normal desse gânglio é efectivamente muito próxima da vertical do orifício da fistula auricular. Quando o trajecto fistuloso é longo (1 a 2 centímetros) o gânglio não pode deixar de estar encostado á parede do canal, podendo receber assim por visinhança as infecções desse canal.

*

Ás observações precedentes ha que acrescentar uma nova série de observações colhidas no posto antropométrico da Relação do Porto. Ela resulta da observação e mensuração minuciosa de 21 orelhas, separadas de uma colecção de 5:486 fotografias de

(1) LOUIS BLANC « Les pendeloques et le canal du Soyon », *Journal de l'Anatomie et de la Physiologie*, 1897.

criminosos e arguidos, que deram entrada nas cadeias daquela Relação desde 1902 até 1907. Constituí uma série de observações de fístula auricular cujo valor estatístico e de relação patológica é apreciável, embora deixe muito a desejar quanto ao rigor e perfeição dos exames individuais.

Aqui deixo exarado o meu reconhecimento ao snr. professor Luiz de Freitas Viegas, ilustre director do posto antropométrico, pela bondade com que poz á minha disposição os boletins de registo antropológico existentes nos arquivos daquele posto.

As observações colhidas referem-se apenas a fistulas da orelha direita, única orelha fotografada e medida, cujo registo consta dos referidos boletins; e não foram aproveitadas as observações que por falta de nitidez ou por qualquer outro motivo atendível não oferecessem as máximas garantias de certeza. Portanto, o numero das fistulas que apuramos é, sem dúvida, inferior ao seu numero rial.

O processo empregado para as mensurações da orelha fotografada foi o seguinte: O boletim judiciário regista apenas o comprimento da orelha. Mas estabelecida a relação geométrica entre o comprimento registado e o da imagem fotográfica, foi-me fácil obter, por uma simples proporção, um valor muito aproximado da largura rial da orelha, em relação geométrica com a largura fotográfica. Este processo foi contraprovado por algumas mensurações em fotografias de orelhas cujas dimensões eram rigorosamente conhecidas.

Quanto á largura, ela foi tomada numa linha perpendicular ao eixo maior da orelha, passando pelo vértice do tuberculo superior do trago, e compreendendo a distancia entre a tangente do bordo livre da hélice e o sulco vertical da depressão prè-trágica.

Vão resumidos nos tres quadros que se seguem os dados antropométricos das nossas observações. O quadro n.º 1 contem as medidas e algumas indicações antropológicas e judiciárias relativas ás 21 fistulas auriculares colhidas no posto antropométrico. O quadro n.º 2 refere-se a 11 portadores de fendas, pregas, ou mamilos, cuja significação morfológica, como ao deante se verá, deve estar embriogénicamente relacionada com a da fístula auricular. O quadro n.º 3 é o resumo das observações descritas no começo desta nota, afim de serem facilmente comparados os seus dados com os dos dois primeiros quadros.

Das minhas 10 observações pessoais apenas 7 são comparáveis ás dos quadros referidos, por serem acompanhadas de dados antropométricos precisos.

No fundo de cada coluna, para facilitar a consulta, além da média numérica, vem apontados o mínimo e o máximo da coluna.

Quanto á relação centesimal da orelha com o desenvolvimento geral do corpo expresso pela estatura ($\frac{\text{comprimento} \times 100}{\text{estatura}}$) esperei que esse índice dêsse mais indicações do que as que ele realmente dá. É mais um índice de valor antropológico, no campo propriamente etnográfico, do que um elemento semiótico da patologia geral (1).

(1) No campo antropológico, segundo informações do prof. Mendes Correia, é índice de valor considerável. Como quer que seja, julgo interessante, naquele ponto de vista, cotejar as cifras por mim obtidas com as obtidas pelo prof. Mendes Correia, e com as séries de Poutrin (Negros e Negrilhos). Resultam dos estudos destes dois ilustres trabalhadores da antropologia os seguintes dados numéricos para a relação $\frac{\text{compr.} \times 100}{\text{estatura}}$ — Timorenses 3,65; — Luimbes (negros) 3,08; — Hindus 3,60; — Negros (séries de Poutrin) 3,39 a 3,43; — Negrilhos (idem) 3,62 a 3,72). As médias calculadas por Mendes Correia assentam sobre observações de Fonseca Cordoso. As de Poutrin foram publicadas nos seus trabalhos sobre negritos, insertas em «L'Anthropologie».

Comparando esses dados entre si e com as tabelas publicadas numa obra de alto valor científico (1) hoje clássica em Portugal, vê-se que as anomalias, aliás leves na grande maioria dos casos, se multiplicam em oscilações de pequena amplitude á volta das normais.

A pequena anomalia, só por si, isolada de um conjunto que a valorise, não significa senão aquilo que ela morfologicamente é: simples desvio anatómico de um canon típico, racial ou específico. Ela só terá voz na patologia geral quando integrada num congresso de sinais, formando um síndrome.

Consideradas de um modo absoluto, todas as orelhas escalonadas pelos tres quadros têm um grande eixo maior do que o normal, que é 60,9 na raça europeia. Elas variam entre médias de 62 (quadros 1 e 2) e 65 milímetros (quadro 3), com um mínimo de 54 e um máximo de 72.

O índice auricular de Topinard ($\frac{\text{largura} \times 100}{\text{comprimento}}$) varia, nas diferentes raças humanas, entre um mínimo de 51,4 (raça amarela—tipo da orelha alongada) e um máximo de 61,2 (negros africanos—tipo da orelha redonda). A média europeia é de 54,0. Os melanésios, com os seus 59,5, aproximam-se da orelha do negro africano.

O quadro n.º 3 apresenta-se com o elevado índice de 58, tendo um mínimo de 50 e um máximo de 65, realmente avultado, embora excepcional (2).

(1) FERRAZ DE MACEDO—*Crime et criminel.*

(2) Trata-se de um mendigo com vários desvios do tipo antropológico normal no que respeita á orelha: os lóbulos aderentes e um mamilo localizado na raiz da hélice, no ponto onde aparece a fistula auricular; e como estigma máximo de desvio—a própria mendicidade.

Quadro n.º 1

Fístulas—Observações pessoais

MEDIDAS DA ORELHA

N.º das observações	Sexo e idade	Estatura	Comprimento	Largura	Índice auricular de Topinard $\frac{l}{c}$	Relação $\frac{100}{c}$	Obliquidade	Anomalias	Motivo da detenção
III	f. 29	1,520	0,065	0,037	56,9	4,27	30º	—	—
IV	m. 26	1,660	0,060	0,033	55,0	3,61	25º	—	—
V	m. 28	1,740	0,070	0,035	50,0	4,02	06º	—	—
VI	m. 36	1,650	0,072	0,040	55,9	4,34	08º	assim. raiz hélice	—
VII	m. 20	1,630	0,065	0,035	53,8	3,98	25º	—	—
VIII	f. 30	1,680	0,060	0,038	63,3	3,68	—	—	—
IX	m. 31	1,630	0,064	0,036	55,9	3,96	15º	gr. assimetria lóbulos aderentes hipertricrose	—
Médias . . .		1,644	0,065	0,036	55,8	3,98	18º	—	—
Mínimo . . .		1,520	0,060	0,033	50	3,61	06º	—	—
Máximo . . .		1,740	0,072	0,040	63,3	4,34	30º	—	—

Nota—Os números dados para comprimento e índice auricular na observação IX são as médias dos valores correspondentes na orelha direita e na esquerda.

Faltz ent. II

Quadro n.º 2

Fístulas — Posto antropométrico

MEDIDAS DA ORELHA

N.º do boletim	Sexo e idade	Estatura	Comprimento	Largura	Índice auricular de Topinard $\frac{100 l}{c}$	Relação $\frac{100 c}{e}$	Oblliquidade	Anomalias	Motivo da detenção
2761	m. -	1,648	0,063	0,031	50,00	3,81	24º	—	of. corp.
1346	m. -	1,606	0,068	0,038	56,60	4,23	35º	escafocefalo	ab. de conf.
691	m. -	1,679	0,058	0,033	59,10	3,33	28º	—	furto
2823	f. 54	1,553	0,065	0,035	54,30	4,18	19º	—	of. e apedr.
2375	m. 45	1,611	0,064	0,037	58,10	3,97	30º	lóbulo aderente	homic. vol.
1832	m. 27	1,556	0,061	0,037	60,00	3,92	10º	—	of. corp.
3225	m. 22	1,745	0,068	0,039	57,30	3,94	25º	lóbulo aderente	furto
4354	m. 28	1,636	0,056	0,035	62,00	3,42	—	—	of. corp.
4771	m. 25	1,524	0,054	0,025	46,30	3,56	10º	—	homic. vol.
4083	m. 60	1,471	0,060	0,028	45,00	4,08	20º	—	desobed.
4504	m. 49	1,686	0,067	0,038	56,70	3,97	18º	—	ab. de conf.
5096	m. 35	1,634	0,055	0,032	50,80	3,31	20º	lóbulo aderente	desobed.
4767	m. 36	1,635	0,068	0,042	62,50	4,16	18º	—	—
1533	m. 23	1,520	0,065	0,036	55,40	4,27	22º	lób. meio ader.	embriaguez
5424	m. 20	1,626	0,062	0,032	51,60	3,81	20º	lób. ad. e repuch.	furto
4601	m. -	1,600	0,062	0,028	45,00	3,87	18º	—	of. e morte
1945	m. 23	1,655	0,060	0,036	60,00	3,66	18º	l. a. m. (1) sob a fist.	furto
5111	m. 21	1,555	0,059	0,033	55,60	3,78	23º	lóbulo aderente	»
4342	m. 33	1,663	0,057	0,032	56,10	3,42	06º	or. no vért. mam.	resistência
4421	m. 15	1,449	0,060	0,037	61,70	4,13	18º	lóbulo aderente	of. corp.
3098	m. 43	1,668	0,066	0,036	54,50	3,96	24º	—	—
Médias . . .		1,605	0,062	0,034	55,22	3,85	20º	—	—
Mínimo . . .		1,449	54	25	45	3,31	06º	—	—
Máximo . . .		1,745	68	42	62,5	4,27	35º	—	—

(1) Mamilo.

Quadro n.º 3

Fendas e mamilos — Posto antropométrico

MEDIDAS DA ORELHA

N.º do boletim	Sexo e idade	Estatura	Comprimento	Largura	Índice auricular de Topinard $\frac{100 l}{c}$	Relação $\frac{100 c}{e}$	Oblliquidade	Anomalias	Motivo da detenção
4856	m. -	1,633	0,060	0,036	60,0	3,67	30º	fenda vertical	desobed.
3240	m. -	1,628	0,064	0,032	50,0	3,79	30º	fenda, lób. sub ad.	of. á moral
1771	m. 38	1,622	0,065	0,035	53,8	4,00	28º	fenda	test. falso
2885	m. 37	1,570	0,061	0,036	59,0	3,88	15º	fenda e mamilo	res. á autor.
3553	m. 32	1,655	0,060	0,037	61,7	3,62	30º	mam. lób. gr. ad.	homicidio
2370	m. 32	1,710	0,064	0,041	65,0	3,74	25º	mamilo lób. ader.	mendic.
4315	m. 26	1,650	0,063	0,038	60,3	3,81	05º	mamilo	ab. de conf.
3746	m. 51	1,738	0,065	0,034	53,0	3,73	20º	»	burla
3694	m. 33	1,663	0,058	0,035	63,3	3,48	20º	»	furto
4470	m. -	1,659	0,060	—	—	—	05º	prega	r. (1) e of. c.
3286	m. 34	1,628	0,065	0,035	53,8	3,99	12º	mamilo	—
Médias . . .		1,650	0,062	0,036	58,0	3,75	20º	—	—
Mínimo . . .		1,570	0,058	0,034	50	3,48	05º	—	—
Máximo . . .		1,738	0,065	0,041	65	4,00	30º	—	—

(1) Roubo.

O número total dos portadores de fistula das nossas 11 observações é de 34, assim repartidos:

Segundo o sexo:

Sexo masculino	15
Sexo feminino	19

Segundo a localização (exceptuada a obs. 1):

Com fistula única à direita	0
» » » » esquerda	18
» » bilateral	15

Bilateralidade e unilaterialidade, em proporções quasi iguais. Mas é notável a ausência de fistulas á direita nesta estatística. Mera eventualidade fortuita, certamente.

Casos com complicação, apenas 1 ⁽¹⁾.

O número proporcional dos portadores de fistula da estatística judiciária (quadro n.º 2) é muito mais elevado que o encontrado pelos autores italiânos (vide Taruffi «Storia della Teratologia», v. 6, 1891).

A estatística de Gradenigo acusa, num total de 17:712 indivíduos, a frequência de quasi 2 por mil (0,19 ‰). Eyle (cit. por Gradenigo) dá 2,6 por mil.

A estatística correspondente ao nosso quadro n.º 2 dá 3,83 por mil. Mas se ás fistulas juntarmos fendas e mamilos (que, segundo o professor Gradenigo e outros autores, têm a mesma significação morfológica e teratogénica que a fistula) a proporção obtida é de cerca de 6 por mil (5,83).

Isto só para a orelha direita!

(1) Em um dos tres casos que cita (*Traité des affect. congenit.*, Paris, 1891). Lannelongue observou a transformação do canal em quisto.

Vimos já a frequência de fistulas da orelha esquerda. Ponhamos de parte nos nossos 33 casos, em que não aparece uma única observação com fistula singular á direita, e supunhamos que as duas orelhas concorrem com número igual para o total das fistulas auriculares.

O número proporcional das anomalias auriculares deste género na estatística prisional do Pôrto ascende então á cifra enorme de 10 a 12 por cada 1:000!

Este número pode parecer elevado se imaginamos tratar-se, como de facto se trata, de uma anomalia, isto é, de um facto excepcional e aberrante.

Mas notemos que estamos estudando um meio em que abundam os factos anômalos de todas as ordens — anatómicos, intellectuais, jurídicos e morais.

A percentagem excepcionalmente elevada destas anomalias nos frequentadores do meio corrècional, em relação ao número dado pelas estatísticas gerais (aceitando para norma provisória a de Gradenigo ou a de Eyle) concorreu de uma maneira decisiva para a formação no nosso espirito de uma opinião mais ao deante formulada (II parte) sobre a interpretação do valor dos elementos patogénicos e etiológicos de que podemos dispôr neste assunto.

II

Parte crítica

Observar os factos é o ponto de partida de todo o processo científico. Reunil-os e comparal-os é o fim desse processo. A interpretação physio-patológica do vício de conformação que acabo de descrever, suscita questões da mais alta importância em biologia geral e desliza por assuntos dos mais debatidos nos domínios da embriologia e da têtatologia. As noções da hereditariedade patológica, a teoria tão controvertida e ainda não definitivamente assente da transmissão hereditária dos caracteres adquiridos, o tema das degenerescências, o condicionamento próximo dos elementos da ordem etiológica indispensáveis para uma aceitável interpretação patogénica dos factos, problemas são, qual deles o mais complexo, de que nem sequer poderei, por deslocados e muito acima da minha tese, ser o relator.

Aceito as doutrinas médicas no ponto a que as trouxe a sistematização filosófica de nossos dias e passarei ao lado dos problemas controvertidos, apenas aproximando e fixando os factos, de modo a poder-se tirar deles, com a máxima liberdade de espírito, as conclusões mais lógicas e naturais.

Além de alguns trabalhos especiais de embriologia e teratologia, quasi sómente manuseados pelos raros cultores da sciência pura, com intuítos meramente especulativos ou didáticos, encontrei algumas referências a esta fistula — sem grande precisão no que respeita a localização e dados anatómicos — no trabalho de Apert «Maladies Familiales» e no de Lannelongue já citado.

A referência de Apert diz respeito a uma excelente observação de Paget, que mostra como, alternando-se e entremecendo-se por vários membros de uma mesma família, se faz a transmissão hereditária, em duas gerações, de casos combinados de fistulas cervicais congénitas (6 casos), com fistulas auriculares (6 casos), orelhas rudimentares (1 caso) e surdez (3 casos), estabelecendo entre estes factos de anomalia o mais indiscutível parentesco têtalógico.

Apert cita ainda duas famílias com fistulas auriculares congénitas, referidas por Paget; mas não dá qualquer outra informação sobre tais casos — e não nos foi possível obter o trabalho de Paget (que, de resto, Apert não cita) em que se leem as suas observações. Dos trabalhos especiais de embriologia e de têtatologia destaco, sobretudo, o moderno trabalho de Keibel & Mall «Manual of human embryology» (vol. II) onde são citadas as opiniões de Gradenigo e Schwalbe sobre a patogenia da fistula auris, e a excelente obra de Taruffi, «Storia della teratologia», vol. 6.º. Da leitura que fiz desses trabalhos, quer nos originaes que pude obter, quer nas transcrições, só vi ligeiras referências quer às complicações que conferem um valor clínico eventual a essa anomalia, quer ao seu alto e bem interessante potencial hereditário e familiar; e não me lembro de ter colhido qualquer informe acerca da natureza histológica da secreção fistular. O que, no meu modo de ver, dá ainda a esta pequena anomalia uma especial importância em patologia geral, é o facto da degenerescência biológica, de que ela, quando reunida a outros congéneres, parece ser um sigma denunciador.

A orelha representa um órgão de adaptação e aperfeiçoamento do aparelho auditivo e é, portanto, uma aquisição relativamente moderna na série animal. Na sucessão dos seres o órgão auditivo, reduzido ao *vestibulo*, no centro do labirinto, aparece já pela altura dos artrópodes (crustáceos) e moluscos (cefalópodes).

Nos peixes, ao simples vestíbulo, único órgão do aparelho auricular dos moluscos, veem agregar-se tres canais semi-circulares.

Nos reptis o aparelho adquire subitamente uma complicação e acrescentamento, devido sem dúvida à adaptação do ouvido a um meio elástico inteiramente novo: ao vestíbulo e canais semi-circulares dos peixes junta-se agora uma caixa de ressonância (caixa do tímpano) e surge um esbôço, ainda imperfeito, do caracol.

Com as aves, o aparelho auditivo entra em nova fase de complicação: além da crescente diferenciação dos órgãos já existentes nos reptis, a caixa do tímpano, que era superficial nêstes últimos animais, desloca-se em profundidade e vai acolher-se à protecção eficaz dos ossos do crânio (1).

Nos mamíferos, finalmente, ao aparelho essencial, já completo nas aves, adapta-se numa estrutura de aperfeiçoamento, o ouvido externo.

Êste, reduzido nos mamíferos inferiores, sobretudo nos representantes de tipos de transição (ornitorinco, cetáceos) ao simples conduto auditivo externo, é completado nos mamíferos superiores pelo aparecimento do pavilhão, último remate do complicado edifício acústico.

Se o organismo humano, a julgar pela edificação escalonada das peças do ouvido, é uma sistematisação hierarquizada, *consensus unum* a que Bordier chamaria a razão social «Homem», a orelha não tem evidentemente raízes fundas nos hábitos dessa sistematisação. Sob a influência das causas (e elas são multiplas e variadas) que alteram o ritmo anatómico e fisiológico dêsse

(1) É uma lei bem conhecida dos biologistas que, quanto mais essencial e complicado e delicado é um órgão, ou uma parte diferenciada de um órgão, mais interior, mais protegido, menos sujeito a variações.

sintagma de peças, ela deve ser e é das primeiras a sofrer os malefícios dessa influência.

De facto, entre todos os sinais a que chamamos estígmias físicos de degenerescência, as malformações da orelha são, juntamente com as da abóbada palatina, o sinal mais freqüente (Frigério, Charon, cit. p. Régis). São até, na opinião do illustre professor Gilbert Ballet, a única anomalia observável nos degenerados superiores.

E comparem-se as diversíssimas variedades têtrológicas da orelha, variedades de dimensão, de configuração, de relação entre as peças cartilagineas, de ângulos de inclinação, de assimetria, de posição, de inserção, de disjunção embrionária, com a pobreza das anomalias de uma víscera como o rim, e sobretudo com as de uma outra víscera, de linhagem ainda mais antiga que o rim, pois vem directamente da gástrula — o estômago!

No ponto de vista da taxinomia têtrológica, a fistula auricular congénita acomóda-se perfeitamente dentro da primeira das quatro grandes classes têtrológicas da classificação de Geoffroy Saint-Hillaire — a *Hemiteria* — e na ordem das *disjunções*.

E antes de mais nada, qualquer que seja a causa determinante desta anomalia, qualquer que seja o mecanismo da sua formação, ela é, sem dúvida alguma, um facto de ordem *embrionária*, isto é *pré-fetal*. O seu elevado poder de transmissão por via hereditária assim o atesta (1).

(1) Ela é mesmo mais do que embrionária, porque é *pré-embriónica*, pelo menos da segunda geração em diante, nos casos hereditários. É, portanto, mais gametária do que embrionária.

No embrião há órgãos destinados a desaparecer. Estão neste caso a alantoidea e a vesícula vitelina. Há igualmente cavidades, orifícios, fendas que, depois de realizado o seu papel embrionário, cuja significação é por vezes bem obscura, devem desaparecer em certas espécies animais, persistindo em outras. É o que sucede com a boca primitiva (O. Hertwig) formada na primeira invaginação da blástula, e o que igualmente sucede com as fendas branquiais.

No fim do primeiro mês da vida embrionária, aparecem na região cervical, ladeando a corda dorsal, uma série de fendas resultantes da perfuração da membrana didérmica que aí separa a parte anterior do intestino do meio exterior.

Na maioria dos reptis, nas aves e nos mamíferos, essas fendas fecham e desaparecem a breve trecho, excepto a parte dorsal da primeira fenda, que intervem na formação do canal auditivo externo, caixa do tímpano e trompa de Eustáquio. A segunda desaparece nos mamíferos sem deixar vestígios. A sua persistência determina às vezes uma fístula que abre a uma altura variável junto do bordo anterior do cleidomastoideo. É uma fístula congénita bem conhecida dos autores.

Da terceira deriva o timus, e da quarta a tiroidea. A conformação definitiva do pavilhão da orelha acha-se estabelecida nos seus elementos fundamentais desde a 10.^a ou 11.^a semana (Gegenbauer). Ele é formado (ver fig. 17) por seis gomos cartilagineos que cercam a extremidade dorsal da primeira fenda: os tres primeiros (anteriores) derivados do primeiro arco branquial (arco mandibular), os tres restantes do segundo (arco hioideo).

A fístula auricular provém, segundo todas as probabilidades, de um defeito de soldadura entre dois dos tres primeiros gomos (anteriores), ou entre algum destes e o tegumento craniano, com invaginação de uma porção maior ou menor da epiderme. É portanto derivada da primeira fenda branquial. Cremos até que é a única fístula conhecida desta fenda com comunicação para o exte-

rior. As outras fistulas branquiais conhecidas proveem da segunda fenda. A hipótese da *paragem de desenvolvimento*, mecanismo teratogénico ainda justamente considerado o mais frequente na determinação das anomalias embrionárias, constituiu a base da teoria de Meckel e dos Geoffroy Saint-Hillaire, que foram, antes dos trabalhos experimentais de Dareste, os mais brilhantes cultores da embriologia — e é a hipótese mais aceitável no caso presente. A coalescência entre algumas das formações cartilagineas que marginam a extremidade dorsal da primeira fenda branquial, fenómeno natural na evolução normal do embrião, deixou de realizar-se. Portanto: uma suspensão ou paragem na evolução normal do embrião.

A discrepância começa, porém, ao tentar-se fixar o ponto exacto em que se dá aquela falha de coalescência normal.

No quadro que (pág. 282, vol. II), segundo as notas de Schwalbe e Henneberg, Keibel (op. cit.) apresenta sobre a nomenclatura e disposição dos gomos do pavilhão auricular vêem-se claramente as divergências dos autores quanto ao destino e até quanto à designação de alguns desses gomos, especialmente no que diz respeito aos três últimos. Assim, ao 5.^o gomo, que His designa por «antitragus», Gradenigo chama «processo inferior da hélix» e Schwalbe «crista inferior da antélix». Ao 6.^o gomo, a que His chama lóbulo (lobulus auriculæ), designa-o Schwalbe por «antitragus», Baum por «prega caudal longitudinal» e Henneberg por «crista inferior da antélix» (designação que Schwalbe atribuiu ao 5.^o gomo).

No que respeita ao 1.^o gomo não há divergências: ele é o tragus, para todos os embriologistas. Para Keibel (pág. 283) parece indubitável que o tragus provém do 1.^o gomo e o antitragus do 6.^o (opinião de Schwalbe). O lóbulo representaria uma formação tegumentar ulterior, sem qualquer relação de origem com os gomos. Desta opinião participa o sr. professor Pires de

Lima, fundado nas diferenças histológicas existentes entre o lóbulo e os restantes gomos. Enquanto estes são formados por fibró-cartilagem, elástica, espessa, o lóbulo é formado de cartilagem hialina.

Quanto ao 2.º e ao 3.º, as divergências limitam-se, em geral, a pequenas diferenças de designação. O 2.º gomo é geralmente designado por «processo inferior da hélice», ou «raíz da hélice» («*crus helicis*») (1) e o 3.º por «parte ascendente da hélice» («*helix ascendens*» de Baum).

Fazendo a versão exacta com os descontos devidos às divergências de nomenclatura, vejamos onde deve ser localizada a disjunção responsável pela nossa fistula auricular.

Para Gradenigo ela é o resultado da insuficiente coalescência dos tegumentos entre a apófise da hélice (*spina helicis* de His, *scutulum*, ou *crus præ tragicum* de Gradenigo) e o trago. Para His ela é consequência da incompleta fusão dos tegumentos entre aquela mesma apófise e a raíz da hélice (*crus helicis*).

Da análise dos elementos colhidos nas diferentes observações por mim realizadas (existência eventual de mamilos, fendas, rugas, ou pregas, à altura e na direcção do trajecto fistular; natureza histológica da secreção do canal; direcção do mesmo canal; comparação com produções de análoga interpretação patogénica existentes em outros animais) resulta que a fistula auricular não provém apenas de uma simples disjunção, ou falta de fusão de certas peças orgânicas, por inibição do desenvolvimento normal, mas que nela intervem igualmente a acção de uma por vezes extensa *invaginação ectodérmica*.

(1) Henneberg, Schwalbe, Gradenigo.

Entretanto Baum, além da designação de *crus helicis*, também lhe dá a de *anthelix*, designação reservada em geral para os 4.º e 5.º gomos. Tal é a conclusão ainda existente nesta ordem de estudos.

Na cabra e no chibo (1) aparecem às vezes, na parte inferior da região parotidiana, uns apêndices a que se dá vulgarmente o nome de mamilos, verrugas ou berloques, que também se encontram no carneiro e na vaca, e são muito frequentes, conforme resulta da minha observação pessoal, no pórco alemtejano. Podem, igualmente, existir no homem.

No porco, segundo observações de Deslongchamps, (2) quando não existe aquele mamilo, aparece uma placa mais ou menos saliente, com alguns pêlos, e «vê-se que estas formações ocupam exactamente o mesmo lugar que o berloque e o *canal du Soyon*, cuja origem é atribuída pelos alemães (Zundel, Zahn) à persistência da segunda fenda branquial, e por Louis Blanc a uma invaginação ectodérmica.

No cão, a existência e sobretudo a disposição dêsses mamilos é ainda mais significativa: eles estendem-se, em séries de dois e às vezes de tres, exactamente ao longo do trajecto da fenda geniana, ou hio-mandibular.

O homem apresenta às vezes verrugas na região mediana do pescoço, ao nível do bordo anterior do esterno-mastoideo (3). Sabemos que é esta precisamente a séde habitual das fistulas congénitas do pescoço, derivadas da segunda fenda branquial. De resto, aquelas produções mamilares podem ser acompanhadas de fistulas, como é atestado por uma observação de Morrisson Watson. Mas já Mathias Duval tinha notado que, por uma espécie

(1) Louis Blanc, op. cit., pág. 283.

O dr. Pires de Lima apurou, só num concelho do Norte, a existência de 47 cabras conteleiras, nome porque são aí designadas as cabras com berloques. Ver *Gaz. dos Hospit. do Pôrto e Anais Scientif. da Faculdade de Medicina do Porto*, v. II, 1915.

(2) Broca et Lenoir, *J. de Anat. et Physiol.*, loc. cit.

(3) V. Lannelongue, *Afecç. congenit. das crianças*. 20 casos cit. p. Retterer e Poirier.

de lei de balancement, a determinadas anomalias por defeito correspondiam às vezes, na mesma região e nas mesmas condições, anomalias por excesso.

Os mamilos das observações do quadro 3.º estão precisamente à altura do trajecto da fistula auricular e imediatamente por baixo do seu orifício. Êles devem ter relação teratogénica com essas fistulas.

Quanto às rugas e às fendas observadas (fig. 12 a 16), a sua direcção e localização sugerem imediatamente a ideia de um processo evolutivo igualmente relacionado com o vício original, qualquer que êle seja, produtor da anomalia de que se trata.

A direcção e extensão das fendas e rugas observadas, e sobretudo a disposição da fenda observada nas fig. 11, 12 e 13, indicam que a disjunção se faz, verosimilmente, não entre a escútula e o trago como pretende Gradenigo, nem talvez entre a raiz da hélice e a escútula como outros supoem, mas entre um dos dois primeiros gomos e o tegumento craniano, invaginado numa extensão maior ou menor, em linha vertical. A forma ovoide do orifício, com a direcção vertical do seu grande eixo, conformação bem visível nas observações III e IX, denotando que a orientação inicial da fistula era já na linha vertical, depoem seguramente mais por esta hipótese, do que pela de Gradenigo. Entre o trago e a escútula a linha de separação seria antes transversal. Entre a escútula e a raiz da hélice ela seria verosimilmente vertical, mas o canalículo fistular não se prolongaria, como prolonga em certo número de casos, para baixo, cruzando a frente do tragus numa extensão às vezes considerável (ob. III, V, VIII).

Para Heusinger, Virchow, König, Schwartz, Betz, Burnett, Pflüger (cit. pelo professor Gradenigo, na obra de Taruffi) a anomalia é devida a soldadura incompleta da primeira fenda branquial, a que possivelmente se associam anomalias de outros derivados dessa fenda, entre os quais está o pavilhão. E como a

primeira fenda entra na formação dos ouvidos médio e externo (Kölliker) a fistula deve ter comunicação com o ouvido médio.

Urbantschitsch, (1) embora não aceite que os ouvidos externo e médio derivem da 1.ª fenda, sustenta que a fistula auris está em relação com a evolução dessa fenda.

Gradenigo acentua que a hélice mandibular se bifurca na parte inferior dando duas *crura*, a *crus helicis*, que se dirige para a antélice, e a *crus antitragicum* (*crus supratragicum* de His) que desce por cima e por diante do trago.

Quando esta última sofre certas perturbações na sua evolução, ou produz apêndices (como se vê nas nossas figuras 13, 14 e 15) ou aparece a fistula.

Gradenigo não faz referência a fendas. As rugas e fendas que eu observei e que a fig. 12 sintetisa, dispensando qualquer outra explicação, estão tão perfeitamente localizadas ao longo do trajecto correspondente à fistula, que imediatamente sugerem a ideia de uma relação genética. A fig. 12 corresponde até exactamente à bifurcação da extremidade inferior da hélice mandibular, sinalada por Gradenigo. Ela corresponde à persistência no adulto de uma má conformação embrionária. Podia ter dado uma fistula se a parte externa do tegumento tivesse entrado em coalescência, formando ponte por cima da parte profunda.

Como esta fenda havia na colecção das 5486 orelhas do posto antropométrico da Relação do Pôrto mais umas 18 ou 20.

Depois do patogénico, o problema etiológico é, no caso presente, o mais difficil de resolver. A intervenção do factor hereditá-

(1) «Monatschrift für Ohrenh. N 7, 1877». Urbantschitsch apresenta 9 casos de fistula auris.

rio é evidente. Mas não é a hereditariedade que produz a fístula; ela apenas a mantém e a transmite de geração em geração. A hereditariedade, em patologia, é agente intermediário, não factor primário.

Qual a causa original, a determinante primeira da disjunção embrionária, origem desta anomalia? Em algumas das observações registadas vislumbra-se a intervenção discreta da sífilis; e a consanguinidade parece, em certos casos, manter e arreigar a anomalia através das gerações. O facto aparece um pouco à maneira das «mutações bruscas» de De Vries, criando variações que a hereditariedade, e talvez a selecção, depois mantem e perpetuam.

Do estudo das observações relatadas, próprias e alheias, não ressalta com irrecusável evidência factor que mereça ser colocado à cabeça das causas, como *causa causarum* da anomalia auricular.

É até bem possível que o vício original desta anomalia seja o mesmo que se acoberta sob essa vaga epígrafe de «Degenerescência», causa de causas, de acção ubiqüitária e omnímota que, actuando desde o germe embrionário e sobretudo no germe embrionário, vai desfalcando o expoente energético das raças e irregularizando em variados graus o ritmo hígido da sua evolução, aqui produzindo uma paragem local, de que resulta um lábio leporino ou uma fístula auricular, além rompendo os diques da raça e até quebrando os próprios moldes da espécie, na manifestação das maiores monstruosidades orgânicas ou psíquicas.

Mas a degenerescência é também apenas uma palavra, embora excelente, para encobrir a falta da ideia concreta que deve substituir-se-lhe.

As células encontram no meio humoral a principal condição da sua existência e funcionamento, do mesmo modo que a crase dêste meio depende das virtudes e dos erros do funcionamento celular.

Como entre dois espelhos de faces paralelas, estabelecem-se entre os dois meios — meio histológico e meio plasmático — simpatias hígidas e ecos mórbidos em série indefinida. Tomando a palavra anomalia no seu significado mais lato, pode dizer-se que não há plasma normal com células anómalas, como não há células normais com plasma anormal.

E o que se diz do organismo já formado, diz-se com maior razão do organismo embrionário.

Geoffroy St.-Hillaire refere a causas mecânicas as paragens de desenvolvimento embrionário. Experiências feitas desde Dareste, sobretudo os trabalhos de teratologia experimental de Oscar Hertwig, Yves Delage, Loeb, e dos modernos embriologistas americanos, os quais, fazendo actuar sobre o embrião de pequenos invertebrados marinhos substâncias solúveis de acção geral, tais como o sulfato de quinino, o cloral, o cloreto de sódio, o sulfato de magnésio, obtiveram anomalias e monstruosidades *nitidamente localizadas* e algumas perfeitamente previstas, permitem suspeitar do que sucederá com o embrião humano, quando êle, ou os seus elementos geradores, tiverem mergulhado num meio plasmático viciado pelo alcohol, ou pelas toxinas microbianas ou similares.

Na altura a que actualmente chega a observação e a experiência dos patologistas, parece não ser demasiadamente audacioso afirmar-se que a degenerescência é originada, sobretudo, por alguma, ou algumas daquelas intoxicações. Isto, no sentido patológico da palavra, que é necessário distinguir do seu sentido étnico.

Nós acreditamos que as raças se cançam, esgotando *insensivelmente* o seu cabedal de vitalidade por motivos vários que não vem para aqui explicar. Já os gregos da *idade do bronze* se confessavam saudosos da *idade de ouro* que lhes fugira, e Lucrécio constatava que o homem tinha perdido a rizeza, a agilidade e a saúde que caracterisavam o remoto antepassado das cavernas.

Mas a degenerescência, no sentido em que a lançou ao mercado científico o génio de Morel, sentido completado e ampliado por Magnan, adaptado à explicação dos factos da criminologia por Lombroso e aplicado à sociologia pelo romancista Zola e pelo filósofo-psicólogo Nordau, — degenerescência produzindo, *sob os nossos olhos*, em uma ou duas gerações, sinais às vezes profundos, como os produzidos pelas substâncias tóxicas, de origem exo ou endogénia, actuando no germe embrionário — essa degenerescência, à hora actual, carece de uma sanção etiológica ou patogénica prática que lhe afiance a independência e o sentido.

O moderno conceito médico de degenerescência pode ser formulado assim: «As degenerescências proveem, inicialmente, da acção de um agente *exterior* hostile ao organismo humano, actuando sobre os germes e transmitindo por vezes a sua acção à descendência, com variações de agravamento ou atenuação». Este conceito etiológico é precisamente o corolário lógico da teoria das «mutações bruscas», fundada em numerosos factos experimentais e aceite pela maioria dos biólogos contemporâneos, e das ideias do ilustre paleontologista americano Cope, para quem os caracteres inatos foram sempre adquiridos outrora.

*

Aproximando agora alguns factos — a elevada percentagem de fistulas auriculares nos nossos boletins judiciais, a frequência dos estigmas físicos da degenerescência entre os frequentadores dos meios correcionais, a alta frequência dos mesmos estigmas nos heredo-alcoolicos, heredo-tuberculosos e heredo-sifilíticos e a alta percentagem de criminosos fornecidos por essas auto-intoxicações crónicas quando elas enregam na linha hereditária, a coincidência da anomalia auricular com várias outras anomalias no mesmo indivíduo — vê-se que a nossa fistulasinha não é sinal de

valor despresível, integrada como elemento semiótico nos proteiformes síndromas da degenerescência e facilmente acreditaremos que essa degenerescência não é senão a heredo-intoxicação, sob múltiplas formas.

*

As séries estudadas são insuficientes para se poderem tirar desde já conclusões definitivas. No ponto de vista da hereditariedade, por exemplo, vimos como algumas séries hereditárias começaram, mas não vimos como nenhuma delas terminasse, se é que elas não de terminar. Também não vimos caso algum em que algum membro *não atingido* de uma série começada desse descendência com fistula. A fistula veio sempre da fistula, excepto o caso inicial. Observações ulteriores deverão esclarecer esta face da questão. Até ao ponto de hoje, as nossas séries pertencem a um grupo de anomalias de *hereditariedade continua*, único da sua espécie.

O seu caracter *familiar*, pode igualmente considerar-se único em anomalias desta espécie.

OBRAS CONSULTADAS

- AMÉRICO PIRES DE LIMA—*Evolução do transformismo*.
APERT—*Maladies familiales*.
BROCA ET LENOIR—*Journal d'Anat. et Phys.*, 1896.
FALCONE—*L'Embrione humano*.
FERRAZ DE MACEDO—*Crime et criminel*.
GEGENBAUER—*Traité d'Anat. Hum.* (trad. franc. da 3.^a ed.)
G. MC. CLELLAM—*Anat. des régions*.
KEIBEL & MALL—*Manual of human embryology*, vol. II.
MATH. DUVAL—*Path. gén. de l'embryon* (in *Traité de path. gén.* de Ch. Bouchard).
- O. HERTWIG—*Pr. d'Embriol. de l'homme et des vertébrés*.
PIRES DE LIMA (Prof. da Faculd. de Med. do Porto)—*Anomalias do ouvido*
«Gaz. dos Hosp. do Porto», 15 nov. 912.
POIRIER—*Abrégé d'Anat. e Anat. descript.*
POULET ET BOUSQUET—*Path. ext.*
RÉGIS—*Précis de Psychiatr.*
SAPPEY—*Traité d'Anat. descript.*
TARUFFI—*Storia della Teratologia*, vol. VI.
TESTUT ET JACOB—*Anat. topogr. e Anat. descript.*
YVES DELAGE—*Th. de l'évolution*.

ERRATAS

	Onde se lê:	Emendar para:
Pág. 101 — linha	2. ^a — quadro n.º 1	— quadro n.º 2
» » — »	5. ^a — quadro n.º 2	— quadro n.º 3
» » — »	8. ^a — quadro n.º 3	— quadro n.º 1
» 102 — »	14. ^a — (quadros 1 e 2)	— (quadros 2 e 3)
» 103 — q.º n.º 1	— obliq. 30º e 25º	— 13º e 13º
» 116 — linha	8. ^a — (fig. 12 a 16)	— (fig. 12 a 15)
» » — »	13. ^a — fig. 11, 12 e 13	— fig. 12 e 13

ETNOGRAFIA DOS DEMBOS (1)

FOR

DAVID J. G. MAGNO

Capitão

PALAVRAS PRÉVIAS

A Antropologia, a história natural do homem, relativamente aos tempos primitivos da era humana, continuará envolta em muitas dúvidas.

A intuição e a hipótese hão-de, a cada momento, suprir o que os documentos não possam mostrar.

Entre os recursos de que temos de lançar mão, figura o estudo dos habitantes e costumes dos povos selvagens, representantes de eras transactas.

Para aproveitamento de tais recursos, abriu-se em Angola em 1911-1912, um questionário etnográfico ao qual gostosamente me apressei a responder por compreender quanto com isso lucravam a história e administração da colónia, dois assuntos que até hoje tem sido criminosamente descurados. E apressei-me a ponto de ser eu o primeiro que cumpri, apesar de neurastenizado pelos excessos de serviços militares e de investigação a que de motu próprio me dediquei.

(1) Sessão científica de 25 de Julho de 1919.

Pode vêr-se, antes de 1911-1912, na colecção de relatórios de 1910, uma descrição de costumes, do Comando Militar da região do Lombige (Dembos Orientais), da qual sou o autor e o governo geral de Angola o editor.

Por uma circunstância que julgo excepcionalmente feliz para a interessantíssima região dos Dembos, foram para ali, depois de mim, dois funcionários ilustrados, dois verdadeiros obreiros da civilização, que ao estudo teem sacrificado as suas horas vagas, sem prejuizo dos sacerdócios de que, cada um, é ornamento: o primeiro que para ali foi é o rev. missionário, Padre António de Miranda Magalhães; o segundo, que no mesmo sertão demorou com aquele, é o sr. major António Leite de Magalhães. Ambos são hoje nossos consócios dos mais entusiastas, e a benemérita e patriótica Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, deles tem razão para muito esperar.

São portanto estes senhores também os primeiros que vão verificar e profundar com a sua superior competência os meus trabalhos, e o sr. major Magalhães, aqui presente, me distinguirá com a sua discussão; êle mesmo me apresenta nêste tabernáculo da ciência, onde eu ousei vir mais como um inferior hierarquico, habituado a obedecer, do que iludindo-me ácerca do merecimento do modesto trabalho que segue.

I

Caracteres etnográficos gerais

— Origem dos povos designados por Dembos

— Situação geográfica — População

Quando Diogo Cam, em procura do caminho da Índia, desembarcou no porto de Pinda, próximo da foz do Zaire, estabeleceu imediatamente relações com o respectivo chefe gentílico, o príncipe do Songo, Sioh ou de Muene-Sonho, tio do Muene-Congo, o rei ou o senhor do grande império que no século XV existia no Continente Negro.

Era êste um poderoso potentado que dominava directamente ou por suzerania desde o Loango até ao Cabo Negro pelo litoral (compreendendo a N. E. o reino do Mikoko, de Anzico ou Anzicana), se estendia ao Muene-Muezi, no Uniamezi, descendente de Luqueni ou Nimia-Luqueni, povos que tendo vindo parece que do Oriente, investiram com os povos do batchnu ou dos téchnús, avassalando os seus grupos dispersos, fundando êste Estado do Congo.

Êste potentado, ao título de rei do Congo veio a reunir o de senhor da Monarquia dos Ambundos, da Mutamba ou Matamba (Ginga), de Angola, Macamba, Ocanga, Lula, Bamba, Ambuila, Zenza, Libolo, Nane e Quissama, título êste que abrange a região dos Dembos.

Na *Geografia* de Reclus vem um mapa antiquíssimo, posterior a 1558, provavelmente de 1591, que indica as posições relativas dos diferentes povos que formavam esse Estado, a saber: De Norte para Sul, ao longo do litoral: país dos Ambus-Bramas, reino de

Loango, Loangiri, reino de Cacongo, Cabinda, reino de Angoy, rio Zaire (ou Barbeta), condado do Sonho, marquizado de Chiova, rio Ambriz, ducado de Bamba, rio Loge, rio Danda e rio Bengo ou Zenza (confins de Angola).

Este império compreendia mais países, como descrevo na *Revista Militar* de 1916-1917, nos *Anais de Angola e Congo*, e entre eles mais para Leste e de N. para S. o reino de Anzica (rei Micôco): rio Bancaró (o Zaire), marquizado de Canga, rio Coango, *dembo Amulasse (principado independente), terras do Mane Ambuila, senhor dos Dembi, rios Loge e Danda, sendo estas as origens dos Dembos como as mais remotas que encontrei.*

Este mapa a que me reporto projecta muita luz retrospectiva e convém não lhe aporuguesar os nomes citados, para ficar a descoberto a evolução fonética da palavra, que tantas vezes ainda está sujeita a alterações devido a ser confusamente manuscrita e ás letras tipográficas que são facilmente trocadas.

Parece não haver dúvidas ⁽¹⁾ de que os povos do Congo e de Angola, incluindo os Dembos, pertencem todos ao tipo *bantu* que, juntamente com o tipo *chilouk*, foram os primeiros invasores *aditas*, de raça negra, que, segundo os monogenistas, do planalto da Pérsia — do alto massiço asiático — desceram, muitos séculos antes da nossa era, à Arábia, donde uns, contornando o Mediterrâneo, atingiram o Nilo, pelo istmo do Suez, descendo por êle até à região elevada onde nasce o Nilo Branco e o Nilo Azul; e outros, seguindo o vale do Eufrates e a costa do golfo Pérsico, alcançaram primeiro esta mesma região, atravessando o Mar Vermelho no estreito de Bab-el-Mondeb. Os que entraram nela pelo N., vindo em parte, seleccionados, constituindo já um refugio social, que deixava atrás os melhores elementos, encontrando-a

(1) V. *Relatório do gov. de Lunda*, A. A. Teixeira, 1909.

já ocupada por uma raça melhor organizada, dão origem ao tipo *chilouk* que se difunde, para N. e O., na região das florestas e das pastagens pobres do Nilo Branco, e na região onde se cultiva o sórgo. Os que penetraram por S. E., na região montanhosa do E. de África, sofrem aqui a selecção e, repudiando para o S. os contingentes inferiores, originaram o tipo *bantu*, cuja área de colonização abrange toda a região ocidental ao S. do Zaire — hoje a região da mandioca, por nós, portugueses, introduzida em África — e as planícies da África Meridional.

Este movimento emigratório dos que penetraram por S. E. é mais rápido, provocando lutas, pois que uns terceiros invasores, mestiços, de raça branca e negra — os segundos *aditas* — provenientes da Arábia, mais fortes e melhor organizados que os seus antecessores *bantus*, alcançaram com facilidade os planaltos etiópicos, ocupados hoje, pelos seus descendentes: os abissínios, os galas e os massai.

Ao passo que o centro e o sul do continente africano eram invadidos por êstes povos de raça negra, as regiões dos desertos do Norte eram ocupadas pelos de raça branca, tipo semita, como são as tribus patriarcais de pastores cavaleiros, cameleiros e vaqueiros que ali existem.

Aqueles invasores de raça nigrítica, expulsaram do seu território, segundo algumas opiniões, os autóctones, representados hoje por *bushmen* ou bochemans e hotentotes, segundo outros de raça amarela ⁽¹⁾, rechassando-os para os desertos de Kalahari e pelos *ba-cassequeres*, pelos *ba-kankalas*, pelos *ba-kuisse*, e talvez pelos *achas* do equador, todos de pequena estatura, vivendo fragmentados e nómadas, e dedicados à caça de que, juntamente com raízes e frutos das árvores silvestres, se alimentam.

Os primeiros ocupadores da região seriam os Ba-Congo

(1) PREVILLE — *Les Sociétés Africaines*.

desta referida família Bantu (diz-se dos idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos) conduzidos pelos Aluqueni, provenientes da África Oriental, de N. E. para S. O., havendo afinidades entre a sua língua e a de Zanzibar.

As tribus do Norte fazem parte dos Ba-Fiot, assim como os povos que vivem entre o Congo e o Chiloango, dando-se à região que as compreende o nome genérico de Congo, cujo Estado fundaram.

Os Mu-Sorongos são irmãos daqueles que vivem ao N. do Zaire, mas os Mu-Chicongos, Ba-Congo, Bamiba, Muyolo e outros povos de raça *fote* que sucedem ao sul do Baixo-Congo até à bacia do M'Brich estão ligados áqueles apenas por uma fictícia vassalagem ao rei do Congo.

Dos rios Loge ao Caculovar, próximamente estende-se o domínio glossológico dos Bunda (Bundo, Bondo), que já teve quem dissesse significar «vencedores» derivado das invasões sucessivas da raça e das vitórias sôbre os aborígenes.

Bundo; A-Bundo, Bim-Bundo, Kim-Bundo, Hem-Bundo ou Am-Bundo, é representado pela família dos Ba-Nano ou Nanno, habitantes das regiões montanhosas ao Sul do Quanza.

Em 1558, foi o Congo invadido por uma terrível horda de nómadas e antropófagos, vinda de léste, onde habitavam os Mane-Muji, Muene-Muezi (no Unia-mezi?), invasão que principiando pela provincia de Batta, se estendeu até ao centro de Angola, tomando os invasores o nome de Jácas (jaggas, de Djagga) no Congo, e de Gingas (jingas ou jindes) em Angola, destruindo Ambasse, Banza Congo e S. Salvador, incluindo a cathedral, e devastando tudo, comendo inclusivè os cadáveres das sepulturas, vendo-se D. Alvaro II, rei do Congo, forçado a passar com o clero português e a principal nobreza do país a uma ilha do Zaire, onde já tinhamos então um forte.

O gentio da região actualmente denominada Dembos (compreendendo uma infinidade de povos, como publiquei na referida *Revista Militar*, mais ou menos separados uns dos outros por uma mesclada de raças e de sub-raças), fala o *kimbundo*, com a entoação regional e muitas palavras *fiótes*, além de um grande número de nomes congolenses, como Muêne, Loango, Zombo, Banza, etc.; e apesar de ser êste gentio talvez o que se encontra mais estudado em Angola, a região é de natureza a prestar-se a descrições e discussões sem fim.

Devido à dita mescla de tribus e de famílias, que constituem os povos dos Dembos, êste meu estudo referindo-se a todos superficialmente, vai incidir especialmente sôbre os *kakulos*.

*

* *

Designam-se *dembos* os povos antigamente subordinados, como se viu, ao rei do Congo, que habitam a vasta e acidentada região denominada então Dembi e hoje Dembos (do gentílico *jindembus*, plural de *n'dembus*, que significa potentado ou sóba grande), compreendida entre os rios Dando (ao N.), Bengo ou Zenza (ao S.) e o Lombiji (afluente dêste) ao oriente.

Há ainda dembos importantes ao N. do Dande reunidos hoje numa capitania denominada Dembos do Norte.

A banza capital dos Dembos (do sul ou de entre o Dande e o Zenza como ficou dito) é a de S. António (vulgarizado no Congo), centro das terras de Caculo Cahenda.

A significação deste nome *kakulo*—aquele dos gémeos que nasce primeiro—, *-ka* (prefixo concordante) e *henda* (o segundo gémeo do amor), induz-nos a crêr tenha sido algum filho primogénito ou predilecto dos antigos reis do Congo, gozando por êste motivo de maior preponderância e prestígio do que os restantes chefes gentílicos.

Os povos de Caculo Cahenda são conhecidos por *kakulos*, relativamente à tribo, e por *ácu-molumbis* (filhos do Congo) relativamente à terra.

Os potentados desta região, incluindo o Caculo Cahenda, consideram-se, em geral, irmãos e súbditos do antigo rei do Congo, primeiro filho de Deus, mas outros há que êste Caculo repudia considerando-os filhos da Rainha Ginga, filho segundo de Deus.

Á volta das terras do Caculo Cahenda, sob o seu domínio moral, viviam até há pouco os povos *kibaxes*, naturais de Qui-baxe-Qui-á-Mubemba-Congo; os *kazuas*, que obedecem hoje ao dembo Cazuangongo; os *luangos* ou *mubiris*, notáveis pela sua velhacaria e intrugice, os quais povoam os dembados de Zambi Aluquem e de N'Bumba (antigos sóbas do Caculo Cahenda), Pango Aluquem (antigo sóba do N'Gombe Amuquiama), do Gimbo Aluquem (antigo sóba do Cazuangongo), etc., e os povos *mahungos*, gente de índole pacífica, também antigamente vassala do Congo, mas com usos e costumes diferentes dos outros povos dos Dembos e que portanto merece muito estudo em separado, assim como as grandes famílias do Norte, *ambuilas* e *mutemos*.

A constituição física dos povos que designámos sob o nome de *dembos* e que, para não haver confusão com os seus chefes e com o nome da região, se deveriam denominar *dembenses* ou *dembêzes*, varia de uns para os outros.

Os *kibaxes* e os *kazuas* são mais robustos do que os *kakulos* e *mubiris* ou *luangos*, que são raquíticos e pouco resistentes, devido isto não só à fome que sofre uma raça que não trabalha como às relações sexuais a que se entregam cedo.

São em geral covardes e pouco coléricos; pedinchões e pouco dedicados; reservados e pouco gratos.

O seu carácter insubmisso e relativamente grosseiro através

de uma extensa história provém-lhe, muito, a meu vêr, da altivez ou da liberdade da vida em montanhas.

Os dembos tem-nos respondido quasi sempre com êsse nosso aforismo transmontano: «Para cá do Marão, governam os que cá estão!»

*
* *
*

A côr da pele é preta nos que habitam ao norte da região (*kibaxes*, etc.), e parte bronzeada nos do sul (*kakulos* e *luangos* ou *mubiris*). A pele é, nêstes, menos escura nas partes menos expostas ao ar e ao sol.

Entre estes povos há alguns casos de albinismo.

Os cabelos são encarapinhados e pretos, e os olhos ovais, de iris normal e côr acastanhada.

É vulgarissimo as mulheres terem os seios muito alongados (a maior parte cônicos e alguns em forma de cabaça), e as nádegas com acumulação de gordura, que se mantém relativamente com o emagrecimento.

A população diminui a olhos vistos, devido, principalmente: à prática de feitiçarias, que exercem em larga escala; ao alcoolismo; à doença do sôno, que muito se propaga entre êles, por contágio de sangue, apesar da *tzé-tzé* existir apenas nas margens dos rios e da maioria do gentio habitar nos pontos elevados; e finalmente à fome, porque não cultivam suficientemente para se alimentarem, sendo por fim capazes de trocar por meia duzia de garrafas de aguardente o feijão e o milho necessários para a sua alimentação de todo o ano. O seu trabalho maior é... a dança.

Vida material e intelectual

- Cuidados dados ao corpo — Vestuário — Alimentação
 — Habitação — Meios de existência
 — Artes, sciências e faculdades intellectuais

Em consequência das habitações se acharem, em geral, localisadas nos pontos mais elevados, longe dos rios e dos regatos, e como o transporte de água das nascentes é um tanto difícil, estes povos não teem por hábito tomar banho. Todavia lavam-se quando, em viagem com cargas, passam por qualquer rio.

Não se dedicam à natação, porque os rios, além de distantes, são frequentados pelo jacaré.

Pintam o corpo com tacúla e azeite de palma, com o fim de amaciarem a pele e de se resguardarem um tanto da sarna. Muitas vezes, por divertimento e para verem se lhe passam dores de cabeça, riscam o rosto com barro amassado.

Pouco cuidado lhes merece a higiene da bôca. Não lavam nem tratam dos dentes, apresentando-os escuros e cariados, em contraste com os costumes da maioria dos negros de Loanda que ostentam a dentadura branca e forte.

Os dembos teem ainda por costume cortar os dentes da frente com uma faca e limá-los, tornando-os aguçados. Os povos de Caculo Cahenda distinguem-se dos restantes por usarem dois dentes incisivos da maxila superior limados até à raiz.

Usam as orelhas furadas, trazendo, introduzidas nelas, os homens umas argolas de ferro, e as mulheres travessões de madeira.

Os *Luangos* ou *Mubiris* usam também o nariz furado trazendo na divisória das fôssas nasais um travessão de madeira mais pequeno do que o das orelhas.

A maioria das mulheres tosquam as partes genitais por espírito de limpeza e por um tanto de pudor.

Não teem tipo de penteado, vendo-se indiferentemente homens e mulheres com a cabeça rapada à navalha ou com o cabelo crescido e empastado com azeite de palma.

As raparigas novas usam um risco aberto ao meio, da testa para a nuca, e um cordel à volta da cabeça, pendurando na nuca um raminho de verdura, lembrando um mangerico. Os rapazes, uns trazem o cabelo rapado, outros com desenhos diversos muito rudimentares. Cortam o cabelo rapando-o com uma faca ou um vidro.

Algumas mulheres usam o cabelo formando cordas ou tranças, empastadas de azeite, que só se distinguem de perto, porque as não trazem pendentes.

Não cuidam das unhas, trazendo-as cheias de lixo tão antigo como a sua idade.

Existe a tatuagem, mas só entre as raparigas novas, que a praticam por meio de incisão ou golpes feitos sem arte, no peito, nos hombros e braços.

*

* *

O vestuário dos dembos e dos sobas seus subordinados consiste num grande manto geralmente de côr vermelha e preta, alguns feitos de *couvre-pieds*, tendo o tecido leões e leopardos desenhados. Além do manto usam camisa, colête, casaco ou alguma velha farda, e uma saia tecida de fibras. A do Caculo Cahenda era bordada a ouro. Na cabeça uma boina também de fibra. Usam botas que descalçam longe da vista dos europeus.

Os dembos de Caculo Cahenda e do Pango Aluquem, nas suas recepções, aparecem cobertos por uma umbela escarlate. Os sobas usam guarda-sol ou chapéu de chuva.

Os restantes indivíduos, não categorizados, usam a cabeça descoberta e um pano (tanga) que os cobre da cinta ao joelho. Alguns usam também um colête ou mais um casaco.

As mulheres andam tanto mais nuas quanto mais vistosa é a sua plástica, com excepção de algumas, velhas ou magras, que andam nuas por miséria.

As mulheres, quando andam nas suas lavras, costumam pôr de lado um paninho ou cortina, do tamanho de uma mão, com que cobrem as partes genitais, e bem assim um outro, maior, com que cobrem as nádegas. Algumas usam ainda uma cortina sobre os peitos, não com o fim de os tapar, mas por garridice ou para os fazer sobresaír, principalmente quando vistas de perfil, tanto que outras há que trazem essa cortina tapando só um peito, geralmente o direito.

Às vezes, por causa do frio ou para que os europeus não as reparem, envolvem-se num pano muito azeitado e carregado de tácula, pano êste que usam quasi sempre as mulheres idosas.

Aos homens é proibido usar calças, não lhes sendo permitido usar barrête ou chapéu em presença dos sobas ou macotas, nem atravessar as terras de potentados extranhos com a cabeça coberta.

Os filhos do dembo Caculo Cahenda vestem-se às vezes à europeia.

Êstes povos adornam o corpo com fiadas de missanga no pescoço, nos braços, nas pernas e tornozêlos, conforme as poses, além do já dito adorno dos pausinhos atravessados nas orelhas e nariz. Quando não teem missanga (contas de vidro ou metal amarelo) usam cordeis, que atam nos braços, logo abaixo

dos sovacos, e nas pernas, por baixo dos joelhos, obrigando os membros, com o tempo, a ficarem com umas certas curvas.

As raparigas usam nos braços, pulsos, abaixo dos joelhos e acima dos tornozêlos, braceletes, pulseiras e anilhas de missanga, de fibras vegetais ou mesmo de metal. Também usam aneis. Algumas usam na cabeça um cordão encarnado, na disposição de quem toma medida a um chapéu. Em volta do tronco, passando sobre os seios, e em volta da cintura, usam também contas de metal enfiadas em cordões.

Alguns homens usam ainda, acima do tornozêlo, fiadas sucessivas de contas de latão, às vezes, formando franja.

*

* * .

Vivem, em geral, do que espontaneamente lhes oferece a Natureza, como a seiva de palmeira, dendem, fôlhas e frutos silvestres, feijão e milho, que as mulheres cultivam em pequena quantidade, e de caça. Alguns comem carne de porco, de chibato e de galinha, apreciando mesmo a carne de javali,

Matam também bois e comem a sua carne, mesmo que o animal tenha morrido de doença, chegando a desenterrar e a comer carne putrefacta. Para tornarem a carne fresca, mais tenra, colocam-na entre fôlhas de mamoeiro (papaia).

Na preparação das comidas, empregam como tempêros o azeite de palma, a pimenta, jindungo (piri-piri) e tomates.

Apreciam a kola como fortificante e estimulante e, possuindo café espontâneo, vendem-no e não o utilizam por falta de açúcar.

Gostam de todas as comidas dos europeus, especialmente do pão, peixe, sal, açúcar, e de bebidas alcoólicas (aguardente, vinho e tudo o mais).

Os utensílios de uma cosinha compõem-se de duas ou três

pedras com que arranjam o fogão, algumas panelas de barro e um pau para mexer.

Arranjam o lume juntando a um pequeno seixo uns filamentos secos de palmeira (isca) e ferindo a pedra com um pedaço de ferro.

Fazem três refeições: uma, ao romper da manhã, composta de mandioca e milho assado; outra, às 11 horas, pouco mais ou menos, de feijão e esparregado de folhas de várias plantas silvestres; e outra, às 16 horas, aproximadamente, de farinha de milho, que é a principal de todas, visto coincidir geralmente com o termo dos trabalhos.

Os alimentos são preparados exclusivamente pelas mulheres, que não comem juntamente com os homens, salvo se estes não teem filhos ou outros homens que lhes façam companhia às refeições. Em regra, os pais comem juntamente com os filhos e as mães com as filhas.

Bebem a seiva da palmeira (maluvo), muito procurada como alimento e refrigerante, acabando por se embriagarem com ela.

Para a obterem, cortam a palmeira e recolhem a seiva numa vasilha (cabaça ou garrafão); outros trepam à árvore por meio de duas cordas separadas, que vão mudando alternadamente e os segura pelo próprio pêso, e furam a planta.

Não consta serem antropófagos. Atribuem sómente esta qualidade aos povos rebeldes, por espírito de os desacreditarem.

Não há geofagia propriamente dita, embora haja jovens que entretenham o estômago comendo terra, por um hábito de crianças, em que, abandonadas pelo chão, levam à boca tudo que principalmente lhes dóce as gengivas. Os adultos reprovam tal prática, que reconhecem como nociva à saúde.

Apenas conservam a farinha, o feijão e o milho em sacos tecidos com folhas de bananeira (*salálas*) ou em envólucros de esteira.

São as mulheres que habitualmente vão ao mato buscar frutas e lenha. Por vezes os maridos seguem-nas de perto com uma espingarda, mas mesmo que estes não as acompanhem, é raro o indígena intrometer-se com as mulheres que lhe não pertençam.

Os alimentos vegetais mais procurados são a banana, uma raiz semelhante à mandioca, o milho, abóbora silvestre, kola, pepino silvestre, mamão e outros.

As mulheres e homens idosos fumam e cheiram o tabaco moído, trazendo sempre o lábio superior com este pó, parecendo um bigode desenhado. Fumam também por cachimbos mirobolantes (chifres de boi com depósitos de água) uma planta conhecida por *liamba* ou *riamba*, vegetal conhecido na Europa por cânhamo, que contém princípios narcóticos.

A habitação tipo é a cubata, com uma área de seis metros quadrados, dividida em dois compartimentos: quarto de entrada que serve ao mesmo tempo de cozinha e quarto de dormir. Cada quarto tem as dimensões de 1,5 x 1,5 a 2 metros. Passa-se de um para outro por uma porta interior. De noite, principalmente no tempo da cacimba, conservam o lume acêso no quarto de dormir.

A altura da cubata pouco excede a de um homem, e em quasi todas só se pode entrar curvando a cabeça. A cobertura é em regra de duas águas e de côlmo, e revestida do mesmo material ou barrada. A sua construção, simples, não revelando arte nem estilo, faz-se enterrando paus, varas ou estacas, segundo a forma rectangular e dimensões que se pretendem. Ao meio das faces laterais, que são as mais estreitas, colocam forquilhas para receber a pequena trave em que se hão de apoiar os paus transversais que formam a cobertura. Feito o esqueleto, amarram-no com cordas de fibras vegetais, por todos os lados, às ripas, distanciadas um decímetro umas das outras. Forram-nas finalmente de côlmo, cosendo este ao esqueleto por meio de uma agulha de

madeira, em que se enfia a fibra de certo arbusto ou agave. As cubatas teem uma única entrada e às vezes uma janela. Quando são barradas, preenchem os espaços da taipa com pedras e argamassa, dando uma forma mais ou menos lisa.

As suas habitações são pequenas, não só porque não teem mobília mas ainda porque do contrário seriam mais frias e fáceis de avariar pelo temporal. Nas lavras costumam construir cubatas mais ligeiras.

A maior parte desta gente não tem celeiros. Quando os tem, o que é raro, ou ficam os sacos empilhados em qualquer canto da cubata em que habitam ou na choupana das lavras.

O local das povoações é, como já dissemos, nos pontos de maior altitude, onde são mais defensáveis e saudáveis. Não obedecem a orientação alguma. Uma passagem central e cubatas para os lados, ao acaso, de modo que não se estorvem uns aos outros. É muito irregular o número de cubatas de uma sanzala, que pode contar vinte, cem ou duzentas. Nas ruas principais ou em volta da povoação costumam plantar cactos, o que lhes dá um aspecto selvagem, funéreo.

Cada cubata representa uma mulher. Cada duas podem representar um homem, duas mulheres, um rapaz e uma rapariga, menores.

Em guerra uns com os outros, estes povos refugiam-se no cerrado do mato e, inclusive o Cazuangongo, nas cavernas rochosas das suas florestas.

Como mobília, não possuem mais do que um banquinho e uma esteira que serve de cama. É raro haver quem use um leito, de varas, erguido 0^m,30 acima do solo. Estas camas são tão estreitas que o casal apenas cabe deitado de lado, ficando a mulher para o lado da parede, com as costas para o marido.

Ultimamente o dembo Caculo Cahenda tinha na sua residência seis cadeiras grandes de couro, duas austríacas e outra grande

de madeira, um sofá, uma mesa, uma cama de madeira e vários outros objectos, tais como malas de ferro. Os sobas costumam ter uma ou mais cadeiras feitas por êles próprios.

Não usam outra luz além do clarão do lume da cosinha ou da fogueira que os aquece. No entanto, em certas sanzalas onde abunda o azeite de palma, improvisam uma espécie de candeia, servindo-se de uma lata de conserva onde ageitam um bico para a torcida.

A residência dos dembos chama-se *embala*, que é uma cubata vulgar com mais uns quintais à volta e contiguamente uma espécie de arena, com 50 metros de diâmetro, onde os potentados costumam dar as suas recepções e festas. A arena é defesa ao povo e às crianças. Algumas cubatas teem pela retaguarda um cercado ou curral destinado aos animais domésticos, que para não entrarem nas habitações e sujá-las mais, trazem um pau atravessado que obsta à entrada.

Como vias de comunicação teem apenas carreiros ou trilhos, às vezes tão cerrados de capim e arvoredos que o trânsito tem de ser feito de machéte (catana) em púnho.

A travessia dos rios Zenza, Lombige e Dande faz-se em muitos pontos a vau, e noutros em canôas (*dongos*).

*

* *

Entregam-se à agricultura de que se ocupam exclusivamente as mulheres, sendo insignificante o auxílio que os homens lhes prestam, apenas o de vigiar as lavras, afim de evitar a sua destruição pelos animais daninhos. As alfaias agrícolas empregadas são a machadinha e a catana (machéte) que adquirem no mercado. Cultivam a mandioca, o feijão, o milho e o tabaco, tratando cada família da sua lavra.

Vão à caça os homens e os rapazes, individualmente ou por grupos de três ou quatro, acompanhados de cães.

Para caça grossa combinam-se uns com os outros, mas não a procuram. Esperam-na, com espingardas muito ordinárias, carregadas de zagalotes.

Alguns povos, além destas armas, usam umas rêdes ou armadilhas para caçar, e bem assim usam uma faca que trazem do lado direito da cintura, numa bainha de couro, tudo adquirido no comércio. Caçam javalis (quiombo), côrças, cabras do mato (bambi), pacassa, boi bravo, seixas, buijes ou paca (espécie de leitão), porco espinho (quissaca), macacos, lobos e diversas aves, tais como bamba, dimbe (que rapina os pintainhos), banje (que rapina galinhas, leitões e cabritos), cabunguloguto, etc.

Quando regressam da caça apresentam-nã ao respectivo sóba, o qual tira a sua parte e autorisa que dividam o restante entre os caçadores.

Os povos banhados pelo rio Dande entreteem-se algo a pescar, ao anzol.

Dedicam-se à criação de porcos, cabras e galinhas. O gado bovino é muito raro, porque nos dembados de Caculo Cahenda, Zambi Aluquem, N'Gombe Amuquiama, Cazuangongo e outros, há uma planta que nasce entre o capim (cassaçau), que dizima não só os bois como os solípedes. Esta planta, tocando no corpo do transeunte, irrita a pele e provoca feridas.

Não há alfaiates de profissão. Alguns casacos e colêtes que usam são adquiridos no comércio e os panos, cuja confecção nenhum feitiço exige, são alinhavados por êles próprios, sendo exclusivamente os homens que se entregam a êsse trabalho leve.

Há mulheres que se dedicam à indústria de cesteiro, fazendo quindas de palha, e os homens à de olaria, fabricando painéis de barro.

Em quási todas as povoações há forjas mais ou menos sim-

ples. Em Caculo Cahenda concertam catanas, metendo-as ao fogo e batendo-as com o martelo.

No Pango Aluquem e Zambi Aluquem fabricam enxadas e outros instrumentos simples, de ferros velhos ou comprados no comércio.

Não usam a moagem para reduzir o milho a farinha. Empregam o esmagamento pelo pilão, trabalho a que se entregam as mulheres e raparigas.

Em madeira, fabricam canôas, cavando troncos de árvores, gamelas e colheres.

Não fabricam cordas. Quando precisam de ligar qualquer coisa ou compram no mercado, o que é raro, ou recorrem à casca de um arbusto ou mesmo a qualquer trepadeira.

Não preparam peles de animais, senão as de onça de que os sobas e macotas fazem uma espécie de aventais, e as de cabra para fazerem o instrumento do batuque.

Tingem os panos de seu uso com barro e especialmente com tacula, que moem e amassam. Para os tingirem de preto torram a argila numa panela, de mistura com fôlhas de *munze*.

Não se dedicam à extração de minérios. No entanto, em volta das terras do Cazuangongo, no Gimbo Aluquem, onde abunda o ferro em bruto, o gentio apanha-o para fabricar zagalotes e enxadas.

Os homens transportam cargas aos ombros e algumas vezes à cabeça. Para grandes distâncias servem-se de *muambas*, que improvisam facilmente com um pau e uma rêde.

As mulheres levam os fardos às costas, em *quindas* cónicas, suspendendo-os numa faixa que lhes passa pela testa.

Não há torneios de luta.

Tem várias danças: a vulgar denominada *batuque*; a de regosijo, pouco mais ou menos a mesma coisa que a precedente, mas feita de dia, com maior entusiasmo e concorrência; a de

honra, que se realiza quando é proclamado o dembo; e a dança de guerra, em que tomam parte os sobas e os dembos, simulando combates com feras, acompanhada de batuque e de exclamações alusivas.

Tem divertimentos que correspondem ao carnaval, e em que os dembos e macotas que neles tomam parte se desfiguram por meio de umas máscaras de madeira. Chamam a esta festa, que anualmente se realiza, *mutendo*.

O canto destes povos, em geral ao som do grande batuque (*gôma*) assemelha-se a uma ladainha, em que um canta e os outros respondem em câoro. Tem por têmea assuntos fúnebres e sarcásticos.

Como instrumentos de música tem o tambor, o bombo, o puita—uma lata velha—canas fendidas, ferrinhos, cornetiãs e uma espécie de clarinete feito por êles, cujos sons equivalem aos das gaitas de fole.

Para convocar o povo, usam uns uma corneta e outros uma busina.

Jogam quasi exclusivamente o *quela*, passatempo muito semelhante ao das « damas » e que consiste em mudar umas pedrinhas de uma cova para outra.

*

* *

Os povos desta tribo costumam contar o tempo pela lua nova, chamando ao período entre duas luas novas *bége*, que corresponde a um mês. O ano é contado pela cacimba, pela chuva, pela estiagem, etc.

Ao período entre duas chuvas ou duas sementeiras chamam *muvo* (ano).

Não conhecem os dias da semana, nem a numeração dos dias do mês. Os secretários (*macotas*), quando precisam saber

isso, regulam-se pelas bandeiras dos fortes, que são hasteadas aos domingos, e quanto ao número de dias, alguns secretários tem uma taboleta de madeira com doze carreiras (meses) cada uma com trinta furos (dias); um ponteiro de madeira, que mudam quotidianamente, indica-lhes o número do dia do mês mas por êste calendário mecânico enganam-se a cada passo.

São inúmeros os medicamentos usados pelos quibandas, quasi todos vegetais. Praticam tambem pequena cirurgia, amputando e encanando pernas ou braços fracturados. Há curandeiros que empregam uma série de pantominices para curarem o mal dos feitiços, havendo indivíduos especiais conhecidos por *chinguiladores*, que se encarregam de adivinhar a origem de certas doenças e de afugentar os feitiços por meio de rezas, vários antídotos, sortilégios e amuletos. Quando não curam um doente, atribuem a causa a um incidente qualquer fácil de acreditar.

As doenças mais frequentes são: a hipnose, tuberculose, pneumonia, sarna, diversas úlceras, elefantíase e as causadas por algum acidente.

Os feiticeiros ou bruxos, isto é, os causadores dos males doutrem com os seus maus olhos, com as suas invejas ou com alguma droga que dão a tomar, são intimados a « beber o juramento ».

O juramento consiste em fazer beber ao presumido feiticeiro uma caneca de água, na qual se lança um bocado de casca de uma determinada planta, conhecida dos quibandas, contendo princípios venenosos. Os efeitos que esta beberagem produz no organismo dum indivíduo variam segundo a dose de princípios activos que estão em dissolução na água e, naturalmente, segundo a sugestão e a fraqueza do estômago do ajuramentado (suposto delinquente), e daí as conclusões que tiram. Assim, aqueles que depois de beberem essa droga não mostrarem sintôma algum de envenenamento e nada sofrerem, são considerados inocentes;

aqueles a quem sobrevenha a intoxicação, mas de que não resulte a morte, são tomados por cúmplices; e, finalmente, aqueles que tem morte instantânea, ou passado algum tempo, são considerados como feiticeiros.

Os macotas encarregados destes julgamentos, quando se querem ver livres de certos indivíduos que os incomodam, tratam de carregar na dose de substâncias tóxicas a diluir na água, chegando às vezes a envenenar os próprios sobas ou dembos, quando estes não tenham simpatia.

Além da prova do juramento, que descobre se um indivíduo é ou não feiticeiro, os chinguiladores, a que já nos referimos, também possuem o condão de o descobrir.

Há feiticeiros que conhecem os contra-venenos, de modo que, quando « bebem o juramento », ingerem acto contínuo esses contra-venenos, de que andam munidos, e coisa alguma sofrem, passando assim por inocentes.

Falecendo algum indivíduo que tenha sido submetido à prova de juramento, quer seja homem, quer mulher, a família abandona-o imediatamente e a sua habitação é incendiada. O cadáver, depois de muito maltratado com cacetadas e catanadas, é levado de rastos pela povoação e lançado às feras. Ao arrastarem-no com uma corda, tomam todo o cuidado em não o tocarem, a fim de não ficarem enfeitizados.

Êstes povos crêem no poder sobrenatural de certas coisas, havendo rapazes que recorrem ao *kibanda* para que êste lhes dê um remédio ou perfume que atraia a rapariga que êles desejam possuir.

A língua falada é o *kimbundu*, misturado com o *fiote* (língua do Congo). Os povos « luangos » teem algumas palavras e pronúnciação diferentes, mas, no entanto as diferenças de linguagem não são de tal modo sensíveis que os povos visinhos não os compreendam.

III

Organisação da família e religião: O nascimento

—A educação—O casamento—A morte

—A família—Religião, rito, culto, divindades e sacerdócio

O parto tem lugar á porta da cubata, ou mesmo em público. Para êsse fim, a parturiente senta-se numa pedra e é amparada por uma mulher. O recém-nascido (ainda com a péle branca) é untado de tábula e azeite de palma. Logo no dia seguinte ao parto as mulheres voltam ao trabalho.

No caso de abôrto, nada há de extraordinário.

Os nomes dos recém-nascidos são escolhidos pela família. Ao primeiro filho costumam dar o nome do avô e ao segundo o do pai. São mais desejados rapazes do que raparigas, causando-lhes tristeza quando teem gémeos.

As relações entre os cônjuges cessam sómente nos últimos dias da gravidez.

Os casamentos realizam-se em uma idade muito juvenil. Aos doze anos cada rapaz tem a sua rapariga, e, à proporção que se vão tornando mais homens, maior número de mulheres vão adquirindo, chegando a possuir cada homem mais de cinco mulheres.

Os dembos teem tantas quantas desejam.

Quando o homem se aborrece duma mulher, despede-a; mas, quando ela arranja outro homem, êste tem por obrigação indemnizar o primeiro, pagando o *lambamento*.

As mães teem por costume recomendar às filhas o maior sigilo nos primeiros três períodos de menstruação, a fim de não perderem a sorte de terem filhos.

Os rapazes quando chegam á idade de doze anos, são obrigados a ser circuncidados pelos *kimbandas*, operação que é feita no mato, num recinto apropriado, quando termina a época das chuvas.

Os pedidos de casamento são feitos á família, reunindo-se para êsse fim em conselho os seus membros, sendo a opinião dos tios a mais respeitada e acatada.

A liberdade das raparigas não é limitada porque a família não se preocupa com a perda da virgindade, o que acontece freqüentemente mesmo antes de atingirem idade da puberdade.

O sentimento do amor quási não existe, bem como o celibato e a continência.

São proibidas as relações com primos e outros parentes mais próximos, sendo consideradas crime grave, sómente para o homem, as relações com a irmã ou com a mãe.

A mulher não é incriminada pelo incesto.

Não existe a prostituição propriamente dita, nem o amor livre. À mulher, sob o ponto de vista moral, não a preocupa o entregar-se a qualquer homem. O que sómente a coíbe é um respeito natural que tem pelo marido, entendendo que unicamente pertence áquele que pagou o *lambamento*. É naturalíssimo entre êles a mulher entregar-se a um homem e depois confessar ao marido a sua falta, que ela julga resgatada com a multa ou castigo que aquele paga ou sofre.

Aquele que se mete com as mulheres do macota, soba ou dembo, sofre grandes penas, sendo destas a mais grave o ser vendido como escravo.

Os contratos do casamento são feitos da maneira seguinte: o rapaz que pretende uma rapariga oferece-lhe imediatamente a quantia de seis centavos. Se ela gosta do rapaz, aceita-os e vai entregá-los ao pai, que por sua vez lhos devolve.

O homem, porém, pode contratar o casamento indepen-

dentemente da vontade da mulher, e é o que em geral acontece.

Se a noiva morre antes da união, o pai restitue a quantia ou os objectos recebidos como paga, penhor ou presente de noivado («lambamento»). Se morre depois, o pai tem por obrigação dar ao homem uma outra filha, e, caso não a tenha, restitue o *lambamento*.

Êste *lambamento* é por assim dizer a garantia de que uma mulher será fornecida ao homem. A êste é permitido escolher a mulher. Ela também pode escolher o marido, mas, se antes disso alguém a contratar directamente com os pais, a mulher tem que se entregar seja a que homem fôr, novo ou velho, feio, formoso ou aleijado. Quem o determina é o *lambamento* recebido, que tem o valor de uma escritura.

A virgindade da mulher não é exigida, mas é estimada. As próprias mulheres a tomam em consideração. O homem que encontra a sua mulher virgem presenteia a mãe desta com duas peças de pano riscado, por ter guardado a filha.

A união entre os dois sexos não se desfaz, a não ser quando os cônjuges não se entendem um com o outro e o marido, já aborrecido da mulher, resolve entregá-la aos pais.

Se um homem violar uma mulher virgem, é obrigado a pagar aos pais dela duas peças de pano riscado ou a quantia de um escudo e sessenta centavos, ficando assim liquidado o assunto.

O casamento é um perfeito acto mercantil. O homem compra a mulher, quer esta queira ou não.

Uma mulher pode custar doze a sessenta escudos, conforme a sua aparência e plástica, mas, para evitarem êstes altos preços contratam-na geralmente quando criança, sendo a taxa estabelecida de seis escudos, quantia de que o homem vai paulatinamente reembolsando os pais, em prestações de quipacas (cada quipaca vale um centavo) e macutas (cada macuta vale três centavos),

de modo que ela, quando chega à puberdade, está paga pelo comprador, que se desforra do que por ela deu fazendo-a trabalhar para êle andar à boa vida.

Em geral, as crianças de 5 para 10 anos de idade, as mais robustas e bonitas, já tem noivo.

Não usam o casamento por troca; entre alguns povos é costume haver o de ensaio, em que o casamento se consolida só depois do nascimento dum filho, passando neste caso a mulher a viver definitivamente em casa do marido.

Se, por acaso, a mulher dá à luz uma criança cujo pai não é o marido, dúvida alguma tem ela de confessar o delicto ao marido, que por este motivo não a expulsa de casa, nem a castiga. É devido a este facto, talvez, que estes povos ajuizadamente consideram os tios maternos com mais autoridade que os próprios pais.

O homem escolhe as mulheres ou na própria sanzala ou na vizinha, esteja ou não subordinada ao mesmo soba ou dembo; porém não é permitida a união dos povos pertencentes aos dembados de Caculo-Cahenda, Ngombe-Amuquiama e Quiabaxe-Quiamubemba com os povos Mahungos, Luangos ou Mubiris e os do dembado de Mbula-Atumba, isto é, não é permitida a união com tribus de raça diferente nem com inimigas.

Não há cerimónias especiais de casamento, nem festejos; apenas a sogra, em sinal de reconhecimento, costuma oferecer ao genro, depois deste ter pago o *lambamento*, um porco e um saco de *fuba* (farinha).

O crime de adultério é resgatado da seguinte forma: se o adultério fôr surpreendido pelo marido ou se a mulher lhe fizer a queixa, o adúltero paga ao marido: pela primeira vez, a quantia de seis centavos; pela segunda, uma jarda de riscado, equivalente a dez centavos; pela terceira, vinte; pela quarta, trinta; e depois uma cabra ou um porco; e assim sucessivamente, vai subindo o

pagamento. Caso se suscitem questões entre o marido e o seu rival, é o respectivo soba que intervem e resolve o assunto.

O homem que se mete com a mulher dum macota, é preso e acorrentado até que a família o resgate por um porco e dez peças de fazenda, sem o que é vendido como escravo. Se se mete com a mulher dum dembo, confiscam-lhe todos os bens e entregam-no ao Govêrno, para ser degredado.

Quando o ofendido mata um adúltero, comete um crime punível como qualquer homicídio voluntário.

A mulher, depois de casada e de haver tido um filho, passa a fazer parte da família do marido, não perdendo contudo direito à herança que porventura possa receber dos seus pais, da mesma forma que seus irmãos solteiros.

A mulher não pode ser emprestada nem trocada, mas pode ser vendida, caso tenha cometido algum crime grave.

No caso de dissolução do casamento, os filhos acompanham o pai e as filhas ficam com a mãe, e o produto das lavras, caso as possuam, é igualmente dividido entre a mulher e o seu antigo marido.

Os avós e os pais teem obrigação de educar os seus netos e filhos, tendo estes o dever de os respeitar e de lhes obedecer, e bem assim sustentá-los, como aos seus irmãos mais velhos, no caso de doença.

Na falta de pais ou avós, são os irmãos mais velhos que os substituem em tudo.

As pessoas que entram na constituição de uma família são os avós, pais e filhos. Os filhos casados constituem sempre novo lar, desde que tenham um filho. Quando haja filhos de várias mulheres, os da primeira são mais favorecidos.

Os filhos estimam seus pais, e quando os encontram fóra de casa, dão-lhes os bons dias e as boas tardes, pegando-lhes na

mão e tocando-a na testa. Igual cerimonia praticam quando encontram os tios.

O dembo é considerado pai de todos, e quando se pergunta a um indígena de que terra é, responde: sou *filho* do dembo de tal parte. Quando pertença ao dembado de Caculo Cahenda, é então com grande orgulho que responde ser filho desse dembo, visto esse ser então considerado o maior de todos os dembos.

Êstes povos, quando falam ao dembo, ajoelham diante dele, havendo alguns que, para se mostrarem mais respeitosos, se curvam até tocar com o queixo no chão, batendo em seguida as palmas. O dembo faz uns pequenos géstos com a mão, como quem abençoa, e, quando fala, todos se descobrem.

O indígena, desde o mais chegado ao dembo até o mais afastado em categoria, compraz-se em mostrar o seu respeito pelo dembo, especialmente perante os estranhos, não pronunciando a palavra «dembo», sem primeiro se descobrir e tomar uma attitude respeitosa.

Na embala do dembo, quando este dá alguma recepção, colocam uma cadeira para se sentar, e, enquanto êle não ocupa o seu logar, os macotas, ao passarem em frente da cadeira, ajoelham e curvam-se como se ela representasse uma divindade.

Qualquer homem do povo ou mesmo os macotas, para cumprimentarem um dembo, ajoelham-se e fazem com a mão direita um risco na terra e com a esquerda um outro, de maneira que os dois riscos formem uma cruz; seguidamente fazem os mesmos gestos em cruz por detrás do pescôço, o que quer dizer que o dembo é senhor de lhes mandar cortar a cabeça. Se o dembo lhes estender a mão, levam-na imediatamente ao nariz e cheiram-na com ruído.

*

* *

Quando um doente está moribundo, todos os membros da familia se reúnem à volta dele e começam a chorar logo que o mesmo acaba de expirar. Não é costume haver nesta ocasião práticas religiosas, danças ou cantos, nem costumam ser chamados os quimbandas ou feiticeiros.

Os parentes e amigos do morto anunciam o falecimento, quer seja de dia quer seja de noite, com tiros de espingarda.

Vestem ao morto um trajo semelhante ao que usam em vida, mas um pouco mais decente e rico. Às vezes, e especialmente nas terras do Zambi Aluquem, dá-se o curioso caso de um indígena, que em vida nunca usou nem sequer conheceu uma camisa e muito menos ceroulas, depois de morto ser vestido com êsses objetos de vestuário, oferecidos pelos parentes e amigos, que costumam também oferecer à familia do falecido um cabrito, um porco, vinho de palmeira, etc. Alguns, antes de vestirem o morto, untam-no com azeite de palma e tingem-no com tácula.

O cadáver fica em exposição durante três dias, em casa, sendo depois transportado numa tipoia, convenientemente coberto, até ao local onde deve ser encerrado, e acompanhado de todas as pessoas de familia e parentes, que colocam sôbre a sepultura objectos de missanga, manilhas e quindas (cestos), se o falecido era do sexo feminino; barretes, pratos, garrafas, copos, etc., se era do sexo masculino,

Quando se trata de um soba ou macota, em cima da sepultura colocam bastões, cadeiras e vários outros objectos que não sejam muito vulgares entre êles, a fim de mostrar que o morto possuiu em vida todos aqueles objectos.

Para evitarem que as almas dos falecidos os façam morrer de fome dentro de pouco tempo, costumam colocar também várias comidas e bebidas, imaginando que as almas se servem dessas ofertas, embora as encontrem sempre intactas quando vão substituí-las por outras.

A família do falecido não se alimenta durante os três dias que vão do óbito ao enterramento. Como sinal de luto, pintam o rosto com azeite de palma e dendem carbonizado. As mulheres, além desta pintura, usam um pano cobrindo-lhes a cabeça e absteem-se de ter relações sexuais durante quatro meses.

O luto é de seis a oito meses pelos pais, marido ou mulher; quatro meses pelos irmãos e filhos maiores; três pelos menores e dois pelos de peito.

Em Caculo Cahenda, quando morre algum soba ou dembo, no dia do funeral, o cadáver é transportado de casa para a embala, onde fica em exposição, envolto em panos e estendido numa tipoiá. Seguidamente os macotas dançam em volta do cadáver e levam-no depois procissionalmente pela povoação, com acompanhamento do batuque, a que chamam *gica*, e que consiste em manejos de espada, simulando cortar cabeças uns aos outros. Nestas ocasiões, o dembo, se foi um soba ou grande macota que morreu, também costuma dançar ao som da música, não em público, mas à porta da sua residência, junto da embala, envolvido no seu vistoso manto. À frente do cortejo caminham os macotas e os sobas, com as faces pintadas de preto, com uma touca feita de pano preto na cabeça e trajando as suas capas berrantes. Acompanham o cortejo só até ao término da povoação.

Os cemitérios ficam juntos das povoações, à beira dos caminhos, e as sepulturas são cavadas, primeiro em profundidade e depois para os lados. São as próprias pessoas de família do falecido que fazem as covas que hão-de servir de sepulturas. O pai é quem marca o local e quem principia a fazê-la; na falta dêle, é

a mãe quem o substitúe, sendo os pais os primeiros a deitar terra no coval.

No dembado de Quibaxe, as mulheres costumam despedir-se dos seus maridos lambendo-lhes o nariz e os dedos dos pés.

No dembado de Ngombe Amuquiama os dembos são enterados num local onde antigamente existia uma igreja.

Em alguns dembados é costume, quando morre um dos conjuges, o outro fechar-se no quarto com o cadáver e unir os seus órgãos sexuais aos do morto. Crêem que, se assim não procederem, o conjuge sobrevivente terá a mesma doença de que o outro veio a falecer.

Êstes povos guardam o culto dos antepassados, a fim de que as suas almas não lhes venham fazer mal.

Acreditam nos espíritos ou nas almas do outro mundo, a que chamam *matambola* (as que andam de noite a gritar) e *zumbi*, entendendo que elas pairam no espaço, não longe da terra.

Respeitam-nas e temem-nas muito, porque, se lhes é fácil desfazerem-se de um feiticeiro, envenenando-o; outro tanto não podem fazer a um espírito, a quem sacrificam um boi ou o que preciso fôr se o *chinguilador* disser que uma determinada alma quer comer e que, de contrário, ela lhes fará mal. Matam, neste caso, não só o boi como outros animais que forem indicados pelo *chinguilador*, arranjando uma refeição em que toma parte muita gente, associando-se a ela também... a referida alma.

Quando um cão ou um gato andam acometidos duma doença qualquer, julgam que êsses animais estão incarnados dum espírito maligno, mas nem por isso os veneram ou tratam de os curar, antes os abandonam e dizem: «Teem feitiço não teem remédio, esperemos que morram para serem enterrados».

Crêem na vida futura. Julgam que as almas dos que em vida foram maus sofrem noutra mundo, onde podem regenerar-se e tornar a morrer para acabarem com os sofrimentos.

Não há proibição de comer certos alimentos nem de tocar em determinados objectos ou de proferir quaisquer palavras, a não ser de tocar nos feiticeiros.

Não conservam a recordação de factos históricos, salvo a dalgum com êles sucedido, e perdem a noção do tempo. O dembo Caculo Cahenda possuiu até 1913 algumas cartas patentes desde o século XVII guardadas numa mala de ferro.

Os *quimbandas* costumam invocar, quando assim lhes solicitam, o espírito *zumbi*, que, passados alguns minutos, comparece no local onde foi chamado, de modo que depois não é o *quimbanda* propriamente quem fala, mas sim o espírito, pela bôca do *medium*, que é o *chinguilador*.

*

* *

Êstes povos crêem na existência dum ser sobrenatural, numa entidade inteiramente desconhecida para êles, que tudo pode e tudo manda, a que chamam Deus e a quem atribuem todas as fatalidades e desgraças que lhes advem, salvo aquelas que lhes parecem provir dos espíritos malignos e dos feiticeiros.

Supõe-se que os dembos reconhecem dois deuses, o do bem e o do mal, sendo êste último o que dá poder aos feiticeiros e é mais temido.

Não adoram objecto algum. Algumas vezes vê-se um ou outro indígena com um crucifixo, mas não o usam como símbolo duma religião, mas como adôrno.

Não existe o culto dos fenómenos físicos nem das forças da natureza; apenas temem o raio, recorrendo, por ocasião das grandes trovoadas, aos «quimbandeiros», afim dêstes receitarem um remédio que os resguarde das faíscas eléctricas.

Êstes povos retráem-se algumas vezes em fazer mal aos seus

semelhantes, em virtude da crença que entre êles existe de que aquele que fôr mau não só a sua alma sofrerá noutro mundo, mas ainda nêste, se a alma dos mortos que em vida foram atingidos pelas suas maldades resolverem intrrometer-se com êles.

Além disso, êstes povos teem remorsos dos males que praticam, e, quando êstes são graves, o remorso fá-los emagrecer de tal modo que chegam algumas vezes a morrer.

A noção do pudor parece existir nos povos desta tribu. Assim é que, uma mulher que geralmente anda inteiramente nua, não se envergonhando de mostrar todo o corpo e algumas vezes até o que naturalmente está oculto, quando passa a viver em companhia dum homem civilizado, que lhe dá uns panos, não mais se torna a apresentar nua como dantes, e envergonha-se mesmo em ter a descoberto os seios, um bocado da perna ou os braços.

Não teem a noção da caridade. O que teem por hábito dividir entre todos, é com o fim de receberem igualmente, quando os outros tiverem.

Organização social: Classes e castas

— Organização política — Propriedade — Regime económico
— Costumagens jurídicas

Há três espécies de classes nos povos desta tribo: os macotas, que são os conselheiros dos sobas e dos dembos, o povo, e os escravos (*muléques*).

São eleitos macotas os indivíduos já idosos, e os mais respeitáveis e ricos, perdendo imediatamente esta distinção no momento em que cometam algum delito grave.

Os escravos são aqueles que foram raptados ou dados em pagamento para uma terra diferente. Andam livres e não fogem porque se conformam com a sua situação.

Os dembos e sobas praticam desenfreadamente a escravatura, vendendo ou trocando, sob o mais fútil pretexto, indivíduos do seu dembado para outro.

Mesmo em S. António de Caculo Cahenda, junto do forte, se faz comércio de escravos, mas muito clandestinamente, porque sabem ser isso proibido pelas leis portuguesas.

O escravo nunca pode libertar-se; tem por obrigação trabalhar gratuitamente para o seu senhor, para o qual representa uma determinada quantia ou objecto, que pode ser, por exemplo, um boi.

Uma mulher pode ser vendida com os filhos e estes podem ser, por sua vez, vendidos isoladamente.

Os escravos ou *muléques*, nome porque geralmente são

conhecidos, vivem em cubatas separadas e comem também separadamente.

Antigamente, estes povos estavam subordinados a seis dembos; hoje há um grande número dêles, não com a mesma autoridade que os primeiros possuíram, mas como simples figuras decorativas.

O dembo é considerado um ídolo. Os macotas, que a cada passo arranjam uma questão com êle, por causa de meio decilitro de aguardente mal distribuido, em presença de estranhos mostram-se muito obedientes, ajoelham-se diante dêle ou mesmo ao passarem pela sua cadeira, e descobrem-se ao pronunciar o seu nome. Os macotas teem o poder de aposentar o dembo, quando êste não agrada. Às vezes enfeitiçam-no. O dembo aposentado continúa a gosar duma certa consideração, mas perde toda a autoridade, sendo apenas consultado em casos graves. O dembo é a bôca que fala perante os estrangeiros e perante os sobas. O seu governo determina e êle sanciona, tendo também o direito de veto.

Para a eleição do dembo são ouvidos os macotas e os sobas.

Ao dembo é vedado sair da sua residência, sendo-lhe permitido apenas sair até à embala. Estas prescrições vão enfraquecendo com o tempo.

O Estado, assim se denomina o conjunto do dembo e seus macotas, reúne na embala para discutir as questões políticas da região ou das suas relações com o Governo e povos vizinhos, sempre que assim fôr preciso. Em casos de maior importância, tomam também parte nestas assembleias os sobas e sobetas, bem como os dembos ou sobas aposentados.

O dembo não tem atribuições para tratar ou resolver um assunto qualquer sem que préviamente seja discutido em assembleia.

Como oficiais inferiores, tem os macotas menores, denominados sargentos, por imitação das graduações necessárias na guerra, mas, quando esta se trava, não há direcção superior nem comando, sendo todos, indistintamente, soldados combatentes. Em tempo de paz, servem-se de meirinhos ou oficiais de diligências para intimar qualquer indivíduo a comparecer perante o dembo. Para êsse fim os meirinhos apresentam à pessoa, cuja comparência é intimada, o bastão do dembo, no qual a pessoa intimada ata um laço como sinal de que recebeu a intimação e de que não pode faltar a êsse compromisso.

A aldeia mais próxima da banza principal de toda a região, representada pelos sobas e macotas, costuma reunir-se a esta, afim de impôr uma ordem ou transmitir qualquer resolução às aldeias mais distantes.

O sistema político parece ser uma monarquia absoluta ou despótica, mas electiva. Há formalidades que parecem duma monarquia constitucional, em que todo o poder reside no governo, dependendo do chefe do Estado a sanção ou o véto, mas, do meio da indisciplina política que entre êles reina, deduzem-se dois factos que se contradizem, a saber: os dembos e os sobas são uns déspotas, com poderes discricionários para abusarem dos seus vassallos; porém, estão sujeitos aos seus ministros (macotas), que tanto lhes podem outorgar a auctoridade como retirar-lha. Aparentemente, o dembo é omnipotente, ocupando uma situação superior a todos; intimamente, não passa d'um simples ídolo convencional, o cabeça falante.

Cada dembo tem sob o seu domínio uma ou mais sanzalas, que tem por chefes os sobas, e êstes, segundo a sua importância, teem debaixo de si sanzalas mais pequenas, cujos chefes são denominados sobetas.

Além dos presentes que os dembos exigem aos sobas, seus vassallos, não se cobra outro imposto.

Não há tratados de amizade. Vivem quasi sempre mal uns com os outros; no entanto, é fácil aliarem-se contra o inimigo comum, como por exemplo, os europeus.

As terras de cada dembo são limitadas por linhas de árvores, servindo de marcos, colocados pelas partes.

O dembo de Caculo Cahenda, além das cartas patentes a que já nos referimos, possui arquivados antigos documentos relativos à demarcação dalgumas das suas terras, levada a efeito com a intervenção da autoridade portuguesa.

Não há organização militar. Sendo necessário fazer alguma guerra aos povos dum sobado, esperam-nos emboscados, e, quando êstes passam muito próximo, sôbre êles desfecham à queimadura, atacando de preferência a cauda da fila ou da coluna. Nas grandes lutas há um indivíduo chamado *quilólo*, que vai à frente a sacudir as balas inimigas, e o qual passa por ser invulnerável.

As mulheres não tomam parte nos combates. Os prisioneiros de guerra são vendidos, salvo os sobas, cujas cabeças são decepadas.

Quando ficam vitoriosos, tomam conta da povoação inimiga e das terras adjacentes, colocando aí um soba ou sobeta.

A população inimiga que prestar obediência aos vencedores permanece na povoação.

*

* *

O senhor das terras é o Estado, presidido pelo dembo, que concede todas as licenças que cada um pede para grangear os terrenos baldios que quizer. No Estado há dois indivíduos especialmente considerados donos das terras, e que teem os títulos de *Samba* e de *Itandala*, ou conjuntamente o nome de *Dumbi-Emulumbi* (donos das terras).

Não existe um domínio público. O Estado pode ser possuidor de casas, terras ou animais, que pertencem igualmente a todos os macotas.

Todas as terras são do povo e cada particular pode usufruí-las segundo as suas necessidades. As propriedades são limitadas por sebes ou por outros sinais quaisquer.

Na vida em comum, o homem e a mulher são igualmente proprietários dos objectos que estão em casa; porém, quando se separam, a mulher leva as panelas, a sua quinda, a sua esteira e a sua colhier, ficando o homem com a catana, com os pratos e com o banco. A mulher não pode comprar, nem vender, nem distribuir. É-lhe vedado repartir o pôrco ou a galinha que matam para as refeições da família, sendo o seu papel cosinhar as comidas.

A mulher não pode também ir à mala buscar um pano ou outra cousa qualquer; o marido não lhe confia as chaves das malas: é ele que as abre e vai buscar ou arrecadar o que é necessário.

A mulher escrava só trabalha e come o que lhe distribuem. O marido, às vezes, autoriza à mulher a ter uma galinha, se esta lhe fôr dada pela sua família, afim de ter ovos e criação.

Os bens imobiliários pertencem ao marido, inclusivamente as lavras feitas pela mulher.

O direito de caçar é livre, mas aquele que fizer caça grossa (boi bravo, etc.) e não oferecer ao seu respectivo dembo ou soba a cabeça e a parte trazeira do animal é prêso. Aquele que caçar, por exemplo, uma onça, deve apresentá-la ao dembo ou soba, o qual começa a contar os pêlos do bigode do animal. Se faltar alguns dêstes pêlos, bem como alguma unha, o caçador é prêso, por suspeita de querer fazer feitiçaria com êsses objectos.

Existe o direito de propriedade sôbre achados, devendo, no entanto, ser devolvidos ao dono que prove pertencerem-lhe, sendo prêsos aqueles que procederem de modo contrário.

Fazem comércio de importação e de exportação. Importam fazendas, armas, pólvora, sal e peixe sêco; e exportam feijão e café, que é muito abundante na região.

Os povos pertencentes aos dembados de Caculo Cahenda e Mbula Atumba negoceiam também em gado. A região de Cazuan-gongo é das mais inúteis, comercialmente.

Em S. António de Caculo Cahenda há uma casa comercial de mercearia e permuta com o gentio.

Não há caravanas, nem feiras e cambistas.

As moedas são: uma mulher, *equivalente* a um boi; um boi, que vale 20 a 40 escudos; um pôrco ou carneiro, que vale 3 escudos; fazendas e aguardente, dinheiro em cobre, que contam aos 3 centavos (macuta). Um homem escravo (mulêque) pode também ser permutado, tendo pouco menos valor que a mulher.

Como medidas empregam: um saco ou um cestinhô, uma peça de 8 jardas de fazenda, e a jarda, que medem desde o centro do peito à extremidade da mão, estando o braço estendido horizontalmente.

Quando fazem um contrato qualquer, os contratantes são os que primeiramente emitem a sua opinião, depois são os avós dos contratantes, depois os tios e a seguir os irmãos mais velhos, os irmãos mais novos, os sobrinhos e, por último, os primos.

No caso de herança, os sobrinhos herdram dos tios e vice-versa; não havendo êstes, herdram os membros da família do falecido, do ramo materno.

A mulher, depois da morte do marido, é herdada pelo irmão mais velho do falecido, e se êste não a quizer é o irmão mais novo que com ela fica. Aquele que a recebe paga três peças de fazenda à família da viuva. A êste presente dão o nome de *tabaco*. Julgam que a viuva que se liga a outro homem, sem primeiro passar pelo poder dos cunhados, morre ela e aquele que com ela se casar.

*
* * *

Quando um indivíduo de certo dembado comete um crime, como por exemplo, o de assassinio, e a vítima pertence a dembado diferente, se êsse criminoso não é prêso será amarrada e pagará o crime a primeira pessoa que apanharem do dembado do criminoso.

Andam constantemente em questões os povos dum sobado com os do outro. Muitas vezes lembram-se das questões entre êles suscitadas há muitos anos atrás, e trazem-nas novamente à téla da discussão.

No caso dum crime ou dívida, quem responde primeiro é o criminoso; se êste fugir, prendem o irmão mais novo do criminoso; se também êste não se deixa prender, agarram o pai do criminoso; e se também êste escapar à prisão, prendem um tio; e, finalmente, se êste último também fugir, o julgamento fica pendente até morrer o criminoso e sua família, excepto a mãe que nunca responde pelos crimes por outros praticados.

Como penhor dum dívida, costumam dar um homem, uma mulher, crianças ou quaisquer outros objectos.

Não emprestam valores a juros, mas se o devedor demora a pagar ou não é amigo do crédor, êste exige o pagamento aumentado.

Não teem códigos nem leis que regulem a aplicação de penas. Estas são quási sempre reguladas pelos crimes, mas aumentam consoante as posses do acusado e do queixoso, pois os juizes (macotas) não teem em vista fazer justiça, mas sim explorar, visto que não vivem doutra coisa senão da exploração dos crimes reais e imaginários. O queixoso, embora tenha razão, se fôr rico, paga também muito para os juizes.

Antigamente, antes da ocupação da região onde habitam êstes povos, existia entre êles a pena de morte por enforcamento; se o delinqüente resistisse, fuzilavam-no. Actualmente, ainda parece existir a mesma pena em lugares não ocupados pelas autoridades.

As restantes penas gentílicas mais graves que ainda hoje existem são: o ser vendido como escravo e o pagamento de bois, porcos, fazendas, café, etc. Emquanto o delinqüente não cumprir a pena, êste fica prêso ao tronco dum árvore.

Existe o instinto de vingança muito pronunciado e com toda a aparência de penas de Talião, mas os juizes (macotas) a isso obstem, porque semelhante prática nada lhes rende, procurando por isso julgar todas as questões.

A família do indivíduo que tenha sido vítima dum assassinio pode exigir do homicida o pagamento que quizer, mas não a morte do criminoso. Na maioria das vezes, exige muitos muléques, que o homicida tem de dar se os possuir; no caso contrário, ficam o criminoso e sua família como muléques.

Ao julgamento dos criminosos, se o crime é grave, quem preside é o respectivo dembo, único que se senta em cadeira; se o crime não é muito grave, preside ao julgamento o *Muene-itan-dala*, e, na sua falta, o *Muene-samba*; e se o crime é insignificante, são os macotas que presidem ao julgamento. Há um secretário do tribunal, que assiste aos julgamentos sentado numa esteira ao lado do dembo, mas que nada resolve nem escreve.

O tribunal é composto pelos *Muene-itandala* (macota-mór), *Muene-samba* e *Muene-massa*, também intitulado *Tala-mujinga*, que fica atrás ou abaixo dos precedentes; e atrás dêste ficam o *Mutor-embaje*, indivíduo encarregado de receber correspondência; o *Muene-lumbo*, *Muene-hapa*, *Muene-seme*, *Muene-dumbe*, *Muene-sanje*, *Muene-cui 1.º*, *Muene-cui 2.º*, *Muene-unho*, *Muene-sonze*, *Muene-cablanga* e muitos outros macotas, como são o *manjor*, o *capitango*,

o *brigadéro*, o *tinenti*, o *califéri*, os *sarigentos*, os *cabos*, o *cornitéro* e o *porta-batuque*.

Os macotas inferiores raras vezes comparecem no tribunal. O julgamento é publico e apenas se vestem melhor o *Dembo*, o *Muene-itandala*, o *Muene-samba* e o *Muene-Gombe*, soba da maior sanzala, que sómente comparece quando se trata do julgamento de crimes gravíssimos. Êste *Muene-Gombe* é considerado irmão do dembo que substitue nos seus impedimentos; pode usar botas, mas, quando está em presença do dembo, descalça-as. O *Caculo Cahenda* é o dembo que tem maior número de macotas.

O réu e o queixoso assistem aos julgamentos sentados no chão, como todos, e ajoelham-se quando o dembo fala. O réu só é prêso depois de condenado. Quando as testemunhas afirmam e o réu nega, êste é submetido à prova de juramento, a que mais atrás já nos referimos.

Se o réu, depois de beber a droga, ficar aflito, e se é acusado de feitiçaria, deixam-no morrer e praticam tudo o que ficou dito quando tratamos dos feitiçeiros; se não é acusado de feitiçaria, dão-lhe um contra-veneno e consideram-no um criminoso vulgar.

O *quimbandeiro* é chamado quando se trata de crimes de pouca importância, o qual aplica ao réu um ferro em brasa. Se na verdade êle fôr culpado, êsse ferro queima-o; no caso contrário é considerado inocente. Antes de applicarem ao corpo do réu o ferro em brasa, afim de conhecerem o grau da queimadura que êle pode produzir, fazem a experiência tocando uma pena de galinha com o ferro.

Ê permitido indemnizar o prejuizo do crime, mas não dispensam as formalidades do julgamento, afim de os juizes não perderem as custas.

Os macotas, ouvindo as partes e testemunhas, discutem a causa, seguidamente conferenciam com o dembo, que está sen-

tado a distância, depois escutam a opinião do *Muene-itandala* e do *Muene-samba* e tornam a conferenciar com o dembo, que profere finalmente a sentença.

Êstes povos não assimilam por enquanto uma civilização superior, mas teem consideração pelo indígena civilizado.

1918.

O DENTE-SANTO DE ABOÍM DA NOBREGA E A LENDA DE S. FRUTUOSO (Abade) (1)

POR

J. A. PIRES DE LIMA

Professor da Faculdade de Medicina do Porto

Em princípios de Novembro de 1920, os jornais noticiosos referiram-se largamente a um curandeiro que foi preso no concelho de Vila Nova de Gaia por andar tratando individuos mordidos por cães hidrófobos.

Chamava-se o homem Manuel António Martins, tinha 54 anos, e morava no lugar da Portela, freguesia de Aboím da Nóbrega, concelho de Vila Verde. Possuia um «dente-santo» que teria mais de oitocentos anos, pertencera a S. Frutuoso e gosava do privilégio de prevenir a raiva, desde que fôsem benzidas com êle as pessoas mordidas de cão danado.

Ao ser preso, apreenderam-lhe o dente-santo, recomendando instantemente o Martins que não lho perdessem; e acrescentou que, ainda que tal succedesse, o dente iria ter milagrosamente a sua casa.

Dos autos do corpo de delito por burla, em que foi argüido Manuel António Martins, consta o seguinte: César Ferreira, residente na Praia da Granja, suspeitando que uma sua vaca fôra mordida por um gato raivoso, e sabendo que o Martins ou «Dente-santo», viera a Espinho benzer umas pessoas, mandou-lhe pedir para ir também benzer a vaca, o que êle fez, declarando que

(1) Sessão científica de 3 de Junho de 1921.

todas as pessoas e animais mordidos de cão danado ficavam radicalmente curados, desde que fôsem benzidos com o dente-santo e se lhes applicasse a reza de S. Frutuoso.

Ao auto de perguntas respondeu Manuel António Martins ser casado, lavrador, filho de João Batista Martins; que nunca estivera preso nem respondera em processo e que, há alguns anos a esta parte, procurava por meio de rezas fazer o tratamento da raiva a pessoas e animais. Havia dias que o chamaram à Granja, onde benzera grande número de pessoas. Garantiu o Martins que o tratamento que applicava, isto é, as rezas e a benzedura com o dente de S. Frutuoso, torna desnecessário o tratamento médico.

O dente-santo pertenceu já a seu pai, avô e outros antepassados, que como êle exerciam a mesma profissão, e afirma o Martins que tem benzido diferentes pessoas mordidas por animais rai-vosos e que nenhuma delas se danou; que aquele dente já tem oitocentos anos e faz curas milagrosas. Que ia a qualquer parte onde o chamassem para benzer os mordidos de cão danado, desde que se responsabilizassem pelas despesas.

O agente do Ministério Público, sr. dr. A. de Alpoim, atendendo a que o Martins não tratava de angariar clientes; que, pelo contrário, acorriam pressurosos suplicando-lhe que os benzesse; e que, além disso, êle é um crente sincero nas virtudes do dente-santo, promoveu que se arquivasse o processo e que o dente, para que em ninguêm *mordesse*, fôsse enviado ao director da Faculdade de Medicina, para que ficasse ali arrecadado, como prova do «que foi, é, e será por largo tempo, a crendice popular».

Em conformidade com essa promoção, o juiz remeteu o dente-santo ao sr. director da Faculdade de Medicina, que o confiou à minha guarda.

Vou hoje apresentar a curiosa relíquia a esta Sociedade.

O dente-santo (fig. 1) está guardado numa caixa de prata, composta de dois cilindros irregulares, ôcos. A parte superior, ou tampa, é de forma cilíndrica, irregular, está bastante amassada e apresenta, junto do bôrdo livre, uma extensa brecha disposta verticalmente. Mede 55 milímetros de altura e 34 de diâmetro máximo. Ainda junto do bôrdo livre, tem fixa uma argola de prata, fronteira a outra que se encontra junto do bôrdo que está tapado. Por essas argolas passa um cordão de lã preta a que logo me vou referir. Do outro lado estariam dispostas simetricamente outras argolas: a correspondente ao bôrdo livre desapareceu, havendo no seu lugar um buraco que atravessa a caixa. A argola que está na mesma linha, junto do outro bôrdo, está rôta, gasta pelo uso. Entre as duas argolas que ficam junto do bôrdo tapado vê-se, dum lado e do outro, um sinal, cuja significação não pude determinar.

A parte inferior é também um cilindro ôco, irregular; é a que recolhe o dente-santo, com a fita que o sustenta, e tem um bôrdo livre muito irregular e com diversas falhas. Junto dêsse bôrdo encontram-se dois buracos, dispostos um defronte do outro. A um deles está amarrada uma fita, da qual pende o dente de S. Frutuoso.

Esta parte é mais estreita e mais longa que a primeira, na qual encaixa; mede 63 milímetros de altura e 33 de diâmetro máximo. Junto da base desta peça há uma faixa de um centímetro de largura, limitada por dois bordos salientes. Nessa faixa vêem-se fixas também duas argolas de prata, por uma das quais passa uma grossa cadeia do mesmo metal.

A fita a que me referi é de algodão vermelho escuro, mede 62 centímetros de comprimento e 22 milímetros de largura, e prende-se a uma argola que está unida a uma espécie de berloque cilindro-cônico de prata, onde está encastado o dente-santo.

Aquela peça metálica tem 3 centímetros de comprimento e 13 milímetros de diâmetro máximo.

O dente-santo é um grande molar humano, muito amarelado pelo tempo; irregular, multicuspídeo, só uma parte da corôa está fóra do engaste. Mede 11 milímetros de largura e 7 de espessura.

O cordão de lã tem 47 centímetros de comprimento, passa pelas argolas a que me referi e está amarrado pelas suas duas extremidades a uma grossa corrente de prata de 77,5 centímetros de comprimento. O cordão de lã e a corrente serviam para lançar ao pescoço do benzedor, quando êle fazia aplicação do dente de S. Frutuoso. No fundo da caixa que o encerra, encontra-se um bocado de estopa para amortecer os atritos à preciosa relíquia. A estopa está irregularmente corada de vermelho, certamente pelo contacto da fita, que por vezes seria recolhida húmida.

A caixa de prata, com todos os seus anexos, pesa 115 gramas. Consultado o ilustrado ourives sr. Rosas, sobre a antiguidade da caixa, manifestou a opinião que ella não teria menos de duzentos anos, sendo a corrente muito mais moderna.

*

* *

Assim acabou, tão prosaicamente, recolhido a um Museu, um objecto que tantos milhares de pessoas olhavam como sagrado!

Estudemos, na tradição popular e na literatura, o dente-santo de Aboím da Nóbrega.

Esta freguesia seria outrora a séde de muitos solares de fidalgos, e daí lhe provirá o nome. Julga o povo destes sítios que S. Frutuoso era dali e ainda hoje o venera em duas capelas (Sande e Senhor da Paz do Mundo). Como quer que seja, dizem

que, há vários séculos, existe em Aboím o dente de S. Frutuoso, na posse da família de «Os do feitor» ou «Dentes-santos». Diz a lenda que o próprio S. Frutuoso o ofereceu a um fidalgo, o qual, tendo dissipado toda a sua fortuna e morrendo solteiro, o legou, à hora da morte, a um criado; declarou-lhe que o tinha recebido do próprio S. Frutuoso, o qual lhe dissera o seguinte: «Quem possuir êste dente não será rico; mas será sempre remediado, e nunca passará necessidades. Só poderá ser possuído por um varão».

Indivíduo que fôsse mordido por cão danado, sendo benzido com o dente-santo, não tinha perigo; não há exemplo de que ninguém tenha morrido danado na freguesia de Aboím. Todo o povo daquelas redondezas acredita piamente na eficácia do dente de S. Frutuoso, e «Os do feitor» ou «Dentes-santos», conquanto criaturas absolutamente incultas, eram muito respeitadas e todos recorriam a êles em caso de mordedura por cão hidrófobo.

O ensalmo usado pelo «Dente-santo», era o seguinte:

«Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo
E de S. Frutuoso
Eu te benzo
E, tocado por mim, nunca serás raivoso».

«O do feitor», para benzer os mordidos, ou o pão que êles deviam comer, deitava a cadeia de prata ao pescoço e segurava com a mão direita o dente-santo, fazendo com êle cruces, enquanto pronunciava as palavras do ensalmo. (Fig. 2).

Parece que o dente de S. Frutuoso já há séculos estava de posse da família de «Os do feitor». Obedecendo à tradição, o dente não devia passar da linha masculina. Uma vez, talvez no tempo do bisavô de «João do feitor», João Manuel Martins, pai de Manuel António Martins, o detentor do dente-santo teve apenas uma filha legítima, que, por ser «varôa», não podia herdar a

reliquia. Diz-se que o pobre homem, já idoso, se lamentava por não poder deixá-la a um membro da sua estirpe, quando várias mulheres do sítio, comovidas com os seus queixumes, denodadamente se lhe ofereceram para que êle, num derradeiro esforço, procurasse haver um autêntico herdeiro para o dente-santo. Efectivamente, diz a tradição que uma das moças teve a glória de gerar um varão a quem coube a honra de perpetuar a dinastia...

Esta família, conforme a promessa de S. Fructuoso, nunca foi rica, mas também nunca teve necessidades. O último possuidor do dente é um pequeno lavrador e ganhava bastante dinheiro com a sua arte de benzedor. Antigamente o «Dente-santo» recebia cinco ovos por cada mordido que benzesse; depois passou a levar um pataco, depois seis vintens e ultimamente exigia dois tostões, além das despesas de viagem. Ia onde o chamavam e tinha larga fama nas províncias do Minho, Trás-os-Montes e Douro, e ainda na Galiza, onde muitas vezes o reclamavam.

O «Dente-santo», como disse, também benzia pão, que depois dava a comer aos homens e animais mordidos, durante alguns dias. Em geral os pães que êle benzia eram as chamadas *padas*, que são compostas de quatro porções separada em cruz. Assegura-se que êsse pão assim benzido jámais ganhava bolor, ainda que se conservasse durante dois ou três meses (1).

Não há dúvida que a tradição do dente-santo de Aboím é antiga, estendendo-se para muito longe. Conta meu Pai que, há talvez mais de sessenta anos, se lembra de que, estando êle em Carreço (Viana do Castelo), chamaram ali o «Dente-santo» de

(1) Aos meus informadores, especialmente ao meu amigo dr. ALBERTO RIBEIRO e ao sr. GASPAR GUIMARÃES, digno escrivão-notário de Vila Verde, apresento os meus agradecimentos.

Aboím, para benzer uns indivíduos mordidos por cão raivoso; e que êle benzia também *moletes* que os mordidos deviam comer (2).

Em 1873 dizia Pinho Leal (3) acerca do dente-santo de Aboím:

«*Aboim da Nobrega*—Ha aqui um dente-santo que dizem ser de S. Fructuoso, abbade de Constantim (junto a Villa Real) onde está a cabeça d'elle sem um dente, outros querem que seja de Santo Eleuterio... O que é certo é ser o povo d'estes sitios muito devoto d'este dente, que segundo elle, livra de mordeduras de cães damnados».

Em 1879 dizia outro autor (4):

«*Aboim da Nobrega*—... N'esta mesma igreja existe um *dente-santo*, que muitos asseveram ser do abbade de Constança (*sic*), S. Fructuoso; afirmando outros ser de Santo Eleuterio... Não se pode averiguar com certeza a tal respeito. Este dente é tido pelos ignorantcs na conta d'um antidoto das molestias rabicas».

José Augusto Vieira (4) também se occupou do mesmo assunto nas seguintes palavras:

«*Aboim da Nobrega*—O leitor encontra n'uma reliquia sagrada que aqui existe, um preservativo contra a mordedura dos cães damnados, melhor diríamos contra os seus funestos effeitos, porque é applicando esse amuleto sobre a ferida que o ameaçado fica livre. Ha quem o supponha das maxillas de S. Fructuoso, abbade de Constantim, junto de Villa Real, onde se vê a sua cabeça, exactamente sem um dente; quem o suppo-

(1) A. C. PIRES DE LIMA—*Tradições populares de Santo Tirso (Revista Lusitana, XIX, 1916).*

(2) PINHO LEAL—*Portugal Antigo e Moderno*, I, Lisboa, 1873.

(3) «*Portugal*», *Diccionario Chorographico, Historico, Heraldico*, por J. MAS CARENHAS e C. DE ABREU, I, Lisboa, 1879.

(4) JOSÉ AUGUSTO VIEIRA—*O Minho Pittoresco*, I, Lisboa, 1886.

nha de Santo Eleuterio... Difficil caso é este, como vêem! Questão para sabios e dentistas, termina o autor do *Minho Pittoresco*... .

Finalmente, numa tese apresentada à Escola Médica do Pôrto em 1901, vejo tambem uma referência ao dente santo de Aboim (1).

*

* *

«Os-do-feitor» são porventura os últimos representantes em Portugal dos antigos *salutatores, saludadores, saüdadores*, ou *benzedores*.

O povo considerava outrora duas castas de pessoas dotadas de poderes sobrenaturais: uma, a dos feiticeiros de ambos os sexos, recebia do diabo a arte de adivinhar; ainda hoje é, entre nós, muito viva a crença nas bruxas e feitiços. A outra, era de Deus que recebia extraordinários poderes: refiro-me aos *saludadores* ou *benzedores*, que hoje quasi desapareceram da tradição portuguesa mas que, pelo menos ha poucos anos, ainda estavam muito em vogã na Espanha.

Adolfo Coelho (2) produziu uma longa e erudita dissertação sobre os *saludadores* e outras pessoas dotadas de poderes sobrenaturais e Bras Luís de Abreu (3) apresenta-nos as regras para distinguir um autêntico benzedor dum mistificador qualquer que deseje usurpar aquella grave qualidade. Se o Benzedor, quando

(1) SALGADO DE ANDRADE—*Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Porto, 1901.

(2) ADOLPHO COELHO—*Entidades mythicas e pessoas dotadas de poderes sobrenaturaes*, XX (*Rev. d'Ethnologia e de Glottologia*, Fasc. IV, Lisboa, 1881).

(3) BRAS LUIS DE ABREU—*Portugal Medico*, Coimbra, MDCCXXI.

intenta curar a hidrofobia, applica um bocado de pão que tenha sido por êle primeiro mastigado, trata-se, segundo o «Ôlho-de-vidro», de um «supersticiozo, & embusteiro; porque a graça de curar não necessita de ajudar-se de semelhantes remédios, e circumstancias». «Ha quem diga, continua Bras Luís, que os que nascem em sexta feira santa trazem consigo aquele dom. São embusteiros, maliciosos, ou impios, prejuros & suspeitos de pacto».

Enquanto que os feiticeiros eram duramente castigados pelas leis portuguezas, os benzedores, desde que fôssem devidamente autorizados, podiam exercer livremente a sua milagrosa arte.

As Ordenações Afonsinas, reproduzindo uma lei promulgada por D. João I, condenavam os feiticeiros a castigos corporais e a degrêdo para Ceuta.

Muito mais curiosas, sob êste ponto de vista, são as Ordenações Manuelinas (1) que puniam severamente, além de diversas práticas supersticiosas, outras, como a *cristalomância* e o uso da *varinha adivinhatória*, que abrangem fenómenos hoje considerados como reais, explicáveis scientificamente, *desocultados*, segundo a expressão de Grasset.

Ouçamos as Ordenações Manuelinas: «Outro si nom seja algũa pessoa tam ousada, que pera adéuinhar lance sortes, nem varas, pera achar auer, nem veja em agoa, ou em cristal, ou em espelho,... nem tragua comsiguo dente, nem baração de enforcado, nem qualquer outro membro de homem morto, nem com outra algũa (posto que aqui nom seja nomeada) especie algũa de feitiçaria, ou pera adeuinhar...». Os que desobedecessem a esta lei eram açoutados e degredados perpétuamente para a Ilha de S. Tomé.

(1) *Orden. Manuelinas*, lib. v, tit. XXXIII.

A gente rústica, informam as mesmas Ordenações, usava muitas abusões, tendo alguns « cabeças de saluadores encastoadas em ouro, ou em prata, ou em outras cousas ».

Os benzedores, desde que tivessem licença, podiam usar da sua arte; se a não tivessem, conforme a sua categoria, eram açoutados ou degredados por um ano para a África: « Outro si defendemos, que pessoa algũa nom benza caens ou bichos, nem outras alimarias, nem vse disso sem pera ello primeiramente auerem Nossa Auctoridade, ou dos Prelados, para o poderem fazer ».

As Ordenações Filipinas ⁽¹⁾ inserem disposições análogas para os que « benzem cães, ou bichos, sem auctoridade del Rei, ou dos Prelados ».

Tambem as Constituições do Arcebispado de Braga ⁽²⁾ tratam da « graveza dos delitos da feitiçaria, superstição, e agouros, e como se devem prohibir e detestar ».

Não negavam as *Constituições* que fôsse possivel adivinhar, descobrir tesouros, etc.; proibiam, contudo, essas práticas « porque sem ajuda, e obra do demonio, não é possivel saber-se » (tal coisa).

As mesmas Constituições (Tit. 40.º, Const. XII) determinam que o visitador averigüe « se ha algum benzedeiro, ou benzedeira de gente, ou de gado, ou que diga, que corta baço, ou que cura de olhado, ou lance nominas, ou faça outras superstiçãoens para curar de feridas... ».

A constituição III, tit. 49.º regula do modo seguinte as benzeduras: « He cousa sem duvida, & que se colhe das Escrituras sagradas haver na Igreja de Deos graça para curar algũas pes-

(1) *Orden. Filipinas*, lib. v, tit. iv.

(2) *Constituições Sinodaes do Arcebispado de Braga*, tit. XLIX, Lisboa, 1697.

soas; a qual se pode achar não só nos Santos, & virtuosos, mas ainda nos mãos, & peccadores; porém porque no modo de exercitar esta graça, & privilégio, póde aver grandes enganos, superstiçãoens, & abusos, mandamos, & prohibimos a todos nossos subditos, assim Ecclesiasticos como seculares, de qualquer sexo, & condição que sejaõ, sob pena de excommunhão maior, & de vinte cruzados para as despezas da Justiça, q̄ nenhum use de ensalmos, ou palavras para curar feridas, ou doenças, nem benza a outra pessoa, ou animais, ou bichos alguns, nem excommungue lagarto, burgo, gurgulho ou outra cousa sem primeiro ser examinado & aprovado pelo nosso Provisor, ou Ministros que para isso deputarmos, & haver licença nossa por escrito, depois de assim ser aprovado ».

Pelo menos desde D. Manuel I até D. Sebastião foram concedidas diversas licenças a benzedores. Citarei as seguintes autorizações régias ⁽¹⁾:

« Dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virem, fazemos saber que ha nos dise afonso da costa, Escudeiro del Rey meu Sennor que deus aja, que noso Snnor por sua mysericordya E piedade pozera Em ele vertude de bemzer com palauras que ele dezya aos moordidos de caees danados E asy quaeesquer anymalias E que por vertude de noso Snnor Recebyam saude. E asy daua agoas é muitos logares necesareos... ».

Termina a carta concedendo a Afonso da Costa licença para benzer.

(1) Sobre este assunto ver:

— P. D'AZEVEDO — *Benzedores e feliceiros no tempo d'el-rei D. Manuel* (Rev. Lusitana, III).

— CLÁUDIO BASTO — *Medicina popular: «II Raiva»* (Portugal Médico, 1915).

— FRANCISCO ANTONIO GONÇALVES — *Breves considerações sobre medicina popular* — Tese da Faculdade de Medicina do Pôrto, 1917.

— ADOLPHO COELHO — Loc. cit.

—Em 1532 dava D. João III autorização análoga a João Fernandes, de Olalhas (Tomar), para benzer com o sinal da cruz todas as pessoas e alimárias de dôr de cães danados.

—Pedro Eanes de Covão, de Extremoz, obteve também, no tempo de D. Sebastião, licença para usar das suas virtudes contra a dor e derramar dos cães. Tinha autorização para benzer água, sal e tudo o mais contra a dita dor.

Dizia o snr. Dr. Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾, ha cêrca de quarenta anos, que, ainda nesse tempo, nas aldeias da Beira Alta, o gado ou outros animais mordidos por cão danado eram benzidos por certos padres, que tinham poder para isso. Êsses eclesiásticos benziam também o pão que os mesmos animais deviam comer.

Suponho que tal superstição estará hoje muito obliterada entre nós. Não sucederá o mesmo em Espanha, onde Ollavarria y Huarte ⁽²⁾ colheu interessantísimos dados àcêrca dos saludadores.

Em Espanha preveniam os efeitos da hidrofobia dando um saludador a comer aos mordidos de cão danado pão sem sal.

O saludador prevê por meio da cristalomância se uma mordedura de cão danado estaria ou não destinada a provocar a raiva. Na estação mais perigosa, o saludador andava de aldeia em aldeia benzendo os gados e saudando-os em nome de Deus.

Era tão forte em Espanha a crença nos saludadores, que havia aldeias onde êles estavam avençados como os médicos.

O saludador nasceu em sexta-feira santa às tres da tarde, em ponto, hora precisa a que morreu Jesus; tem uma cruz no

⁽¹⁾ LEITE DE VASCONCELOS — *Tradições populares de Portugal* — Porto, 1882.

⁽²⁾ OLLAVARRIA Y HUARTE — *Medicina popular. Supersticiones españolas* (*Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, IV, Palermo, 1885).

ceu da boca e chorou tres vezes no ventre de sua mãe, que do fenómeno guardou segrêdo ⁽¹⁾. Vive dos proventos que lhe dá o exercício da sua profissão de benzedor de mordidos de cão hidrófobo. «En Madrid, diz Ollavarria y Huarte, con ser la capital de España, hay uno á quien vienen á consultar de todos los pueblecillos immediatos, y mas de una vez me han contado, referiendose á él, sus curas maravillosas».

*

* *

Guiados por Pinho Leal e por José Augusto Vieira, atermos agora o Marão e vejamos o que resta em Constantim da Cabeça de S. Frutuoso. Vejamos também o que pude averiguar, quer na tradição trasmontana, quer na literatura, sobre a vida e os milagres de S. Frutuoso, e confrontemos a lenda de Trás-os-Montes com a do Minho.

Falam os hagiógrafos de dois bemaventurados que tiveram o mesmo nome de S. Frutuoso. O primeiro seria bispo de Dume e arcebispo de Braga no século VII da nossa era. Ê conhecido por S. Frutuoso, Arcebispo ⁽²⁾.

O segundo, que é o que nos interessa, teria sido abade de Constantim, perto de Vila Rial, no século XII.

A mais antiga referência que encontrei sobre êste santo foi

⁽¹⁾ Num trabalho que estou redigindo, sobre a teratologia nas tradições populares, falarei de análogas superstições portuguesas. (*V. Arq. de História da Medicina Portuguesa*, 1921, números 4 e 5).

⁽²⁾ Sobre S. Frutuoso, Arcebispo, veja-se:
—BOAVENTURA MACIEL ARANHA — *Cuidados da morte, e descuidos da vida*, Lisboa, MDCCLXI.

—*Vida, e regras religiosas de S. Frutuoso Bracarense... impressas... de mandado...* D. FR. CAETANO BRANDÃO... Lisboa, M.DCCC.V.

a do manuscrito de João de Barros ⁽¹⁾, publicado pela Biblioteca Municipal do Porto em 1919 e que datará de 1549.

Lê-se nessa obra, a página 115:

«Constantim—Està a hua legoa desta Vila de Villa Real hua aldeia, que chamão Constantim, onde està hua Cabeça Santa, que milagrosamente aproueita aos mordidos de Caens danados».

Anos depois, Duarte Nunes de Leão ⁽²⁾ fazia a seguinte referência a S. Frutuoso Abade: «està sepultado na igreja de que elle fora prelado que se chama Cabeça Sancta por nella se mostrar a cabeça deste glorioso sancto com muitos milagres».

A seguir, e já no século XVII, colhi muitos dados em Gaspar Estaço e em George Cardoso.

O primeiro ⁽³⁾ diz o seguinte no cap. 49 da sua obra:

«Muito frequentemente acontece n'estas partes danaremse caës e muitas vezes cõ prejuizo más a diuina prouidencia deu logo remedios, que com serem os melhores e mais certos, nam custam dinheiro, e assi foi necessario, specialmente pera lauradores, que sam muitos, e muito pobres. Estes sam a cabeça do santo Abade Fructuoso, que està em Constantim termo de Villa Real, na Igreja chamada cabeça santa por amor d'ella de que ha fama de grandes milagres...».

Em meado do século XVII, George Cardoso ⁽⁴⁾ deu-nos uma notícia muito circunstanciada àcêrca da vida de S. Frutuoso, cuja festa se celebrava em Constantim a 16 de Abril.

⁽¹⁾ JOÃO DE BARROS—*Geographia d'Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes* (Col. de Ms. da Biblioteca Publica Municipal do Porto, v).

⁽²⁾ DUARTE NUNES DE LEÃO—*Descripção do Reino de Portugal*. Lisboa, M.DCC.LXXXV.

⁽³⁾ GASPAR ESTAÇO—*Varias antiguidades de Portugal*, Lisboa, M.DC.XXV.—Êste trecho vem transcrito em: THOMAS PIRES—*Investigações ethnographicas*—VI—Cabeças Santas, que prestão contra mordeduras de cães danados (*Rev. Lusitana*, X).

⁽⁴⁾ GEORGE CARDOSO, *Agiologio Lvsitano*, II, Lisboa, 1657.

S. Frutuoso seria natural daquela freguesia, filho único de um rico e honrado lavrador. Desde creança se fez notar pela sua piedade. Sua mãe mandava-o enxotar os pássaros das sementeiras, e as avesitas tinham-lhe tanto respeito que, à sua voz, recolhiam a uma «pastoril choupana, da qual não saíam até q̃ o sãcto minino lhes daua a liberdade». Logo veremos como ainda perdura na tradição tão ingénua lenda.

Foi abade de Constantim, fazendo uma peregrinação a Roma e a Jerusalem. Pouco depois de voltar, morria, enterrando-se na igreja em que foi pároco. Mais tarde o seu corpo foi trasladado para túmulo condigno «deixando-se fóra o craneo para consolação dos fieis, q̃ pelo circulo do anno, cõcorrê a inuocallo cõ titulo de *Cabeça Sancta*, a qual tem particular prerogatiua para sarar mordidos de caës dannados, & preseruar de corrupção o pão q̃ nella se toca. Finalmente leuada esta sagrada reliquia surriticiamente para Galliza an. 1540 (Que sempre teue nesta nação a Portugueza, graues ladões dos seus Sanctos!) depois de estar là algũ tempo, quando senão percatarão, appareceu com patente milagre no altar de sua Igreja, em q̃ de presente se guarda nũ decente nicho, aberto no cõcauo da parede, cõ grades douradas».

Como se vê, já no século XVII, George Cardoso dizia que a Cabeça de S. Frutuoso preservava de corrupção o pão que nela tocasse. O mesmo se diz hoje em Vila Verde, como vimos, do pão que fôsse benzido com o dente-santo de Aboím.

Á cabeça de S. Frutuoso Abade se atribue o facto de ter sido roubada para a Galiza. O mesmo precalço teria tido o corpo de S. Frutuoso Arcebispo, que de Braga seria furtado por um bispo da Galiza.

Devemos confrontar tambem a parte da lenda que fala do reaparecimento milagroso da Santa-Cabeça em Constantim, com as recomendações de Manuel António Martins, a propósito do seu

dente-santo:— que não lhe perdessem o dente; mas que, ainda que tal sucedesse, êle iria ter a sua casa. . .

Dos princípios do século XVIII encontrei outra notícia àcêrca da Santa-Cabeça ⁽¹⁾. Refere o P. Carvalho que na igreja parochial de Constantim está sepultado o corpo de S. Frutuoso, que uns dizem ser natural daquela freguesia, afirmando outros que se trata dos restos de S. Frutuoso, arcebispo de Braga. Segundo o autor da Corografia « suas reliquias são visitadas de muitos devotos, que experimentam o patrocínio do Santo em Suas Suplicas, & se lhe dá a beijar a sua cabeça, que se guarda com grande decencia em hum Sacrário, e vulgarmente se chama a Cabeça-Santa de Constantim, & com o contacto desta reliquia experimentam muitos enfermos remedio em seus achaques, particularmente as pessoas mordidas de animaes danados, sendo efficaz antidoto contra o venenoso de tam perniciosa enfermidade ».

Boaventura Maciel Aranha ⁽²⁾ fornece-nos novos dados sôbre a vida do nosso santo, a quem chama S. Fructuoso Gonçalves, Conego Regrante de Santo Agostinho e Abbade de Constantim. Afirma que êle fôra prior do Mosteiro de S. Martinho de Cáramos, que era distante de Braga cinco léguas. D. Afonso Henriques doara àquele mosteiro a igreja de Santa Maria de Constantim em 1154 e S. Frutuoso foi então nomeado abade da referida igreja. Fizera construir ali uma capela dedicada a S. Frutuoso, Arcebispo e recomendara que o enterrassem ao pé do altar daquele santo. Efectivamente, assim o fizeram, mandando abrir na sua sepultura o seguinte epítáfio: « Aqui jaz sepultado em terra o celebre Abbade Fructuoso, cuja alma esteja no Ceo, pois amou, e guardou tam bem as suas ovelhas. Falleceu cheio

⁽¹⁾ *Corografia do P. CARVALHO.*

⁽²⁾ BOAVENTURA M. ARANHA—Loc. cit.

de merecimentos aos 4. dos Idos de Novembro da era de 1200., que he era de Christo 10. Novembro de 1162 ».

Naquella sepultura fez portentosos milagres até 1216; então o arcebispo de Braga fê-lo trasladar para uma urna de pedra mas « deixou fóra o craneo, que mandou encastoar em prata, para assim ser tocado dos devotos, que concorrem a invocá-lo com o titulo de Cabeça-Santa ».

D. Frei Bartolomeu dos Mártires venerou aquella santa reliquia, bem como os seus sucessores, até que « grandes ainda que piedosos ladroens » a levaram para a Galiza em 1540.

Boaventura Aranha repete a narração do milagre do reaparecimento da Santa Cabeça no altar da sua igreja de Constantim e fala dos prodígios que ela obra, isto é: preserva da corrupção o pão que nela toca e sara as gentes e todos os irracionais mordidos de cães danados que chegam a vê-la. O terceiro prodígio consiste no seguinte: os lavradores daquela região vão tocar na santa-cabeça com espigas de milho, que depois utilisam para semear. Milho nascido daquela semente nunca é devastado pelos pássaros.

Em 1321, ainda segundo Aranha, D. Dinís fizera várias doações à Santa-Cabeça, de quem seria muito devoto, pois que, tocando-a, ficara são duma dor de cabeça que havia tempos o molestava.

Dos séculos XIX e XX conheço na literatura apenas duas breves e inexactas notícias sôbre a Santa-Cabeça. Pinho Leal ⁽¹⁾ referindo-se a Constantim de Panoyas diz: « Aqui nasceu S. Fructuoso, advogado contra as mordeduras dos cães danados. Na igreja matriz da freguezia, que é muito antiga, se conserva ainda a cabeça deste santo que os romanos degolaram ».

⁽¹⁾ PINHO LEAL—Loc. cit., II, Lisboa, 1874.

Finalmente Gomes Pereira (1) diz: «As pessoas (e também os animaes,— ás vezes rebanhos inteiros de ovelhas e cabras) que foram mordidos de cão damnado, é costume leva-los á Santa-Cabeça, isto é, a comer o pão benzido pelo parochio de Constantim, onde se venera a cabeça de S. Geraldo. Alguns demoram-se por lá nove dias para fazerem uma novena».

O P. Gomes Pereira confundiu evidentemente S. Frutuoso com S. Geraldo, e Pinho Leal submeteu o pobre do santo ao martírio da degolação, que seria perpetrada pelos romanos... no século XIII!

O meu presado colega Dr. António Feliciano enviou-me alguns dados muito curiosos, que lhe foram fornecidos por um ilustre sacerdote. Corroboram em grande parte as informações colhidas por mim na literatura e na tradição popular e acrescentam o seguinte: S. Frutuoso nasceria em Torgueda, perto de Vila Real.

Foi cónego regrante de Santo Agostinho no mosteiro de Cáramos e depois prior dêsse mosteiro, para onde foi nomeado em 1124, renunciando à prelasia em 1130, para fazer uma peregrinação à Terra Santa. De volta a Portugal foi apresentado para a freguesia de Santa Maria de Constantim, a qual pastoreou durante oito anos, morrendo então. O seu sucessor, o cónego regrante D. Afonso mandou erigir-lhe um mausoleu, onde se lia o seguinte epitáfio: «Hic jacet in terris Fructuosus Abbas celebris, custos e amicus gregis; ejus anima sit in cœlis. Obiit plenus meritis IIII Idus Novembris, era bis centesima milesima».

Durante séculos esteve seu corpo sepultado na igreja de Constantim, donde foi trasladado para Braga, segundo alguns, excepto o crânio que ficou na dita igreja.

(1) GOMES PEREIRA — *Tradições populares e linguagem de Villa Real*, III, 24 — (*Rev. Lusitana*, X).

Como se vê, êstes informes, de origem manifestamente erudita, diferem um tanto das versões por mim colhidas nos hagiólogos.

*

* *

Tendo passado em revista tudo o que encontrei escrito à-cêrca de S. Frutuoso Abade e da sua Santa-Cabeça, vejamos agora a que estão actualmente reduzidas as suas reliquias e estudemos como a vida daquele bemaventurado passou para a tradição popular trasmontana, conservando-se aí quasi imutável através dos séculos (1).

Diz-me o Rev.^{mo} P. Francisco Rêgo que existia outróra no adro da igreja de Constantim um túmulo de pedra inteira, com a cavidade própria para receber um corpo humano. Esse túmulo, com a respectiva cobertura, foi em tempo aproveitado para umas obras da igreja. Tratar-se-ia da urna de pedra de que fala Boaventura Aranha?

Defronte do altar de S. Frutuoso existe uma pedra com a seguinte inscrição: «Sepultura em que esteve o corpo de S. Fructuoso abade e se trasladou para o altar em 27 de Janeiro de 1764».

No altar ainda existe o nicho com a Santa-Cabeça, que está encastada em metal vulgar, porque a prata que a rodeava foi roubada há cerca de 14 anos. O crânio está reduzido à calote, porque parece ter sido cortado aos poucos pelos crentes. Não tem, portanto, nem dentes nem maxilas. No mesmo altar ha uma

(1) Cumpre-me agradecer a todos os meus informadores, especializando o REV.^o FRANCISCO RÊGO, digníssimo pároco de Constantim, e os DRS. AUGUSTO RUA e A. FELICIANO.

escultura com 0^m,80 de altura, que representa S. Frutuoso; essa imagem servia na festividade em honra daquele santo, que aliás ha muito se não celebra.

O povo tem ainda hoje muita devoção por S. Frutuoso, advogado dos hidrófobos e das dores violentas de cabeça. Por ocasião das sementeiras vão pessoas, ás vezes de longe, tocar as sementes no crânio, confiadas em que os pássaros vão fazer estragos nas searas com elas semeadas.

Há no povo a crença de que os indivíduos baptisados na igreja de Constantim não são mordidos por cães raivosos e, diz o meu informador, « a verdade é que ainda não se deu o primeiro exemplo ».

No referido altar de S. Frutuoso ha um caixão argolado, com tres arcas fortes de ferro, mas foi em tempo violado. Nele existe a seguinte inscrição: « Por decreto do Ser.^{mo} Snr. D. Gaspar Arc.^{po} Primaz e Snr. de Braga aos 20 de janeiro de 1764 se trasladou os ossos de S. Fructuoso abbade de Constantim e Missionario Apost.^o ». O que é verdade é que hoje não existem lá tais ossos; apenas se vê no referido caixão uma pouca de terra dentro de duas sacas que estão a apodrecer.

Próximo da igreja ha uma fonte denominada de S. Frutuoso; ali vão os romeiros lavar as suas feridas, crentes de que ficam assim radicalmente livres da hidrofobia. Ha exemplo de ter morrido danada uma criança de 13 anos, que viera de longe cumprir uma promessa. Também se tinha tratado no Pôrto com as injeções anti-rábicas de Pasteur. Diz o povo que, para casos destes, não deve recorrer-se à medicina, mas só aos banhos na fonte de S. Frutuoso; além disso, o mordido não deve trabalhar, mas sim viver de esmolas durante o tratamento.

Segundo a informação do dr. Augusto Rúa, é crença popular que S. Frutuoso viveu ha milhares de anos e que já em vida curava os mordidos de cão danado, prometendo á hora da morte

que nenhum dos indivíduos que fôssem baptisados na igreja de Constantim seriam mordidos de cão raivoso. Efectivamente assegura-se que até hoje não ha um único caso que contradiga esta crença, citando-se exemplos de pessoas ali baptisadas que foram poupadas estando junto de outras que foram mordidas.

Teem havido casos de morrerem danados indivíduos que ali teem vindo tratar-se; diz o povo que êsses insucessos são devidos à falta de fé.

Outras coincidências teem afervorado a crença dos trasmontanos, tais como o seguinte caso, que afirmam ser verdadeiro: Um dia apareceu em Cabanas (Vila Pouca de Aguiar) uma loba danada, que mordeu grande número de pessoas, entre as quais um padre, que se dirigiu logo ao Instituto Pasteur de Paris. Os outros mordidos, como não tinham recursos, vieram tratar-se com a Santa-Cabeça. Todos êles escaparam e, pelo contrário, o padre, ao chegar de Paris, morria hidrófobo!

A superstição mais se arreigou no espírito popular: várias pessoas de fora de Constantim mandam lá os filhos a baptisar e os que lá são baptisados não teem mêdo nenhum dos cães danados.

Existe ainda na tradição a lenda do roubo da Santa-Cabeça a que já fez referência, como vimos, o « Agiológio Lusitano » de George Cardoso. Quando se deu pela falta da relíquia, os habitantes de Constantim tiveram uma profunda comoção. Passados tempos, porém, ouvia-se o sino da igreja repicar sem que ninguém lhe bulisse e, nessa ocasião, reapareceu milagrosamente a Santa-Cabeça na sua igreja. Por todas as freguesias por onde ela passou, desde a Galiza; ouvia-se igualmente um repique misterioso de sinos, sem que ninguém lhes tocasse.

*

* *

A lenda de S. Frutuoso e da Santa-Cabeça estende-se a vários pontos de Portugal. Gaspar Estaço ⁽¹⁾ fala de outra cabeça santa, que existiria entre o Pôrto e Arrifana de Sousa e de outra ainda que se encontrava na Colegiada de Guimarães, não se sabendo a que santo pertencia. Era contudo de grande virtude para prevenir a raiva. Ouçamos Gaspar Estaço: «e assi por sua causa ê esta Igreja frequentada de gente de toda esta comarca, que avem buscar, e venerar e toca n'ella pam, herua, e palha para dar agado, e a grande deuoçam, e concurso mostra ser tudo de miraculosos effeitos».

Diz o mesmo autor que, estando D. João I na quinta do Curval fôra mordido por uma cadela danada, que muito o molestou; lembrou-se logo de Santa Maria de Guimarães, prometendo dar-lhe o seu pêso em prata, o que realmente fez. Já lá haveria a Cabeça Santa? Acêrca dela o autor viu apenas a seguinte indicação manuscrita, num inventário de 1527: «Item outra arca de márfil chapeada de arame dourado, onde está a cabeça de hum santo, que presta pera mordeduras de cães danados».

O «Leal Conselheiro» refere-se do seguinte modo ao acidente sucedido a D. João I: «Segundo que sempre uiuem em melhor speranza que pera todos casos de tristezas e nojos muyto presta. Eo dicto Rey meu senhor e padre, cuja alma deos aja, por cinco ãnos deste foy muyto sentido, auendo principal funda-

(1) GASPAR ESTAÇO—loc. cit.

mento por huã cadella danada queo mordeo. E tal pena sentia em desembargar...» ⁽¹⁾.

Por intermédio do meu amigo dr. Roberto de Carvalho, recebi do sr. Alberto Braga interessantes informações acêrca da Santa-Cabeça da Senhora da Oliveira. Existe ainda cuidadosamente arrecadada a cãveira do santo desconhecido que preservava outrora da raiva os mordidos de cão danado.

Salgado de Andrade ⁽²⁾ além de se referir, como vimos, ao dente-santo de Aboím, fala tambem num dente-santo de Bouro, e na Santa-Cabeça de Valdejos.

Braga Barreiros ⁽³⁾ informa-nos que tambem, em terras de Barroso, S. Frutuoso é tido como advogado de cão *derramado*, e acrescenta: «As pessoas e tambem os animais que foram mordidos por cães *derramados* é costume leva-las a S. Frutuoso (Montalegre), prometendo-lhe uma ou mais cabeças de gado, e comerem pão depois de terem tocado com êle algumas vezes a imagem do Santo».

Em França existe uma crença análoga referida a Santo Huberto. Mas, como êste estudo já vai longo, ficará para outra oportunidade o confronto.

É indubitável que as ideias místicas continuam profundamente arreigadas no espirito do povo e que, mais ou menos variadas, são comuns ao Homem de todos os tempos e de todas as raças.

Nem só os santos do catolicismo são objecto de inabaláveis crenças. Benzeduras ingênuas ou inverosímeis remédios são tidos

(1) DOM DUARTE—*Leal Conselheiro e livro de ensinança de bem cavalgar toda sella*—Ed. de Lisboa, 1843, cap. XX, pág. 64 e 65.

(2) SALGADO DE ANDRADE—loc. cit.

(3) FERNANDO BRAGA BARREIROS—*Tradições populares de Barroso*, VI—Costumes, (*Revista Lusitana*, XIX, 1916).

como absolutamente eficazes na profilaxia da raiva. Ha anos em Santo Tirso publicou-se um folheto, que reivindicava para uma familia dali a glória de possuir uma receita infalível. Pois esse folheto apresentava atestados comprovativos assinados por todos os bachareis e autoridades, por todos os farmacêuticos e todos os médicos da terra!

Pela mesma época, havia em Louzado (concelho de V. N. de Famalicão) um individuo que applicava aos mordidos umas pedras, que todos afirmavam ser igualmente eficazes ⁽¹⁾.

¿E quantas especialidades farmacêuticas, de mérito banal ou mesmo de valor tão quimérico como o do dente-santo, se vêem todos os dias pomposamente anunciadas nos jornais?

E a infinita credulidade do povo tudo aceita, enriquecendo até os preparadores ou os ministrantes desses remédios, desde que elles possuam a arte de suggestionar os que padecem...

1921.

(1) A. C. PIRES DE LIMA — *Tradições populares de Santo Tirso* — 2.^a série — (*Rev. Lusitana*, XIX, 1917).

Relatório dos trabalhos de 1920

ILUSTRES CONSÓCIOS:

Em cumprimento dos artigos 8.º e 16.º dos nossos Estatutos, tenho a honra de vos apresentar um relatório dos trabalhos realizados no ano social que vae agora findar, e que é o segundo ano de vida da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Ao concluirmos os trabalhos do ano anterior diziamos que elle se nos afigurava uma promessa de auspicioso futuro para esta corporação scientifica; ao entrarmos no terceiro ano de vida desta Sociedade sentimos a mesma confiança no porvir e do mesmo modo nos congratulamos com os resultados obtidos.

O Conselho Director que depõe agora o seu mandato nas vossas mãos cuidou, por vossa incumbência, da representação e colaboração da Sociedade na reunião preparatória para a fundação dum Instituto Internacional de Antropologia que, por iniciativa da Escola de Antropologia de Paris e da Associação para o Ensino das Ciências Antropológicas, se realisou na capital francesa em Setembro último. Esperava que nessa reunião fôsse a Sociedade representada pelos srs. PROF. BALTASAR OSÓRIO, DR. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA e pelo signatário, mas aquêles dois primeiros nossos ilustres consócios não puderam ir a Paris nessa ocasião como tencionavam. Dêste modo a delegação coube apenas ao signatário que pode testemunhar a deferência que a Sociedade mereceu no meio antropológico e a cordealidade e unanimidade de vistas que reinaram durante a reunião. Foi fundado o novo Instituto Internacional de Antropologia, ficando Portugal e a Sociedade representados na sua primeira direcção pelos srs. PROF. EUSÉBIO TAMAGNINI, DRS. BARROS E CUNHA e AURÉLIO DA

COSTA FERREIRA, e pelo signatário, que constituem também a primeira delegação portuguesa do novo Instituto. O delegado da Sociedade fez nas reuniões conjuntas das secções de Antropologia Anatómica e Etnologia várias propostas sobre a conveniência da publicação, com as médias antropológicas, do número de casos em que elas assentam e dos desvios padrões respectivos (esta moção foi feita de colaboração com o sr. DR. BARROS E CUNHA que igualmente assistia ao Congresso) e sobre a necessidade duma revisão e simplificação dos métodos antropométricos usados em antropologia étnica. Apresentou um relatório sobre a conveniência de recolher dados de psico-sociologia étnica, utilizando os métodos de psicologia experimental, o que foi adotado.

Subscreveu também uma moção para o desenvolvimento do ensino universitário da Antropologia e da Pre-história, e para a inclusão da Antropologia no quadro dos estudos médicos, voto que está de acôrdo com deliberações tomadas já ano passado pela Sociedade e apresentadas à consideração das nossas Faculdades de Medicina. Não sendo possível enumerar neste breve relatório todos os trabalhos e visitas realizadas durante a reunião de Paris limitar-me-hei a salientar a participação importante que nela tiveram os nossos ilustres consócios estrangeiros: SALOMON REINACH, sócio honorário; PROFS. H. BREUIL, R. VERNEAU e G. HERVÉ, sócios correspondentes.

Tenho também a satisfação de comunicar que, não tendo a Espanha representação no Congresso e no novo Instituto, tomei a liberdade de chamar para o facto a atenção de MR. HERVÉ, que, já quando eu estava de regresso a Portugal, me informou de que o Instituto delegára em mim a incumbência de organizar o Comité espanhol, ao que procedi imediatamente, convidando a aderirem ao Instituto os nossos consócios espanhóis PROFS. BARRAS DE ARAGON, ARANZADI, ANTON e HERNANDEZ PACHECO.

O Comité espanhol está constituído pelo primeiro e pelos dois últimos com o que muito me congratulo. O PROF. ARANZADI não aderiu, o que lamento, mas os restantes nomes garantem o êxito do Instituto no país visinho.

O Conselho Director da Sociedade elegeu durante o ano os seguintes novos sócios efectivos:

DR. CARLOS DE PASSOS, Ponte de Lima
 PROF. J. BETENCOURT FERREIRA, Lisboa
 PROF. AUGUSTO J. ALVES DOS SANTOS, Coimbra
 PROF. ANTÓNIO DE ALMEIDA GARRETT, Porto
 DR. CARLOS DE CARVALHO BRAGA, Braga
 CONSTANCIO MASCARENHAS, India Portuguesa

DR. JOÃO G. DE BARROS E CUNHA, Coimbra
 CORONEL ALEXANDRE JOSÉ SANSFIELD, Porto
 TENENTE-CORONEL ANTONIO DE AZEVEDO, Porto
 RICARDO SEVERO, S. Paulo, Brazil.
 PROF. URBANO CANUTO SOARES, Porto

os quaes constituem aquisições de primeira ordem para a nossa Sociedade. Conta esta hoje 62 sócios efectivos.

Em sessão científica de 11 de Junho foram eleitos sócios correspondentes os seguintes sábios estrangeiros:

PROF. FABIO FRASSETTO, Bolonha, Itália
 PROF. FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGON, Madrid, Espanha
 PROF. HUGO OBERMAIER, Madrid, Espanha
 PROF. MARIO CARRARA, Turim, Itália
 PROF. NELLO PUCCIONI, Florença, Itália
 PROF. QUINTILIANO SALDAÑA, Madrid, Espanha

O Conselho Director resolveu propôr também para sócios correspondentes na mesma sessão os srs.: PROFS. OTTO SCHLAGINHAUFEN (Zurich) e ALFREDO NICEFORO, (Paris), esperando que essa proposta seja aceite como na sessão ordinária anterior foi a dos srs. REINACH, SERGI (GIUSEPPE) e CARTAILHAC para sócios honorários e a do sr. SERGIO SERGI para sócio correspondente.

No dia 3 de Fevereiro do ano corrente faleceu o nosso ilustre consócio e eminente arqueólogo DR. JOSÉ FORTES, tendo o Conselho Director resolvido associar-se ás justas manifestações de pesar pela sua morte, convidando os sócios para o funeral, participando o ocorrido ás agremiações e entidades nacionais e estrangeiras, que se interessam por assuntos de arqueologia, e lançando na acta um voto de profundo sentimento de que foi dado conhecimento á Ex.^{ma} viuva. Além disso tomou a iniciativa de promover uma sessão em que fôsse feito o elogio científico do extinto, que constituia um dos nomes mais distintos da arqueologia nacional. Esse elogio será feito na sessão ordinária anual a que este relatório será apresentado, pelo nosso Presidente sr. PROF. LUÍS VIEGAS. A nossa Sociedade sofreu uma perda irreparável. Seja-me permitido recordar aqui o interêsse com que o DR. FORTES seguiu os trabalhos de organização desta colectividade, e, se se excusou a entrar na sua primeira direcção em virtude de trabalhos jurídicos a que então andava entregue, tinha

prometido entrar numa futura direcção e aceitára desde logo a presidencia da secção de Arqueologia Preistórica que está vaga pela sua morte.

Continuou a Sociedade nas melhores relações com as colectividades congéneres, permutando publicações com o Instituto de Coimbra, a Escola de Antropologia de Paris, Smithsonian Institution (de Washington), Società Romana de Antropologia, e Società Italiana de Antropologia e Etnologia (de Florença). Várias revistas scientificas se lhe teem referido com simpatia, como o «Archivio de Antropologia Criminale», de Turim, o «Archivio per l'Antropologia e l'Etnologia», de Florença, etc.

Não foi possível, por vários motivos, realisar tantas sessões scientificas como seria nosso desejo. Na sessão ordinária anual de 22 de Janeiro o signatário fez, como se annunciou, uma comunicação sôbre o tema «A Paleontologia e a Origein do Homem», que foi acompanhada de projecções luminosas e da apresentação de modelos e exemplares.

Na sessão do Conselho Director de 4 de Maio foram presentes cartas dos srs. ANTÓNIO MARIA DE FREITAS (de Lisboa) e sócio F. DE OLIVEIRA SANTOS, actual governador da Lunda, sôbre algumas palavras dos vocabulários angolenses publicados no trabalho de FONSECA CARDOSO, «Em terras do Moxico». O primeiro apresentou algumas rectificações ao «Vocabulário Bailundo» e o sr. OLIVEIRA SANTOS ao «Vocabulário Quioco», tendo o signatário esclarecido que é possível que ás diferenças apontadas tenham origem no facto de as palavras terem sido colhidas em regiões diversas. A região do Moxico em que esteve FONSECA CARDOSO, é mais meridional do que a Lunda, onde hoje está o sr. OLIVEIRA SANTOS.

Na mesma sessão de Direcção foram apresentadas duas pequenas esculturas quiocas enviadas á Sociedade obsequiosamente pelo sr. MAJOR JOAQUIM DUARTE SILVA, actualmente na Lunda tambem. A Direcção já lhe transmitiu os seus agradecimentos, pela interessante oferta.

Na sessão scientifica de 11 de Julho, o sr. DR. JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA fez uma importante comunicação sôbre uma anomalia muito curiosa e muito pouco estudada «A Fistula Auris Congenita», apresentando numerosas observações pessoaes, com fotografias e projecções luminosas. O signatário fez algumas considerações a propósito, elogiando com justiça o trabalho do nosso consócio, que será publicado pela Sociedade na integra.

Na sessão ordinária de 20 de Dezembro, alem do elogio do sr. DR. JOSÉ FORTES, serão apresentados alguns trabalhos e apontamentos inéditos que figuram no espólio científico do nosso saudoso consócio, como «Apontamentos duma visita á

capital da Lusitânia», «Documentos para um trabalho sôbre a cidade lusitano-romana de Terroso» e «Fragmento dum estudo sôbre o cemitério lusitano-romano de Gulpilhares».

Por motivo do altíssimo custo dos trabalhos tipográficos não foi possível, no ano corrente, publicar mais do que um fascículo dos trabalhos da Sociedade, o segundo, o qual já foi distribuido aos nossos presados consócios. Continha, além dos trabalhos anunciados no relatório do ano anterior, um inédito do PROF. GIUFFRIDA RUGGERI, da Universidade de Nápoles, sôbre o Problema eugénico segundo a moderna genética. Está a começar a impressão do fascículo terceiro, que será o último do primeiro volume e que conterà pelo menos os trabalhos: do sr. JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA sôbre a *Fistula Auris Congenita*, do sr. CAPITÃO DAVID MAGNO sôbre *Os Dembos*, talvez o de FABIO FRASSETO (Professor da Universidade, Bolonha), sôbre a *Inspeção Internacional da Infância e a classificação morfológica das creanças*, e ainda o do sr. PADRE MIRANDA MAGALHÃES sôbre a *etnografia dos Luangos dos Dembos* acompanhado dum pequeno trabalho do signatário, *Notas Antropológicas sôbre os Luangos dos Dembos*.

A biblioteca da Sociedade vae progredindo, graças ás ofertas que tem recebido. Conta já, além das revistas das Sociedades já referidas, valiosas publicações do Bureau of American Ethnology, do Instituto Smithsonian, e dos nossos consócios estrangeiros.

O estado financeiro da Sociedade é que continua longe de se poder considerar desafogado. Não só a cobrança de fóra do Porto é difícil, mas o preço elevadíssimo das publicações veiu causar na nossa economia interna um verdadeiro desequilíbrio. Foi já com sacrificio da Direcção que se completou o fascículo segundo dos trabalhos e êsse sacrificio tem de continuar para sair o terceiro fascículo, já no prelo. A Direcção terá, sem dúvida, de apelar para a generosidade de filantrópicos Mecenas para que se não interrompa a série das suas publicações, tão lisongeiramente iniciada. É o que está sucedendo noutras colectividades não só nacionaes como estrangeiras, com grande prejuizo da produção scientifica.

O Conselho Director tem a convicção de que se desempenhou o melhor que podia, da sua missão. Ao encerrar a sua tarefa, não quer deixar de destacar, pela sua importância e significação, a adesão que a Sociedade recebeu êste ano, do único sobrevivente do comité redactorial da grande revista «Portugalia» o sr. RICARDO SEVERO, que conta regressar do Brazil dentro de pouco tempo e dar á nossa iniciativa o calor do seu entusiasmo sempre moço e o apoio dos seus distintos merecimentos. Registrando com júbilo e agradecimento esta valiosa adesão, saudamos

tambem com viva simpatia todos os nossos novos consócios e agradecemos todas as colaborações recebidas durante a nossa gerência, especializando a da Faculdade de Ciências do Porto, que sempre tem obsequiosamente cedido as suas salas para as nossas reuniões. Concluimos por formular os melhores votos pelo futuro e pelas prosperidades da Sociedade.

Porto, 19 de Dezembro de 1920.

O secretário,

PROF. A. A. MENDES CORREIA.

Trabalhos da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

VOLUME I

Fasc. I — Fonseca Cardoso — *Em terras do Moxico* (Apontamentos d'etnografia angolense) —
Publicação póstuma 1\$00

Fasc. II — Major Leite de Magalhães — *Etnografia timorense*; A. Aurélio da Costa Ferreira —
Sobre a configuração do malar; Prof. V. Giuffrida-Ruggeri — *O problema eugénico segundo a moderna genética* — *Relatório dos trabalhos de 1919* 1\$20

Fasc. III — José Maria de Oliveira — *Fistula auris congenita*; Capitão David Magno — *Os Dembos*; Prof. J. A. Pires de Lima — *O dente-santo de Aboim da Nóbrega* — *Relatório dos trabalhos de 1920* 2\$00

A PUBLICAR:

Fasc. IV — Prof. Fabio Frassetto — *Inspecção internacional da Infância e a classificação morfológica das creanças*; Amelia Bacellar e Fernando Frade Viegas da Costa — *Nota sobre o indice condiliano de M. Baudoin*; Prof. A. A. Mendes Corrêa — *Notas antropológicas sobre os Luangos dos Dembos*.

Séde da Sociedade — Rua de Santa Catarina, 207-1.º

PORTO

Trabalhos da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

Fasc. I — Fonseca Cardoso — *Em terras do Moxico*
(Apontamentos d'etnografia angolense) — Publicação pos-
tuma \$50

A PUBLICAR:

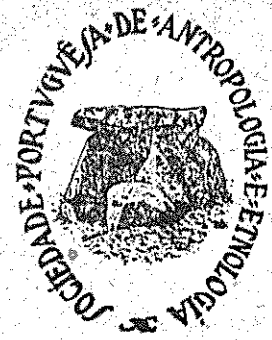
Fasc. II — Major Leite de Magalhães — *Etnografia ti-
morense*

Fasc. III — P.º Miranda Magalhães — *Os Luangos dos
Dembos*

Fasc. IV — Capitão David Magno — *Os Dembos.*

Séde da Sociedade — Rua de Santa Catarina, 207-I.º

PORTO



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. I — FASC. IV

ALFREDO ATHAYDE:
Sôbre algumas correlações faciais.
J. BETHENCOURT FERREIRA, AMÉLIA BAGELAR E F. F.
VIEGAS DA COSTA:
Sôbre o índio condiliano, como determinante
sexual do crânio.
PROF. J. A. PIRES DE LIMA:
Um caso de braquidactilia hereditária.
HERNANI B. MONTEIRO:
Mutilações dentárias da região do Humbo.
PROF. FABIO FRASSETTO:
Inspeção internacional da infância e a classi-
ficação morfológica das crianças.
PROF. A. A. MENDES CORRÊA:
Prof. V. Giuffrida-Ruggeri.

PORTO — 1922

I. N. E.
BIBLIOTECA
Portugal
3622

SÔBRE ALGUMAS CORRELAÇÕES FACIAIS

POR

ALFREDO ATHAYDE

Assistente de Antropologia na Faculdade de Ciências do Porto

A importância da correlação dos caracteres em Morfologia e muito principalmente em Paleontologia e Antropologia, é tão manifesta que se torna desnecessário salientá-la mais uma vez.

Segundo Duncker (1) « a correlação pode considerar-se uma resistência oposta à infinita multiplicidade individual das espécies, que seria produzida pela variação independente de caracteres isolados se porventura as combinações individuais das suas variantes fôsem arbitrárias, isto é, unicamente determinadas pelas suas probabilidades ».

Daqui vem a utilidade da determinação dos diferentes caracteres correlacionados, dos respectivos coeficientes de correlação e da variação destes com a raça, sexo e idade.

Nesta ordem de ideias, foi feito êste ensaio para a determinação de alguns coeficientes de correlações faciais nos portugueses e da sua variação com a idade e sexo.

Material e técnica

A série em que colhemos as observações, é formada por 144 crânios portugueses, identificados, pertencendo 60 ao Museu de

(1) Duncker, *Método estatístico da variação*. Trad. J. G. Barros e Cunha, Coimbra, 1909, pág. 62.

Anatomia da Faculdade de Medicina e 84 ao Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto. Aos respectivos professores-directores, os nossos agradecimentos por todas as indicações e facilidades concedidas.

Como não conseguíssemos reunir maior número de crânios identificados, tivemos de trabalhar com algumas séries muito pequenas, de desvios padrões e erros prováveis um pouco elevados.

Os índices construídos são o nasal e o orbitário de Broca e facial superior de Kollman, todos adotados no Congresso de Mônaco de 1906; empregámos, para tirar as medidas, um compasso de correção com nónio, fazendo por seguir à risca, mesmo no cálculo estatístico, as indicações do eminente professor de Munich, Dr. Rudolph Martin, contidas no seu «Lehrbuch der Anthropologie».

Correlação dos índices nasal e facial superior

Antes de entrarmos propriamente na análise da correlação, passemos a vista pelos resultados das seriações.

Como o sr. dr. Barros e Cunha no seu trabalho sobre o índice facial dos portugueses ⁽¹⁾ separou os crânios masculinos dos femininos e visto este índice não apresentar diferenças sexuais apreciáveis ⁽²⁾, devemos comparar os nossos resultados com os da sua série feminina, composta de 155 indivíduos, por ser a mais semelhante à nossa.

⁽¹⁾ *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. III, pág. 315.

⁽²⁾ Barros e Cunha, *obr., cit.*, pág. 325; Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, Iena, 1914, pág. 802; Topinard, *Éléments d'Anthropologie*, Paris, 1885, pág. 921.

À nossa série, composta de 144 crânios, correspondem os seguintes números:

$$M = 55,5972 \pm 0,1846$$

$$\sigma = 3,2860 \pm 0,1306$$

como valor médio, desvio padrão e respectivos erros prováveis.

A seriação feminina do sr. dr. Barros e Cunha, de 155 termos, deu o seguinte resultado:

$$M = 54,822580 \pm 0,184669$$

$$\sigma = 3,40836 \pm 0,130577$$

o que dá uma diferença para mais, na nossa média, de 0,77, que, sendo ligeiramente inferior ao triplo do seu erro provável (0,26) ⁽¹⁾, não deve ter grande significação estatística.

As séries masculina e feminina diferem muito das do sr. dr. Barros e Cunha pelo número de indivíduos para podermos comparar os resultados; são os seguintes os valores que encontramos:

$$\text{♂, 80 casos: } M = 55,5010 \pm 0,2521 \quad \sigma = 3,3471 \pm 0,1784$$

$$\text{♀, 64 } \quad : M = 55,7031 \pm 0,2687 \quad \sigma = 3,1999 \pm 0,1901$$

isto é, o índice feminino levemente superior, como nos resultados do sr. dr. Barros e Cunha.

Vejamos agora os resultados das seriações do índice nasal. Broca ⁽²⁾ salientou a variação deste índice com a raça, acordando posteriormente todos os investigadores em que também era influenciado pelo sexo ⁽³⁾. E como o sr. Mascarenhas e Melo, ao calcular o índice nasal dos portugueses, não nos diz o valor dos des-

⁽¹⁾ Martin, *obr. cit.*, pág. 76.

⁽²⁾ *Recherches sur l'indice nasal*, *Revue d'Anthropologie*, 1872, pág. 9.

⁽³⁾ Martin, *obr. cit.*, pág. 834; Houzé, *L'indice nasal des Flamands et des Wallons*, «*L'Anthropologie*», 1870, pág. 7; Mascarenhas e Melo, *O índice nasal nos portugueses*, «*Instituto*», 1901, pág. 304.

vios padrões, que nas seriações dêste índice não são pequenos ⁽¹⁾, torna-se impossível formar um juízo sobre a significação das diferenças dos resultados, que são os seguintes:

MASCARENHAS E MELO

Série total: M = 45,61 em 243 crânios
 > masculina: M = 44,72 > 137 >
 > feminina: M = 45,51 > 106 >

NAS NOSSAS SÉRIES

Série total: M = 44,7223 ± 0,2147 σ = 3,8203 ± 0,1519
 > masculina: M = 44,3875 ± 0,2827 σ = 3,7406 ± 0,1993
 > feminina: M = 45,1991 ± 0,3261 σ = 3,8750 ± 0,2305

Atendendo à grandeza das séries, talvez se possa concluir pela concordância dos resultados.

A diferença entre a média obtida na série dos portugueses de ambos os sexos pelo sr. prof. Mendes Correia no seu trabalho *Sobre a abertura nasal no crânio dos Mamíferos* ⁽²⁾ e a nossa é inferior ao triplo do seu erro provável, harmonizando-se estes resultados.

Calculando os coeficientes de correlação entre o índice facial superior e o índice nasal para as nossas 3 séries, encontramos:

Série total: r = -0,5859 ± 0,0232
 > masculina: r = -0,5809 ± 0,0315
 > feminina: r = -0,6013 ± 0,0336

isto é, entre o índice facial e o índice nasal há uma correlação inversa, bastante acentuada, variando um pouco com o sexo.

⁽¹⁾ Martin, *obr. cit.*, pág. 834.

⁽²⁾ In «*Anais da Academia Politécnica do Porto*», 1916, pág. 41, do extr.

Para estudar a variação dêste coeficiente com a idade, dividimos a série total em 3: a 1.^a compõe-se de 15 indivíduos de 14 aos 21 anos; a 2.^a de 101 entre os 21 e os 50 anos; a 3.^a é formada por 28 de mais de 50 anos de idade.

Na 1.^a série os valores médios dos índices facial e nasal são:

facial: M = 55,7 ± 0,3768 σ = 2,2671 ± 0,2667
 nasal: M = 42,2666 ± 0,5324 σ = 3,0486 ± 0,3558

A média do índice nasal corresponde a uma leptorrinia exagerada.

Broca ⁽¹⁾ diz que o índice nasal, sendo no embrião muito elevado, vai descendo até chegar no fim da segunda dentição ao valor que apresenta nos adultos. Ora a nossa série não contém crânio algum de idade próxima da segunda dentição, o que tornaria êste valor absurdo; estando, portanto, fora da influência da idade, esta leptorrinia deve ser casual, concorrendo para isso a pequenez da série.

As outras médias são mais uniformes; o índice facial na 3.^a diminui, provavelmente devido à reabsorção do bordo alveolar.

ÍNDICE FACIAL

2.^a série: M = 55,7877 ± 0,2368 σ = 3,5612 ± 0,1687
 3.^a > : M = 54,8571 ± 0,3387 σ = 2,5150 ± 0,2262

ÍNDICE NASAL

2.^a série: M = 45,0446 ± 0,2675 σ = 3,9806 ± 0,1887
 3.^a > : M = 44,9643 ± 0,4285 σ = 3,3635 ± 0,3034

⁽¹⁾ *Obr. cit.*, *Revue d'Anthropologie*, 1872, pág. 9.

Com a idade pouco varia o coeficiente de correlação entre os índices facial e nasal:

$$1.ª \text{ série: } r = -0,5805 \pm 0,0712$$

$$2.ª \text{ » : } r = -0,6018 \pm 0,0268$$

$$3.ª \text{ » : } r = -0,5817 \pm 0,0523$$

Isto é, apesar da forma da face se modificar até à velhice ⁽¹⁾, este coeficiente de correlação conserva aproximadamente o mesmo valor.

A harmonia destes resultados em séries tão diferentes levamos a crêr que este coeficiente de correlação, nos portugueses, não deve estar afastado de $-0,6$. Tendo em conta a correlação entre o índice da abertura piriforme e o nasal ⁽²⁾, o paralelismo entre o índice C dos ossos nasais e o índice nasal ⁽³⁾ e que o comprimento nasal ⁽⁴⁾, como, em geral, o nariz ⁽⁵⁾, dependem em parte do maxilar, é de presumir que haja qualquer correlação entre o índice facial e todos estes índices e mesmo entre os seus termos.

Segundo Le Double ⁽⁶⁾, as variações das peças do esqueleto facial são dependentes das funções da mastigação. Em todo o caso, K. Diener ⁽⁷⁾ aconselha prudência na importância a ligar ao aparelho mastigador e acha preferível, para assentar qualquer opinião, procurar primeiramente as correlações dos caracteres entre

(1) Testut, *Traité d'Anatomie humaine*, vol. 1, 6.ª ed., Paris, 1911, pág. 234 e 235; Martin, *obr. cit.*, pág. 608 e 861.

(2) Mendes Correia, *obr. cit.*, pág. 42 do extr.

(3) Le Double, *Traité des variations des os de la face de l'homme*, Paris, 1906, pág. 9.

(4) O. Reche, *Über den Nasenindex* (cit. em «L'Anthropologie», Paris, 1898, pág. 346.

(5) J. Ranke, *Der Mensch*, vol. II, 3.ª ed., Leipzig, 1911, pág. 198.

(6) Le Double, *obr. cit.*, pág. 406.

(7) Karl Diener, *Paläontologie und Abstammungslehre Samg Göschen*, pág. 30.

si. Frassetto ⁽¹⁾ acha necessário o auxílio dos processos da biométrica para basear o conceito da correlação que porventura ligue as variações.

Quere dizer: carecem de confirmação as hipóteses sobre as origem das correlações faciais e sobre a sua extensão.

Correlações entre o índice orbitário e o facial e o nasal

Não comparamos o resultado da seriação do índice orbitário com os valores já publicados, por julgarmos que não conduziria a conclusões seguras.

Já os resultados do sr. dr. Ferraz de Macedo e os do sr. dr. Vasco de Oliveira discordam bastante, mas este último investigador apresenta ainda diferenças sensíveis ao avaliar o índice orbitário nas várias províncias de Portugal ⁽²⁾.

Como este índice é muito elevado, qualquer pequena modificação de técnica reflectir-se-há na sua variabilidade que é grande ⁽³⁾; e se atendermos ainda à influência do sexo e da idade ⁽⁴⁾ vemos que na determinação deste índice, só com séries muito grandes podemos colher resultados dignos de confiança.

É este o motivo porque nos limitamos a apontar os nossos resultados:

(1) Frassetto, *Lezioni di Antropologia*, vol. II, parte I, Roma, 1913, pág. 148.

(2) Mendes Correia, *Antropologia*, Porto, 1915, pág. 128.

(3) Martin, *obr. cit.*, pág. 859.

(4) Broca, *Recherches sur l'indice orbitaire*, *Revue d'Anthropologie*, 1875, pág. 589; Topinard, *Éléments d'Anthropologie*, *obr. cit.*, pág. 951; Martin, *obr. cit.*, pág. 860.

—Série total:	M = 85,7868 ± 0,2891	σ = 5,1453 ± 0,2023
Idades {	1.ª série: M = 86,7 ± 1,0912	σ = 6,2685 ± 0,7723
	2.ª » : M = 85,4604 ± 0,328	σ = 4,8988 ± 0,2318
	3.ª » : M = 86,4643 ± 0,6734	σ = 5,2834 ± 0,4762
Masculino :	M = 85,25 ± 0,3718	σ = 4,9394 ± 0,2624
Feminino :	M = 86,4532 ± 0,4476	σ = 5,3187 ± 0,3162

Os coeficientes das correlações do índice orbitário com o facial e o nasal são respectivamente:

$$r = 0,3380 \pm 0,0372$$

$$r = -0,3562 \pm 0,0361$$

A correlação órbito-facial é positiva, a órbito-nasal negativa, mas ambas de valores próximos.

Estes coeficientes tomaram os seguintes valores nas três séries dos indivíduos agrupados pelas idades:

ENTRE OS ÍNDICES NASAL E ORBITÁRIO

1.ª série:	r = -0,4062 ± 0,1031
2.ª » :	r = -0,3548 ± 0,0432
3.ª » :	r = -0,4036 ± 0,0887

ENTRE OS ÍNDICES FACIAL E ORBITÁRIO

1.ª série:	r = 0,4851 ± 0,0896
2.ª » :	r = 0,4028 ± 0,04
3.ª » :	r = 0,4486 ± 0,0701

Os coeficientes da 1.ª e da 3.ª série aproximam-se mais entre si, do que com os da 2.ª

Nas séries separadas pelos sexos estes coeficientes tomam os seguintes valores:

	MASCULINO	FEMININO
Correl. entre o índice facial e orbitário:	r = 0,4107 ± 0,0442	r = 0,2203 ± 0,0658
» » » nasal » :	r = -0,3453 ± 0,0494	r = -0,4078 ± 0,0498

o que nos mostra serem de grau diferente as correlações orbitárias nos dois sexos.

Em vista desta diferença sexual tornava-se necessário verificar os resultados noutras séries; assim procederíamos se não surgisse a dificuldade em obter material identificado. Resolvemos, por isso, aproveitar a 2.ª série dos indivíduos separados pelas idades. Evidentemente que não se tira assim uma prova de valor indiscutível, mas sempre podemos conseguir algumas indicações sobre as correcções a fazer.

Essa série compõe-se de 101 crânios dos quais 43 ♀ e 58 ♂.

Os resultados são os seguintes:

	MASCULINO	FEMININO
Correl. entre o índice facial e orbitário:	r = 0,4362 ± 0,0821	r = 0,2081 ± 0,0481
» » » nasal » :	r = -0,3335 ± 0,0598	r = -0,4162 ± 0,2582

isto é, perfeitamente idênticos.

Somos, portanto, levados a crêr que se trata duma diferença de correlações característica debaixo do ponto de vista sexual.

E, nas séries formadas por crânios masculinos e femininos, estes coeficientes variam conforme as proporções em que os sexos nelas entram.

Vejamos agora a razão de ser desta diferença.

Diz Broca (1) que o índice orbitário quando se chega à idade

(1) *Recherches sur l'indice orbitaire, Revue d'Anthropologie*, 1875, pág. 589.

em que as diferenças sexuais se acentuam, continua a diminuir muito mais no homem que na mulher.

O índice nasal, tendo também valores maiores no sexo feminino (1) e na criança (2), deve ser um dos caracteres pelos quais a mulher se assemelha à criança (3).

Vemos, então, que na mulher estes índices conservam valores mais próximos dos da criança, ao passo que, no homem, ambos continuam a diminuir até mais tarde.

Logo, tendo uma evolução paralela nos dois sexos, não há razão para apresentarem grandes divergências.

O índice nasal da mulher é maior do que o do homem, porque o nariz, sendo em absoluto mais estreito, é mais largo relativamente à sua altura (4); por outro lado, no índice facial feminino, a altura também é menor, mas como a largura diminuiu quasi que na mesma proporção (5), também a correlação destes dois índices pouco pode diferir dum sexo para o outro.

Os valores desiguais do índice orbitário nos dois sexos são principalmente devidos à largura da órbita ser maior no homem do que na mulher (6). Ora, aumentando o índice facial com a idade (a face da criança é mais achatada) (7) esse aumento é feito na mulher, de certo ponto em diante, independentemente do orbitário, enquanto que no sexo masculino o índice facial acompanha sempre o orbitário que vai continuamente diminuindo.

Portanto, uma variação no desenvolvimento transversal da

(1) Martin, *obr. cit.*, pág. 834; Mascarenhas e Melo, *obr. cit.*, pág. 304.

(2) Broca, *Recherches sur l'indice nasal*, *Revue d'Anthropologie*, 1872, pág. 6.

(3) Topinard, *L'Anthropologie*, Paris, pág. 253; Hoernes, *Natur und Urgeschichte des Menschen*, vol. 1, Wien, 1909, pág. 86.

(4) Martin, *obr. cit.*, pág. 834.

(5) Martin, *obr. cit.*, pág. 794.

(6) Martin, *obr. cit.*, pág. 874.

(7) Testut, *obr. cit.*, vol. 1, pág. 234.

face no sexo feminino em nada influirá no índice orbitário, porque a largura já anteriormente tinha fixado a sua dimensão definitiva; ao passo que no masculino pode a largura da órbita sofrer no seu desenvolvimento e da mesma maneira, visto que aquele se faz no mesmo sentido que o da largura facial.

A verificação destas diferenças sexuais nos coeficientes das correlações entre os índices da face considerados, impõe a análise das correlações das medidas que formam os seus termos.

Examinemos, primeiramente, os resultados das seriações:

	Masculino		Feminino	
	M	σ	M	σ
Alt. facial. . .	70,2662±0,3057	4,0514±0,2158	66,5625±0,3036	3,6015±0,2141
» nasal. . .	51,7193±0,2332	3,0957±0,1647	49,2813±0,2205	2,6153±0,1554
» da órbita.	32,975 ±0,1416	1,8763±0,1	32,5906±0,1785	2,0873±0,1261
Larg. facial. .	126,7125±0,471	6,2491±0,3827	119,5628±0,4824	5,7237±0,3408
» nasal. .	22,8325±0,1360	1,8044±0,0962	22,0938±0,135	1,6028±0,0955
» da orb.	39,125 ±0,1360	1,8047±0,0962	37,7031±0,137	1,6350±0,0967

Estes resultados estão de acôrdo com as investigações feitas até hoje (8): as alturas e larguras faciais menores na mulher, diferindo as larguras entre si mais do que as alturas; o nariz feminino mais estreito em absoluto, mas relativamente mais largo do que o do homem; as larguras orbitárias apresentando uma diferença bastante superior à das alturas.

Correlacionando as alturas e as larguras entre si, obtivemos os seguintes resultados:

(8) Martin, *obr. cit.*, pág. 794, 834, 859.

	Masculino	Feminino
Correl. entre a altura facial e a nasal	0,7142±0,0225	0,7281±0,0229
> > > > orbitária	0,322 ±0,0511	0,3901±0,0513
> > > nasal > >	0,4465±0,0412	0,5683±0,0363
> > a largura facial e a nasal	0,5404±0,0361	0,4185±0,0488
> > > > orbitária	0,6273±0,0281	0,5723±0,0369
> > > nasal > >	0,1536±0,0637	0,1102±0,0748

Verifica-se que, se a correlação entre o índice facial e o orbitário apresenta maior diferença sexual, é por esta aparecer em ambos os termos dos 2 índices, enquanto que nas restantes correlações esta diferença só existe num dos termos de cada índice, tendo os outros ou uma correlação muito elevada, como entre as alturas facial e nasal, ou quasi nula como entre as larguras orbitária e nasal.

Olhando para o quadro das correlações das medidas faciais, nota-se: que, sendo os coeficientes das correlações entre as alturas os de maiores valores na mulher, no homem os maiores valores dos coeficientes encontram-se nas correlações das larguras; e que dispondo em série estes valores, a sua ordem é a mesma nos 2 sexos.

Ranke (1), referindo-se às diferenças dos índices e das medidas entre os crânios dos dois sexos, diz que parece o crânio da mulher *gravitar* numa direcção diferente da do homem, havendo na formação do crânio uma certa variação que o sexo traz consigo.

Realmente estes números e a ordem semelhante por que se

(1) Ranke, *obr. cit.*, pág. 190,

dispõem, parecem indicar que se dá um pequeno desvio de sentido no desenvolvimento do crânio dum dos sexos.

E, embora estes resultados à primeira vista pareçam estranhos, só reforçam a opinião de que a mulher ocupa uma posição entre a criança e o homem (1).

Porque, crescendo a face mais em altura do que em largura (2), não admira que a mulher apresente maiores coeficientes de correlação entre as alturas, visto ser este o crescimento dominante quando se avizinha o fim do seu desenvolvimento facial.

No homem, o crescimento em altura é mais intenso (3) e mais rápido. Se lhe aplicarmos o mesmo critério que Roberts aplicou à estatura (4), deve terminar mais cedo. Fica, pois, dominando o desenvolvimento em largura e como, relativamente às várias porções da face, este é mais sensível nas laterais do que ao meio (5), irá também assim influir na altura da órbita, diminuindo os valores das suas correlações com as alturas facial e nasal.

Daqui se deduzem os pontos em torno dos quais *gravitam* os desenvolvimentos nos dois sexos: o tipo étnico (6), melhor definido no sexo masculino, e a maturidade sexual (7) que faz conservar à mulher caracteres mais próximos da criança, embora mais tarde tente aproximar-se do homem (8).

Por outras palavras: o tipo étnico é o limite para que tendem os dois sexos, ficando a mulher mais longe de o alcançar, devido à influência do papel preponderante que ela desempenha na reprodução da espécie.

(1) Topinard, *L'Anthropologie, obr. cit.*, pág. 148; Hoernes, *obr. cit.*, pág. 86.

(2) Martin, *obr. cit.*, pág. 609.

(3) Martin, *obr. cit.*, pág. 613.

(4) Topinard, *Éléments d'Anthropologie, obr. cit.*, pág. 422.

(5) Martin, *obr. cit.*, pág. 609.

(6) Ranke, *cit. in Hoernes, obr. cit.*, pág. 86.

(7) Martin, *obr. cit.*, pág. 228.

(8) Topinard, *L'Anthropologie, obr. cit.* pág. 146.

Parecem ser estas as causas das diferenças sexuais notadas nas correlações aqui estudadas.

Conclusões

Da exposição feita conclui-se que

1.º O coeficiente de correlação entre o índice facial superior e o nasal, nos portugueses, é próximo de $-0,6$ e pouco varia com o sexo.

2.º O coeficiente de correlação entre o índice facial e o orbitário é positivo, e entre o índice nasal e o orbitário é negativo, sendo ambos de valores absolutos menores do que o coeficiente entre o índice facial e o nasal. No sexo feminino, o valor absoluto da correlação entre o índice orbitário e o facial é mais fraco ($0,2$) do que o da correlação entre os índices nasal e orbitário ($-0,4$). No sexo masculino, estes coeficientes tomam respectivamente os valores de $0,4$ e $-0,3$.

3.º Os coeficientes de correlação entre os índices facial superior, nasal e orbitário pouco variam durante o desenvolvimento do esqueleto facial, ou melhor, o desenvolvimento faz-se conservando as correlações aproximadamente o mesmo grau.

4.º Correlacionando as alturas facial superior, nasal e orbitária, o maior coeficiente pertence à correlação entre as alturas facial e nasal e o menor à correlação entre a altura orbitária e a facial. Nas correlações das larguras encontra-se o maior valor na correlação entre a largura facial e a da órbita e o menor entre a nasal e a orbitária.

5.º Devido ao sexo, os graus de correlação entre as medidas faciais apresentam no feminino os valores maiores nas alturas, enquanto que no masculino os máximos aparecem nas larguras.

Crânios pertencentes ao Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências

N.º	Sexo	Idade	Altura nasal	Largura nasal	Índice nasal	Altura facial	Largura facial	Índice facial	Altura da órbita	Larg. da órbita	Índice orbitário
1	f.	36	50,7	23,8	46,8	69	113,6	69,7	35	37,7	92,7
2	>	60	46,9	24	51,2	61,5	112,5	54,6	31,2	37,7	82,8
3	m.	54	54,5	27	49,6	72,5	128,5	56,4	30	39,2	76,5
4	f.	61	51,3	20,6	40,2	65,8	117,2	56,2	33,3	40	83,3
5	>	60	51,5	21,6	42	69,4	116,5	59,6	34,9	37,9	92
8	>	29	52,2	20,7	39,8	67,8	120	56,6	34,4	37,8	88,7
9	>	64	53,5	22,2	41,5	70	120,5	56	32	37	86,5
10	m.	44	51	25,6	50,2	70	133,4	52,4	34,3	36,5	94
11	>	47	53,3	22,5	42,2	69	136	50,7	35	43	81,4
12	f.	22	49,8	22	44,2	68,5	134,7	50,8	33	41	80,5
13	m.	60	54	23,7	43,8	75	127,3	58,9	35,5	38,5	92,2
14	f.	29	53,5	21,2	39,6	71,3	117,7	60,6	36,3	39	93,2
15	>	26	52	21	40,4	68,5	115	59,5	33	36	91,6
16	>	24	47,5	22,2	46,7	64	120	53,3	33	36,7	90
17	>	48	54,8	23,3	42,6	72,5	125	58	35,5	39,3	90,3
19	>	33	48,5	20	41,2	65	118,5	54	36,8	40	92
21	>	79	52,4	20,4	39	69,5	119,8	58,2	33,6	38,2	87,9
22	>	39	53,5	26,8	50,2	71,5	139	51,4	36	42,1	85,5
23	m.	56	53	23,7	44,8	72,5	132	54,9	33,2	38,2	86,9
25	>	25	54,4	25,3	46,5	71,6	126,5	56,6	32,3	36,6	88,3
26	f.	38	49,8	22,2	44,5	66,8	123,3	54,2	31,7	38,2	83
29	m.	35	55,4	26,3	47,5	74	128	57,8	33	41,5	79,5
30	f.	16	50	21,4	42,8	63,5	114	55,7	33,3	36	92,5
34	>	64	47	24	51,2	61,5	119	51,6	34,6	38,4	90
35	>	23	47	22	46,8	65,3	116	56,3	28,5	35	81,5
37	m.	42	53	21	39,6	74,6	132	56,5	34,4	38,8	88,6
38	>	28	51	22,6	44,3	73,5	128	57,4	31	39	79,5
39	>	47	51	24	47,2	69	128	53,9	32	36,8	87
40	>	42	54	21	38,9	76,2	123,3	61,7	34,5	39,8	86,6
41	>	27	48,5	20,2	41,6	67,6	123,2	54,9	32,4	39,6	81,7
42	>	18	51,6	22,3	43,3	71	124,6	57	34	39,9	85,2
43	f.	30	50	20	40	72,5	113,2	64	31,4	38	82,6
50	m.	30	58,4	23,3	39,9	75	124	60,5	34,2	38,3	89,3
51	>	24	56,2	24	42,7	76,5	126,5	60,5	34	39,5	86,2
53	f.	71	52,3	20,8	39,8	71,9	122,5	58,6	35	40	87,5
55	m.	24	56	23,7	42,3	76,7	128	60	32	38,2	83,7
60	>	40	56,8	20,3	35,8	77,8	121	64,3	35	38,6	90,6
61	>	18	57,8	21	36,3	75	122	61,5	34,8	39,7	87,6
62	>	18	47,2	19,6	41,5	63,2	113	55,8	34,5	36	95,8
63	>	35	44,8	19	42,4	60,5	112	54	31	35	88,5
64	>	21	53	22	41,6	63,5	121,7	52,2	32	38,6	83,7
65	>	45	48,4	24,5	50,6	62	128	48,5	28,8	37,2	77,4
66	>	26	48	22,2	46,2	63,7	119,8	53,3	30,3	38	79,7
67	>	47	53,7	23	42,8	75,5	130	58,2	34,4	40,8	84,3

N.º	Sexo	Idade	Altura nasal	Largura nasal	Índice nasal	Altura facial	Largura facial	Índice facial	Altura da órbita	Larg. da órbita	Índice orbitário
68	f.	30	49	21	42,8	68	123	55,3	31,5	36,5	86,3
71	m.	42	53,5	24,8	46,4	70	124	56,4	34	39	87,2
73	»	62	49	22	44,8	66	131	50,4	30,3	37	82
74	»	28	51,5	21	40,8	70	130	53,8	33	39,3	94
75	»	36	49,8	23,2	46,6	71,3	131	54,4	32,6	39,2	83,2
78	»	60	56	28,3	50,5	77	148	52	35,8	42,2	85
79	f.	112	48,6	21,5	44,2	65	117,6	55,4	34,5	39,4	87,5
82	m.	30	45	22,2	49,3	57	132,3	54,5	35,8	41	87,4
83	f.	67	55,8	24,7	44,3	72	122	56,4	38,5	36,6	105
85	f.	38	49	21	42,8	68,8	122	53,7	32,3	38,6	83,7
86	m.	26	50	20	40	69	128,4	52,8	31,4	37,8	83,1
87	f.	40	45	21	46,7	65,5	124	55,4	32,5	38,5	84,4
88	f.	36	47	21,7	46,2	63,2	114,2	55,4	31,8	38,5	82,6
90	»	50	49	23,5	48	70	116	60,3	32,5	38,5	82,6
93	m.	40	53	22,8	43	72	129	55,8	35,5	40	88,8
97	f.	37	49	22,8	46,6	65,5	121	54,2	32	36	88,8
98	»	48	46,8	23,9	51,2	65,5	120	54,6	31	39,5	78,6
99	»	37	50,7	23	45,3	65,5	130	50,4	34,2	39,3	87,2
100	m.	55	46,9	22	47	69,5	130	53,5	33,8	38,2	88,5
102	»	65	52,2	22,9	43,8	72,3	129	56	33,3	41,8	79,6
103	f.	39	47	24,5	52,2	65,4	118	55,4	30	34,8	86,3
104	»	36	48	24,6	51,3	65	119	54,6	28,3	37	76,5
106	m.	76	56	23,5	41,9	74	129	57,4	38	41,6	91,4
107	»	66	49	24	49	66	131,5	50,2	30	39	76,9
108	f.	64	52	23,2	44,6	68,3	120,5	56,6	33,3	36	92,5
109	m.	71	44,4	20	45,2	63	115	54,8	30,2	35,8	84,4
111	f.	37	50,3	24	47,7	65,4	114,5	57,2	31	36	86,2
112	»	49	51	24,3	47,6	68	123	55,3	30,8	38,5	80
113	»	15	45	20,4	45,3	61	107	57,1	30,5	35	87,2
114	m.	75	48	24,6	51,3	65,8	122,3	53,8	32,8	37,8	86,8
115	»	13	48,8	19,5	39,9	65	113,5	57,3	35,5	35	98,7
116	»	49	48,3	23,8	49,3	69,7	120	58,2	32	39	82
117	f.	28	50,5	23,2	45,9	65,5	130,4	50,3	33	37,6	87,7
118	m.	70	47,5	22,8	48	65,5	120,3	54,4	32	36	88,9
122	»	33	51	22,5	44,2	73	136	53,6	33,8	39	86,7
123	»	27	54	22	40,7	68,8	129	53,3	31,6	37,2	84,9
125	»	48	51,5	22,7	44,2	68	124	54,8	30,4	38,4	79,2
46	f.	70	49,5	23	46,5	63,5	118,5	53,6	31	38,2	81,3
70	»	42	48,5	22	47,4	63	128	49,6	32,5	41	79,4
121	»	70	49,4	24	46,9	65,2	124	52,6	32	37,3	85,7

Crânios pertencentes ao Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina

N.º	Sexo	Idade	Altura nasal	Largura nasal	Índice nasal	Altura facial	Largura facial	Índice facial	Altura da órbita	Larg. da órbita	Índice orbitário
1	f.	23	46,8	21,8	46,7	64,4	120	53,6	31	39,8	77,9
59	m.	38	50	23,5	47	62,3	122	51,2	33,3	37,7	88,3
72	f.	27	49,3	23	46,6	66,2	121	54,7	31,8	37,7	84,3
71	»	40	45	21,7	48,3	65,5	119,8	54,7	33	36,2	92,2
68	m.	18	54	22,7	42	70	128,3	54,5	30,7	40	76,8
58	»	40	50,3	24,3	48,4	69	125	55,3	32,3	38,2	84,5
70	f.	21	49	24,2	49,4	63,5	123,2	53,5	31,7	38,3	82,8
69	»	35	49	25,3	51,7	62,6	120,4	52	36,4	38,5	94,5
65	»	20	53,2	24	45,2	70	127,6	54,8	34,7	39	89
53	»	19	45,5	21	46,2	63,4	121,2	52,3	29,5	40,2	73,4
66	m.	49	52,6	23	43,7	70	130,7	53,6	33	37,3	88,5
56	f.	30	47	24	51,1	61,8	117	52,8	30,5	36,8	82,8
63	m.	49	54,3	22	40,6	70,6	118,4	59,6	33,3	37,5	88,8
67	»	30	49	24,8	50,6	64	117,7	54,4	28,4	35	81,2
57	f.	45	50,7	21	41,4	65,7	111,8	58,8	31	34,6	89,6
55	m.	28	52	20,5	39,5	70,8	121,3	58,5	33,6	40	84
44	»	47	55	25,6	46,6	73	130,7	55,8	35,5	40,4	87,8
42	f.	30	46,5	23,5	50,6	65	115	56,5	27,9	36,9	75,6
41	m.	29	53,7	23	42,8	73	129	56,5	34,7	42,8	81
51	»	50	55	25,5	46,4	71,2	130	54,7	33,5	42,5	78,8
49	»	58	49	22,4	45,7	72,7	142	51,2	30,4	40,1	75,2
48	»	29	55	23,7	43,2	69,8	131,5	53	31,2	39,4	79,2
132	»	50	48,8	24,5	50,3	68,5	121	56,6	34,2	38,9	86
73	»	25	48	25	52,2	68	125,9	54,1	31,4	38,7	81,2
75	»	19	52,7	22,6	42,8	69	125,7	54,8	31	36,5	85
38	f.	25	47,4	22,5	47,5	61,3	113,4	54	31,5	37,2	82,5
37	m.	40	55	24	43,6	70,9	125,7	56,4	31,2	36	86,7
46	f.	40	48,5	21	43,3	67	115,8	57,8	31,8	37,5	84,8
85	»	50	48,5	24,2	49,8	71	128	55,5	31,8	38,8	82
84	m.	24	51,5	22	42,8	75	121,4	61,8	33,6	36,5	92,2
82	f.	27	50	21,5	43	69,7	120,4	57,8	33,3	39,3	84,7
83	m.	30	52,5	21,7	41,3	76,2	121,4	62,7	32,3	38,3	84,4
81	»	40	52,3	24,5	46,8	75	136	55,2	32,5	40	81,3
78	»	37	47,3	23	48,6	64,2	129,4	49,6	31,3	37	84,6
79	f.	50	52	23	44,2	68	125,3	54,3	36	37,2	96,8
88	»	60	52,2	20,6	39,5	71	118,5	59,9	36	39,7	90,7
86	m.	30	46,5	22,7	48,8	65	125	52	30,4	36	84,5
87	»	42	55	23,8	43,3	73,8	130,6	54,3	32,3	40	80,7
90	f.	28	50	19	38	70,3	116,5	60,2	34	36,5	93,2
91	m.	26	54	22,5	41,7	76	131,5	57,7	33,8	39,5	85,6
96	»	34	54,5	20,5	37,6	76	118,3	64,4	34	35,2	96,6
98	f.	40	51,5	22	42,7	73,3	114,7	63,7	33,6	39	85,2
101	»	55	48,2	22,4	46,5	66,5	120	55,4	31,3	36,5	85,7
102	m.	77	55,5	25,6	46,2	71,5	131,6	54,3	34,2	38,7	88,4

N.º	Sexo	Idade	Altura nasal	Largura nasal	Índice nasal	Altura facial	Largura facial	Índice facial	Altura da órbita	Larg. da órbita	Índice orbitário
103	f.	40	56,6	21,7	38,4	73,5	117,8	62,5	34,2	38,2	89,5
172	m.	40	56,5	22	38,9	74	121	61,2	34,2	38,5	88,8
176	*	50	49	23,2	47,3	73,3	129,4	56,6	33,5	39,5	84,8
184	*	40	53	22,2	41,8	72,8	128,4	56,7	33,8	41,8	80,8
187	*	45	54	25	46,3	72	133,5	54	35,3	40	88,3
195	*	90	50	24,5	49	70,2	138,2	50,8	32	43	74,4
197	f.	55	51,6	20,8	40,3	71	130,6	52,2	35	38	92,2
278	f.	16	49,5	20,8	43,9	63,7	115	55,4	32,4	37,8	85,7
277	f.	16	49	19,6	40	63,2	113	58,9	31,8	36,4	87,4
279	m.	14	49,2	20,8	42,3	65,5	111,2	57,8	33,8	37,2	91,4
27	m.	58	51,6	23,5	45,6	70,5	122	57,8	34,2	37,2	92,1
40	m.	30	52,5	21,3	40,6	72	118,3	61	36,4	38,8	93,8
47	f.	40	46,5	23	49,5	76,5	133	57,5	35,3	39,8	88,7
76	f.	40	52	24	46,5	74	139,6	53	31,5	38,4	88
77	m.	40	52,5	24,7	47,5	70,5	129,4	54,5	30,2	39	80,7
284	*	35	54,5	25	45,8	70,5			41		88,3

Tábua de correlação entre os índices facial superior e nasal (1)

Índice facial	Índice nasal																		
	35-36	36-37	37-38	38-39	39-40	40-41	41-42	42-43	43-44	44-45	45-46	46-47	47-48	48-49	49-50	50-51		51-52	52-53
48-49															1 ₃₅	1 ₄₂			2
49-50													1 ₁₈	1 ₃₄					2
50-51								1 ₄₀		2	2 ₅			2 ₃₀					7
51-52											1 ₄	1 ₈		1 ₁₆	1 ₂₀	2 ₂₄	2 ₂₃		8
52-53						1 ₁₂	1 ₉		1 ₃			3 ₆	1 ₉		1 ₁₈	1 ₂₁			9
53-54					1 ₄₀	2 ₈		1 ₄	1 ₉	1		6 ₄	2 ₆		1 ₄₀	1 ₁₄			16
54-55						3 ₃		1 ₂	1 ₄	5	3 ₁	3 ₂	1 ₂	1 ₃					25
55-56					1	2	3	2	1	1	4	1	1	1	1	1			17
56-57					2 ₅	1 ₄	1 ₉	2 ₂	2 ₁	1		3 ₂	1 ₃		1 ₅	2 ₆			16
57-58					1 ₄₀	2 ₀	2 ₄	1 ₂	1	2 ₃	1 ₄	2 ₆							12
58-59			1 ₁₈	2 ₁₅	1 ₉	2 ₆	1 ₃								1 ₁₅				8
59-60			1 ₂₀	2 ₁₈	1 ₁₂	1 ₈													5
60-61			1 ₃₅	2 ₂₅	1 ₂₀		1 ₁₀					1 ₁₀	1 ₁₅						7
61-62		1 ₄₈		2 ₂₈			1 ₁₂												4
62-63			1 ₄₂			1 ₂₁													2
63-64				1 ₄₀			1 ₁₆												2
64-65	1 ₈₁		1 ₆₃																2
	1	1	2	4	11	7	12	16	9	11	8	24	10	6	6	7	7	2	144

Índice facial: M = 55,5972; σ = 3,2860.

Índice nasal: M = 44,7223, σ = 3,8203

$$r = \frac{1}{\sigma_x \sigma_y} \left\{ \frac{\sum (x - X') (y - Y')}{n} - (X' - X) (Y' - Y) \right\}^{(2)}$$

$$= \frac{1}{3,8203 \cdot 3,286} \left\{ \frac{-1053}{144} - (44,5 - 44,72) (55,5 - 55,59) \right\} = -0,5859$$

(1) Não publicamos as restantes 33 táboas de correlação, referentes aos coeficientes que calculámos, por terem surgido dificuldades materiais que se opuseram à sua impressão. (2) Vide Martin, *Lehrbuch der Anthropologie, obr. cit.*, pág. 78 e seguintes.

Sôbre o índice condiliano, como determinante sexual do crânio

POR

J. BETHENCOURT FERREIRA

Naturalista e Assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa

A determinação do sexo sôbre peças do esqueleto implica uma dificuldade, que nem sempre é possível vencer. Essa definição é muitas vezes necessária, não só no domínio das investigações científicas, mas em certos casos de medicina legal, em escavações arqueológicas, nas quais, às vezes, se procura a distinção de sexos, à vista de porções esqueléticas. Não raro incide a discriminação sôbre o crânio, inteiro ou fragmentado. Sem dúvida a caveira é a parte mais característica, por assim dizer, mais expressiva do esqueleto e por isso há a mais natural e decisiva tendência para encontrar nela os sinais mais eloquentes de distinções de diferentes ordens. Entre aquelas que convém efectuar na cabeça óssea, a dos sexos vem com frequência a propósito. Esta apreciação baseia-se por um lado em observações de forma e de aspecto, que não podem deixar de ser eivadas de personalismo. Tais são o feitio da cabeça; as suas dimensões relativamente ao adulto; o maior ou menor desinvolvimento das arcadas supraciliares; a abóbada craniana mais ou menos elevada; a glabella mais ou menos pronunciada, assim como o apagamento do *início* e das *linhas occipitais* e a diminuição de volume dos côndilos e

das mastoideas, no sexo feminino. Por outro lado, existem caracteres métricos, que podem fornecer a expressão numérica de diferenças sexuais, que a simples vista não abrange. São, por exemplo,—o pêso e o volume.—Sabe-se que nas mulheres o pêso do crânio é menor que no homem. Das observações do dr. Ferraz de Macedo e de outros antropólogos, como das nossas, postoque em curtas séries, infere-se que o pêso do crânio feminino é, em geral, menor que o do homem (589,9 ♀ 648,9 ♂). A capacidade nêste é também sensivelmente maior (1300 cc ♀; 1500 ♂), apreciadas as médias, tanto nas raças superiores, como nas inferiores (1).

Não se pode porém afirmar que êstes limites sejam deveras bem delineados e de modo a impedir toda a confusão. O que temos a fazer é conjugar os diversos elementos que a ciência actual nos oferece para esta determinação, de ordinário pouco segura. Por isso a apresentação de um carácter tal como o índice condiliano, estabelecido por Marcel Baudouin, como distintivo certo, não deixaria de despertar a nossa atenção e de incitar o desejo de obter a sua confirmação pelas observações em séries portuguesas. Foi o que fizemos, com o auxílio diligente e esperto de dois dos nossos alunos, hoje licenciados em Ciências Naturais, a sr.^a D. Amélia Bacelar e o sr. Fernando Viegas da Costa, que, com o maior cuidado, executaram as séries sôbre as quais se fundamentam as conclusões que julgamos poder rubricar a tal respeito.

Porque semelhante estudo tem novidade e, pelo menôs, a oferece entre nós, por ter sido realizado em crânios portugueses,

(1) Há numerosas medidas e índices pelos quais se podem avaliar certas diferenças sexuais; os diâmetros cranianos, os índices faciais e orbitários (Pittard e Reverdin) e muitos outros, podem ser utilizados para êste fim.

publicâmo-lo em seguida, como trabalho do Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências de Lisboa (2).

Por êle se reconhece que o índice condiliano não possui o absolutismo que o seu autor preconiza e que, conquanto as médias calculadas aqui se não afastem consideravelmente das de M. Baudouin, os limites do índice teem mais ampla latitude. Somos levados a afirmar que a aplicação dêste critério deve ser feita com particular cautela, pois circunstâncias diversas influem no índice condiliano, sobretudo as de ordem patológica, obrigando-o a perder o seu valor diferenciativo.

Conforme a verificação feita pelos autores dêste ensaio, um só cõndilo não é suficiente para assentar definitivamente a diferença do sexo, dado o afastamento que às vezes se encontra nas medidas dos cõndilos do mesmo crânio.

Concluimos pois, de um modo geral, que o índice condiliano proposto pelo dr. Baudouin importa realmente para a diagnose sexual, mas que êste índice não deve ser tomado isoladamente ou exclusivamente, como sinal certo, mas associado a outros caracteres numéricos e descritivos.

Lisboa, Dezembro de 1920.

(2) Tendo-me o sr. Viegas da Costa manifestado a boa vontade de abordar êste assunto, em estudo mais detido e sendo aliás dos programas da Faculdade apresentarem os alunos, antes do exame final, um certo numero de trabalhos especiais, relativos às matérias versadas nos cursos respectivos, o que constitui um bom incentivo para indagações originais, para logo decidimos aproveitar o ensejo de apreciar a questão, iniciando os alunos na sua análise pelo estudo da série portuguesa, sob êste ponto de vista. Intentamos assim resolver um problema, que se prende com o trabalho por nós empreendido e actualmente em preparação, sôbre as determinações sexuais do esqueleto.

ESTUDO DE ESQUELETO

Nota sôbre o índice condiliano de M. Baudouin

Trabalho do Laboratório de Antropologia da Faculdade
de Ciências de Lisboa

POR

Amélia Bacelar e Fernando Frade Viegas da Costa

INTRODUÇÃO

Quem — mal iniciado ainda em assuntos desta natureza —
passe os olhos pelo artigo de MARCEL BAUDOUIN, publicado no
n.º de 19 de Abril de 1920 dos *Comptes rendus des séances de
l'Académie des Sciences de Paris*, sob a epígrafe: *D'une mesure
anatomique qui permet le diagnostique du sexe d'un crâne humain:
l'indice condylien*, onde se faz salientar o valor do novo método
em relação aos processos unicamente baseados em apreciações
vagas e pessoais da forma e do aspecto da abóbada craniana,
actualmente seguidos nos laboratórios de Antropologia, há de
ter, por certo, como nós, a justificável curiosidade de o ensaiar,
de tão rara simplicidade se lhe afigura a análise, como de
exacto e extraordinariamente precioso o classificou o seu autor.
No dizer dêste, a sua aplicação ao côndilo único de um

crânio, de que restam apenas fragmentos, iria determinar, sem hesitação, o sexo do indivíduo de quem o crânio foi pertença, bastando para isso duas singelas medidas e um pequeno cálculo de memória. Infelizmente para nós, que aplicámos êste índice em quarenta crânios portugueses, da valiosa colecção legada pelo DR. FERRAZ DE MACEDO, formando duas séries iguais, uma de cada sexo, os resultados obtidos não se ajustam absolutamente aos de M. BAUDOUIN, — posto que, dum modo geral, as nossas médias não se afastem muito das do autor —, não obstante as dificuldades que se levantaram, logo ao executarmos as primeiras medidas. Observando bem as causas de algumas das divergências, uma se salienta, qual a das variadíssimas formas que os côndilos revestem no mesmo crânio e em crânios diferentes.

Se não nos foi dado marcar para todos os casos, com precisão, quais os pontos limites dos diâmetros antero-posterior e transversal máximo da faceta condiliana, por vezes dupla, é possível que M. BAUDOUIN o tenha conseguido, e pena é que não tivesse indicado no seu artigo a maneira de operar.

Não se vá julgar do que fica exposto que, na presente nota, ligeira como é — devido em grande parte ao pouco tempo de que dispomos —, se contém elementos seguros que permitam afirmar que o índice condiliano não venha contribuir para um bom diagnóstico sexual.

Para o sr. DR. BETTENCOURT FERREIRA, Assistente de Antropologia, vão os nossos agradecimentos, por todas as indicações com tanta amabilidade fornecidas.

Índice condiliano, de Marcel Baudouin

De uma maneira geral, todas as partes do esqueleto se resentem do sexo do indivíduo a que pertencem mas, para o diagnóstico sexual, é necessário recorrer aos pontos onde mais acentuadamente se manifestam os caracteres distintivos. Assim, nos crânios de indivíduos do sexo masculino, as arcadas supra-ciliares e a glabella são mais pronunciadas do que nos do sexo feminino, nos quais o pêso, a capacidade, a largura da fronte, as apófises mastoideas e o inion são menores e as linhas gerais, em regra, menos pronunciadas, lei a que não escapam os côndilos occipitais.

Todos êstes caracteres, considerados isoladamente, não determinam com rigor o sexo, mercê das variações frequentes a que estão sujeitos. Caracteres sexuais absolutos do esqueleto não se conhecem até agora, e não nos parece que, definido como está *le chiffre fourni par les diamètres antéro-postérieur et transverse maximum de la surface articulaire du condyle*, venha abrir excepção o índice condiliano de BAUDOUIN.

Afectando formas muito variadas, mais ou menos oblongas, o côndilo apresenta a superfície da faceta — por vezes dupla — empenada e tendendo para helicoidal. Desta conformação resulta que os diâmetros da faceta não correspondem realmente aos eixos do côndilo, e daqui, portanto, a sua variabilidade.

O que fica dito bem justifica as dificuldades que se suscitaram sobre o modo de executar as medidas: Umas vezes o limite da faceta não era bem definido, outras era a forma que se opunha à medição rigorosa.

Analizemos os quadros que apresentamos, referentes ao índice condiliano, tomando em duas séries de vinte crânios, da preciosa colecção legada pelo DR. FERRAZ DE MACEDO. Em alguns, um dos côndilos encontra-se deteriorado, pelo que não foi possível medi-lo.

Na série feminina, do Cemitério Oriental, devemos notar que todos os crânios observados apresentam os caracteres gerais do sexo, sem que, por isso, se levantem dúvidas a tal respeito. Seguimos, pois, o conselho muito sensato de M. PAUL-BONCOUR (1): « Il est donc prudent, en face d'une série, d'analyser soigneusement les caractères crâniens et, après avoir distingué les crânes masculins et les féminins, de mettre à part les cas douteux. C'est le seul moyen de ne pas troubler les moyennes ».

Se compararmos os nossos resultados com o limite inferior (51,0) e com a média (60,0) do índice, indicados por BAUDOUIN para este sexo, vemos que à excepção dos crânios n.ºs 3, 13 e 24, todos os restantes estão compreendidos naqueles valores. Mas o que mais se salienta e que vem destruir uma das afirmações de M. BAUDOUIN é que um só côndilo não basta para o diagnóstico sexual. Assim, por exemplo, no crânio n.º 6, é o índice (52,2) do côndilo direito que caracteriza o sexo feminino, enquanto que o índice (42,0) do côndilo esquerdo determina o sexo masculino; pelo contrário, no crânio n.º 21, é o índice (51,0) do côndilo esquerdo que indica o sexo feminino, ao passo que o índice (45,6) do côndilo direito marca bem o sexo masculino. Nas mesmas circunstâncias se encontram os crânios n.ºs 5, 12 e 25.

Casos não menos curiosos estão representados nos crânios n.ºs 3, 13 e 24, em que tanto o índice do côndilo direito como

(1) P. Boncour, *Anthropologie Anatomique*, Paris, 1912.

do esquerdo são muitíssimo menores que o limite inferior dado para o sexo feminino, estando os seus valores compreendidos, portanto, entre aqueles que BAUDOUIN atribuiu ao sexo masculino. Não esqueçamos que os valores de BAUDOUIN se referem a indivíduos adultos, pelo que cuidadosamente verificamos o apagamento não só da sutura basilar como o de algumas outras.

Também no referido quadro se nota qual a latitude do índice: desde 40,0 a 71,8.

A média do índice condiliano, nesta série feminina, toma o valor 55,7, não incluindo os índices correspondentes aos crânios n.ºs 3, 13 e 24, pelas razões já referidas; mas, se estes últimos fôrem nela integrados, a média baixará sensivelmente para 53,7.

*
* * *

Na série masculina, do Cemitério Ocidental, encontram-se divergências semelhantes às que anteriormente referimos.

Logo ao iniciar a série se nos depara um crânio por todos os títulos digno de observação mais cuidada, e que, pelas anomalias que apresenta pode fortalecer — embora isto pareça paradoxal — o critério de M. BAUDOUIN. É o crânio n.º 299 da série masculina da colecção do DR. FERRAZ DE MACEDO. Este crânio, possui, todavia, caracteres sexuais femininos, como sejam: Fronte estreita e pouco alta, arcadas supra-ciliares não salientes, apófises mastoideas de reduzido volume, inion pouco evidente, prognatismo sub-nasal; o peso do crânio sem mandíbula 613 gr. aproxima-se mais da média (638^{gr},5) determinada pelo DR. FERRAZ DE MACEDO para o sexo feminino (1). Apenas a capacidade

(1) Ferraz de Macedo, *Antropologia criminal*.

crâniana (1455 cc) se afasta da média geral (1333 cc) para o mesmo sexo.

Não se julgue que o índice condiliano deixa de acompanhar os caracteres citados. O côndilo direito apresenta o índice 64,7; o índice do côndilo esquerdo é 75,0, valores que se sobrepõem aos que mencionamos para o sexo feminino.

Poderiam atribuir-se estas anomalias ao facto de se tratar, como é provável, de um indivíduo bastante novo, porquanto as suturas são muito evidentes e, nomeadamente, a *sutura basilar* (1). Daqui, mais um motivo para se poder afirmar, como já havíamos previsto, o diminuto valor do processo, como determinante absoluta, ficando apenas ao nível dos outros métodos de diagnóstico.

Facto que não encontramos na série feminina está aqui representado em dois crânios, os n.ºs 318 e 319, cujas facetas são duplas, o que, como noutro lugar dizemos, dificulta as medições; mas por aumentar o diâmetro antero-posterior, o pequeno erro cometido não altera grandemente o resultado.

Também nesta série nos podemos certificar do que já foi mencionado ao tratarmos da série feminina: é que um só côndilo não basta para o diagnóstico sexual, dadas as diferenças que não raro se encontram entre os valores do índice de um e outro côndilo do mesmo crânio, como por exemplo nos n.ºs 303, 307, 308, 311, 317 e 320.

O índice nos crânios n.ºs 301, 306, 310, 314 e 322 tem valores que se compreendem na média feminina de BAUDOUIN. A latitude do índice nesta série é: 32,7 — 75,0.

(1) Conforme o registo da colecção, segundo a nota obsequiosamente fornecida pelo sr. dr. Costa Ferreira, ilustre Naturalista do Museu Bocage, o crânio pertenceu efectivamente a um indivíduo de vinte anos, físico e com caracteres de infantilismo.

No cálculo da média, seguimos o mesmo critério que adoptamos para a série feminina, e obtivemos para os vinte casos 49,2 e, para aqueles em que não há divergências, 45,2.

*

* *

M. BAUDOUIN determinou a média em relação ao limite inferior e superior dos índices em cada série. Nós não procedemos assim; seguimos, pelo contrário, o processo geralmente empregado e notámos que a média do índice condiliano, na série estudada, é de 45,2 para o sexo masculino e de 55,7, para o sexo feminino.

Sobre o índice condiliano de M. Baudouin na série portuguesa

SÉRIE MASCULINA — Cemitério Ocidental

N.º dos crânios	299	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	314	317	318	319	320	321	322
D. Ant-post.	17,0	21,1	22,0	24,0	27,5	30,0	23,0	26,0	27,0	30,5	22,5	24,0	27,0	24,5	23,0	30,5	29,5	25,0	24,5	24,0
D. Trans. max.	11,0	12,5	9,5	12,5	11,5	14,0	12,5	14,0	10,0	12,0	10,5	10,5	11,5	15,0	12,0	10,5	13,0	11,5	11,5	13,0
D. Ant-post. esq.º	16,0	21,0	24,5	26,0	30,5	28,5	26,5	24,0	26,5	28,0	23,0	20,0	24,5	24,5	28,5	28,5	30,0	22,5	25,0	24,5
D. Trans. max. esq.º	12,0	13,0	12,0	13,0	11,5	12,5	13,5	13,0	13,0	10,0	14,0	10,5	11,5	12,5	11,5	10,5	12,0	12,0	12,5	13,0
Condilo direito	64,7	59,5	43,1	52,0	41,8	38,3	60,8	48,7	51,8	32,7	53,2	43,7	42,6	62,8	52,1	54,4	44,1	46,0	46,9	54,1
Condilo esquerdo	75,0	60,4	48,9	50,0	37,7	43,8	50,9	54,1	49,0	37,5	60,8	52,5	47,7	51,0	46,9	36,8	40,0	53,3	50,0	53,6

SÉRIE FEMININA — Cemitério Oriental

N.º dos crânios	1	2	3	4	5	6	7	8	9	11	12	13	15	16	17	18	21	23	24	25
D. Ant-post.	22,5	23,5	26,0	23,5	24,5	22,0	19,5	21,5	21,5	23,0	23,5	24,5	25,0	21,0	23,0	22,0	23,0	—	23,0	23,0
D. Trans. max.	11,5	12,5	11,0	14,5	13,0	11,5	14,0	13,0	13,0	16,0	12,0	11,0	13,0	2,0	12,0	14,5	10,5	—	10,0	11,5
D. Ant-post. esq.º	22,5	—	26,5	21,5	25,0	25,0	19,5	22,0	21,5	23,5	23,5	25,5	25,0	21,0	24,0	21,5	23,5	23,0	25,0	25,0
D. Trans. max. esq.º	11,5	—	10,5	15,0	12,0	10,5	11,5	13,0	11,0	12,5	10,0	12,0	13,0	14,0	12,0	15,0	12,0	14,0	10,0	13,0
Condilo direito	51,1	53,1	40,0	61,7	53,1	52,2	71,8	50,0	60,0	69,5	52,6	44,8	52,0	57,1	52,1	65,9	45,6	0	43,4	48,8
Condilo esquerdo	51,1	0	43,4	69,7	48,0	42,0	58,9	59,1	51,5	53,2	43,4	47,0	52,0	66,6	50,0	69,7	51,0	68,7	40,0	52,0

UM CASO DE BRAQUIDACTILIA HEREDITÁRIA

POR

J. A. PIRES DE LIMA

Professor da Faculdade de Medicina do Porto

O meu presado colega Dr. Ferreira de Castro participou-me, em 6 de Abril de 1922, que, no Hospital do Têrço, tinha sido operada de gastro-enterostomia uma senhora da Beira Alta com anomalia no comprimento do primeiro e último dedos de ambas as mãos e que êsse vício de conformação era comum nos membros da sua família.

Tratava-se de Celestina A. B., de 54 anos de idade, natural de Vermiosa, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, que pertence a uma família de proprietários agricultores. É forte, robusta, de regular estatura, de pele morena, rosada, boca larga, lábios finos, fronte arqueada, nariz recto e olhos castanhos escuros, com ectropion da pálpebra inferior esquerda, devido a complicações do sarampo, de que sofreu em criança. A sua abóbada palatina é normal e os dentes estão muito cariados. O cabelo é liso e já grisalho.

São curiosas as mãos desta senhora (fig. 1), mãos que são características na família Bolota, de que ela faz parte; são perfeitamente simétricas, e os seus dedos são grossos, de largas unhas. O mínimo é muito curto, terminando pouco abaixo da articulação da 1.ª com a 2.ª falange do anular, e o polegar é atarracado, ovóide na sua terminação. A forma do polegar nesta família daria origem à alcunha de *Bolota*, que depois passaria a

apelido? Outras vezes se tem registado apelidos provenientes de um defeito hereditário.

No quadro I podem vêr-se as medidas que tirei às diversas

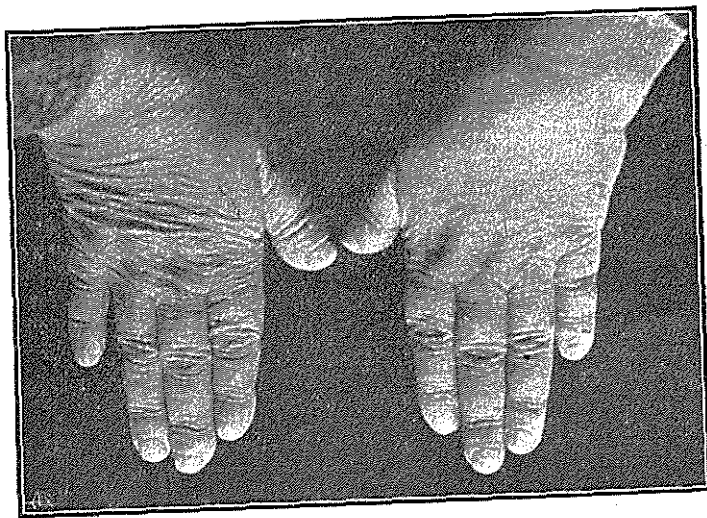


Fig. 1

falanges dos dedos da mão direita. Fôram tomadas pela face dorsal, depois de energicamente flectidos os dedos.

Quadro I

Dedos	Falanges	Falanginhas	Falangetas
Polegar	4 centímetros	—	2,5 centímetros
Indicador	5,5 »	3 centímetros	2,5 »
Médio	6 »	4 »	2,5 »
Anular	5,5 »	3,5 »	2,5 »
Mínimo	3,5 »	2,5 »	2,5 »

Confrontem-se estas medidas com as que apresentou Froment, citado por Serrano (1), como sendo a média do com-

(1) Serrano, *Tratado de Osteologia Humana*, II, Lisboa, 1897.

primento das diversas falanges, tomado no esqueleto. (Quadro II).

Quadro II

Dedos	Falanges	Falanginhas	Falangetas
Polegar	3,1 centímetros	—	2,4 centímetros
Indicador	3,8 »	2,3 centímetros	1,8 »
Médio	4,3 »	2,9 »	2 »
Anular	4 »	2,7 »	1,9 »
Mínimo	3,2 »	1,9 »	1,7 »

Nota-se logo que o comprimento das falangetas é o mesmo em todos os dedos, enquanto que, normalmente, elas são de dimensões bastante diversas. Habitualmente a falangeta do polegar é mais comprida que a do mínimo. Vê-se, pois, que existe uma atrofia da poli-falangeta, o que dá às pontas dos polegares a sua fisionomia especial.

Mas confrontemos ainda as medidas do quadro I com as do quadro III, em que se registou o comprimento de cada falange

Quadro III

Dedos	Falanges	Falanginhas	Falangetas
Polegar	4 centímetros	—	3 centímetros
Indicador	5 »	3 centímetros	2,5 »
Médio	5 »	3,5 »	2,5 »
Anular	5,3 »	3,4 »	2,5 »
Mínimo	4,4 »	2,6 »	2,5 »

dos dedos da mão direita de uma pessoa adulta, normal, do sexo feminino, seguindo-se a mesma técnica empregada para as mensurações do quadro I.

Por êsse quadro, confrontado com o I, vê-se que, no caso

que estou estudando, há não só atrofia da poli-falangeta, como da auri-falange, que tem menos quási 1 centímetro de comprimento do que se fôsse normal. Daí provém a brevidade do dedo mínimo, em virtude da qual o palmo desta senhora mede apenas 19 centímetros.

Por outro lado, dá-se a circunstância de haver uma acentuada hipertrofia da falange e da falanginha do dedo médio.

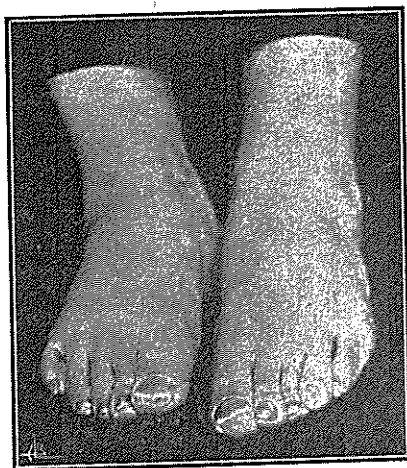


Fig. 2

Também os pés desta senhora são anómalos (fig. 2). No direito o hallux é muito grosso, e o quinto dedo é longo e curvo, de concavidade voltada para dentro. No pé esquerdo também é bastante grosso o primeiro dedo, o terceiro é bastante fino e o quinto muito largo na base.

O que torna mais notável êste caso é o seu carácter familiar. Com efeito, examinando a árvore genealógica desta família (fig. 3), nota-se que da primeira geração fazem parte dois indivíduos do sexo masculino (um dos quais era o pai da senhora que observei) e um do sexo feminino. Esses três irmãos eram todos braquidá-

ctilos, de maneira que na primeira geração havia 100 % de casos de braquidactilia.

Na segunda geração há pelo menos oito braquidáctilos (cêrca de 50 %); na terceira geração, contando só trinta-e-quatro netos do mesmo avô (filhos e sóbrinhos da senhora que observei, pois que as informações a respeito dos outros não são suficientemente dignas de crédito), nota-se aquela anomalia em cêrca de 26 % dos indivíduos.

Á quarta geração pertencem crianças de tenra idade, em cujas mãos ainda não se fez reparo.

Nesta família há pelo menos dôze braquidáctilos do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Apesar de haver na família quási tantos varões como fêmeas, a anomalia aparece nos machos com mais que dobrada freqüência.

Vê-se pela fig. 3 que êste carácter familiar tende a desaparecer, em virtude de cruzamentos com pessoas normais. Um indivíduo chamado Lima casou sucessivamente com duas irmãs: uma *L*, com dedos normais e outra *L'*, que é o meu caso. Da primeira teve um filho e três filhas, todos normais e desta teve três filhos e três filhas, sendo braquidáctilo apenas o primogênito. Só êle tem « mãos de Bolota », possuindo « mãos de Lima » todos os outros nove irmãos. É desta maneira pitoresca que se exprimem as pessoas desta família, a propósito da conformação das suas extremidades superiores.

Na minha série de trinta-e-cinco casos de atrofias congénitas dos membros não é a primeira vez que me é dado observar mãos com dedos curtos. Um anão acondroplásico que estudei de colaboração com o Prof. Almeida Garrett (1) tinha as mãos braquidáctilas, em tridente, e uma mulher com acondroplasia fruste

(1) Almeida Garrett & Pires de Lima, *El Rasoto*, enano acondroplásico, (*Plus-Ultra*, Madrid, 1920, n.º 21 y 22).

familiar, por mim observada ⁽¹⁾, tinha as mãos quadradas, braquidáctilas. Outras vezes tenho visto casos de braquidactilia associados a outros vícios de conformação das mãos.

De passagem direi que o conceito da braquidactilia não é uniforme para os diversos autores: emquanto que uns consideram braquidactilia o encurtamento dos dedos provocado pela agenesia das falanges (mais vulgarmente das falanginhas), (Fort, etc.), outros estendem essa designação a todos os casos de brevidade digital, como se infere da etimologia da palavra (Mauclaire, etc.). Pela minha parte, agrupo no capítulo da braquidactilia todos os indivíduos que têm os dedos curtos, quer por agenesia quer por atrofia congénita das falanges.

Várias vezes têm sido assinalados casos de braquidactilia hereditária. Citarei aqueles de que tenho conhecimento: Mackinder ⁽²⁾ estudou uma família de braquidáctilos, seguindo a anomalia durante seis gerações: o encurtamento dos dedos era devido à falta congénita de uma ou duas falanges.

Webb ⁽³⁾ publicou igualmente o estudo de uma família caracterizada por ter os dedos curtos. A anomalia estendeu-se por linha feminina, também durante seis gerações, tanto se dava nas mãos como nos pés, e era devida a uma atrofia congénita das falanginhas das mãos ou das falanges dos pés. Registam-se vinte-e-um casos nesta família, mas, nas últimas gerações, como na minha observação, a anomalia era menos frequente.

Kidd ⁽⁴⁾ observou um homem com braquidactilia devida a

⁽¹⁾ J. A. Pires de Lima, *Nova série de observações portuguesas de anomalias dos membros* (Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia, S. Paulo, Dezembro, 1920).

⁽²⁾ *Dicionário de Dechambre*, artigo *Doigt*.

⁽³⁾ Webb, *A case of hereditary brachydactyly* (*Journal of Anatomy and Physiology*, xxxv, 1901).

⁽⁴⁾ Kidd, *Abnormal phalanges in a human hand: a case of brachydactyly*, (*Idem*, xlv, 1910).

ausência congénita de falanges. Também nesta observação se nota o carácter hereditário da anomalia, pois que o indivíduo em questão tinha duas filhas, a mãe, uma tia e a avó materna com o mesmo vício de conformação. Havia tradição nesta família de que êle se estendia a outros antepassados. Como no meu caso, a anomalia era simétrica.

Drinkwater ⁽¹⁾ apresentou à IV Conferência Internacional de Genética a árvore genealógica de uma família de braquidáctilos, compreendendo cinco gerações, com quarenta-e-sete membros, vinte-e-um dos quais anómalos.

Drinkwater tinha já estudado outra família de braquidáctilos, em que os dedos eram muito mais curtos que os desta. Por tal motivo deu a esta forma de anomalia o nome de braquidactilia menor. A primeira observação foi apresentada à Royal Society de Edimburgo em Novembro de 1907, e a anomalia, que era simétrica, consistia no encurtamento da falanginha de cada dedo, menos o polegar e o hallux. Nesta família também a falanginha era curta.

Em ambas as famílias estudadas por Drinkwater, da mesma forma que sucede com o meu caso, era notável a simetria, quer nas mãos quer nos pés.

O mesmo autor verificou que a anomalia é transmitida somente pelos anormais, de maneira que os descendentes dos normais são sempre normais. A árvore genealógica que apresento, incompleta como é, não está em desacôrdo com a mesma regra.

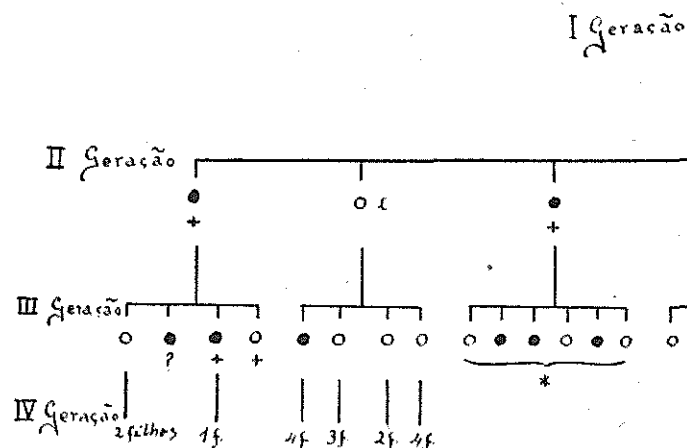
Em 1916 publicou Drinkwater ⁽²⁾ terceira observação de braquidactilia familiar. Nesta, o indicador e o médio eram muito

⁽¹⁾ Drinkwater, *Study of a brachydactylous family (minor brachydactyly)* (IV Conférence Internationale de Génétique, Paris, 1911).

⁽²⁾ Drinkwater, *Hereditary abnormal segmentation of the index and middle fingers* (*Journal of Anatomy and Physiology*, L, 1916).

curtos em ambas as mãos, e os pés também eram braquidáctilos. A anomalia encontrava-se em quatro gerações, e também não era transmitida pelos indivíduos normais desta família: de trinta e seis descendentes de membros anormais desta família, quinze eram também braquidáctilos.

Trata-se, pois, de uma anomalia acentuadamente hereditária. Foi mesmo a braquidactilia uma das primeiras condições huma-



nas que alguns biólogos pretenderam relacionar com as leis de Mendel ⁽¹⁾.

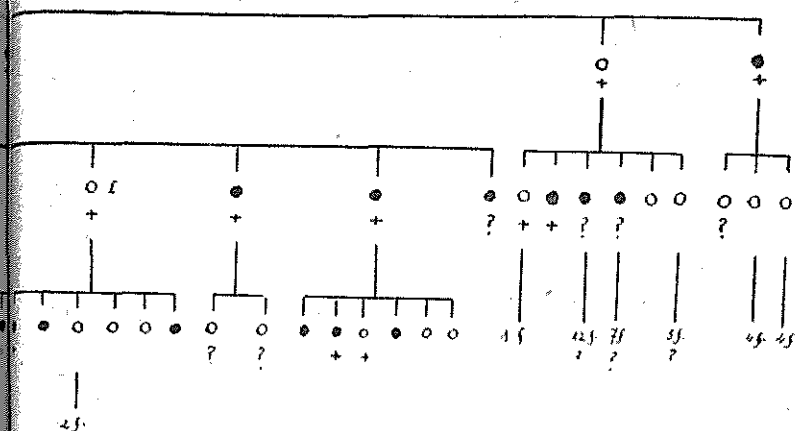
De todos os seres vivos é o Homem um dos que mais dificilmente se prestam a estudos sobre a hereditariedade; parecem-me, pois, um tanto prematuras certas conclusões que têm sido formuladas a propósito da aplicação ao Homem dos princípios de Mendel.

(1) Crouzon, *Recherches sur l'application des principes de Mendel dans l'hérédité de certaines maladies humaines et en particulier dans les maladies du système nerveux*. (IV Conf. Intern. de Génétique, Paris, 1911); — Bateson, *General address on heredity*, (XVIIth International Congress of Medicine, London, 1913, general volume); — Nonidez, *La herencia mendeliana*, Madrid, 1922.

Os fenómenos da hereditariedade humana sem dúvida que são regulados por leis; mas para as deduzir é preciso antes de mais nada reunir grande número de documentos.

A árvore genealógica que apresento agora é um novo elemento, a juntar aos que têm sido apontados em Portugal, para o estudo da hereditariedade.

Além desta observação, lembrarei as seguintes colhidas entre



nós: o prof. Dias de Almeida ⁽¹⁾ registou alguns casos de transmissão hereditária da polidactilia, vício de conformação cujo carácter hereditário eu já em vários indivíduos tenho encontrado.

O mesmo pediatra ⁽²⁾ estudou uma família de hemofílicos e eu colhi ⁽³⁾ a árvore genealógica de uma família de daltonistas.

Por último, os colegas Dr. José Maria de Oliveira ⁽⁴⁾ e

(1) Dias de Almeida, *Syndactylia et polydactylia*, (*Gazeta dos Hospitales do Porto*, 1907).

(2) Idem, *Um caso de hemophilia*, (*Idem*, 1908).

(3) Américo Pires de Lima, *A evolução do transformismo*, Porto, 1912.

(4) José Maria de Oliveira, *Fistula auris congenita*, (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. 1, fasc. III).

Dr. Hernani Monteiro ⁽¹⁾ acentuaram o carácter familiar da fístula auricular congénita em grande número de indivíduos portugueses.

Explicação da fig. 3

- — Sexo masculino.
- — Sexo feminino.
- + — Mãos de «Bolota».
- * — Quási todos braquidáctilos.

L, L' — Duas irmãs casadas sucessivamente com o mesmo indivíduo. De dez filhos que este teve, só um possui mãos de «Bolota»; os outros têm mãos compridas, mãos de «Lima». L' — É o caso que observei, e que foi minha informadora, assim como uma das suas filhas.

⁽¹⁾ Hernani Monteiro, *Evolução do aparelho hioideo (Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, v, 1921).*

INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Director — Prof. Dr. J. A. Pires de Lima

MUTILAÇÕES DENTÁRIAS DA REGIÃO DO HUMBE

POR

HERNANI B. MONTEIRO

1.º Assistente e Encarregado do Curso de Anatomia Topográfica

Para um estudo que trago entre mãos, sobre anomalias dentárias em indivíduos portugueses, tive de percorrer toda a colecção osteológica do Museu anatómico da Faculdade de Medicina do Porto. E assim notei que em alguns crânios, provenientes do Humba, faltavam os incisivos inferiores. Essa falta impressionou-me, pois que tinha em todos os crânios idêntico aspecto, e, além disso, a reabsorção do bordo alveolar fôra tão completa que, entre os caninos, esse bordo ficara reduzido apenas a uma fina e delgada lâmina óssea. Tudo isto parecia indicar uma mutilação étnica, consistindo na avulsão dos dentes incisivos inferiores em indivíduos muito novos ou ainda crianças. Resolvi então estudar o assunto e para isso consultei as Revistas da especialidade.

Deniker & Laloy (1) tiveram ocasião de observar variadas mutilações dentárias em algumas raças da África Ocidental. Assim, notaram que a maior parte dos Okandas tinham os incisivos médios superiores limados em ponta, mas num fraco grau. Nos Adumas as mutilações consistiam no seguinte: num caso, os incisivos inferiores estavam um pouco limados; noutro, todos os incisivos, quer superiores, quer inferiores tinham sido arrancados, e num terceiro

caso fôra apenas feita a avulsão dos incisivos médios inferiores. Num Loango, viram que os dois incisivos médios superiores estavam um pouco limados em ponta. As mutilações dentárias foram observadas freqüentemente nos Lundas. Os incisivos superiores apresentavam-se quer limados em ponta, sobretudo os médios, quer arrancados, e muitas vezes combinavam-se êstes dois gêneros de mutilações, estando os incisivos superiores limados, por exemplo, e os incisivos inferiores arrancados.

Brussaux (2) observou também, durante o seu serviço no Congo, mutilações dentárias, tendo verificado que a mais freqüente consiste em limar a parte média do bôrdô cortante dos incisivos médios superiores. Segundo diz Hamy numa nota, êste tipo de mutilação dentária era, já há bastante tempo, bem conhecido dos antropologistas, e Schadow representou-a em 1835 na estampa VIII da obra in-fol. intitulada *National Physionomien*. Conta Brussaux que todos os pretos, a quem perguntou o motivo porque se sujeitavam a tais operações, respondiam que, se tal fazem, é com o fim de poderem *cuspir limpamente!* Aquele autor não encontrou no Congo exemplo algum de avulsão dentária. Mas diz que os Sakanis, assim como os Batékés do Alima, teem todos os dentes talhados em ponta. Parece que sofrem esta dolorosa operação afim de *comerem melhor*. Em nota ao artigo de Brussaux, Hamy transcreve uma passagem dum escrito de Marche (*Tour du Monde*, t. XXXVI, pág. 401), em que se descreve o processo operatório empregado pelos Okandas para talharem os dentes em ponta. Metem na bôca um pausinho redondo que serve de bigorna, afim de que o dente não salte no momento em que batem sôbre êle. Colocam depois a faca sôbre o dente, e com outro pedaço de madeira que serve de maço partem o dente em ponta. Os pretos suportam esta operação sem dar um grito, porque os vizinhos, que rodeiam o operado, desatam a rir às gargalhadas, com grande troça, à menor careta que por acaso o paciente faça. Acabada a operação, o preto

vai-se embora todo contente por ela ter findado, mas com as gengivas a sangrar. Segundo diz Hamy, o texto de Marche é acompanhado duma gravura, que mostra o paciente deitado e o cirurgião de joelhos diante dele, prestes a descarregar o maço sôbre a faca.

A êste propósito posso mostrar uma fotografia que reproduz uma gravura da pág. 86 do *Relatório do Colégio do Espírito Santo*,



Fig. 1

de Braga, referente ao ano lectivo de 1902-1903, a qual representa o Muene Kabangie tirando dentes (Missão de Caconda).

O operador (Fig. 1) está de cócoras, com uma pedra, ou coisa semelhante, na mão direita, fazendo de martelo, e uma faca ou cinzel na mão esquerda. Êste instrumento já está apoiado no dente que vai saltar fora. O desgraçado, sentado no chão, defronte do operador, tem a bôca aberta, os olhos arregalados e as mãos erguidas, numa atitude de susto, aliás muito justificado. Por trás

do paciente, um preto, de cócoras, segura-lhe a cabeça, para a manter bem firme no momento em que a pancada certa da pedra cair sobre a faca.

Durante algum tempo julgou-se que a prática de talhar os dentes em ponta era especial às raças antropófagas.

Duckworth (3 e 4) teve ocasião de descrever duas caveiras, vindas de regiões africanas, nas quais notou mutilações étnicas, consistindo na avulsão dos dentes incisivos. No primeiro crânio, proveniente da Africa Oriental Inglesa, provavelmente dum antigo Kikuyu, os incisivos que faltavam eram os inferiores; no segundo, dum Ashanti adulto, via-se a ausência dos quatro incisivos superiores. Parece que a extracção de todos os incisivos é bastante rara em algumas regiões, sendo mais freqüente a avulsão de um ou dois apenas. E observa-se mais vezes a falta dos inferiores que a dos superiores. Por isso, Sergi (segundo Duckworth) ficou impressionado com a ocorrência da avulsão completa de todos os incisivos superiores em sete crânios de entre vinte e nove, provenientes de túmulos da Abissínia. Segundo Sergi, a extracção dos incisivos, principalmente dos superiores, é característica da Africa Oriental. E sendo assim, o caso de Duckworth (do crânio de Ashanti) é uma excepção à regra. Mas já Virchow assinalara idêntica mutilação num crânio proveniente do Togo.

Conta Duckworth, num dos artigos citados, que recebera as seguintes informações do capitão Grogan: na Africa Oriental, o costume de arrancar os incisivos observa-se nas tribus vegetarianas, e os indígenas geralmente alegam que tiram aqueles dentes « contra o tétano ». E Duckworth acrescenta: « It is not unintelligible, if one considers the facility provided for feeding a person afflicted with tetanus, should the incisor teeth have been removed already. »

Segundo Girard (5), os indígenas do Alto-Ubanghi, à excepção dos Bugus, aguçam os dentes incisivos superiores e inferiores.

Parece, no entanto, que também os Bogos praticam mutilações dentárias. Assim Godel (6) diz que tanto os Sussus como os Bogos abrem uma brecha entre os incisivos médios. E pergunta: para lançar a saliva? para segurar o cachimbo?

Informa Ruelle (7) que muitos negros, de ambos os sexos, do 2.º território militar da Africa Ocidental Francesa desgastam os incisivos por meio de pedras duras ou com pedaços de ferro, servindo de limas, e põem-nos assim aguçados, considerando esta prática como um sinal de beleza. Também os Danakils (8) limam os incisivos com uma pedra. No Sudão, ao que diz Decorse, são freqüentes as mutilações dentárias; porém, o autor não vê que haja qualquer correlação entre o costume de aguçar os dentes e a antropofagia. Há, com efeito, antropófagos que mutilam os dentes, porém, o mesmo facto se observa em negros que não são canibais. As mutilações dentárias que Decorse (9) teve ocasião de estudar são tão variadas, como inexplicáveis. Este autor é de opinião que os negros mutilam os dentes com o fim de se tornarem terríveis. E com efeito, acrescenta, uma bôca de negro assim deformada é quasi tão repugnante como uma guela de fera. Outros autores há que dizem o mesmo. Assim, no Apêndice da obra de Capelo e Ivens, *De Angola à Contracosta*, a pág. 354, do volume II, lê-se, a respeito dos cafres, o seguinte: « Muitos viajantes nos dão d'elles a seguinte e interessante noticia: Os cafres e betchuanas teem a cabeça redonda e grande e devem ser contados entre os sub-brachycephalos... Como traço característico da sua nacionalidade, os cafres marcam-se com tatuagens de diferentes modos, limando os dentes incisivos em ponta, para os tornar mais temíveis na peleja ». As mutilações são feitas com muita arte e cuidado, mas Decorse acha que é erro dizer-se que os negros limam os dentes. Na realidade, talham-nos por meio de sucessivas pancadas, e para isso usam uma navalha como cinzel, e um qualquer objecto servindo de martelo.

A ablação dos dentes faz-se de ordinário em indivíduos novos. Os dentes arrancados são, em geral, os incisivos inferiores; e os quatro incisivos superiores são habitualmente talhados. O número de dentes arrancados costuma ser constante e idêntico em cada tribu. Os Ndam e os Tumak praticam a avulsão dos dois incisivos médios inferiores, e os Laka, os Kaba, os Niellim arrancam os quatro, como os Dinka, do Nilo.

A distância entre os caninos varia, consoante a época em que foi praticada a ablação dos incisivos. Se essa operação é feita em criança, o espaço entre os caninos é menor, e vai diminuindo à medida que se vai fazendo a erupção dos dentes da segunda dentição.

Decorse fala ainda na hipótese de que os negros procedam à extracção dos incisivos, para que haja assim lugar nas maxilas para facilmente romperem mais tarde os dentes do sizo, cuja erupção diz que é geralmente muito dolorosa naquela raça.

Vi em *L'Anthropologie* (10) uma referência a um trabalho de Volz sobre os habitantes das Ilhas Mentawai. Ali, homens e mulheres aguçam os dentes anteriores com um martelo e buril. Começam esta prática na puberdade. Segundo Maclaud (11), a maior parte das tribus de Jola praticam mutilações dentárias. Mas, no entanto, por vezes encontram-se indivíduos que as não apresentam. A operação, que se efectua cêrca dos quatorze anos, nada tem de particular. O paciente morde com fôrça um pedaço de madeira tenra; o operador, com uma espécie de escopro, corta com um golpe sêco os ângulos dos dentes, de forma a obter uma ponta aguda. Esta operação incide apenas sobre os incisivos e caninos.

Alguns indivíduos contentam-se em destacar os ângulos internos dos dois incisivos médios superiores e dos dois inferiores, e o buraco assim formado tem a forma dum losango. Estas mutilações também foram observadas por Godel (6).

Por um estudo de Gaillard (12), vejo que os indígenas das regiões lacustres de Dahomey limam, desde a infância, os incisivos superiores, às vezes os quatro, que, assim aguçados, teem a forma de caninos. Tal prática, sempre transmitida fielmente, é ditada por cuidado de elegância. A moda ficou como tradição, e isso talvez facilite o jacto de saliva a distância, que é, entre êles, um hábito de bom tom.

Também os Saras usam as mutilações dentárias. Diz Couvy (13) que a mais freqüente consiste na avulsão dos dois incisivos inferiores; às vezes também são tirados os incisivos superiores. Encontram-se indivíduos nos quais se vêem os incisivos e os caninos limados em ponta, como nas populações do Ubangui, ou então aguçado o bôrdo cortante daqueles dentes à custa da sua face anterior. Os Sokoros não mutilam os dentes.

Vi, por uma referência feita em *L'Anthropologie* (14) a um trabalho de Mathews (*Beiträge zur Ethnographie der Australier*), que também os Australianos mutilam os dentes; estas mutilações consistem na avulsão de um ou dois incisivos superiores, e faz-se geralmente apenas no sexo masculino, no momento da iniciação. Também Topinard (15) já tinha constatado essa mutilação nos indígenas da Austrália. Refere igualmente Bland-Sutton (16) que, na Austrália, quando os rapazes chegam à puberdade, arrancam-lhes um incisivo como sinal de que o rapaz se tornou homem.

Por outra referência feita em *L'Anthropologie* (17) a propósito do Istmo do Panamá, soube que Pinart (de Paris) viu a mutilação dos caninos em forma de serra nos Guaymie em particular, e nos Índios do Istmo em geral. Notou também nas mulheres a ausência do canino esquerdo superior. No momento da primeira menstruação, e durante as festas dadas para solenizar êste facto, quebram aquele dente, afim de provar a nubildade da rapariga.

Conta Mondière (18), numa monografia sobre a mulher da

Cochinchina, que as anamitas ennegrecem os dentes por meio de drogas especiais. Antigamente faziam-no quando aparecia a primeira menstruação, mas depois começaram a antecipar tal prática e a ennegrecer os dentes três anos mais cedo, por ocasião do primeiro coito.

Torday & Joyce (19) referem que a tribu bantu dos Ba-Yaka arranca ou aguça os incisivos; e Dannert (20) conta que os Ovahereros praticam a ablação dos quatro incisivos inferiores e abrem entre os incisivos médios superiores uma lacuna em forma de A. A operação é praticada, nos dois sexos, entre os 11 e os 16 anos. Já os Ovandongos, visinhos dos Ovahereros, contentam-se em arrancar apenas os dois incisivos médios inferiores. Os indígenas dizem que fazem tais mutilações para se embelezarem, ou por espírito de imitação, ou ainda, e talvez mais provavelmente, para se reconhecerem entre si. Conta Mantegazza (21) que os povos africanos do alto Nilo arrancam os 4 incisivos superiores, pois dizem que não querem assemelhar-se aos animais, e que os de Java limam os dentes e ennegrecem-nos com o uso do betel, por acharem vergonhoso ter os dentes brancos como os dos cães. Avelot conta que alguns negros da Africa Ocidental arrancam os incisivos com o fim de se tornarem semelhantes às zebras, e Petitot cita que os Esquimós fracturam por completo a coroa dos incisivos superiores, para assim, como diz a lenda local, evitar que a maxila dos homens possa assemelhar-se à dos cães. Segundo Magitot, a avulsão dos dentes, usada no Peru desde tempos immemoriais, fôra ali aplicada como marca de infâmia para as tribus rebeldes e vencidas.

Virchow (22) refere também mutilações dentárias nos Hereros: arrancamento de 3 ou 4 incisivos inferiores e destruição do ângulo interno dos incisivos médios superiores. Diz que os indígenas não teem qualquer noção sobre o significado desse costume. Talvez o façam por espírito de vaidade, pois julgam que, graças

à operação, os seus lábios não ficam tão salientes como os dos outros negros.

A « festa dos dentes », *nahina*, realisa-se uma ou muitas vezes por ano e de cada vez mutilam 20 a 40 crianças. Os pais regalam a aldeia toda, e o dia passa-se em festins, danças e descantes. Nessas ocasiões os Hereros consomem quantidades incríveis de carne.

Nas populações M'Baka do Congo francês, segundo Poutrin (23), os dentes, quer dos homens, quer das mulheres, são mutilados de uma maneira uniforme, e parece que o facto é um verdadeiro sinal de raça. Os quatro incisivos superiores são arrancados em todos os indivíduos, e nalguns são também os incisivos inferiores talhados em ponta.

Já nos Babenga, ao que diz Regnault (24), os dentes aguçados são os quatro incisivos superiores e os arrancados são os quatro inferiores. Esta mutilação deve praticar-se na puberdade, porque as crianças observadas por aquele autor tinham os dentes intactos, enquanto que todos os homens a partir dos 20 anos apresentavam aquelas mutilações. O autor teve ocasião de observar num crânio de adulto o estado da mandíbula ao nível dos incisivos arrancados: o periósseo cobria regularmente a cicatriz óssea e o bôrdo superior do maxilar era quasi cortante.

Diz Poutrin (25) que as mutilações dentárias são de regra nos Negros do Congo francês. Afectam, consoante as tribus, modalidades diferentes, e podem, até certo ponto, constituir um sinal étnico de real valor. Umhas tribus aguçam os incisivos, outras arrancam os superiores, outras os inferiores. Umhas vezes arrancam apenas dois dentes, outras vezes todos os quatro incisivos.

Parece que as mutilações dentárias não se encontram nos Goranes do Tchad (26); mas elas são praticadas pelos Kissi e pelos Toma. Diz Néel (27) que a mutilação mais frequente nos Kissi é a seguinte: avulsão de dois incisivos numa maxila e des-

truição do ângulo interno dos dois incisivos da outra maxila. Não posso saber em qual das maxilas se praticam estas operações, visto que, por êrro tipográfico de certo, no artigo lê-se: « les deux incisives supérieures sont extraites, et les deux supérieures taillées ». Outras vezes, os dentes são simplesmente aguçados, ou então limados segundo um plano horizontal. Os Toma aguçam os dentes freqüentemente.

É interessante a operação que praticam as mulheres de Tuburi (28). Fixam, nos lábios superior e inferior, rodela de madeira, de metal ou de osso, cujas dimensões variam com a idade, e que apoiam sobre os molares, pois os incisivos e caninos são arrancados. Os discos, por vezes verdadeiros pratos, são apenas sustentados pela contractilidade dos lábios. As mulheres assim mutiladas têm um aspecto hediondo, especialmente as velhas, que chegam a trazer discos de um diâmetro considerável. Em algumas regiões de Moçambique as mulheres usam estes discos, a que chamam pelele, mas parece que não praticam a avulsão daqueles dentes, pois o pelele é introduzido na espessura do próprio lábio (47).

Os indígenas de Timor (29) limam os incisivos e caninos superiores, e ennegrecem os dentes com o uso do betel. Os Tedas de Tibesti (30) não mutilam os dentes, mas cortam a úvula às crianças.

Magitot (31), numa comunicação sobre mutilações étnicas apresentada ao Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia pre-históricas, reunido em Lisboa em 1880, divide as mutilações dentárias em seis grupos: No primeiro incluí as mutilações por fractura, em que se quebram os ângulos dos incisivos (Africa Ocidental, Alto Nilo, Moçambique, Costa ocidental da Nova Guiné, etc.). O segundo grupo compreende as mutilações por arrancamento (Congo, Costas de Moçambique, Alto Nilo, Austrália). As mutilações do terceiro grupo consistem em limar

os dentes (Arquipélago Malaio). O quarto grupo é formado pelas mutilações por incrustação (Borneo, Sumatra e México). Consistem na introdução de um pequeno cilindro de metal ou de uma pedra preciosa na cavidade aberta na face anterior dos caninos e dos incisivos superiores e inferiores. Hamy (32) apresentou à Sociedade de Antropologia de Paris uma fotografia, enviada de Sumatra por Brau de Saint-Pol-Lias, na qual se vê um fio de latão a passar de um canino ao outro e metido numa série de goteiras abertas nos incisivos, que foram partidos quasi ao nível das gengivas.

As mutilações por abrasão, que formam o quinto grupo de Magitot, consistem simplesmente na fractura da corôa dos incisivos superiores (Esquimós). O sexto grupo finalmente compreende as mutilações por prognatismo artificial (Senegal). Resultam de longas manobras que produzem a projecção das maxilas à custa de tracções (33 e 34).

A propósito de mutilações dentárias no México e no Iucatan, Hamy (35) fala na perfuração dos incisivos e caninos. Também Engerrand (50) escreveu uma nota sobre o mesmo assunto, e nela estudou dois crânios do Museu Iucateco de Mérida (Iucatan), proveniente de um túmulo dos arredores de Ticul. Alguns dentes apresentam-se perfurados e com uma pedra metida no orifício. Engerrand não conhece o significado de tal operação, nem tampouco se teria sido praticada em vida ou depois da morte dos indivíduos.

Lasch (36), num trabalho sobre mutilações dentárias na América, divide-as em três categorias, consoante se trata de limar, partir ou colorir os dentes.

Parece que Lasch atribui aos portugueses a introdução das mutilações dentárias nalguns pontos do Amazonas, pois diz o seguinte: « Möglicherweise jedoch ist aber die Sitte hier von der portugiesischen Mischlingsbevölkerung entlehnt, in deren Adern

viel Negerblut fliesst, und von welcher Poeppig bereits das Spitzigfeilen oder richtiger Sipztzigbrechen der Schneidezähne, dem « sich aus thörrichter Gefallsucht selbst die halbweissen Frauen am Amazonas unterwerfen », Erwähnung macht. »

Fala também num motivo higiénico de limar os dentes nos indivíduos de certa idade. Com efeito, algumas tribus empregam os dentes não só para mastigar, mas também para outros efeitos mecânicos um tanto brutais, como arrancar pregos, segurar verrumas, etc. Compreende-se que de tal maneira a corôa dos dentes vai gastando-se e partindo-se, e assim, os dentes quebrados podem ocasionar dôres e inflamação das gengivas, sendo necessário limá-los para lhes tirar as asperezas e tornar novamente a corôa lisa e regular.

Lasch cita várias opiniões àcerca do hábito de partir os dentes. Nalgumas tribus da América Central costumavam partir um incisivo aos prisioneiros de guerra, para assim ficarem marcados como escravos. Um chefe dos Incas mandou tirar os dentes aos chefes de uma povoação rebelde e ainda ordenou que êste castigo passasse aos descendentes. No Perú partiam-se vulgarmente os dentes como castigo. E noutros pontos, os índios praticavam essa operação nos filhos, como um sacrifício que seria grato ao seu Deus. Na Polinésia e no Arquipélago Malaio era costume partir os dentes, quando morria um parente, quere como sinal de luto, segundo uns, ou, como outros pretendem, como um sacrifício pela alma do môrto. Julgavam que assim apasiguavam o delunto que pedia vingança, e ao mesmo tempo socegavam a própria consciência. Esta prática pode comparar-se à de cortar os cabelos ou os dedos em idênticas circunstâncias.

Nalguns pontos do globo é tão geral o uso de ennegrecer os dentes que apenas as raparigas, bem como algumas jóvens e pobres mulheres, que não têm dinheiro para a compra das tintas ou do betel, têm os dentes lindos e brancos.

Cita Lasch que nalgumas tribus, entre os Nicobar, o sexo feminino gosta tanto dos dentes negros, que qualquer mulher dar-se hia ao desprêso, se aceitasse as homenagens de um homem que tivesse os dentes brancos como um pôrco ou um cão. Os Singalenses consideram os dentes brancos impróprios da dentadura humana. Em geral são todos os dentes ennegrecidos; no entanto, nalgumas regiões (Ilhas Sandwich) uma mulher bela que deseja andar na última moda córa de negro os dentes da metade esquerda da maxila inferior e da metade direita da maxila superior, ou vicè-versa, emquanto que os dentes das outras metades permanecem brancos.

Também em certos pontos, os dentes são ennegrecidos como sinal de luto. Fazem isto principalmente as mulheres, quando lhes morre o marido.

Entende Lasch que as deformações dentárias provocadas na puberdade devem ser consideradas como meios de embelezamento, tendentes à atracção dos sexos. Para êste autor a causa primitiva das mutilações seria a vaidade humana, pois ainda hoje, em povos cultos, encontramos deformações. Cita Lasch as dos pés nos chinezes. Poderíamos acrescentar o uso geral e arreigado da perfuração dos lóbulos das orelhas no sexo feminino.

Jakson (37) publicou um artigo interessante sôbre mutilações dentárias na época neolítica em mandíbulas provenientes da Gruta do Cão (Dog holes), em Warton Crag, Lancashire. O segundo prêmolar fôra arrancado de ambos os lados e a reabsorção era completa. Aproxima êstes factos de ritos de iniciação espalhados entre os Australianos, Ashantis, algumas tribus do Sudão, etc., e nos quais se procede à ablação de alguns dentes da maxila inferior. Cita que Elliot Smith observou casos dêste género nas sepulturas do antigo Egitó. E como estes são anteriores (3400 anos antes de Cristo) aos neolíticos da Grã-Bretanha, Jackson entende que o rito da ablação dos dentes foi trazido do Oriente.

Tal rito perdeu-se a pouco e pouco, mas ainda hoje persiste, como vimos, em muitas tribus africanas.

No Instituto Francês de Antropologia, na sessão de 13 de Novembro de 1913 (38), Izard fez uma comunicação, versando êste assunto de mutilações dentárias. A seguir, Reinach disse que os etnólogos modernos, que consideram em geral todas as mutilações como sinais de iniciação, quasi sempre se esquecem de mencionar o destino da parte do corpo retirada pela ablação. Em regra os viajantes são mudos a êste respeito. Por uma passagem da Bíblia, vê-se que, nas guerras, a circuncisão se praticava nos mortos, cujos prepúcios eram assim considerados como trofeus de glória militar. Veja-se o primeiro livro de Samuel, XVIII, 25-27, onde se lê: « Disse porém Saul: Falae assim a David: o rei não necessita de dons para os esponsaes se não somente cem prepúcios de Philistheus, para se tomar vingança dos inimigos do rei. Mas Saul intentava entregar a David nas mãos dos Philistheus. E tendo os servos de Saul referido a David as palavras que dissera Saul, agradou a David a proposição de vir a ser genro do rei. E poucos dias depois, sahindo David, marchou com a gente, que estava debaixo do seu mando. E matou duzentos Philistheus, e trouxe os prepúcios d'elles e os deu por conta ao rei, para vir a ser seu genro. Deu-lhe pois Saul por mulher a sua filha Michol ».

Agora um pequeno parêntese para mostrar o destino que modernamente tiveram alguns prepúcios.

Há pouco tempo, Dartigues (39) fez uma circuncisão para, com o prepúcio, praticar um curioso enxêrto num dedo polegar, cujo esqueleto estava metido numa cicatriz devida a uma queimadura grave da mão. A circuncisão foi feita numa criança de 21 meses; o esqueleto do polegar foi pôsto a nu e coifado com o prepúcio. O caso foi comunicado à Sociedade de Medicina de Paris e Dartigues disse que praticara a auto e não a hétero-plastia com receio

de uma contaminação sifilítica possível. E terminou assim: « Enfin Messieurs, laissez-moi terminer par une reflexion un peu rabelaisienne, mais d'ordre nettement psychique. Vous savez la fâcheuse habitude qu'ont les jeunes enfants de sucer leur pouce, malgré la surveillance et la sollicitude des mères; serait-il bon et moral qu'un enfant mit dans sa bouche un prépuce qui ne serait pas le sien? ».

Passado algum tempo, aquele médico recebeu uma carta de um colega que lhe dizia que um cirurgião distinto praticara uma hétero-plastia curiosa: oferecera um pedaço do seu prepúcio para encher uma ferida situada na face de uma jóven-artista, tendo, porém, o cirurgião reservado para si o direito de beijar a pele que lhe pertencia. Dartigues acha que houve exagero no caso. Parece que Felizet praticou na face de uma senhora um enxêrto de um pedaço de pele da região nadegueira da própria senhora, de forma que, acrescenta Dartigues, « somos forçosamente levados a concluir que, quando os seus numerosos adoradores a beijavam na face, tinham a satisfação simultânea de beijar uma parte da sua nádega ».

Voltemos ao nosso assunto.

Izard menciona que algumas tribus da Austrália enterram os dentes arrancados num lugar que só o sacerdote conhece; receiam que êles sirvam para malefícios contra o seu antigo possuidor.

Segundo Hartland (citado por Lasch), noutros pontos da Austrália, os dentes incisivos arrancados na época da puberdade são colocados no ramo superior de um eucalipto. Êste autor vê em tal prática a intenção de procurar na árvore um sinal de vida para o rapaz. Desta maneira a sorte do eucalipto fica intimamente ligada à felicidade do indivíduo.

Por umas citações da *Presse Médicale* (51) tive conhecimento de que em muitos países julgam que os manes dos antepassados veem habitar a casa sob a forma de ratos e é ao rato que lan-

çam o primeiro dente que cai a uma criança. Há canções populares em que se pede ao rato para levar o dente velho e trazer outro novo.

Bégouen menciona que nos Pirineus um dente doente que se tira é colocado num buraco da parede da casa, junto do fogão, ou numa anfratuosidade de rocha; para assim evitar má sorte.

Na Silésia (51), quando cai um dente a uma criança, a mãe deve engulí-lo. No Baixo Congo, os negros atiram o dente, que cai, para o lado do nascente e dizem ao sol: « Quando voltares, traze-me um dente novo ». A seguir atiram para o ocidente um pedaço de carvão de madeira e dizem: « Aí vai o meu dente velho, não posso mais suportá-lo ». Os Bantus, da Africa do Sul, têm o seguinte costume: a criança segura o dente numa das mãos, e com a outra mostra o buraco donde êle saiu, e diz: « Avô, avô, dai-me um grão de milho ». Depois, atira o dente por cima do ombro sem olhar para trás, com receio de que o avô recuse dar-lhe um novo.

Compare-se com os seguintes costumes portugueses. Em Santo Tirso, os primeiros dentes que arrancam ou caíam às crianças devem ser lançados para cima do fôrno (40). Em Gaia (41), as crianças, quando tiram um dente, devem deitá-lo para trás das costas. E quando atiram os dentes, as crianças devem pronunciar uns versos, que são variáveis de terra para terra. Assim em Gaia dizem:

Dente fóra
Outro melhor na cova.

No Brasil (41), as crianças, quando chegam à idade de mudar os dentes, tiram um, deitam-no ao telhado, e dizem:

Mourão, mourão,
Tomae vosso dente podre
E dai-me cá o meu são.

Capelo & Ivens (42) dizem que no Sul de Angola « as mulheres são em geral formosas, mas sórdidas, o que é agravado ainda pela untura de manteiga. Limam ou partem os incisivos médios de cima... Os homens trazem habitualmente suspensa do pescoço uma pequena tenaz de ferro, ou melhor pinça, com que se divertem a arrancar um a um os raros pêlos da barba ».

No capítulo XIX da mesma obra, aqueles exploradores referem que os Mu-ieques, tanto homens como mulheres, aguçam os incisivos médios superiores. No capítulo XXVI escrevem que os Ma-ussi de Luapala « deprimidos, de feio aspecto e ferozes, exageram a sua fealdade com o repulente uso de limar todos os dentes da frente em ponta, rapando o cabelo nos parietais ».

Estes exploradores, noutro trabalho (43), referem a pág. 72: « Os Ma-hungo partem pela raiz os dois incisivos medios superiores, e ás vezes os dois inferiores, o que lhes dá apparencia repulente ».

E das mulheres dizem, na página seguinte: « Com dezoito primaveras, quando tudo nos sorri, já desdentadas e de pingo no nariz! Gostos! »

Cameron (44), a propósito dos Uatutas, conta: « Aquella gente, quasi toda, parte os dentes incisivos superiores; alguns partem-nos todos, e arrancam os dois centrais da queixada inferior » (vol. I, pág. 289). E na pág. 344, do mesmo volume, quando fala na passagem do Uhia, escreve: « Muita gente tinha ahi o costume horrivel de aguçar os dentes, o que lhes dava certa apparencia de feras; o penteado era tambem hediondo e singular ».

João de Almeida assinalou variadas mutilações dentárias, observadas nos indigenas do Sul de Angola (45).

Viu, pág. 70, que os Cubais « usam farta cabeleira e arrancam os dois incisivos médios de cima e de baixo » e que os Mundimbas, cujos homens trazem suspensa do pescoço uma pinça de

ferro para arrancar os pêlos, limam os dois dentes incisivos médios superiores.

Já os Humbes (pág. 72) arrancam os dois incisivos inferiores, e apenas os sobas e família podem usar os dentes todos (pág. 339).

Os Baua-Nctubas (pág. 72) « são caracterizados todos por limarem os dois incisivos de cima e furarem a orelha direita »; os Mucussos (pág. 75) « não usam tatuagem, cobrem-se com pelles e costumam limar em ponta os dois incisivos de cima ».

Os Lutchazes praticam a seguinte mutilação (pág. 76): « cortam os incisivos de ambos os maxilares em triangulo, de forma que, quando fecham os dentes, aparece, um losango vasio ».

Na pág. 367 da sua obra, João de Almeida refere que os indigenas de Cuanhama arrancam os dois incisivos médios inferiores.

O Prof. Américo Pires de Lima (46), durante a sua permanência no litoral do Niassa em 1916-1917, teve ocasião de observar 170 indigenas adultos, todos do sexo masculino, mas pertencentes a várias raças de Moçambique. Vejamos o que neste trabalho se refere a mutilações dentárias.

Nos indigenas do litoral do Niassa só num caso (de entre 18 examinados) notou que os incisivos superiores estavam limados em bisel à custa do bôrdo interno. Esta raridade de mutilações pode explicar-se pelo contacto maior destes indigenas com povos civilizados.

Em 6 M'jauas que estudou, viu o Dr. Pires de Lima ausência absoluta de mutilações.

Já nos Macuas do Niassa são freqüentes e, pelo que respeita aos dentes, consistem nos incisivos superiores serem limados em cunha.

Mais freqüentes ainda são as mutilações dos Macuas de Moçambique, os mais atrazados e inferiores de todos os indige-

nas que o Prof. Américo Pires de Lima teve ocasião de estudar. Já Frei João dos Santos dissera que a terra firme que corre ao longo das ilhas de Moçambique é toda povoada de « cafres gentios, de cabelo revoltado, macuas furados e pintados », os quais comiam ratos, cobras e lagartos e zombavam de quem os não comia. Todos limavam os dentes de cima e de baixo e tão aguçados os traziam como agulhas. Os Macuas da Mauruça seriam antropófagos e diziam que a carne humana era mais tenra e melhor que todas as carnes.

Ao Dr. Pires de Lima parece-lhe que o limar dos incisivos de modo a dar-lhes a forma aguda das prêsas dos carnívoros está de algum modo ligado à prática actual ou tradicional da antropofagia e está certo que os bons Macuas de hoje, se não com tão aberta franqueza como no tempo de Frei João dos Santos, pelo menos a ocultas, são capazes de praticar a antropofagia. Pois ainda hoje, e tal como no tempo daquele missionário, os Macuas a nenhuma carne perdoam e, com prazer verdadeiramente canibalesco, comem ratos, cobras e lagartos. Não hesitam mesmo em comer carnes putrefactas e enterradas há alguns dias, e intestinos de boi mal exonerados do seu conteúdo. Comem as carnes quasi cruas, pois só rapidamente as fazem passar pela chama. Um rato, por exemplo, passam-no na chama e devoram-no inteiro sem mais preparação.

Uma prova ainda da inferioridade desta raça é a freqüência das mutilações. Existiam em regra nos incisivos superiores e às vezes interessavam apenas os incisivos médios, mas quasi sempre compreendiam os quatro. O autor observou nada menos de seis tipos diferentes de mutilações dentárias, mas não cita que qualquer dos individuos estudados tivesse praticado a avulsão de dentes; apenas os limam ou partem de variadas maneiras.

Nos indigenas de Tete a mutilação dentária dominante consistia nos dois incisivos médios superiores se apresentarem lima-

dos em cunha, à custa do bôrdo interno. Mas num caso viu o Dr. Pires de Lima que estavam limados, quere os incisivos médios superiores, quere os dois inferiores, à custa do bôrdo interno, de modo que êstes quatro dentes apresentavam um intervalo artificial de forma losângica.

Os Manicas também mutilam os incisivos, que assim se apresentavam mais ou menos artificialmente deformados.

As mutilações são frequentes nos Macuas de Quelimane, cujos incisivos eram em geral limados em cunha.

De onze Quelimanes de tribo não averiguada que estudou, apenas em três viu aquele Professor os incisivos médios superiores afiados, e de cinco Inhambanes, apenas um tinha os incisivos limados.

Não cita mutilações dentárias nos Landins.

O Prof. Mendes Correia (48), numas notas sôbre antropologia angolense, diz que quasi todos os Ganguelas limam em ponta os incisivos superiores, e os Lutchazes cortam os incisivos em triângulo em ambas as maxilas, como verificaram também João de Almeida (45) e Serpa Pinto (49). Êste último, na fig. 28 do vol. 1, pág. 178, mostra o modo como os indígenas da região cortam os dentes incisivos, e na mesma página, a propósito dos Ganguelas, escreve: « Todos os homens cortam em triângulo os dois incisivos da frente na maxila superior, formando uma abertura triangular com vértice apoiado na gengiva. Esta operação é feita com uma faca em que vão batendo pequenas pancadas ».

Segundo informações do Dr. João da Costa Magalhães, que esteve longos anos em Mossâmedes, e conhece muito bem Angola, sei que a todos os indivíduos de certas regiões do Sul de Angola são arrancados os dois incisivos médios inferiores. Isto mesmo foi confirmado pelo Dr. Manuel Pinto, que me disse que as mutilações dentárias são diferentes, mas características para cada tribo.

Os crânios provenientes do Humbe (Mutano-Angola) que se guardam no Museu são em número de nove (n.ºs 157 a 165 da colecção osteológica), e foram oferecidos pelo Dr. Manuel Bragança. Três dêles (n.ºs 159, 160, 161) não têm mandíbula, e não há certeza de que a mandíbula que acompanha o de n.º 163 pertença a êste crânio.

Do crânio n.º 157 caíram quatro dentes da maxila superior, estando os respectivos alvéolos vasios. São: à esquerda, o inci-

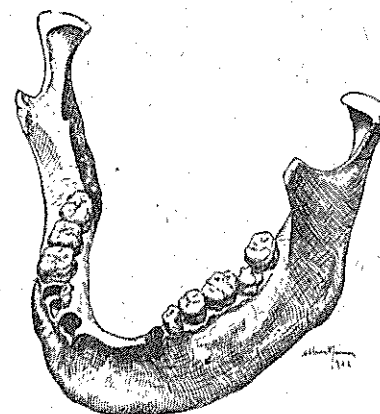


Fig. 2 — (Desenho do Dr. Alberto de Souza)

sivo lateral e o segundo premolar, e à direita o incisivo médio e o segundo premolar. Falta também o dente do sizo superior esquerdo, mas nesse ponto a reabsorpção alveolar é completa. Tem um dente supranumerário à esquerda. Na mandíbula encontra-se partido o segundo grande molar esquerdo, bem como o primeiro pequeno molar direito. Os alvéolos dos caninos estão vasios. Entre êstes encontra-se o bôrdo alveolar reduzido a uma lâmina óssea cortante, côncava, de concavidade voltada para cima. A distância entre os alvéolos dos caninos é de 2 centímetros (Fig. 2). Faltam, como a figura mostra, os quatro incisivos inferiores.

O crânio n.º 158 tem, na maxila superior, todos os dentes, alguns, porém, partidos. Na mandíbula, do lado esquerdo, vêm-se apenas o canino e o primeiro pequeno molar. O segundo pre-molar está partido ao nível do colo, e a seguir apresenta um alvéolo vazio e parte do bôrdô alveolar já reabsorvido. Na me-

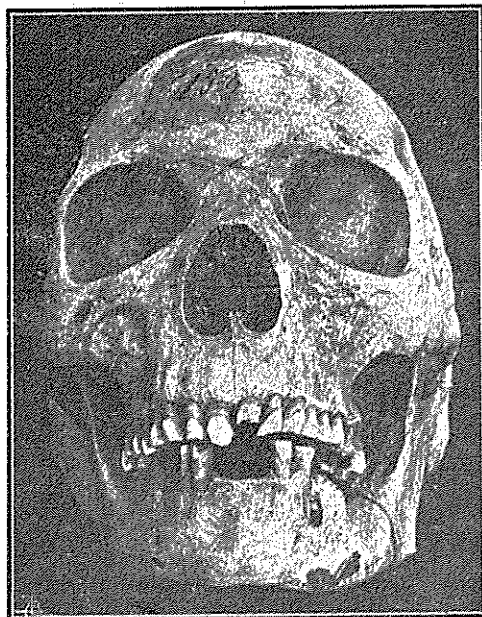


Fig. 3

tade direita vê-se o canino, o primeiro pre-molar, o alvéolo para o segundo pre-molar, o primeiro grande molar partido, o segundo molar inteiro. O dente do sizo, falta. Devia ter caído muito tempo antes da morte, pois a reabsorção alveolar é completa. Entre os caninos nota-se a mesma falta dos incisivos, e a fina lâmina óssea que forma o bôrdô da mandíbula neste ponto é cortante e em linha recta, ao contrário do crânio anterior, em que o bôrdô era côncavo. A distância entre os caninos é de 18^{mm}. (Fig. 3).

Crânio n.º 162. Na maxila superior conservam-se apenas os dois primeiros grandes molares direitos, o primeiro pequeno molar do mesmo lado, e todos os grandes molares esquerdos. O canino direito está partido. Todos os outros dentes caíram e vêm-se por isso, os alvéolos vazios. Na mandíbula ha apenas os dois primeiros grandes molares esquerdos e direitos já partidos, e o canino direito também quebrado. Os alvéolos dos dentes do sizo, dos pre-molares, e do canino esquerdo estão vazios. Entre o canino esquerdo, partido, e o alvéolo do canino direito, vemos a mesma falta de todos os incisivos inferiores. O bôrdô da mandíbula, nesta altura, é fino e cortante, côncavo, de concavidade olhando para cima. A distância entre os alvéolos dos caninos é de 18^{mm}.

Crânio n.º 163. Falo apenas na mandíbula, visto haver dúvidas que ela pertença ao crânio. Muitos dentes caíram. Actualmente existem apenas os dois grandes molares esquerdos e os dois primeiros grandes molares direitos. O segundo premolar direito está partido. Os alvéolos para os dentes restantes estão vazios. Nota-se a mutilação dos incisivos, porém entre os alvéolos dos caninos vê-se a lâmina óssea cortante, que forma o bôrdô da mandíbula, interrompida por um pequeno alvéolo. Teria partido um dos incisivos, pelo colo, no momento da sua avulsão, e teria permanecido no alvéolo a respectiva raiz, agora já caída?

Crânio n.º 164. Na maxila superior existem todos os grandes e pequenos molares. Os restantes dentes caíram, e os respectivos alvéolos, estão, portanto, vazios. Na mandíbula vêm-se todos os dentes, mais ou menos partidos, estando apenas vazio o alvéolo do canino direito. A distância entre os caninos é de 7^{mm}. Este espaço em que se nota a falta dos incisivos é muito pequeno. Teria este indivíduo apenas dois incisivos inferiores? Ou pelo facto da avulsão ter sido feita em criança, houve uma grande aproximação dos caninos? No entanto, nas outras mandíbulas a distância entre os caninos é muito superior, e a mutilação dos

incisivos devia também ter sido feita quando os indivíduos eram ainda novos.

Crânio n.º 165. O bôrdo alveolar superior está parcialmente destruído. Na mandíbula existem todos os dentes, à excepção do canino e do segundo premolar direito. Os alvéolos para êstes dentes estão vãos. A distância entre o canino esquerdo e o alvéolo para o canino direito é de 17^{mm}. Da mesma forma vemos a falta dos quatro incisivos inferiores. E o bôrdo da mandíbula neste ponto é fino e cortante, ligeiramente côncavo, olhando esta concavidade para cima.

Não notei tais mutilações dentárias étnicas nos seis crânios de sobas da região de Libolo (distrito de Quanza-Norte—Angola), mortos por ocasião da revolta de 1918 e oferecidos ao Museu pelo Dr. Fernandes Torres (n.ºs 253 a 218), assim como noutros seis crânios de indivíduos africanos de várias proveniências: dois de S. Tomé (n.ºs 2 e 117); um de Benguela (n.º 22); dois de Loanda (n.ºs 259 e 286); e outro (n.º 271), cuja naturalidade se ignora. Também não se nota a avulsão dos incisivos em três mandíbulas (n.ºs 73, 74 e 75) de indígenas da região de Libolo, mortos por ocasião da revolta de 1918, oferecidos pelo Dr. Fernandes Torres.

BIBLIOGRAFIA

- (1) DENIKER & LALOY—Les races exotiques à l'Exposition universelle de 1889 (*L'Anthropologie*, t. 1, 1890).
- (2) BRUSSAUX—Mutilations ethniques observées au Congo (*L'Anthropologie*, 1891, pág. 150).
- (3) DUCKWORTH—Report on a skull from British East Africa (*Journal of Anatomy and Physiology*, vol. XLVI, 1912, pág. 72).
- (4) DUCKWORTH—Description of an Ashanti skull with defective dentition (*Ibidem*, pág. 215).
- (5) HENRY GIRARD—Yakomas et Bougous anthropophages du Haut-Oubanghi (*L'Anthropologie*, 1901).
- (6) GODEL—Race Soussous-Côte occidentale d'Afrique (*Bull. de La Soc. d'Anthrop. de Paris*, 1892, pág. 157).
- (7) RUELLE—Notes anthropologiques, ethnographiques et sociologiques de quelques populations noires du 2^e Territoire militaire de l'Afrique occidentale française (*L'Anthropologie*, 1904).
- (8) SANTELLI—Les Danakils (*Bull. de la Soc. d'Anthrop. de Paris*, 1893, pág. 479).
- (9) DECORSE—Le tatouage, les mutilations ethniques et la parure chez les populations du Soudan (*L'Anthropologie*, 1905).
- (10) *L'Anthropologie*, 1906, págs. 193-195.
- (11) MACLAUD—Notes anthropologiques sur les Diola de la Casamance (*L'Anthropologie*, 1907).
- (12) GAILLARD—Étude sur les lacustres du Bas-Dahomey (*L'Anthropologie*, 1907).
- (13) COUVY—Notes anthropologiques sur quelques races du territoire militaire du Tchad (*L'Anthropologie*, 1907).
- (14) *L'Anthropologie*, 1907, pág. 691.
- (15) TOPINARD—Sur les races indigènes de l'Australie (*Bull. de la Soc. d'Anthrop. de Paris*, 1872, pág. 292).
- (16) BLAND-SUTTON—Selected lectures and essays, Lond.
- (17) *L'Anthropologie*, 1891, pág. 511.

- (18) MONDIÈRE— Monographie de la femme de la Cochinchine (*Bul. de la Soc. d'Anthrop. de Paris*, 1880, pág. 258).
- (19) *L'Anthropologie*, 1908, pág. 329.
- (20) *L'Anthropologie*, 1908, pág. 337.
- (21) MANTEGAZZA—Physionomie comparée des races humaines (*Bul. de la Soc. d'Anth. de Paris*, 1863, pág. 189).
- (22) *L'Anthropologie*, 1909, pág. 433.
- (23) POUTRIN—Notes ethnographiques sur les populations M'Baka du Congo français (*L'Anthropologie*, 1910).
- (24) REGNAULT—Les Babenga-Negrilles de la Sanga (*L'Anthropologie*, 1911).
- (25) POUTRIN—Les Negrilles du Centre Africain—Contribution à l'étude des Pygmées d'Afrique (*L'Anthropologie*, 1911).
- (26) BOUILLIEZ—Notes sur les populations Goranes (*L'Anthropologie*, vol. II, 1913).
- (27) DR. NÉEL—Note sur deux peuplades de la frontière libérienne, les Kissi et les Toma (*L'Anthropologie*, vol. II, 1913).
- (28) LAMOUROUX—La région du Toubouri—Notes sur les populations de la sub-division de Fianga (*L'Anthropologie*, vol. II, 1913).
- (29) KATE—Mélanges anthropologiques—Indigènes de l'Archipel Timorien (*L'Anthropologie*, 1915).
- (30) NOEL—Étude ethnographique et anthropologique sur les Tédas du Tibesti (*L'Anthropologie*, 1920).
- (31) MAGITOT—Essai sur les mutilations ethniques (*Compte-Rendu de la 9^e Session du Congrès d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques*, Lisbonne, 1884).
- (32) HAMY—*Bul. de la Soc. d'Anthrop. de Paris*, 1881, pág. 96.
- (33) FAIDHERBE—Sur le prognathisme artificiel des mauresques du Sénégal (*Bul. de la Soc. d'Anthropologie de Paris*, 1872).
- (34) HAMY—Du prognathisme artificiel (*Revue d'Anthropologie*, 1879).
- (35) HAMY—Les mutilations dentaires au Mexique et dans le Yucatan (*Bul. de la Soc. d'Anthropologie de Paris*, 1882, pág. 879).
- (36) LASCH—Die Verstümmelung der Zähne in Amerika und Bemerkungen zur Zahndeformierung in Allgemeinen (*Mitteilungen der Anthr. Gesellschaft*, Band XXXI, Wien, 1901).
- (37) JACKSON—Dental mutilations in Neolithic human remains (*Journal of Anatomy and Physiology*, vol. XLIX, 1915).
- (38) *Institut Français d'Anthropologie—Comptes Rendus des Séances*, Tome I, 1911-1912, Paris.
- (39) DARTIGUES—*La Chronique Médicale*, I-V-1922, pág. 141.
- (40) AUGUSTO CESAR PIRES DE LIMA—Tradições populares de Santo Tirso, 2.^a série (*Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916).
- (41) J. LEITE DE VASCONCELOS—Trad. populares de Portugal. Pôrto, 1882.
- (42) CAPELO & IVENS—De Angola à Contracosta. Lisboa, 1886.

- (43) CAPELO & IVENS—De Benguella ás terras de Iacca. Lisboa, 1881.
- (44) CAMERON—Atravez d'Africa. Trad. de F. Lencastre, Lisboa, 1879.
- (45) JOÃO DE ALMEIDA—Sul d'Angola. 1908-1910.
- (46) AMÉRICO PIRES DE LIMA—Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique (*Anais Sc. da Faculdade de Medicina do Pôrto*, vol. IV, 1917-1918).
- (47) IDEM—Notas etnográficas do Norte de Moçambique (*Ibidem*).
- (48) A. A. MENDES CORREIA—Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchazes. Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, Lisboa, vol. II, 1914-1916).
- (49) SERPA PINTO—Como eu atravessei Africa. Londres, 1881, vol. I, pág. 239.
- (50) ENGERRAND—Les mutilations dentaires chez les anciens Mayas (*Revue Anthropologique*, Dezembro, 1917).
- (51) *La Presse Médicale*, 30 de Agosto de 1922, pág. 1446.

Inspeção internacional da Infância e a classificação morfológica das crianças ⁽¹⁾

Conferência realizada na Universidade de Chicago
em 15 de Maio de 1919

PELO

Prof. FABIO FRASSETTO

Delegado italiano ao Congresso Internacional sobre os problemas da Infância,
efectuado nos meses de Maio e Junho nos Estados Unidos

A conservação da criança em perfeita saúde e em equilíbrio com o ambiente natural e social durante o seu crescimento é o escôpo supremo para que devem tender todos os esforços dos protectores da infância.

A condição essencial da perfeita saúde é o perfeito equilíbrio das funções, quer o equilíbrio natural ou primitivo, isto é, dependente das perfeitas proporções entre os órgãos e as partes do organismo, quer o equilíbrio secundário ou indirecto, isto é, dependente de compensações mútuas pelas quais algumas funções perturbadas podem contrabalançar-se mais ou menos largamente com modificações de funções correlativas. Mas estas condições ideais de equilíbrio raras vezes se verificam no organismo humano. Os vários indivíduos apresentam notáveis desproporções no desenvolvimento dos órgãos, as quais determinam desequilíbrios, persistentes ou transitórios, das funções, que são o primeiro passo para

(1) Versão do italiano, feita, com a permissão do autor, no Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto.

a doença. O desequilíbrio dos órgãos, que em linguagem médica se chama *predisposição*, tem a sua base natural no conjunto de características orgânicas e funcionais, que na mesma linguagem se chama *constituição*.

Quanto menos facilmente, nas suas anomalias, as funções tendem ao desequilíbrio, tanto menor é a predisposição para as causas morbíficas, e tanto maior a resistência do organismo e das suas partes às mesmas causas; e, vice-versa, quanto maior é a tendência das funções para o desequilíbrio, tanto maior é a predisposição e tanto menor a resistência do organismo.

No primeiro caso, diz-se que a constituição é *forte*, no segundo que é *fraca*. Estes adjectivos, *forte* e *fraco*, não se referem de qualquer modo à força muscular, como geralmente se pensa, mas sim à harmonia e à desarmonia dos órgãos e ao equilíbrio e desequilíbrio das funções.

Esclarecidos estes conceitos da predisposição e da constituição —o que era necessário, dada a incerteza até agora reinante a tal propósito, mesmo entre os médicos— e estabelecido que a boa ou má constituição dum órgão ou dum indivíduo é o primeiro fundamento para a sua saúde ou para a sua morbidez, vejamos qual deve ser o método a seguir no estudo da constituição.

Depois das geniais investigações anatómicas de Morgagni em Itália (continuadas por Teófilo Bordeu e por Bichat em França), o conceito da constituição teve a sua sólida base na Anatomia, ao passo que a tem agora na Anatomia e na Fisiologia consideradas em conjunto, ou seja na Morfologia. O estudo das constituições, baseado na Morfologia, foi inaugurado pela primeira vez por De Giovanni em Itália, o qual, com os seus trabalhos, publicados pouco mais ou menos em 1880, fundou a *Escola Italiana de Morfologia Clínica*. Esta escola demonstrou claramente, sobre a lei biológica das correlações do desenvolvimento, que a constituição externa do organismo espelha a sua constituição interna,

e que cada anomalia na morfologia externa ou interna do organismo implica como consequência uma anomalia funcional; demonstrou além disso, que o grau desta anomalia dá a medida do grau da predisposição, que é índice da constituição (1).

Vejamos agora quantas e quais são as constituições:

A observação, mesmo a mais grosseira e rápida, permite distinguir, no meio do aparente caleidoscópio das variações de volume e de forma dos indivíduos, dois tipos constitucionais bem definidos, com acentuados caracteres antitéticos, correspondentes ao hábito apoplético e ao hábito tísico, reconhecidos em todos os tempos e em todas as raças.

I — Habitus phthisicus

(Microsplancia)

a) Principais caracteres antropológicos:

Soma: Corporatura menos volumosa do que a normal (microsomia).

(1) Achille De Giovanni, por exemplo, demonstrou que um notável alongamento do manúbrio em relação ao corpo do esterno, é acompanhado da aplasia do ventrículo esquerdo e da aorta.

Viola demonstrou com dados clínicos e anatómicos que as grandes deficiências de desenvolvimento de todo o sistema medular (sistema meningo-espinal) e o encurtamento máximo deste, destacado do canal vertebral, são sempre acompanhados de fortes sofrimentos nevróticos do âmbito espinal, com deficiência da braça sobre a estatura.

Messedaglia estabeleceu uma relação directa entre as medidas externas do ventre e o desenvolvimento do fígado, do estômago e do intestino.

As localizações do mal de Pott encontram a sua razão de ser nas desproporções morfológicas da coluna vertebral; e, do mesmo modo, muitas outras doenças tem a sua explicação nas desproporções entre a cavidade abdominal e a cavidade torácica, entre o coração e o sistema vascular, entre o desenvolvimento arterial periférico e o venoso, entre a massa do tronco e a dos membros, etc. (Cir. A. De Giovanni — Lavori dell'Istituto di Clinica Medica di Padova. Milano, Hoepli, 1907-1914).

Tipo morfológico: Longilíneo (dolicomorfo), com proporções das partes do corpo, que se afastam das proporções infantis.

Estatura: Superior à braça ou envergadura.

Tronco: Pequeno com excesso do tórax sobre o abdomen, e com diâmetros transversais excedendo os sagitais.

Membros: Compridos em relação ao tronco (macroscelia); membros inferiores excedendo os superiores.

Crânio: Tendendo à dólico e mesocefalia.

Pescoço: Longo, com perímetro absoluto e relativo deficiente.

Laringe: Muito saliente.

Tórax e abdomen: Pela acentuada inclinação das costelas em relação à coluna vertebral, o tórax sem a forma do tórax expiratório, com a linha das espáduas caída; abdomen reduzido e achatado.

b) *Principais caracteres fisio-patológicos:*

O sistema da vida de relação, representado pelos membros, prevalece sobre o sistema da vida vegetativa, representado pelos órgãos do tronco, o que confere agilidade ao organismo. O coração está numa posição que se avizinha da vertical e, na sua totalidade, é pequeno, ao passo que os pulmões são relativamente grandes.

O estômago apresenta tendência a dispor-se verticalmente. O desenvolvimento deficiente dos órgãos abdominais (o que provoca uma nutrição geral pobre em relação às necessidades de consumo que são relativamente grandes) determina um desequilíbrio entre a entrada e a saída, com prevalência da última, donde resulta a tendência à magreza que freqüentemente conduz a uma extrema miséria orgânica, sobre a qual facilmente se implantam as doenças.

O sistema linfático é cronicamente mal nutrido; há porisso

também nutrição insuficiente dos tecidos (com flogoses e acentuada vulnerabilidade aos agentes patológicos de qualquer natureza), clorose, neurastenia e viciações da esfera genital feminina. Geralmente há uma acentuada predisposição às doenças de fundo linfático ou às doenças que neste fundo linfático encontram o seu ambiente mais natural, como a escrofulose, a tuberculose pulmonar, os abscessos frios, o *tumor albus* das articulações, etc.

Pele fina, transparente e pouco untuosa, com escassa panícula adiposa.

Constituição nervosa com eretismo, inclusive psíquico, e facilmente exaurível.

II—Habitus apoplecticus

(Macrosplancnia)

a) *Principais caracteres antropológicos:*

Soma: Corporatura mais volumosa do que a normal (macro-somia).

Tipo morfológico: Brevilíneo (braquimorfo), com proporções do corpo próximas das proporções infantis.

Estatura: Inferior ou igual à braça ou envergadura.

Tronco: Volumoso com excesso do abdomen sobre o tórax, e com diâmetros sagitais excedendo os transversos.

Membros: Curtos em relação ao tronco (braquiscelia); membros superiores excedendo os inferiores.

Crânio: Tendendo à braquicefalia.

Pescoço: Curto com perímetro absoluto e relativo excessivo.

Laringe: Pouco saliente.

Tórax e abdomen: Pela pequena inclinação das costelas em relação à coluna vertebral, o tórax tem a forma do tórax inspi-

ratório, como na criança pequena, com a linha das espáduas horizontal; abdômen abundante e globuloso.

b) *Principais caracteres fisis-patológicos:*

O sistema da vida vegetativa, representado pelos órgãos do tronco, prevalece sobre o sistema da vida de relação, representado pelos membros, o que tolhe a agilidade e a velocidade ao organismo, provocando a tendência à vida sedentária. O coração está em posição muito oblíqua, quasi horizontal. Em geral há um excesso de desenvolvimento do coração direito e um desenvolvimento deficiente do esquerdo, a que correspondem com frequência um maior desenvolvimento das veias e um desenvolvimento arterial relativamente menor: e daí resulta um estado permanente de afrouxamento da circulação e a tendência às estases venosas, às doenças do aparelho circulatório em geral, e à apoplexia em especial.

O desenvolvimento excedente dos órgãos abdominais exige uma nutrição em excesso; mas, desde que o tórax é relativamente deficiente e os pulmões e o coração esquerdo são relativamente pequenos, há uma redução do poder de oxidação e de propulsão. Por isso e pela tendência à vida sedentária, há uma redução do consumo dos hidratos de carbono e logo a predisposição do organismo à polisarcia, quando é fraca a combustão das gorduras, e a predisposição à glicosúria quando é fraca a combustão dos açúcares. Além disso, o referido desequilíbrio entre o armazenamento de energia e a sua distribuição explica morfológicamente as anomalias constitucionais do recâmbio e a patologia do artritismo (gota, diabetes, litíase urinária).

O sistema linfático é em excesso; e pela diminuição do poder de propulsão, dada a pequenez do coração esquerdo, há um desequilíbrio que produz uma estagnação dos sucos linfáticos e

conseqüentes tumefacções glandulares, favorecidos também pela tendência às estases venosas.

A pele é untuosa, isto é, rica de secreções sebáceas com tendência à seborreia, a qual provoca facilmente a calvície precoce. A panícula adiposa é abundante.

Constituição nervosa entorpecida, com inércia da vida física e psíquica.

*

* *

Submetendo a um cuidado exame êstes dois tipos extremos, vemos que estão em perfeita antítese entre si, não só antropométricamente mas também funcional e patologicamente; como já afirmámos, há uma relação constante entre a morfologia individual externa e a massa visceral interna, e entre esta e a morbidez.

Todos os caracteres supramencionados não são próprios aos dois tipos absoluta e constantemente, como nenhuma das doenças referidas é exclusiva a uma ou outra constituição: *trata-se sempre da maioria dos casos.*

Efectivamente os factores da hereditariedade e do cruzamento interveem a miude para modificarem estes dois tipos de modo que o número das constituições resulta notavelmente aumentado, mas, digámo-lo sem demora, não indefinidamente, porque as leis das correlações interorgânicas interveem para limitar este número. De facto, combinando entre si os três valores, *pequenos, médios e grandes*, da cabeça, do tronco e dos membros, podemos estabelecer, mediante o cálculo, a possibilidade de vinte e sete tipos morfológicos nitidamente distintos uns dos outros (1).

(1) Ver o apêndice no final do artigo.

Regressando por agora aos nossos dois tipos fundamentais devemos acrescentar que êles são reconhecíveis não só no homem mas também na mulher, e não só na idade adulta, mas ainda em todas as idades; pois, se até ao presente tem sido reconhecidos nas crianças de 5 anos, nós estamos capacitados de que podem até reconhecer-se nos recém-nascidos. E seria de sumo interesse para a ciência e de grande utilidade para a prática, seguir o desenvolvimento das várias manifestações que, durante o período de crescimento se podem determinar nos dois tipos e que se ligam às fases particulares do crescimento. Não é raro, por exemplo, encontrar individuos com hábito tísico, que desde a primeira infância tem tido uma dentição tardia, associada a sinais de raquitismo; na segunda infância manifestações escrofulosas, associadas a fácil irritabilidade nas vias aéreas (catarrros brônquicos); na puberdade epistaxis, expectorações hemoptóicas, etc., e finalmente mais tarde a tuberculose pulmonar.

Assente, pois, a possibilidade de classificar morfológicamente a criança e de a seguir nos seus desenvolvimentos e nas suas várias predisposições para determinados estados mórbidos, a Escola Italiana de Morfologia Clínica propõe-se, mediante a intervenção de meios artificiais apropriados, restabelecer no organismo o equilíbrio das funções. Modificando para mais ou para menos, mediante a alimentação e o exercício aconselhados pela higiene preventiva individual — e não colectiva, como hoje em geral se faz — as funções que tem estreita relação com os órgãos ou com as partes que ameaçam desenvolvimento anormal, poderemos conseguir impedir, ou pelo menos retardar, a fase resolutiva do desenvolvimento anormal, que, entregue a êle mesmo, conduziria inevitavelmente à doença. Este programa, seguido no organismo em via de crescimento tende a restabelecer as proporções das partes para que, com o tempo, se equilibrem. E nos casos em que os esforços exercidos na criança e no adolescente não bastem

para conjurar o perigo, restituindo ao organismo o equilíbrio morfológico e, portanto, funcional, e a maturidade tenha acolhido em si tendências cada vez mais morbigénias, então, com a defesa da higiene preventiva individual, poder-se há advertir o individuo afim de que fiscalise atentamente a integridade dos órgãos que nêle sejam mais vulneráveis.

Conclusões e propostas

Mas, para atingirmos tais resultados, as organizações de que dispomos hoje, embora sendo muito úteis, não são suficientes. A tarefa a realizar, deve ser integrada e coordenada num todo harmónico duma nova instituição oficial que eu denominarei *International Child Survey*. Êste novo organismo, dada a existência na América de muitas crianças de nacionalidades diversas e dada a necessidade científica e prática de se adoptar um plano internacional de trabalho, que facilite a colheita, a coordenação e a comparação dos elementos obtidos nos diversos estados da América, da Europa e da Ásia, tornando possível o estabelecimento das leis gerais do desenvolvimento normal e patológico do crescimento; êste novo organismo, repito, deveria ter por principal objecto distinguir, através do estudo morfológico, as crianças normais das deficientes e das delinquentes, e segui-las durante as principais fases do seu crescimento, vigiando a sua saúde e disciplinando o seu trabalho físico e mental, de molde a que, na idade madura, elas se pudessem capitalisar do melhor modo em benefício próprio e da sociedade.

Um tal organismo deveria acolher no seu seio um pessoal adoptado à realização, com a máxima exactidão, das mensurações e inspecções, que, segundo julgamos ter demonstrado, constituem a base para uma boa classificação morfológica dos individuos.

Apêndice

De Giovanni, fundando-se nas proporções relativas das principais partes do corpo, distingue três tipos constitucionais que denominou combinações morfológicas.

Viola distingue cinco tipos, utilizando, além dos dados das proporções relativas, como fez De Giovanni, seu mestre, os dados da massa absoluta do indivíduo, instituindo relações entre os valores do tronco dados pelo seu volume e os dos membros dados pela soma dos seus segmentos.

No seguinte quadro apresentamos as duas classificações:

VIOLA	DE GIOVANNI
1.º — Indivíduos microsplâncnicos (tronco pequeno, membros longos).	1.ª combinação morfológica. Tipo normal.
2.º — Indivíduos normosplâncnicos (proporcionados).	2.ª combinação morfológica.
3.º — Indivíduos megalosplâncnicos (tronco grande e membros curtos).	3.ª combinação morfológica.
4.º — Indivíduos microsplâncnicos (proporcionados).	
5.º — Indivíduos megalosplâncnicos (proporcionados).	

Nestas duas classificações notamos (1) a ausência dum elemento de primacial importância: a cabeça. Considerando os valores pequenos, médios e grandes desta parte do corpo e os correspondentes do tronco e dos membros, conseguimos pelo cálculo estabelecer vinte e sete tipos morfológicos, nitidamente distintos, todos igualmente prováveis, mas não todos igualmente frequentes.

(1) F. Frassetto — *Di una nuova classificazione antropometrica della individualità* — «Anat. Anzeiger», XXXV Bd., p. 468, Iena, Fischer, 1910.

Estão enumerados no quadro seguinte:

Tronco	Cabeça	Membros	Tronco	Cabeça	Membros
β	α	μ m M	= Microsplâncnicos	Microcéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
	a	μ m M		Normocéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
	A	μ m M		Macrocéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
b	α	μ m M	= Normosplâncnicos	Microcéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
	a	μ m M		Normocéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
	A	μ m M		Macrocéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
B	α	μ m M	= Macrosplâncnicos	Microcéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
	a	μ m M		Normocéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos
	A	μ m M		Macrocéfalos	Micromélicos Normomélicos Macromélicos

As letras gregas indicam os valores pequenos } β para o tronco (microsplâncnia)
α para a cabeça (microcefalia)
μ para os membros (micromelia)

As letras minúsculas os valores médios . . . { b para o tronco (normosplâncnia)
a para a cabeça (normocefalia)
m para os membros (normomelia)

As letras maiúsculas os valores grandes . . . { B para o tronco (macrosplâncnia)
A para a cabeça (macrocefalia)
M para os membros (macromelia)

PROF. V. GIUFFRIDA-RUGGERI

Elogio pronunciado na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
em 14 de Janeiro de 1922

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor da Universidade do Pôrto

Com 50 anos incompletos, falecia em 21 de Dezembro último, em Nápoles, após uma curta doença, o eminente antropologista, sócio correspondente desta colectividade scientifica, Prof. Vincenzo Giuffrida-Ruggeri. A desolada viuva enviou-me tão triste notícia com algumas das suas últimas publicações. Convencido de que o meu ilustre amigo tinha ainda diante de si largos anos de fecunda actividade, senti com essa notícia a mais dolorosa surpresa. Infelizmente tratava-se duma realidade, que vinha enlutar profundamente a Antropologia.

*
* * *

Giuffrida-Ruggeri era siciliano, e, depois dum curso brilhante, formou-se em Medecina em 1896. Trabalhou algum tempo sob a direcção de Tamburrini, no manicómio de Reggio Emilio, mas, em vez de enveredar pela Psiquiatria, ramo em que aliás produziu alguns trabalhos de importância, começou logo a especialisar-se no estudo do Homem anormal e normal, sob o ponto de vista fisico. Breve passava para o Instituto Antropológico da Universi-

dade de Roma, como assistente do Prof. Giuseppe Sergi. Foi aí encarregado de curso, passando em 1906 para a Universidade de Pavia, e substituindo, no ano seguinte, Nicolucci, por concurso, na cadeira de Antropologia da Universidade de Nápoles, onde era ultimamente professor ordinário e onde passou a fase mais fecunda e mais brilhante da sua actividade científica. Também na Escola Oriental de Nápoles regeu um curso de Etnologia.

A sua obra é vasta e notável. Escreveu vários livros, numerosas monografias, algumas das quais importantíssimas, e uma grande quantidade de artigos em revistas de especialidade e de vulgarização. Uma lista das suas publicações, em 1916, atribua-lhe cêrca de 150 trabalhos. Nos 5 anos seguintes publicou mais algumas dezenas dêles. Poucos homens de ciência terão tamanha fecundidade, e deve acentuar-se que a quantidade em nada aqui se sobrepunha à qualidade. Além de investigador paciente e incansável, Giuffrida era também um espírito inteligente e culto, que se revelava na elegância literária e na erudição dos seus escritos tanto como no brilho e no poder das suas sínteses e dos seus golpes de vista. Um homem assim não podia deixar de ser igualmente um excelente professor: algumas lições e conferências que ficaram escritas, dão a medida do seu talento didáctico e pedagógico.

Meridional de temperamento e de origem, era impetuoso e combativo. Teve várias polémicas científicas, algumas das quais por vezes impregnadas de azedume. Deve, no entanto, registar-se que nem toda a culpa seria sempre sua e que nunca deixou de ser um adversário leal e desassombrado, que não recusava aos seus competidores qualidades que de facto possuissem. Tendo combatido vivamente o seu Mestre, Sergi, foi um dos promotores da significativa homenagem que êste recebeu por ocasião do seu jubileu docente. Dum outro antropologista, com quem nos últimos tempos teve uma polémica, muito acerba de parte a parte, dizia-me

há um ano, já em plena discussão: «Mi dispiace che sia così strampalato, poichè ha delle buone qualità di studioso...»

Não se pode dizer que Giuffrida tivesse recebido em vida todas as homenagens a que as suas faculdades e o seu talento inovador e fecundo tinham direito. As suas polémicas não foram por certo extranhas a êsse facto. O eminente antropologista era sócio honorário do Royal Anthropological Institute de Londres, e membro de numerosas colectividades científicas, de Nápoles, Roma, Florença, Paris, Viena, Moscow, Bruxelas, Lyon, Porto, Liège, etc. Alguns trabalhos seus foram publicados em francês, alemão, inglês, português, etc. No entanto, vários antropólogos faziam, relativamente aos seus escritos e às suas doutrinas, um relativo silêncio, que nem aqueles nem estas mereciam. Êle queixava-se em especial dos franceses. Quando publiquei o meu trabalho *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal*, êle opô-lo, numa crítica muito lisongeira, aos trabalhos franceses sôbre o assunto e escreveu-me que êsse trabalho o recompensava «del malanimo dei nostri colleghi francesi». No entanto colaborou em *L'Anthropologie* e era um admirador de antropólogos franceses, como de Boule e outros, o que mostrava não se tratar dum fundo e sistemático ressentimento.

Estou certo de que as obras do malogrado colega italiano hão de vir a ter ainda mais alta consagração, como merecem.

Apezar de toda a sua impetuosidade de polemista, era um afectivo. Adorava a família e era dedicado aos seus amigos. Tenho presentes as cartas em que me falava dos filhinhos, e que por vezes acompanhou das suas fotografias como pai legitimamente desvanecido com êles. Como amigo, recordo todas as suas palavras de boas festas que jámais faltavam, e o interêsse que mostrou por mim e pelos meus quando a cidade do Porto atravessou a fase agitada do princípio de 1919. E, a propósito, dizia-me então: «È doloroso per tutti gli amici del Portogallo, che questa

nobile nazione non possa riacquistare ancora la calma e tranquillità necessarie al suo sviluppo».

Todo o interesse lhe mereceu também a nossa Sociedade de Antropologia. Penhorou-o muito a sua eleição para nosso consócio, que só a nós honrou, e não se esqueceu de dar a sua colaboração aos «Trabalhos» da Sociedade com um interessante artigo, *O problema eugénico segundo a moderna Genética* (Pôrto, 1920). Colaborou também nos *Anais Científicos da Academia Politécnica do Pôrto*, com um artigo em que citava trabalhos portugueses, — *Residui dun tipo protoetiópico en Europa* (Coimbra, 1917). Este artigo foi publicado também, vertido em português, no *Portugal Médico*.

*
* * *

Muitos são, pois, os títulos — e alguns deles bem especiais — que dão a Giuffrida-Ruggeri jus a uma homenagem da nossa Sociedade. Pelo que pessoalmente me diz respeito, não esqueço a pródiga e acolhedora generosidade que comigo e com os meus modestos trabalhos teve sempre o ilustre professor. Desde 1916 com êle tinha as melhores relações de amizade e uma incessante correspondência. Sou grato aos estímulos que dele recebi para prosseguir na minha actividade científica.

Mas estas razões pessoais de estima não obscurecem o rigor do meu juízo crítico do eminente sábio e da sua obra. Também elas não ditaram a adesão que em vários trabalhos dei a muitos dos seus pontos de vista e a algumas das suas doutrinas. A minha concordância era não só o evidente resultado do imparcial exame dos seus argumentos convincentes mas também o do meu próprio, modesto, estudo. Encontrámo-nos no mesmo campo — êle, Mestre, e eu, um humilde estudioso — em muitas oportunidades: na defeza do neo-monogenismo contra o polifiletismo pre-humano, que, numa

carta, a sua impetuosidade de lutador chamava «dilettantismo bluffista»; na sistematização de alguns restos humanos fósseis, especialmente Cro-Magnon e Combe-Capelle; etc. No meu recente livro *Homo* (1921), que saiu quasi simultaneamente com a sua última obra, *Su l'origine dell'Uomo* (Bologna, 1921), sobre o mesmo assunto, estão resumidos os principais pontos de vista de Giuffrida-Ruggeri, relativos a tais problemas, que êle já antes abordara no livro *L'Uomo attuale* (Roma, 1913); no seu discurso *L'Uomo come specie collettiva* (Nápoles, 1911) e em muitos outros trabalhos.

Para Giuffrida-Ruggeri, a Humanidade actual constitue uma só espécie, uma espécie sistemática ou colectiva, com uma só origem pre-humana, mas compreendendo várias espécies elementares e variedades, resultantes da evolução, em diferentes *phyla*, dum tipo humano primordial indiferenciado. No seu último livro, mantendo o principio de que uma só espécie de *Pro-Hominidae* originou o Homem, desenvolve largamente, e com novos argumentos, os seus pontos de vista sobre o mecanismo e causas da antropogénese, os ciclos de difusão e migração das raças, o papel da domesticidade no polimorfismo humano, etc. Numa breve análise bibliográfica desse volume, de que tive a honra de ser incumbido pela revista italiana *Scientia*, faço uma resenha das ideias ali expendidas, o que neste lugar me levaria longe.

Giuffrida-Ruggeri dedicou numerosos estudos às raças humanas fósseis, prestando muitos serviços na sistematização e classificação dos respectivos restos. Individualizou admiravelmente a raça de Cro-Magnon, e fez uma crítica da interpretação dos fósseis descobertos por Ameghino, na América. Foram muito notáveis os seus trabalhos de crâniologia e de crâniografia, tanto em normais como em degenerados. Estudou em especial a norma lateral e a norma anterior do crânio, e, nesta, consagrou vários trabalhos à abertura piriforme. Fez estudos de crâniologia e osteologia étnicas (crânios de Manilha, Sumatra, Austrália, Nova Caledónia,

Ilhas Salomão, Maori, antigos Egípcios, etc., esqueletos de Índios Cavinás, de Bataks, etc.), devendo-se-lhe importantes trabalhos sobre a antropologia da África nord-oriental, Itália, regiões dináricas e danubianas, Indonésios e Ásia em geral, etc.

Fez estudos muito interessantes sobre algumas proporções do corpo, encaradas sob os pontos de vista sexual, etário e étnico. São sobretudo importantes os dados e conclusões sobre os índices esquelético e bário.

No início da sua actividade científica, ocupou-se, em dissertação inaugural (*Sulla dignità morfologica dei segni detti «degenerativi»*, Roma, 1897), do conceito da degenerescência e do valor relativo e significação dos estigmas que tem sido indicados. Definia degenerescência «um estado mórbido que, originado do desequilíbrio inerente a um excesso de evolução, se manifesta nos descendentes como diminuição na energia evolutiva»; e admitia uma relação entre os sinais físicos e as qualidades psíquicas.

Interessante é ainda registar que, em todos os seus estudos sobre diferenças sexuais, surge pondo em evidência os factos que contrariam a pretendida inferioridade somática da mulher, relativamente ao homem.

Em suma, por esta brevíssima resenha dos assuntos versados por Giuffrida-Ruggeri, se faz ideia do que foi a sua extraordinária actividade de homem de ciência. O seu nome bem merece altas consagrações, e a Antropologia deve considerar a sua morte prematura como uma perda irreparável, tantos eram os serviços que dele havia ainda a esperar.

*
*
*

Apenas quatorze dias antes de morrer, o sábio colega italiano escrevia-me a respeito dos últimos livros, que quasi simultaneamente publicáramos: «êstes trabalhos envelhecem rapidamente».

E aludia à descoberta de Broken-Hill, na Rodésia, de que nenhum de nós dera notícia, por ter sido conhecida depois das duas publicações. Essas últimas palavras suas traduzem uma sua eterna aspiração de perfectibilidade, uma insaciedade de pesquisa e de estudo, que é a característica, a feição dominante do seu espírito e da sua obra.

Exprimindo o pezar vivíssimo que a morte do ilustre antropologista me causou, tenho a certeza de que todos os meus prezados consócios se solidarizam com as breves palavras de homenagem que à sua memória acabo de consagrar. A nossa Sociedade, que, pela voz autorizada do seu Presidente, tinha nesta mesma sessão rendido justo preito ao autor de *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, ao grande Cartailhac, recentemente falecido na Suíça, podia ter encontrado mais autorizado interprete do seu apreço por Giuffrida-Ruggeri, do que eu sou. Mas difficilmente encontraria alguém que com mais devotado interêsse e com mais intensa simpatia intelectual tivesse acompanhado as afirmações sucessivas do seu inegável talento e da sua inquebrantável perseverança estudiosa.

Da sua obra ficarão não só muitos documentos, mas fecundas ideias. Se, como êle me dizia, alguns livros envelhecem rapidamente, o mesmo não sucede com certas aquisições científicas, com muitas teorias, sistemas e doutrinas. Tantas são as que resistem aos anos e aos séculos! Tudo está em que contenham em si verdades irrefutáveis. Ora, das doutrinas de Giuffrida-Ruggeri, espero bem que muitas sobreviverão, e a história da Antropologia conservará o seu nome entre os dos cultores, justamente consagrados, desta nobre ciência.

ÍNDICE DO VOL. I

	Pág.
<i>Biografia de Fonseca Cardoso</i>	5
FONSECA CARDOSO — <i>Em terras do Moxico</i>	11
A. LEITE DE MAGALHÃES — <i>Estudo etnológico de Timor</i>	37
PROF. A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA — <i>Sobre a configuração do malar</i>	66
PROF. V. GIUFFRIDA-RUGGERI — <i>O problema eugénico segundo a moderna genética</i>	70
PROF. A. A. MENDES CORRÊA — <i>Relatório dos trabalhos de 1919</i>	77
<i>Lista dos sócios</i>	81
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA — <i>Fistula auris congénita</i>	85
DAVID J. MAGNO — <i>Etnografia dos Dembos</i>	123
PROF. J. A. PIRES DE LIMA — <i>O dente-santo de Aboim de Nóbrega</i>	167
PROF. A. A. MENDES CORRÊA — <i>Relatório dos trabalhos de 1920</i>	191
ALFREDO ATHAYDE — <i>Sobre algumas correlações faciais</i>	197
J. BETHENCOURT FERREIRA — <i>Sobre o índice condiliano, como determinante sexual do crânio</i>	217
AMÉLIA BACELAR e FERNANDO FRADE VIEGAS DA COSTA — <i>Nota sobre o índice condiliano de M. Baudouin</i>	221
PROF. J. A. PIRES DE LIMA — <i>Um caso de braquidactilia hereditária</i>	229
HERNANI B. MONTEIRO — <i>Mutilações dentárias da região do Humbe</i>	238
PROF. FABIO FRASSETTO — <i>Inspecção internacional da Infância e classificação morfológica das crianças</i>	267
PROF. A. A. MENDES CORRÊA — <i>V. Giuffrida-Ruggeri</i>	279